



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA  
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

**PAISAGEM, EXPERIÊNCIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:  
O olhar etnográfico para um fenômeno de cultura**

Margarida do Amaral Silva

Goiânia-GO  
Setembro-2013



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA  
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

**PAISAGEM, EXPERIÊNCIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:  
O olhar etnográfico para um fenômeno de cultura**

Linha de Pesquisa: Psicologia Social, do  
Trabalho e das Organizações

Orientador: Dr. Pedro Humberto Faria Campos

Tese de Doutorado apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação Stricto Sensu em  
Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica  
de Goiás, como requisito para Qualificação.

Goiânia-GO  
Setembro-2013

Este estudo foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás/FAPEG, em forma de concessão na modalidade “Bolsa de Pesquisa e Formação”.

# **PAISAGEM, EXPERIÊNCIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O olhar etnográfico para um fenômeno de cultura**

Margarida do Amaral Silva

Tese defendida em 16 de setembro de 2013 mediante banca examinadora constituída pela seguinte Comissão de Avaliação:

---

Prof. Dr. Pedro Humberto Faria Campos  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
(Presidente)

---

Prof. Dr. Roque de Barros Laraia  
Universidade de Brasília  
(Membro Convidado Externo)

---

Prof. Dr. Eguimar Chaveiro Felício  
Universidade Federal de Goiás  
(Membro Convidado Externo)

---

Prof. Dr. Cristiano Coelho  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
(Membro Convidado Interno ao PSSP)

---

Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
(Membro Convidado Interno ao PSSP)

---

Profa. Dra. Lenise Santana Borges  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
(Membro Suplente Interno ao PSSP)

---

Profa. Dra. Maria Eliane Liégio Matão  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
(Membro Suplente)

Ela pode ser produto de camadas e mais camadas de pedras e sonhos. Por ora, a paisagem emerge como experiência, instalação, matriz, marca, fenômeno de cultura, representação social.

## AGRADECIMENTOS

A construção dessa pesquisa reflete encontros, discussões em sala de aula, e interesses compartilhados com meus orientadores, com outros professores e com meus colegas do doutorado, mestrado e amigos. A história desta tese se conjuga com a minha trajetória acadêmica, sendo que foi a experiência no curso de mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás que afetou decisivamente minha intenção de pesquisa e o modo de construir e desenvolver a tese. Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Goiás e especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia pelas condições profícuas para a minha formação acadêmica e para realização desta pesquisa, como também à FAPEG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás) pela bolsa concedida em parte do doutorado.

Ao Prof. João Cláudio Todorov, que dedicou grande parte do seu tempo a me orientar, reitero minha elevada estima e incontida gratidão. Sobretudo, agradeço ao modo como acolheu a mim e minha pesquisa, compartilhando suas experiências e considerações, sempre com gentileza e nobreza indescritíveis. Dedico-lhe minha admiração. Paralelamente, estendo meus agradecimentos ao Professor Pedro Humberto Faria Campos, primeiro, por assumir a minha orientação formalmente após o desligamento do Prof. João Cláudio Todorov e, depois, por apresentar-me à Teoria das Representações Sociais, que estimulou a conclusão desta pesquisa segundo os seus direcionamentos teóricos e suas considerações e revisões do material produzido.

Tenho em grande conta e estima os professores que lecionaram as disciplinas na PUC-Goiás, pois ensinaram momentos valiosos de reflexão e amadurecimento relacionados, de maneira prática, aos rumos de minha tese. Alargo a lista de agradecimentos com os nomes da secretária da pós-graduação, a querida e paciente Martha Diniz, pelo cuidado e amizade e, de modo inesquecível, pela atenção e solicitude nos tratos burocráticos.

É com elevada estima que agradeço ao Prof. Eguimar Chaveiro Felício, coordenador do Grupo de Pesquisa “Espaço, Sujeito e Existência”, que se reúne no LABOTER (Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais) do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. Como pesquisadora deste grupo, tive a oportunidade de refinar o olhar para meu objeto de pesquisa, juntamente à intervenção de seus membros que, em grande parte, são geógrafos.

Ao Diretor do Parque Ibirapuera, Prof. José Alonso Júnior, meu agradecimento especial. Pela atenção e eficiência dos servidores da Divisão Técnica do Parque Ibirapuera, ligada à Secretaria do Verde e do Meio Ambiente da Prefeitura Municipal da Cidade de São Paulo, deixo em destaque a minha gratidão. Afinal, ali fui orientada de forma a influenciar diretamente a nova delimitação temática de minha pesquisa. Neste momento sentido, agradeço à ágil expedição de autorização da Diretoria de Áreas Verdes e Unidades de Conservação da Agência Municipal do Meio Ambiente de Goiânia para a realização de minha pesquisa em parques goianienses. À Sra. Léia Cassoni, bibliotecária do Museu de Arte Moderna (MAM) em São Paulo, agradeço pelo tempo e pela disposição a mim dedicados e, sobretudo, pela cuidadosa digitalização de livros e materiais impressos sobre a história do Parque Ibirapuera e sobre São Paulo. Também aos responsáveis pelo Acervo Iconográfico do Arquivo Público do Estado de São Paulo, enfatizo meus agradecimentos tendo em vista o espírito de colaboração e a eficiência na produção e no envio de material digitalizado para compor minha pesquisa.

De maneira muito especial, julgo ser o meu ex-orientador, o Prof. Roque de Barros Laraia, um dos responsáveis diretos pelo meu desejo em continuar estudando tanto a Antropologia, quanto a Psicologia. Esta tese é o produto final derivado dos escritos que comecei a desenvolver quando fui sua orientanda, no mestrado em Patrimônio Cultural. Portanto, querido amigo, registro minha gratidão pelas primeiras reflexões compartilhadas sobre a Teoria Antropológica e o trabalho etnográfico, ainda no ano de 2006, e pelas conversas atuais que sempre me motivam a continuar.

Com amor e saudade, exalto a sensibilidade, singeleza e cordialidade de meu amigo, Prof. Jacy Siqueira, que partiu em fins de 2010. Da amizade unida à pesquisa nos livros raros de sua coleção, decorreram maravilhosos anos de discussões sobre o histórico dos parques goianienses. Antes de tudo, nossas longas conversas motivaram o desenvolvimento desse estudo. As suas informações orais sobre a sua experiência juvenil no Lago das Rosas contribuíram para a seleção dos parques goianienses para serem meu objeto de pesquisa. O tempo não esmaece sua presença e brilhantismo na minha memória.

Ao amigo Jonney Gomes de Freitas Abreu e à amiga Flávia Carneiro Gonçalves estendo minha gratidão pelo apoio no arranjo de muitas das imagens contidas nesta tese e, principalmente, pela companhia nos momentos de dificuldade. Nessa direção, agradeço ao amigo Thiago Pitaluga, por incentivar-me a estudar

metacontingências no âmbito da Psicologia Comportamental e pela colaboração tanto com sugestões sobre a temática a que me dediquei, quanto pelo apoio nos momentos de sobrecarga teórica. Às amigas-irmãs Áurea Maria das Neves, Cláudia Helena dos Santos Araújo, Karla Beatriz Weidlich, Marliene Macedo Faria, Rosana Gomes da Silva e Waldéia Linda Messias, relembro que sempre foram o sorriso e o abraço, tanto na turbulência quanto na glória.

Ao Amor e meu companheiro, Paulo Vantuir da Costa, agradeço pela fé constante em mim, por estar comigo em São Paulo, na coleta de dados, por transcrever minhas entrevistas, por verificar minhas tabulações de dados, pela torcida a cada capítulo da tese que era finalizado. Mas, é por ter me dado amor nos momentos em que eu não merecia que eu lhe agradeço mais. Querido, você foi fonte inesgotável de amparo e inspiração, e comprovou que ao seu lado posso ser bem mais.

À Família, não há palavras para expressar minha resignação pela vida e formação básica concedidas e, principalmente, pelos sonhos que, das mais variadas maneiras, me motivaram a concretizar. À minha mãe, Dalci do Amaral Silva, agradeço pelas primeiras histórias contadas e por plantar em mim a necessidade de ouvi-las sempre. Ao meu pai, José Matias Sobrinho, agradeço pelas palavras e pelos gestos amorosos que me incentivaram sempre a ir além. Amo muito, muito vocês.

Aos anônimos e às anônimas que, direta ou indiretamente, acompanharam a elaboração da pesquisa e a construção da tese com comentários e contribuições, devo ressaltar que o silêncio e a palavra em igual medida foram e sempre serão extremamente significativos para mim.



## **PAISAGEM, EXPERIÊNCIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O olhar etnográfico para um fenômeno de cultura**

### **Resumo:**

Esta tese tem como principal objetivo a realização de um estudo etnográfico da paisagem segundo experiência e conforme representação social. Com foco para a interpretação do elo entre ação e representação, a paisagem foi apreciada por uma perspectiva multidisciplinar que encaminhou o estudo da paisagem, primeiro, como tema da Antropologia e, depois, pela perspectiva da Geografia Cultural e de algumas outras disciplinas. Em seguida, ao considerarmos que a existência do objeto social é condicionada pela persistência de sua representação, demos ênfase à abordagem estrutural da Psicologia Social para a visualizarmos, teórico-metodologicamente, a paisagem conforme experiência social. Em vista disto, observamos esse fenômeno de cultura conforme construção social emergente da experiência direta em estruturas materiais de mediação. A Teoria da Instalação, assim, possibilitou-nos a análise da paisagem de parques urbanos enquanto experiência que aciona a formulação da instalação topográfica e psicossocial do lugar. Nossos estudos de caso deram-se no contexto de fenômenos de cultura como o Parque Ibirapuera, localizado na cidade de São Paulo, e o Lago das Rosas e o Bosque dos Buritis, situados em Goiânia, Goiás. A produção desta tese foi acompanhada pelo exame quanti-qualitativo de evocações coletadas pela aplicação de questionários em dois parques goianienses e no maior parque paulistano. Em seguida, a segunda fase do estudo de caso voltou-se para a interpretação das experiências paisagísticas de dois sujeitos que se apropriaram do Parque Ibirapuera pela captação de imagens fotográficas, videogravadas (subcam), desenhadas e narradas em entrevistas semiestruturadas. Diante dos delineamentos interpretativos desta pesquisa, podemos inferir que, embora a paisagem seja polissêmica, ela também possui um campo de representações sociais limitado, estável e organizado. Compreendemos, então, que a paisagem somente comportou análises mediadas pela Teoria das Representações Sociais e pela Teoria da Instalação porque é construída física, psicológica e socialmente e, portanto, usufrui de estabilidade e organização no contexto dos parques urbanos que foram pesquisados.

**Palavras-chave:** Paisagem; Experiência; Representação Social.

**LANDSCAPE, EXPERIENCE AND SOCIAL  
REPRESENTATIONS:  
The ethnographic eye to a phenomenon of culture**

**Summary:**

This thesis has as main objective the realization of an ethnographic study of the landscape according to the experience and as social representation. Focusing on the interpretation of the link between action and representation, the landscape was assessed by a multidisciplinary perspective that triggered the referral theorist who toured the landscape exposed, first, as the theme of anthropology and then by the prospect Cultural Geography and some other disciplines as well. Then, we consider that the existence of the social object is conditioned by the persistence of their representation, we have emphasized the structural approach to visualize social psychology, theoretical and methodological landscape as social experience. In view of this, we observe the phenomenon of culture as emergent social construction of direct experience in the material structures of mediation. The Theory of Installation thus enabled us to analyze the landscape of urban parks as experiences that trigger the development of psychosocial and topographical installation. Our case studies given in the context of cultural phenomena similar to Ibirapuera Park, located in the city of São Paulo, and the Lago das Rosas and Bosque dos Buritis Park, located in Goiânia, Goiás. The production of this thesis was accompanied by quanti-qualitative examination of the evocations collected by questionnaires in the São Paulo park as well as on those in Goiânia. Then, the second phase of the case study turned to the interpretation of landscape experiences of two subjects who appropriated the Ibirapuera Park by capturing images, video recorded (subcam), designed and narrated in structured interviews. Given the interpretive designs of this research we can conclude that, although the landscape is polysemic, it also has a limited field of social representations, stable and organized. We understand, then, that the landscape only behaved analyzes mediated by the Social Representation Theory and the Theory of the installation because it is built physically, psychologically and socially, and therefore enjoys stability and organization in the context of the urban parks that were surveyed.

**Keywords:** Landscape; Experience; Social Representation.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> Campo de Estudos da Representação Social .....	82
<b>Figura 2</b> Processo Recursivo da Construção Social da Realidade.....	104
<b>Figura 3</b> Representações Sociais e Ideologia – uma Articulação “Contingente” .....	105
<b>Figura 4</b> Teoria da Instalação com atividade em três níveis – físico, psicológico e social.....	114
<b>Figura 5</b> Espaço físico (objetos) e espaço mental (representações) .....	116
<b>Figura 6</b> A “evolução” ou adaptação de um comportamento na instalação.....	122
<b>Figura 7</b> Banner Rotativo 1 .....	128
<b>Figura 8</b> Banner Rotativo 2 .....	128
<b>Figura 9</b> Banner Rotativo 3 .....	129
<b>Figura 10</b> Banner Rotativo 4 .....	129
<b>Figura 11</b> Banner Rotativo 5 .....	130
<b>Figura 12</b> Banner Rotativo 6 .....	130
<b>Figura 13</b> Disposição do Parque Ibirapuera (A) na cidade de São Paulo .....	142
<b>Figura 14</b> Vista aérea do Parque Ibirapuera.....	143
<b>Figura 15</b> Cartaz publicitário da Prefeitura de São Paulo .....	146
<b>Figura 16</b> Vista aérea do Bosque dos Buritis (A) e do Lago das Rosas (B) .....	152
<b>Figura 17</b> Disposição do Bosque dos Buritis (A) e do Lago das Rosas (B) em Goiânia..	153
<b>Figura 18</b> Elementos estruturais das representações da paisagem pelo mote indutor “Bosque dos Buritis” .....	166
<b>Figura 19</b> Elementos estruturais das representações da paisagem pelo mote indutor “Lago das Rosas” .....	168
<b>Figura 20</b> Elementos estruturais das representações da paisagem pelo mote indutor “Parque Ibirapuera” .....	171

<b>Figura 21</b> Gráfico da estrutura da representação social do Parque Ibirapuera.....	173
<b>Figura 22</b> Célula representacional com imagem social do Bosque dos Buritis .....	182
<b>Figura 23</b> Célula representacional com imagem social do Lago das Rosas .....	186
<b>Figura 24</b> Célula representacional com imagem social do Parque Ibirapuera .....	188
<b>Figura 25</b> Tensão dialética entre uma representação do sujeito e as relações sociais .....	196
<b>Figura 26</b> Glasses Spy Polaroid HD DV Sunglasses Eyewear Records.....	198
<b>Figura 27</b> Guia de Visitação – Parque Ibirapuera.....	200
<b>Figura 28</b> Itinerário para captação de fotografias e videogravações – Sujeito 1.....	201
<b>Figura 29</b> Itinerário para captação de fotografias e videogravações – Sujeito 2.....	202
<b>Figura 30</b> Cena filmada sobre os patins – Sujeito 1 .....	204
<b>Figura 31</b> Cena filmada em caminhada com uso do Guia de Visitação – Sujeito 2.....	204
<b>Figura 32</b> Cena filmada pela perspectiva da barraca de água de coco – Sujeito 1 .....	209
<b>Figura 33</b> Desenho com vista a partir da barraca (o espaço vazio inferior à esquerda) ...	209
<b>Figura 34</b> Fotografia da perspectiva do parque infantil com vista para a cidade de São Paulo – Sujeito 2.....	211
<b>Figura 35</b> Desenho da perspectiva do parque infantil com vista para a cidade de São Paulo – Sujeito 2.....	211

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 1</b> Visitação do parque nas primeiras manhãs de inverno junto à Fonte Multimídia .....	118
<b>Fotografia 2</b> Visitação da Passarela Metálica nas primeiras manhãs de inverno .....	119
<b>Fotografia 3</b> Movimentação no parque no meio de uma manhã de inverno .....	119
<b>Fotografia 4</b> Atividade no parque ao final de uma manhã de inverno .....	120
<b>Fotografia 5</b> Atividade no parque no decorrer de uma tarde de inverno .....	120
<b>Fotografia 6</b> Uma noite de inverno no parque.....	121
<b>Fotografia 7</b> Evento vespertino de jazz na transição do inverno para a primavera.....	121
<b>Fotografia 8</b> Imagem da capa da ONG Parque Ibirapuera no seu perfil do facebook.....	126

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> Índice de Bem Estar Urbano (IBEU) segundo regiões metropolitanas 2010 ...	191
<b>Gráfico 2</b> Condições ambientais urbanas segundo as regiões metropolitanas 2010.....	192

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> Paradigmas para a interpretação do Quadro EVOC .....	164
<b>Tabela 2</b> Categorias consensuais entre Bosque dos Buritis, Lago das Rosas e Parque Ibirapuera.....	174
<b>Tabela 3</b> Reagrupamento das Rvoações do Bosque dos Buritis, Lago das Rosas e Parque Ibirapuera.....	178
<b>Tabela 4</b> Categorias consensuais entre Bosque dos Buritis, Lago das Rosas e Parque Ibirapuera.....	180
<b>Tabela 5</b> Alguns enunciados e elementos importantes associados à “Natureza” no Bosque dos Buritis .....	184
<b>Tabela 6</b> Alguns enunciados e elementos importantes associados à “Natureza” no Lago das Rosas .....	187
<b>Tabela 7</b> Alguns enunciados e elementos importantes associados à “Saúde_Esporte” no Parque Ibirapuera.....	189
<b>Tabela 8</b> Alguns enunciados e elementos importantes associados à “Natureza” no Parque Ibirapuera.....	189
<b>Tabela 9</b> A perspectiva paisagística expressa nas entrevistas com os participantes.....	207

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	17
<b>Introdução</b> .....	20
<b>CAPÍTULO 1 – Desde as Paisagens Experienciadas na Antropologia</b> .....	26
1.1 Prelúdio.....	26
1.2 Experienciar e comunicar .....	28
1.3 Paisagens de clássicos: o antropólogo como peregrino e como cartógrafo.....	33
1.4 A pesquisa de campo como experiência.....	43
<b>CAPÍTULO 2 – As Escritas da Paisagem</b> .....	48
2.1 Interlúdio .....	48
2.2 A prática do fenômeno de cultura polissêmico.....	50
2.3 Uma perspectiva renovada da paisagem .....	58
2.4 Diante da multiplicidade interpretativa de um fenômeno .....	63
<b>CAPÍTULO 3 – Paisagem é Representação Social</b> .....	69
3.1 Quanto à natureza histórica das representações sociais .....	69
3.2 Representações sociais para o estudo de fenômenos culturais .....	76
3.3 A paisagem como experiência prescritiva e convencionalizada.....	85
3.4 Uma proposta de Abordagem Estrutural para a paisagem .....	91
<b>CAPÍTULO 4 – O Estudo do Fenômeno na Instalação</b> .....	101
4.1 A matriz estável e organizada em estruturas materiais de mediação .....	101
4.2 Teoria da Instalação: a cultura é o sistema e o objeto é a representação .....	107
4.3 A paisagem do parque em “teste de realidade” .....	123
<b>CAPÍTULO 5 – O Caso da Paisagem de Parques Urbanos</b> .....	133
5.1 A construção social de três parques urbanos .....	133

5.1.1 O Parque Ibirapuera na metrópole paulistana .....	137
5.2.2 Entre parques de uma matriz planejada: Bosque dos Buritis e Lago das Rosas	147
5.2 Representações sociais da e na instalação: um estudo de caso no Bosque dos Buritis/GO, Lago das Rosas/GO e Parque Ibirapuera/SP .....	153
5.2.1 Um recurso metodológico para a Análise de Evocações Livres – o EVOC .....	158
5.2.2 O estudo das evocações pela “livre associação” a partir de um mote indutor ..	161
5.2.3 Reagrupamento de evocações e produção consensual da paisagem do parque	176
5.3 Experiência na paisagem do Parque Ibirapuera pela “perspectiva paisagística” .....	194
<b>Para Interpretar Paisagens, Experiências e Representações Sociais: Considerações</b>	<b>215</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>219</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>230</b>
Anexo 1 - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Goiás .....	232
Anexo 2 – Autorização para Pesquisa no Parque Ibirapuera/São Paulo .....	232
Anexo 3 – Autorização para Pesquisa no Lago das Rosas e Bosque dos Buritis/Goiânia.	234
Anexo 4 – DVD com Gravações da Subcam - Sujeitos 1 (10/05/13) e 2 (11/05/13) .....	236
<b>Apêndices</b> .....	<b>238</b>
Apêndice 1 –Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/TCLE 1 .....	242
Apêndice 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/TCLE 2 .....	240
Apêndice 3 - Questionários .....	242
Apêndice 4 – Banco de Dados: Bosque dos Buritis, Lago das Rosas e Parque Ibirapuera	246
Apêndice 5 – 1º Banco de Evocações e Enunciados Importantes – Parque Ibirapuera ....	251
Apêndice 6 – 2º Banco de Evocações e Enunciados Importantes – Bosque dos Buritis ..	258
Apêndice 7 – 3º Banco de Evocações e Enunciados Importantes – Lago das Rosas .....	263
Apêndice 8 – Transcrição da Entrevista no Parque Ibirapuera - Sujeito 1 (10/05/13) .....	267
Apêndice 9 – Transcrição da Entrevista no Parque Ibirapuera - Sujeito 2 (15/05/13) .....	288



## APRESENTAÇÃO

À maneira de um prólogo, o qual precede a apresentação de uma peça artística, acredito ser importante evidenciar logo de início que o encontro com o tema de pesquisa desta tese ocorreu anos antes de meu ingresso, em 2009, no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás/PUC-Goiás. Como aluna especial deste Programa desde 2007, estava empenhada na compreensão da cultura pelo prisma da Análise e Evolução do Comportamento. Assim, fui aluna em disciplinas ministradas pelo Prof. João Cláudio Todorov, o qual passou a ser meu orientador em um projeto sobre metacontingências<sup>1</sup> em parques, de 2009 até o seu efetivo desligamento do corpo docente, ocorrido no ano de 2011.

Eventualmente, houve a imposição de uma mudança significativa em minha linha de pesquisa naquele ano, pois se tornou impossível prosseguir em uma temática em que o único pesquisador da PUC-Goiás não mais possuía vínculos com a instituição. Diante disso, após viver um complexo processo de transição de orientação e, sobretudo, de abordagem teórica, somente no início de 2012 consegui concretizar um novo projeto, contemplando a vertente agora expressa aqui, já sob a orientação do Prof. Pedro Humberto Faria Campos, e no âmbito da Psicologia Social.

Considerando que múltiplos eventos contribuíram para desenhar esta tese, passa a ser absolutamente necessária a apresentação do caminho acadêmico por mim percorrido, desde o esboço deste estudo. Ocorre que o encontro da Psicologia com a Antropologia<sup>2</sup>, e demais perspectivas teóricas oriundas de diversas disciplinas, acarreta aqui uma soma de conteúdos e apreciações que expressam nada mais do que a história de uma policromia acadêmica iniciada, mais precisamente, no ano de 2006.

Na verdade, 2006 foi o ano em que passei a ser discente do Programa de Pós-Graduação em Gestão do Patrimônio Cultural, na PUC-Goiás, no qual fui orientada pelo Prof. Roque de Barros Laraia. Ao mesmo tempo em que desenvolvia uma pesquisa

---

<sup>1</sup>Em 1986, Sigrid Glenn traz a público o conceito de metacontingência definida como “contingências individuais entrelaçadas, em que todas elas juntas produzem um mesmo resultado a longo prazo”. Ao envolver contingências socialmente determinadas e consequências que afetam toda a sociedade, a metacontingência abrange, de fato, “o intuito de analisar e compreender fenômenos culturais (o terceiro nível de seleção por consequências, proposto por Skinner)” (Todorov; Martone; Moreira, 2005).

<sup>2</sup> Este estudo traz a palavra “Antropologia” representando uma disciplina, enquanto que o termo “antropologia”, escrita com a inicial minúscula, é utilizada para expressar uma teoria ou um método (a etnografia), como é de praxe na área.

sobre o sertão e o patrimônio cultural, com vistas à cidade de Rio Quente, no estado de Goiás, foi neste programa que manuseei pela primeira vez os textos clássicos antropológicos, e lá, através da supervisão de um estudioso e escritor da cultura, meu interesse de pesquisa voltou-se invariavelmente para um campo de estudos que tinha correlação com os fenômenos culturais.

Mais tarde, após a defesa de minha dissertação em agosto de 2008, dediquei minhas intenções para o desenvolvimento da pesquisa antropológica. Ao sentir que havia ainda outras possibilidades de abordagem para o estudo que ganhou corpo na Gestão de Patrimônio Cultural, apresentei ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social uma proposta de projeto dissertativo que discutiria o sertão de Goiás enquanto paisagem persistente desde a literatura, a pintura, a cartografia e a iconografia, até a historiografia de Goiás. Aquele Programa havia sido recém-criado em fins do ano de 2008, na Universidade Federal de Goiás/UFG, e a sua primeira turma tinha atividades previstas para o começo do ano de 2009.

Integrando o corpo discente da primeira turma de Mestrado em Antropologia Social da UFG, realizei a defesa, em agosto de 2011, do estudo intitulado “Etnografando a Paisagem Sertão”, sendo então orientada pela Profa. Custódia Selma Sena do Amaral, uma estudiosa do sertão como fenômeno de cultura. Em razão da defesa de meu segundo mestrado coincidir com o ano em que estava concretizando as mudanças na temática de minha tese em Psicologia - que seria desenvolvida em paralelo com a dissertação em Antropologia, com o devido consentimento na época do Prof. Todorov e da Profa. Selma – obviamente, minha pesquisa de doutoramento ganhou contornos definitivos quando reuniu a apreciação de um fenômeno de cultura à luz da Teoria das Representações Sociais (TRS).

Mas a minha nova pesquisa de doutoramento em Psicologia não deixou de incluir a influência teórica oriunda da Antropologia, como estava previsto para ocorrer no projeto inicial sobre metacontingências em parques urbanos. No entanto, devo esclarecer que este estudo sobre paisagens e representações sociais decorreu, antes de tudo, de observações fundadas no trabalho antropológico de experienciar culturas, através da escrita etnográfica, o que perfaz aqui a linha de base para compreendermos uma representação social específica. Em vista do meu histórico acadêmico, espero que para o leitor deste estudo não seja incompatível ou inconcebível considerar que esta tese sobre a experiência na paisagem vai revelar o meu próprio vínculo com uma formação multidisciplinar. Não foi possível abrir mão de um desenho de pesquisa predeterminado

pela minha formação em Antropologia. Contudo, preciso dizer que foi o corpus teórico da Psicologia Social que deu direcionamentos decisivos para este estudo.

Incoerente, pois, seria também desconsiderar todo o percurso teórico e todos os encaminhamentos metodológicos que foram concedidos à paisagem ao longo de bem mais do que quatro anos de investigações e aprofundamentos. É assim que desvelar as contribuições da Antropologia neste estudo se tornou tão significativo quanto considerar parte do arcabouço teórico que subsidiou a formulação de alguns dos mais importantes trabalhos investigativos sobre a paisagem, desde a Geografia fundada em estudos culturais. Portanto, a abordagem estrutural da Psicologia Social foi agregada a esta pesquisa como o elemento aglutinador imprescindível para validar que a paisagem, experienciada segundo forma prescritiva e convencional, pode ser também chamada de representação social. Muito embora a paisagem esteja constituída historicamente por um caráter polissêmico, a Psicologia Social possibilitou o encadeamento dialético em uma perspectiva bem particular para a interpretação do fenômeno de cultura.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda a paisagem polissêmica porque há muito tempo ela tem sido o resultado da multi-experienciação discursiva, tornando-se então manifestação, projeto, emblema, lugar, imagem, instalação, esboço, marca, sonho, matriz, inscrição ou representação. Por entender que se trata de um fenômeno de cultura vinculado à experiência, sua significação é antevista aqui como resultado da interação de indivíduos e coletivos no ambiente social porque, mesmo diante da sua fluidez e dinâmica, esse fenômeno não deixa de possuir estabilidade, organização e uma estrutura central geradora de significados numa determinada direção. A marcação denotativa da representação social da paisagem é operacionalizada por uma estrutura central, no desenvolvimento de opiniões ou conceitos, os quais evocam a ação consciente mediante a apropriação personalizada dentro das mais diversas configurações sociais.

Sendo experienciada tanto na leitura quanto na comunicação de rótulos, crenças e orientações, e colaborando com a composição ou transformação de ideias e perspectivas em algo concreto, a paisagem é vista aqui como instalação persistente no contexto social devido a um processo de caráter físico, psicológico e social. Ou seja, uma vez “cristalizada”, por possuir uma evocação contínua, a representação social concedida à paisagem passa a concretizar-se e disseminar-se física, psicológica e socialmente como se fosse o “real” daqueles que a expressam. Ao passo que esta pesquisa trata da paisagem como ponto de orientação e lugar de referência, entra ainda em destaque a necessidade de análise da sua capacidade inerente de emergência, estabilidade e transformação do conjunto que esse fenômeno assimila, com fins de garantir a sobrevivência ou a persistência de uma representação social específica em determinado ambiente de cultura.

Ainda que haja correlação da representação com as histórias ou experiências pessoais do sujeito, o que está em voga desta vez é que a experienciação em contexto social garante àquela elaboração particular certa limitação e estabilidade, a qual é totalmente necessária para comunicar significados válidos, que são ou se tornarão familiares ao grupo de pertencimento. Afinal, a transformação de representações sociais somente ocorre quando grupos são forçados à adoção de práticas que estão em contradição com elementos que foram sendo cristalizados no amago da representação,

isto é, em seu sistema central. No geral, mesmo que haja uma alteração iminente e fundamental à sobrevivência de uma ação específica para o grupo, ainda assim uma representação social dificilmente será alterada abruptamente, em particular, porque sua estabilidade, organização e coerência são construídas em meio a procedimentos essencialmente gradativos e processuais.

Visando apresentar a representação social da paisagem desvinculada de um conjunto de eventos e processos puramente cognitivos ou mentais, este estudo interessasse por observar como se estabelece uma representação social da paisagem enquanto organização ou estrutura, que é atravessada por diferentes dimensões estabelecidas pelo elo entre ação e representação. Isso não significa, no entanto, que serão desconsiderados na pesquisa os aspectos que evocam o caráter afetivo e também subjetivo da paisagem, uma vez que estas dimensões serão analisadas à luz das diferentes situações que ativam, de modo normativo e funcional, os elementos que são mais ou menos carregados de afetividades e subjetividades.

Não sendo possível desprezar o fato de que são os indivíduos que produzem uma avaliação do objeto de representação social, emerge dentro de tal lógica a máxima, necessária ao desenho e à concretização desta pesquisa, segundo a qual Moscovici nos deixou como legado uma “teoria do senso comum”. E é por saber da impossibilidade de eliminar os conteúdos do senso comum, e mesmo por não almejarmos fazê-lo nesta tese, que se tornou imprescindível conceder tratamento teórico à representação social da paisagem experienciada com “polissemia limitada”. Em meio a caminhos teóricos que à primeira vista poderiam ser considerados divergentes, é que se despontam os principais motes de teorização desta pesquisa. Com efeito, podemos afirmar que é em meio a um emaranhado de linhas teóricas, reunidas de maneira tênue, que este estudo torna-se um espaço de convergências. O que objetivamos de início é a apreciação dos contornos multidisciplinares direcionados à paisagem – ou para algo bem semelhante a ela – dentro do escopo teórico da Antropologia e da Geografia Cultural, dentre outras disciplinas que perpassam a experiência da/na paisagem.

Diante disso, é que a Antropologia perfaz o primeiro capítulo para ampliar nosso entendimento sobre as possibilidades interpretativas da paisagem experienciada a partir dos norteamentos da etnografia clássica. A observação de determinados enredos dessa disciplina conduzem o começo de nosso estudo à visualização rasa de experiências na paisagem, as quais envolveram indivíduos e grupos em modos específicos de interação. Entendemos ser importante iniciar esta tese compreendendo

que as paisagens são fenômenos culturais dinâmicos experimentando variadas “traduções”, de acordo com a história particular de indivíduos e coletivos, e também em razão da apropriação teórico-metodológica que se faz desses eventos e das práticas que os configuram. O que antropólogos clássicos como Bronislaw Malinowski, Frans Boas, Edward Evans-Pritchard e Claude Lévi-Strauss estavam inclinados a fazer era a escrita descritiva ou etnográfica dos modos específicos de apropriação cultural dos lugares, tarefa esta que resultou consequentemente na produção de paisagens de vida.

Pela adoção de perspectivas direcionadas por alguns antropólogos mais contemporâneos como Clifford Geertz, James Clifford, Roberto DaMatta, Mariza Peirano, Roberto Cardoso de Oliveira, dentre outros, fizemos no primeiro capítulo desta tese um desenho ensaístico da reflexão seminal que nos direcionou à elaboração deste estudo. A antropologia clássica, quando propôs o trabalho baseado na etnografia, para observação da interação dos grupos com o ambiente de cultura, também designou ao relato contido no diário de campo a tarefa de reapresentar, pela escrita, as relações de pertencimento e objetivação da paisagem pelo grupo local. Do exercício etnográfico, então, nasceram camadas de descrições em referência a paisagens e representações.

Se, pela abordagem antropológica houve a observação do vínculo individual e grupal com fenômenos absolutamente interpretáveis, pela perspectiva renovada da Geografia Cultural, o segundo capítulo desempenha um papel igualmente reflexivo e redirecionador. Fizemos assim um capítulo intercessor, que nos lembra da pluralidade dos sentidos que historicamente são relacionados à paisagem. Dentro de um movimento de absorção da paisagem em sua trajetória polissêmica, o segundo capítulo é expoente das formas de escrita desse fenômeno de cultura ou manifestação, na medida em que a paisagem resulta de interações históricas, sociais, espaciais e culturais.

Como elemento imagético e simbólico transformado pelo ambiente de cultura, no segundo capítulo a paisagem efetiva-se como fenômeno cultural. Nesse ponto, sustentamos uma reflexão que reúne os posicionamentos de Georg Simmel, Jean-Marc Besse, Pierre Sansot, Alain Corbin, Edward W. Said, Andre Lerói-Gourhan, Maurice Merleau-Ponty, Edward S. Casey, Simon Schama, Gaston Bachelard, Michel de Certeau e Doreen Massey. A partir daí, a visualização das formas de escrita da paisagem aciona o manejo conceitual de alguns teóricos da geografia renovada do pós-1960/70, a qual tem dentre os seus inúmeros expoentes nomes como Eugenio Turri, Augustin Berque, Lucio Gambi, Emilio Sereni, Massimo Quaini, Denis Edmund Cosgrove, Giuseppe

Dematteis, Francesca Governa, Ignazio Vinci, Milton Santos, Arnaldo Bagnasco, Alberto Magnaghi, Claude Raffestin, Egidio Dansero e Alberto Vanolo, dentre outros.

Na mesma medida em que retomamos a atividade etnográfica para apresentar a experiencição dos fenômenos de cultura na Antropologia, também buscamos promover a leitura da renovação de estudos sobre a paisagem dentro da Geografia Cultural. Por isso, o nosso terceiro capítulo tornou-se um espaço de aglutinações. Nele propomos que a Teoria das Representações Sociais (TRS) pode refinar nosso olhar para o modo consensual de funcionamento das experiências na paisagem. Assim, a teoria de Serge Moscovici (1961; 1976) e o aprofundamento teórico-metodológico que ela desencadeou passaram a delinear o terceiro, quarto e quinto capítulos. Em suma, do terceiro capítulo em diante, percorremos a Abordagem Estrutural, onde uma representação é definida por Jean-Claude Abric como organização atravessada por diferentes dimensões, para retomarmos a paisagem como marca e matriz, segundo Augustin Berque, e segundo experiência social, conforme François Dubet. O estado atual da Teoria das Representações Sociais nos serviu de aporte para redirecionamento do estudo que integra paisagem, experiência e representações sociais.

Em consonância com a multiplicidade interpretativa de um fenômeno cultural polissêmico, o terceiro capítulo propõe o itinerário teórico que apara algumas arestas da já consagrada amplitude conceitual da paisagem. Para tanto, perpassamos a natureza histórica das representações sociais, que reúne Émile Durkheim à Serge Moscovici, até a visualização das representações sociais para o estudo de fenômenos culturais segundo vertentes teórico-metodológicas ou posturas críticas de Jean-Claude Abric, Denise Jodelet e Willem Doise, os quais sustentam o legado de Serge Moscovici. Em outro momento, porém, o terceiro capítulo abre-se para a paisagem como experiência prescritiva e convencionalizada ressituada pela junção da Abordagem Estrutural, mais propriamente na psicologia social de Jean-Claude Abric, com a sociologia da experiência, de François Dubet, e ainda com a antropologia das paisagens, do geógrafo cultural Eugenio Turri. No entanto, a conclusão capitular da terceira parte deste estudo somente ocorre quando a proposta para Abordagem Estrutural da paisagem correlaciona Jean-Claude Abric a Claude Flament, Michel-Louis Rouquete, Christian Guimelli e Pascal Moliner com fins de dar suporte à construção do estudo de caso que começou a ser desenhado já no quarto capítulo.

Ao passo que apresentamos uma proposta para interpretação da paisagem consonante com estudos multidisciplinares, as informações e dados emergentes da

Antropologia e da Geografia Cultural tiveram convergência com o arcabouço teórico da Psicologia Social até o final deste trabalho. Necessário, pois, é dizer que a abordagem estrutural ou do núcleo central, da “escola *aixoise*”, subsidiou efetivamente o avanço nesta nossa proposta de etnografar a paisagem. Seguindo a abordagem que postula sobre os aspectos normativos, funcionais e mais práticos das representações, encaminhamos com maior precisão teórico-metodológica a construção do estudo de caso concebido, fundamentado e finalizado no decorrer do quarto e do quinto capítulos.

Deste modo, o quarto capítulo torna-se a enunciação de um novo arranjo teórico-metodológico, segundo a Teoria da Instalação elaborada pelo psicólogo social Saadi Lahlou, enquanto que no quinto capítulo, o fenômeno de cultura paisagem é antevisto como estrutura material de mediação que está instalada em parques urbanos. Na verdade, nos dois últimos capítulos de nosso estudo, a abordagem estrutural da constituição sócio-cognitiva do objeto, conforme a teoria de Lahlou, foi reunida aos pressupostos do geógrafo cultural Augustin Berque, para o qual a paisagem é marca e matriz, e também à sociologia da experiência, de François Dubet, que considera o indivíduo um ator que constrói uma experiência, que lhe pertence, a partir de lógicas de ação, que não lhe pertencem, e que são dadas por diversas dimensões do sistema. Por fim, Lahlou e Dubet, mais precisamente, é que serão emparelhados para alicerçar o olhar abreviado para a paisagem experienciada em dois parques urbanos situados na cidade Goiânia, em Goiás, e outro localizado na cidade de São Paulo.

Assumimos, pois, que nossa pesquisa teve um novo direcionamento quando se interessou por avaliar a paisagem como objeto de construção sócio-cognitiva, que está correlacionada ao mundo real, ou seja, ao mundo que é uma instalação. O estudo da paisagem de parques foi sustentada pelo fato de que a paisagem é instalação que deve ser pensada como um produto construído histórico, espacial e socialmente. O Bosque dos Buritis e o Lago das Rosas, parques de uma matriz planejada – a cidade de Goiânia – e o Parque Ibirapuera, um dos símbolos da entrada da metrópole de São Paulo na modernidade, são vistos conforme elementos visíveis (materiais) e que se manifestam simbolicamente superficialmente em uma realidade física e estruturada.

Ademais, ao saber que a paisagem resulta de processos representacionais que se materializam no território, nos dois últimos capítulos, também buscamos enfatizar os fatores que a transformam em realidade. Estruturando-se em uma matriz, retendo-se em uma marca e sendo representada socialmente, a paisagem é redirecionada a descrever crenças e guiar a leitura do conhecimento dentro das relações sociais que a configuram.



Promovemos, porém, uma apreciação das práticas sociais vivenciadas no Parque Ibirapuera, em São Paulo, e no Lago das Rosas e Bosque dos Buritis, em Goiânia, de modo que as paisagens pudessem ser compreendidas como determinantes das representações ou como representações que determinam práticas e comportamentos, apresentando ou não reciprocidade nesses dois movimentos. É bom esclarecer que as representações sociais, definidas aqui enquanto modalidade de pensamento social, vão nos direcionar neste estudo à compreensão de que a paisagem possui uma relação não aleatória com as estruturas que lhe concedem significação. É por isso que a paisagem, mesmo sendo polissêmica, foi apresentada por nós como representação social organizada, ainda que (ou talvez porque) elementos socioafetivos a perpassem.

A paisagem, portanto, perpassa esta pesquisa como a vestimenta histórica do território, onde permanecem escritas as mudanças, os dados e os roteiros encorpados no tecido territorial. Ela também é uma elaboração, em que a objetividade e a subjetividade sustentam e promovem sua tendência à representação e à gestação do lugar. A paisagem, então, é toda ação estruturada no território, porque ela é marca e, simultaneamente, matriz cultural que, para Berque (1998), revela o espaço como um texto no qual se leem a sociedade e suas múltiplas interpretações da paisagem urbana.

Esta tese concede especial atenção à capacidade de simbolização da paisagem, primada na representação do lugar e na experientiação cultural do espaço e do tempo, pois fomenta a leitura do universo público que abrange a reedição de práticas culturais impregnadas no espaço. A nossa interpretação da paisagem está associada à construção do olhar, primeiramente pela perspectiva de um exercício antropológico, que prima pela descrição dos fenômenos culturais polissêmicos, e depois pela abordagem psicossocial de uma representação do lugar estável e organizado no âmbito das sociedades. Nosso estudo é um exercício convergente com uma proposta efetivamente multidisciplinar, mas apresenta um percurso etnográfico em sua forma de composição porque, sem dúvida, baseia-se no contato intersubjetivo de uma antropóloga com um objeto social sustentado por fronteiras de valores e pela subjetivação/objetivação das relações simbólicas. Podemos dizer, finalmente, que esta tese é por si uma prática discursiva que perpassa e congrega um amplo campo de diversas outras práticas discursivas. Cientes disso, entendemos que nosso papel é reunir e interpretar marcas, matrizes ou instalações físicas e psicossociais que correlacionam representações à experiência paisagística do sujeito junto aos lugares e aos seus possíveis significados.

# CAPÍTULO 1

## DESDE AS PAISAGENS EXPERIENCIADAS NA ANTROPOLOGIA

### 1.1 - Prelúdio

Este capítulo vislumbra o lugar<sup>3</sup> simbólico para expor a interpretação da paisagem contida nos textos antropológicos clássicos. É necessário apresentarmos a simbologia de construção do lugar, principalmente, em razão da teoria antropológica ter concedido as primeiras bases para a formulação da proposta de pesquisa que está em desenvolvimento nesta tese. Dito de outra maneira, o que estamos expondo é a contemplação da experiência e da comunicação de cenas ou cenários encerrados na narrativa antropológica. Procuramos com isso demonstrar como tem sido feita a observação etnográfica dos ambientes de cultura.

Podemos dizer, ainda, que este capítulo dedica-se a percorrer a paisagem derivada do fazer antropológico porque foi no contexto disciplinar da Antropologia Social que surgiu o embrião desta pesquisa. Além do mais, a exposição do trabalho de campo etnográfico, que tem seu método fundado no “sensível”, contempla também o que poderia ser chamado de uma Antropologia das Paisagens<sup>4</sup>, segundo atividade intrinsecamente relacionada aos significados que são concedidos ao lugar.

Entendemos que é válido iniciar esta tese de um modo que a paisagem ganhe contornos e arranjos sociais preenchidos de e por uma ordem subjetiva, que esteja vinculada à interação dos indivíduos com os ambientes de cultura. O que está em questão é que a apreciação de exemplos textuais da antropologia clássica que promovem a observação do vínculo humano com fenômenos absolutamente interpretáveis, pois esta relação se apresenta como modelo de permuta para a continuidade da percepção e, conseqüentemente, da significação.

Devido ao fato de fomentar a existência de uma rede ampla de possibilidades interpretativas, as paisagens experienciadas na Antropologia podem ser desdobradas

---

<sup>3</sup> Neste capítulo inicial, opto por utilizar a palavra “lugar” mais coloquialmente para mediar a ideia do ambiente familiar, interligado às experiências de percepção, leitura ou apropriação da paisagem.

<sup>4</sup> A expressão *Antropologia del paesaggio* foi cunhada pelo geógrafo cultural italiano Eugênio Turri (1974). Para o antropólogo Silveira (2009), a temática denominada “Antropologia das Paisagens” seria, antes de tudo, uma possibilidade para o diálogo e a articulação de conceitos que amparassem a construção de estudos emergentes desse fenômeno cultural que é a paisagem.

enquanto imagens que envolvem indivíduos em modos específicos de interação. Diante disso, as paisagens são compreendidas como fenômenos culturais dinâmicos que estão experimentando variadas traduções. Quando o humano configura - como ação de figurar junto a algo - a paisagem como lugar de pertencimento ou estranhamento, são ampliadas as versões sobre os nossos lugares e os lugares dos outros.

A interpretação do exercício antropológico, empreendida neste primeiro capítulo, pressupõe a observação da experiência resultante do olhar para modos de integração das pessoas no mundo. Por um prisma antropológico, é do entrelaçamento do humano com a paisagem que emanam as possibilidades de leitura para os sentidos conferidos ao lugar experienciado. Ou, de outra forma, diremos que existem muitas formas de compreensão para o vivido e o comunicado na prática discursiva.

É bem verdade que, na estrutura situacional dos (con)textos, estão sendo materializados registros praticados à luz dos fenômenos de cultura, a exemplo dos delineamentos expostos pelo próprio trabalho antropológico de narrar. É que a narrativa deixa latente em si o ritmo cultural das pessoas, o qual se situa no dentro-fora dos relatos que poderiam ser chamados até mesmo de “paisagens de vida”. Portanto, apreciaremos as paisagens clássicas da Antropologia, logo no princípio deste estudo, pela seleção de um pequeno rol de trabalhos que ensejam a produção de sentidos “conexos” pela escrita de cenas convencionais ou prescritivas. É óbvio, porém, que as medidas usadas para a compreensão, dentro dessas narrativas, da proporção para uso do conceito de natureza e sociedade continuam propensas a um campo inesgotavelmente ponderável e discutível.

De algum modo, devemos considerar que quaisquer vivências narradas não são somente resultantes da experiência de uma paisagem na qual a sociedade resulta da “oferta natural” de solo, clima, vegetação, altitude. Pelo emaranhado de projeções dispostas aqui, ponderamos que a composição de paisagens sempre se constrói segundo um conjunto de dispositivos que são, ao mesmo tempo, políticos, sociais, ambientais e culturais, todos contextualizados em territórios narrativos específicos. Com essa inclinação, realçamos alguns modos de constituição das paisagens, primeiro pelo foco nas experiências antropológicas de campo, que foram objeto narrativo, e depois pela ênfase na composições de alguns enredos clássicos que produziram paisagens.

O que desejamos é fazer apontamentos sobre os procedimentos discursivos que revelam cenários geo-socioculturais percebidos, imaginados ou simplesmente representados. Poderemos demonstrar assim que nenhuma construção discursiva é mero

jogo de palavras, totalmente desprovido de inclinações e intenções. Pelo universo que se abre neste capítulo, o uso ilustrativo da etnografia sustenta discussões acerca dos diferentes aspectos geoambientais, históricos e até mesmo socioafetivos que expressaram a relação entre indivíduo, sociedade e um território que, em geral, está topograficamente definido.

Ao conduzirmos o aprofundamento no cerne da etnografia das paisagens, o que esta tese de início propõe é a imersão nas interpretações subordinadas a uma parcela da rede de fenômenos de cultura que foram experienciados e comunicados pelos enredos clássicos da Antropologia. A partir deste ponto, portanto, julgamos que a imersão no ofício etnográfico pode ilustrar, para o nosso leitor, como é o método de escrita antropológica, de modo que ele compreenda tanto movimento que está sendo usado para construção desta tese, feita por uma perspectiva de interpretação etnográfica, quanto a textualização do fenômeno cultural que, nos próximos capítulos, será analisado como sendo uma representação social da paisagem prescritiva e convencionalizada.

## **1.2 – Experienciar e comunicar**

Diversos trabalhos realizados por antropólogos tem destaque e integram obras que são referenciadas como clássicas. São relatos antropológicos que expõem a pesquisa etnográfica como atividade com uma cultura e seus interlocutores, sendo que ambos já foram vistos inclusive como “cartolas de mágico”. Ao utilizar esta expressão, pressupôs DaMatta (1978) que, pelo exercício etnográfico, “se tira alguma coisa (uma regra) que faz sentido num dia, no outro, só se consegue fitas coloridas de baixo valor” (p. 32).

Isto fica manifesto quando são contempladas algumas das obras clássicas da antropologia segundo esboços do poder de tradução que o conteúdo das cartolas – conformado em paisagens narradas naqueles textos - pode revelar. Com efeito, quando problematizamos parte do compêndio produzido pela escrita etnográfica, o que se tem é que o trabalho dos antropólogos está, do começo ao fim, imerso nas dimensões da escrita, tradutoras da realização de uma experiência espaço-temporal<sup>5</sup> de forma (con)textual, ou seja, fundada na experiência de campo e na narrativa.

---

<sup>5</sup> Pela amplitude semântica conferida ao espaço e ao tempo, opto na maioria das vezes pelo uso do binômio “espaço-tempo”, de modo a expandir as condições de realocação analítica dos possíveis significados de cada um deles. Mas, a aplicação das duas palavras como substantivo composto ainda está sustentada por concepções Nuer, expressas pela escrita etnográfica de Evans-Pritchard (1940; 2007), na qual se lê que “os conceitos de espaço e tempo são determinados pelo ambiente físico, mas os valores que

Precisamos repensar, porém, o fato de que a pesquisa etnográfica, seja com observação participante ou com o uso de interlocutores (fontes narrativas orais ou documentais), sempre derivou àquele que se propôs etnografar um papel que é extenso e profundo. Em relação aos dados, ainda hoje é esperado que o pesquisador possa apará-los, conduzindo-os por teorias correntes, porque não raro se antevê a convergência entre um intensivo trabalho de campo e a organização do discurso etnográfico.

Segundo alguns apontamentos de DaMatta (1978), o ofício etnográfico está intrinsecamente ligado aos dados que caem do céu como pingos de chuva. Por ponderações de Marcus e Fischer (1986), há destaque para essa máxima que conjuga a etnografia como coleta de pingos e a transforma “no processo no qual o antropólogo de perto observa, grava e participa da vida cotidiana de outra cultura, e depois escreve explicações desta cultura, enfatizando o detalhe descritivo” (p. 121).

Efetivamente, o texto antropológico tem sido classificado como etnografia na medida em que expõe aspectos descritivos de uma realidade, pela interpretação (como versão, comentário ou apresentação) dos fatos culturais observados. É igualmente corrente que a identidade do trabalho antropológico seja estabelecida em meio a abordagens metodológicas específicas, a serem empregadas na composição etnográfica. A coleta de dados *in loco*, em particular, tem direcionado alguns pesquisadores, há mais de um século, à construção de pressupostos através do trabalho de se empreender, após a experiência, uma espécie de comunicação pela escrita de vidas.

O antropólogo, nesse caminho, depara-se com o poder da substancialidade factual de tempos e espaços e com a ideia persuasiva de convencer o leitor da veracidade da sua experiência narrada. O ir aos lugares, voltando com informações e comprovar de certo modo que “estiveram lá” e que “voltaram de lá” resulta, como já destacou Geertz (2002), na penetração dos antropólogos em paisagens de vida de maneira convencionalizada à literal experiência.

Para Clifford (1998), por exemplo, a reflexão sobre uma representação sociocultural notadamente faz com que o trabalho de campo etnográfico permaneça como um método com bases fundadas no sensível. Seguindo pontuações de Certeau (2009), podemos pensar inclusive que, estando inserida no lugar praticado<sup>6</sup>, a própria

---

eles encarnam constituem apenas uma das muitas possíveis respostas a este ambiente e dependem também de princípios estruturais, que pertencem a uma ordem diferente da realidade” (p. 107).

<sup>6</sup> Para Certeau (2009) existe uma distinção entre espaço e lugar. Nesse sentido, o lugar é a ordem de distribuição, que indica uma posição própria, distinta e definida. O “espaço”, de modo complementar, é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circundam, o temporalizam e o levam a funcionar em

leitura do espaço produzido pela prática ordenada do lugar passa a constituir um sistema de signos – um escrito – através do qual é percebida a distribuição de elementos nas relações de coexistência e na configuração instantânea de posições que supõem estabilidade. Notadamente, o ofício da tradução tem obrigado o etnógrafo, física e intelectualmente, a praticar experimentações nos espaços, por construção de arranjos e desarranjos de expectativas pessoais e culturais. Mesmo havendo a ideia do trabalho de campo como um mito, raramente a experiência real e espaço-temporal, cercada como é por contingências, sobrevive a esse ideal<sup>7</sup>. Torna-se importante reiterar que os estilos de descrição cultural são limitados e, ainda hoje, estão vivendo importantes metamorfoses.

Como disse Peirano (1992), “os leitores de etnografias estão acostumados à empatia que todo antropólogo manifesta em relação ao ‘seu’ grupo, ‘sua’ tribo, ‘sua’ comunidade, sejam eles pacíficos pescadores da Melanésia, ou caçadores de cabeças das Filipinas”. Assim, amparada pela discussão sobre o encontro etnográfico e o diálogo teórico, esta autora ainda propõe que, “além de assegurar a autoridade e o direito como intérprete dentro do meio acadêmico, tais informações refletem também o resultado da relação existencial [...] que se desenvolve durante a pesquisa de campo” (p. 131).

É interessante fazer ressurgir, ainda por Peirano (1992), que a problemática da autorreflexão pode ser compreendida como o próprio contexto do encontro etnográfico em si. O que se tem em vista, quase sempre, “são instâncias do discurso desenvolvidas a partir de três elementos básicos: o antropólogo, o informante (ou o acervo arquivístico<sup>8</sup>) e o leitor, que formam o contexto da autorreflexão” (p. 143). Por isso, o antropólogo sempre participa desse duplo confronto, no qual há de um lado a comunidade acadêmica e de outro lado o objeto-parte de “sua” sociedade. A tensão política e intelectual de uma vez por todas passa a margear a narrativa de vidas através de paisagens configuradas como textos e por meio dos quais as gerações efetuam seus registros.

O caráter narrativo, ademais, não dissocia o trabalho antropológico do empreendimento de um projeto de experiência *in loco*. Desse empenho muitas vezes nascem alegorias que concedem atenção ao caráter narrativo das representações culturais e às histórias embutidas no próprio processo de representação. Para Clifford

---

unidade com programas conflituais ou de proximidades contratuais. Assim, “o espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções” (p. 184). Diferentemente do lugar, o espaço para Certeau não possui univocidade e nem estabilidade, por isso para ele a prática do lugar é o que produz o espaço enquanto cruzamento de móveis e operações.

<sup>7</sup> Sobre o dilema da exigência ao antropólogo da realização do trabalho de campo, Giumbelli (2002) propõe uma releitura desta ideia para atualizar princípios colocados em momentos anteriores da disciplina, pois, para ele, permanecer fiel a Malinowski não impede a produção de outras leituras sobre a questão.

<sup>8</sup> A relação dos antropólogos com os arquivos é recente, e o campo também passou a ser o arquivo.

(1998), esse fato faz com que a produção alegórica seja mais do que a história, a fábula e a parábola usadas para ensinar ou explicar: “ela é uma representação que ‘interpreta’ a si mesma” (p. 65).<sup>9</sup> A descrição cultural passa a ser um relato etnográfico coerente, mesmo que esteja diante da construção figurada do outro.

Na etnografia, a contestação da autoridade representacional coincide com um período de reavaliação política e epistemológica. Afinal, a cultura como texto e a antropologia como interpretação - ao envolver estruturas como subjetividade, dimensões de poder, discursos e paisagens -, suscita indagações sobre o pensar a pesquisa etnográfica, encarando problematicamente a tarefa do antropólogo “de carne e osso”, que se reveste tanto de pesquisador, quanto de autor (tradutor) de vidas e de feitos.

Como disse Silva (2000), se no modelo clássico de etnografia a observação participante surgiu como condição para a realização de um trabalho genuinamente científico – por uma “técnica de pesquisa” -, recentemente pode-se questionar o quanto “a experiência da alteridade poderia ser melhor compreendida se essa ‘técnica’ fosse pensada também como um objeto do saber antropológico, e não apenas como uma condição de construção das etnografias” (p. 117). Para este autor, é preciso expor que, quase sempre, o texto etnográfico é uma redução das inúmeras possibilidades de interpretação da experiência de campo e do difícil exercício de alteridade realizado entre antropólogo e seus interlocutores. A suposta adequação ou transformação da realidade inscrita, descrita, interpretada, compreendida ou explicada, deixa nítido que “na passagem do trabalho de campo para a elaboração do discurso científico, o antropólogo percebe que experimentar e observar ações é diferente de construir um texto etnográfico considerando ações e diálogos” (p. 119).

Por estar encoberta de paradoxos, a escrita etnográfica contida em obras clássicas pode suscitar novas visitas àquelas paisagens percebidas no contexto dos grupos e que (acreditava-se) caíam do céu como pingos de chuva. Por isso, não se desconsidera aqui a observação feita por Clifford (1998) sobre o fato de que o trabalho etnográfico pode abrigar um caráter alegórico, tanto no nível de seu conteúdo (o que ele diz sobre as culturas e suas histórias) quanto no de sua forma (as implicações de seu

---

<sup>9</sup> É necessário levar em consideração que para Benjamin (1984), a partir da apreciação da obra *Simbólica e Mitologia de Povos Antigos* de Friedrich Creuzer, a “alegoria” é entendida como sucessiva e como uma progressão numa sequência de momentos, ao contrário do caráter instantâneo do símbolo que é uma totalidade momentânea. Deste ponto de vista, o símbolo é, e a alegoria significa, sendo por isso a alegoria criticada em razão da sua historicidade e do seu caráter arbitrário. Gagnebin (1994) pressupôs que a alegoria para Benjamin se torna “a figura privilegiada de um redemoinho que, no fim, vai até destruir-se a si mesmo ou, então, salvar-se, pela traição de sua mais profunda tendência” (p. 44).

modo de textualização).<sup>10</sup> Este “isso que representa aquilo” implica, neste contexto, na afirmação de que, dos escritos clássicos até hoje, a etnografia ainda é uma imposição explícita dos demais significados coletivos vinculados a uma experiência particular sensível, delimitada em espaço e tempo complexos, dentro dos quais se mesclam natureza e cultura, objetividades e subjetividades, o humano e as paisagens, segundo diferentes definições objetivadas em meio a um local de fala.

De acordo com a proposta inicial de Geertz (1989), o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano. Por essa direção, os discursos passam a denotar “sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (os símbolos) que tem na cultura um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível isto é, descritos com densidade” (p. 10). Dizemos, então, que a interpretação antropológica resulta, sobretudo, de uma proposta narrativa a respeito das formulações dos sistemas simbólicos de diversos grupos. Por esta vertente, os textos antropológicos sempre serão interpretação, de segunda e de terceira mão.

O certo é que se tornou comum que exista dúvida sobre a natureza das respostas que são dadas pelas coisas vistas, ouvidas e sentidas, e que se fazem imersas na narrativa etnográfica. Entre a visão dos outros, da realidade e da sua própria experiência, seja a literatura empreendida por clássicos, a exemplo de Malinowski (1922; 1978), Boas (1940; 2004), Evans-Pritchard (1940; 2007) e Lévi-Strauss (1955; 2005), ou nas próprias narrativas antropológicas de qualquer obra dita recente, pode-se propor um universo de observação em que o trabalho baseado na etnografia também designa ao relato a tarefa de representar a diversidade do olhar sobre os espaços.

Com efeito, essa delimitação reflexiva requer problematizações sobre as relações constituídas entre sujeito e objeto (humanos, lugares, tempos e coisas), com vistas ao modo como tais relações se realizam, principalmente devido à existência dos símbolos que produzem efeitos concretos em ambas as instâncias.<sup>11</sup> É por isso que o enfoque dado a seguir, pela breve observação da configuração assumida por alguns enredos etnográficos clássicos, pode reajustar o nosso olhar à compreensão da tarefa

---

<sup>10</sup> O uso de “alegórico” e “alegoria” se baseia em colocações de Geertz (2002), pois, a leitura de textos antropológicos nessa perspectiva centra-se à enunciação das afirmações, atentando para coisas como imageria, as metáforas, a fraseologia ou a voz, que leva ao relativismo corrosivo, no qual tudo não passa de uma expressão mais ou menos sagaz de opiniões, o que torna a etnografia um mero jogo de palavras.

<sup>11</sup> Os símbolos são aqui tomados como sistemas, instrumentos de dominação, portadores do que Bourdieu (2004) chamou de poder invisível, exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe são sujeitos ou mesmo que o exercem.



antropológica, que de modo direto media a abordagem e os resultados da pesquisa contida neste estudo.

A construção do texto etnográfico está cercada de paisagens e de sentidos geosociohistóricos realocados em narrativas sobrepostas entre aquele que etnografou e o outro que fora etnografado. Entende-se que o exercício de uma dita autoridade etnográfica tem presumido a demarcação das linhas de períodos, lugares, pessoas, instituições, que entrarão (ou não) em evidência numa escrita particular que se propõe a aludir, transpor ou elaborar a paisagem, tanto expressa sob diferentes formas - literária, artística e também científica -, quanto tomada por diferentes nomes - a curiosidade, a convenção, a intuição, o símbolo, a fisionomia, a presença, a representação social.

Como bem coloca Besse (2006), a experiência vivida se faz menos dirigida à paisagem e posta ainda mais a partir dela, “assim como pelas diversas representações artísticas, científicas ou espirituais das quais ela é objeto” (p. 7). Em suma, a atividade etnográfica presta referência à paisagem, compondo-a e transpondo-a não somente como narrativa do conjunto de relações entre o humano e os objetos presentes em um dado lugar; ela é ainda a convergência de percepções subjetivas sobre objetos e relações como sendo demarcadores simbólicos.

### **1.3 - Paisagens de clássicos: o antropólogo como peregrino e como cartógrafo**

O estar em tal época e em tal lugar, especialmente nas narrativas de obras clássicas da antropologia, sempre sugeriu a escolha de um cenário através do qual está em questão o olhar e o trabalho de narrar, em simultâneo. O planejamento de pesquisa, mesmo em caráter relativo e passível de reconsiderações, teve em vista quase sempre os mesmos ritos de passagem. Para muitos antropólogos, tais ritos, fases ou planos fundamentais da pesquisa possuíam um recorte paradigmático. DaMatta (1978), por exemplo, pontuou que da etapa teórico-intelectual – marcada pelo divórcio entre o pesquisador e o grupo, e a mediação teórica por livros, artigos, ensaios -, tinha-se vistas para o período prático – a antevéspera da pesquisa na qual há uma espécie de relativização da própria experiência. É só por último que surgia a fase pessoal e existencial – que trata das lições que se deve extrair de seu próprio caso, por uma certa visão de conjunto, dificilmente simétrica, a partir do ofício que se fazia globalizador, integrador e contextualizado num espaço-tempo previamente recortado.

Já foi dito por Clifford (1998) que na antropologia nascente houve o etnógrafo competente e experiente, o moderno explorador antropológico, o trabalhador de campo especializado, o cronista e porta-voz de alguns milhares de “selvagens quase nus” e até mesmo a testemunha ocular. Mas era o tornar o relato fidedigno que colocava o etnógrafo mais preocupado com o alcance de sua sensibilidade, do que necessariamente com a sua capacidade de análise ou com seu código social. Na narrativa clássica, o etnógrafo está consciente e nos conscientiza de quão difícil é mapear o seu perambular com “o selvagem essencial entre as trepadeiras” e, ao mesmo tempo, registrar uma realidade social bem demarcada e regida por leis.

Devido a isso, o próprio Clifford (1998) viria a elaborar um conhecido pressuposto, o qual sugere a “oscilação entre o antropólogo como peregrino e o antropólogo como cartógrafo” (p. 110-111). Inclusive, essa observação vem ao encontro do que destacou Benjamin (1983) quando relacionou “a tendência dos narradores de começarem sua história com a apresentação das circunstâncias em que eles mesmos tomaram conhecimento daquilo que segue, quando não as dão pura e simplesmente como experiência pessoal”. É assim que de múltiplas maneiras ou vertentes, vê-se que o autor “aflora sua marca na coisa narrada, se não como quem vivencia, pelo menos como quem relata” (p. 63).

Em meio ao chavão de Clifford e às observações de Benjamin, é bom pontuarmos que a descrição etnográfica se realiza tanto como um trabalho artesanal de comunicação, quanto como uma arte para continuar contando ou, simplesmente, como um trabalho de artesãos. Já nos primeiros enredos etnográficos, os narradores de vidas foram indivíduos que puderam rascunhar registros em meio a diferentes paisagens, especialmente pelo contato com diferentes culturas de seu tempo. Ora, muitos ainda hoje visualizam que aquelas paisagens narradas, de forma recorrente, eram entendidas ou compostas enquanto um vasto agregado de elementos naturais, dentro do qual coexistiam homens com suas coisas e seus padrões de cultura. Em alguns casos mais extremos, acredita-se que na antropologia clássica somente se exercitava a noção de cultura em separado à natureza, de modo que o antropólogo construía suas narrativas afastando o seu foco interpretativo do fato de que as paisagens são necessariamente manifestações culturais.

É inegável que as etnografias clássicas ainda são comumente usadas como ilustrações que direcionam o empreendimento das narrativas de vidas ainda hoje. Esse dado torna latente a necessidade de questionarmos o atual empenho etnográfico em

experienciar e comunicar o modo de vida de pessoas específicas, em lugares e tempos que receberam marcadores simbólicos. Existe a necessidade de vislumbrarmos, como expôs Peirano (1992), o fato de que “a maneira como se *faz* etnografia/pesquisa de campo está intimamente ligada à forma como se escreve, ou melhor, se *constrói* etnografias como textos” (p. 134, grifos da autora).

Diante disso, assumimos que a constituição de objetos culturais se torna uma configuração que só faz sentido a partir de algumas formas de leitura. É por isso que este estudo tenciona apontar que as obras clássicas nos remetem à lógica de produção simbólica das paisagens de culturas por um trabalho que ainda é literário, e que nunca esteve ausente na antropologia. A dimensão contemplativa e imaginativa da sociedade como paisagem sempre foi um recurso etnográfico, e não só uma questão de estilo.

Há algum tempo se acredita que a pesquisa etnográfica clássica parece propor a paisagem continuamente confrontada com um essencialismo que a transforma em um dado natural. Como diz Cauquelin (2007), por vezes se vê que “há algo como uma crença comum em uma naturalidade da paisagem, crença bem arraigada e difícil de erradicar, mesmo sendo ela permanentemente desmentida por numerosas práticas” (p. 110). Não é novo, portanto, dizer que sempre existiram diversificadas formas de se abordar a presença da paisagem.

Como expoente de uma abordagem ainda corrente, colocamos que Merleau-Ponty (1979) chegou a distinguir o espaço geométrico (espacialidade homogênea) de outra espacialidade a qual denominou de “espaço antropológico”. O que se visava era separar a suposta univocidade geométrica da experiência de um “fora”, para o qual há o espaço existencial e a existência espacial. De acordo com este autor, procurava-se exprimir a estrutura essencial do nosso ser como ser em relação com um meio, de modo que, “existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas” (p. 327).

Partindo de uma perspectiva para essa fenomenologia do existir no mundo, Certeau (2009) anteviu que através dos relatos são identificados os lugares e são efetivados os espaços. Este autor apontou os relatos como desencadeadores do trabalho que compreende “a implantação de uma ordem imóvel (onde nada se mexe salvo o próprio discurso que, numa espécie de *travelling*, percorre o panorama) até a sucessividade acelerada das ações multiplicadoras de espaços (como no romance circunscrito pelo lugar textual)” (p. 185). Por este paradigma, percebemos que a descrição oscila com complexidade entre os termos de uma alternativa: “ou *ver* (é um conhecimento da ordem dos lugares), ou *ir* (são ações espacializantes), aonde se

apresentará um *quadro* (existente) ou se organizará *movimentos* (você entra, atravessa, retorna)” (p. 186, grifos do autor).

Diante de tantos pressupostos, é necessário realçarmos que a tarefa etnográfica de compor paisagens sempre esteve situada para além dos chamados eixos metodológicos, escolas ou vertentes, os quais foram assumidos por muitos como campos norteadores onde se perfazia a construção e o “desvendamento” dos discursos antropológicos. O ofício etnográfico superou em tese a essencialização dos métodos e dos dados; o que se tem são relatos mesclados com o espaço e o tempo, uma vez que eles nunca serão estanques.

Mas, em todos os casos, a leitura da escrita antropológica compactua com o que Geertz (2002) denominou de “um trabalho da imaginação”. É sempre bom lembrarmos que as obras com construção etnográfica, mesmo que não sejam recentes, reúnem eventualmente a pesquisa de campo junto à escolha do objeto, bem como a construção do texto e o papel desempenhado pelo leitor. Como cita Oliveira (2006), sempre será relevante examinar que “a textualização da cultura, ou de nossas observações sobre ela, é um empreendimento bastante complexo” (p. 26). Seja como etnografia, ou como sociografia, a construção de um discurso jamais deixa de ser um trabalho político, moral e epistemologicamente delicado.

É segundo tal vertente que esta pesquisa julga ser necessária a apreciação concisa de paisagens expostas em narrativas clássicas em larga medida associadas à ideia de que estas representam uma forma de experienciar e comunicar um determinado espaço antropológico, o qual não ignorou o fenômeno cultural. A paisagem experienciada e comunicada pode ser assim revista como um fundamento narrativo usado, somente de início, para apresentar o perfil geopolítico e sociocultural de uma região demarcada pela presença e pelo saber-fazer humano, em tempo e lugar específicos. Consideramos a paisagem de vidas – por vezes ainda denominada paisagem cultural<sup>12</sup> - como produto simbólico que tem sido manuseado historicamente pela etnografia, com enfoque para referências relativas à cultura local, segundo visões ou versões narrativas do experienciador e do leitor.

Com fins de exemplificarmos esta colocação, destacamos a obra de Bronislaw Malinowski que, completamente emoldurado de experienciador e comunicador, chegou

---

<sup>12</sup> A paisagem como fenômeno complexo foi abordada por Silveira (2009), o qual apresentou que a noção de paisagem é polissêmica, encerrando inúmeros sentidos. Para ele, não existe uma paisagem que não seja cultural, por isso a expressão “paisagem cultural” é considerada um tautologia, na medida em que toda e qualquer paisagem deve ser vista como um fenômeno de cultura.

até o público leitor no início do século XX com *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. É evidente que na narrativa de Malinowski (1922; 1978) está projetada a questão do “estar lá” da forma mais radical e mais produtiva, como se lê a seguir: “Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas por seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer”. E finaliza o autor enfaticamente a partir da seguinte sugestão: “Você nada tem a fazer a não ser iniciar imediatamente seu trabalho etnográfico” (p. 19).

Diante de tal relato, expresso em diário, é inegável que em Malinowski foram efetivamente aperfeiçoados uma modalidade de pesquisa e um estilo de análise<sup>13</sup>, como pode ser observado neste outro trecho, de tom explicativo: “Na pesquisa de campo, o etnógrafo tem o dever e a responsabilidade de estabelecer todas as leis e regularidades que regem a vida tribal, tudo o que é permanente e fixo; apresentar a anatomia da cultura e descrever a constituição social” (p. 24).

Muitos estudiosos comungam com Clifford (1998) que a produção d’*Os Argonautas* configurou verdadeiramente uma etnografia do “junte-se aos bárbaros”, construída em forma de diário de viagem ou relato de campo. Mas, a etnografia de Malinowski (1922; 1978) por outro lado tem sido um modelo utilizado como sendo “a própria forma” de experiência e de comunicação descritiva das paisagens de cultura. De mais a mais, o trabalho deste autor é inclusive empregado como exemplo de uso do recurso metodológico precursor das medidas descritivas e interpretativistas que sustentaram o pilar centenário do trabalho etnográfico:

Com raras exceções, as populações costeiras das ilhas do sul do Pacífico são – ou foram, antes de sua extinção – construídas de hábeis navegadores e comerciantes. Muitas delas produziram excelentes variedades de canoas grandes para a navegação marítima, usadas em expedições comerciais a lugares distantes ou incursões de guerra ou conquistas. Os papua-melanésios, habitantes da costa e das ilhas periféricas da Nova Guiné, não são exceção a esta regra. São todos, de maneira geral, navegadores destemidos, artesãos laboriosos, comerciantes perspicazes. [...] Encontram-se, entre as várias tribos, formas bem definidas de comércio ao longo de rotas comerciais específicas. [...] Essa sistema de comércio, o *Kula*, é o que me proponho descrever neste volume e como veremos mais adiante, trata-se de um fenômeno econômico de considerável importância teórica (p. 17-18).

Mesmo que rodeada como é por ambiguidades, a experiência etnográfica - situada entre a parcialidade da observação e do relato, e conjuntamente baseada no

---

<sup>13</sup> Com a publicação, em 1922, de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, procedeu-se o que se pode chamar de “revolução na literatura antropológica”, sobretudo, porque a popularidade da obra repousou em uma provável “nova técnica” de compreensão da cultura, especialmente quando reformulou as bases para a observação direta ou participante através da imersão em campo com permanência prolongada.

ritmo cultural dos argonautas do pacífico - atingiu uma elevação extraordinária de público e crítica devido às peculiaridades de leitura e escrita experimentadas e comunicadas por Malinowski. Surgiu, assim, a marca do trabalho de campo como contato pessoal e da etnografia como relato fidedigno (em termos de diário), o que ainda convencionou muitas discussões tanto sobre esse eu privado para exposição pública, como acerca do próprio método antropológico.

De algum modo o antropólogo tem sido o compositor de realidades complexas pela etnografia, as quais são contempladas na maior parte das vezes pela tradução criativa de paisagens. Nem mesmo a diversidade de sistematizações recebidas pela antropologia, em um século, afastou-a da humanidade como composto de seres biológicos pensantes, produtores de culturas e participantes de sociedades. E o antropólogo, seja como peregrino ou como cartógrafo, continua inserido nessas paisagens de sentidos, feitas de humanos em lugares inseparavelmente físicos e sociais.

Nesta linha, é de destaque que Franz Boas<sup>14</sup> pode ser efetivamente exposto como outro exemplar de artífice que, como comentou Stocking (2004), produziu uma preocupação com os significados dos conjuntos culturais, como ainda com a causalidade e a classificação, a natureza dos conjuntos e dos elementos, e ainda com a relação dos métodos histórico e físico, o que inicialmente teve consequências importantes para a antropologia americana.

Em Boas (2004), lê-se que “não podemos compreender o significado de um artefato singular se o considerarmos fora do seu ambiente, fora do contexto das outras invenções do povo a que pertence e fora do contexto dos outros fenômenos que afetam esse povo e suas produções” (p. 87). A sua proposta narrativa de experimentação e comunicação da paisagem, pautada numa forma de relativismo cultural (a qual sem dúvidas é portadora de múltiplas arestas), deixa em destaque que se deve estudar o indivíduo etnológico na sua história e no seu meio, sendo este o significado importante da “área geográfica”. Esse ponto de vista pode ser observado no fragmento do texto “O princípio da classificação etnológica”, que é parte integrante da obra intitulada *Antologia Franz Boas - A formação da antropologia americana (1883-1911)*:

Minha visão da etnologia é a seguinte: nossa ciência pretende compreender os fenômenos chamados etnológicos e antropológicos em seu

---

<sup>14</sup> Dentre suas obras principais, destacam-se: *The Mind of Primitive Man*, de 1911 (A Mente do Homem Primitivo), *Primitive Art*, de 1927 (Arte Primitiva), e *Race, Language and Culture*, 1940 (Raça, Linguagem e Cultura). Em língua portuguesa foi publicada a *Antologia Franz Boas – A formação da antropologia americana (1883-1911)*, organizada por Stocking que apresenta 48 textos reunidos.

desenvolvimento histórico e em sua distribuição geográfica, bem como em seus fundamentos fisiológicos e psicológicos. [...]. Os fenômenos etnológicos resultam da natureza física e psíquica dos homens e de seu desenvolvimento sob influências do meio ambiente; portanto, dois problemas devem ser estudados para atingir resultados. O estudo preliminar é do meio; o objetivo final das pesquisas é conhecer as leis e a história do desenvolvimento do caráter fisiológico e psicológico da humanidade. O “meio” são as condições físicas da região e os fenômenos sociológicos, isto é, a relação entre homens (p. 88-89).

Muito conhecido por seus estudos com os Inuit (vulgarmente chamados de esquimós), Boas compôs uma proposta etnográfica que propunha o ir além do determinismo biológico e geográfico, superando a crença no evolucionismo cultural. Como crítico, este teórico apontava que cada cultura é uma unidade integrada, fruto de um desenvolvimento histórico peculiar. Enfatizou a independência dos fenômenos culturais com relação às condições geográficas e aos determinantes biológicos, afirmando que a dinâmica da cultura está na interação entre indivíduos e sociedade. Mas, não diferentemente de Malinowski, Boas também passou a sustentar paradigmas para a composição narrativa das paisagens de vidas.

Isso fica nítido quando caminhamos em meio aos apontamentos do próprio Boas (2004), nos quais se lê que somente “o estudo do ambiente atual é insuficiente: devem-se considerar a história do povo, a influência das regiões pelas quais passou nas suas migrações e os povos com quem entrou em contato”. Por este encaminhamento, foi ensinado que “os fenômenos podem ser diretamente levantados por um observador bem treinado, ou podem ser rastreados com maior ou menor precisão por pesquisas históricas” (p. 89). Boas então acabou por propor a observação da natureza e da cultura como fenômenos entrelaçados a uma totalidade imbuída de caráter histórico e de relações que os indivíduos experimentam com a espacialidade; era a percepção um tanto latente de que os significados dos lugares usufruem de vínculos simbólicos e afetivos.

É certo explicar, especialmente nos campos de construção do discurso antropológico, que quaisquer autores juntamente com seus grupos, as suas histórias, os seus deuses e suas práticas, sempre viveram a falta de nitidez na natureza altamente situacional da descrição etnográfica. Considera Geertz (2002) que isso se deve ao fato de que um dado etnográfico em tal época e tal lugar, com tais informantes, tais compromissos e tais experiências, representante de uma dada cultura e membro de uma certa classe, confere ao grosso do que é dito um caráter do tipo “é pegar ou largar”. Em um trabalho em que se deve “capturar sentidos”, as escolhas nunca são globalizantes, porque dependem do ponto de vista utilizado para a interpretação. Assim, o campo do

sensível, das impressões e da percepção de uma vez por todas significa que o visto, o sentido e o comunicado pela etnografia sempre serão arena de reflexão e de questionamentos incessantes.

É por isso que o trabalho narrativo realizado em *Os Nuer*, por Edward Evan Evans-Pritchard (1940; 2007), em igual medida enfatiza a necessidade de se repensar a antropologia como produção simbólica, principalmente quando são retomados diversos tipos de discurso praticados nos domínios da etnografia.<sup>15</sup> Constroem-se, tecem-se e são desmontadas situações, comportamentos, redes de significações, que podem parecer reveladores dentro daquele conjunto de sociedade que foi elaborado pela paisagem segundo um escritor de vidas. Nos domínios etnográficos, o vínculo social está marcado nas abordagens feitas por representações, práticas e imaginários que formam uma cultura como arcabouço que reúne pessoas e a apropriação que é feita da paisagem:

Os Nuer que chamam a si mesmos de Nath, são aproximadamente duzentas mil almas que vivem nos pântanos e savanas planas que se estendem em ambos os lados do Nilo, ao sul de sua junção com os Sobat e o Bahr el Ghazal, em ambas as margens desses dois tributários. São altos, de membros longos e cabeças estreitas [...]. Culturalmente se assemelham aos Dinka, e os dois povos formam uma subdivisão do grupo nilota, que ocupa parte de uma área de cultura da África Oriental [...]. As instituições políticas [...] não podem ser compreendidas sem que se leve em conta o meio ambiente e os meios de subsistência. [...]. Descrevemos, em primeiro lugar, o inter-relacionamento de segmentos territoriais dentro de um território, os sistemas políticos, e, depois, o relacionamento de outros sistemas sociais para aquele sistema. O que entendemos por estrutura política tornar-se-á evidente à medida que avançamos [...], que nos referimos aos relacionamentos, dentro de um sistema territorial, entre grupos de pessoas que vivem em áreas bem definidas espacialmente e que estão conscientes de sua identidade e exclusividade (p. 7-10).

Mesmo sendo considerado um dos autores estilisticamente mais homogêneos que o mundo já viu, Evans-Pritchard teve seus relatos revisitados a partir do desdobramento de “uma mentalidade colonialista”. Ainda que sua etnografia seja vista por Geertz (2002) como sendo uma forma de apreender o exótico, transformando-o em figuras de uma urna africana, a estratégia de construção do texto de Evans-Pritchard (1940; 2007) sugere o desejo de retirar a estranheza de ideias, sentimentos, práticas e valores (paisagens) que são aparentemente bizarros, mediante o enquadramento em representações culturais com ordenações universais, como se percebe no trecho

---

<sup>15</sup> Destacado representante da antropologia britânica, Evans-Pritchard realizou estudos em sociedades africanas (entre 1926 e 1936, viveu com os Azande e com os Nuer, e entre 1942 e 1944, com os Beduínos). É autor de *Bruxaria, Magia e Oráculos entre os Azande* (1937), *Os Nuer* (1940, 1951; 1956; 2007), *Os Zanusi de Cyrenaica* (1949) e, em colaboração com M. Fortes, *Sistemas Políticos Africanos* (1940). A obra *Os Nuer*, em particular, é resultante de um estudo subsidiado pelo governo do Sudão.



seguinte: “Entre os Azande fui obrigado a viver fora da comunidade; entre os Nuer, fui forçado a ser membro dela. Os Azande trataram-me como um ser superior; os Nuer, como um igual” (p. 21).

Validando o tipo de vida do etnógrafo e dos que são seus objetos de estudo, a escrita d’*Os Nuer* tornou a experiência e a comunicação da paisagem adequada às categorias culturais da comunidade ocidental: “Um povo cuja cultura material é tão simples quanto a dos Nuer depende grandemente do meio ambiente” (p. 23). Para Geertz (2002), nas mãos seguras e diretas de Evans-Pritchard, “os vários tipos de nilotas foram retratados não como Outro, mas como de outro estilo (bem sensatos, quando se chega a conhecê-los, mas tendo o seu próprio jeito de fazer as coisas)” (p. 96).

Na estrutura situacional do texto retratado em *Os Nuer*, encontramos o sentido do ritmo cultural das gentes, em especial, nas paisagens inseridas em estudos de casos, com perspectiva discursiva dinâmica a respeito das interações entre pessoas e territórios. E o construir textos a partir de experiências de campo, é o que situa o cenário topográfico e sociocultural para além de uma etnografia que seria mero jogo de palavras. Na etnografia de Evans-Pritchard (1940; 2007), entendemos que foi almejada a produção de sentidos conexos por cenários experienciados e comunicados na escrita: “Tornamos a examinar nossa descrição do interesse dos Nuer pelo gado e a descrição de sua ecologia, e faremos um relato de sua estrutura política. As limitações ecológicas e outras influenciam suas relações sociais” (p. 107).

O que fica expresso é que, historicamente, o tónus da etnografia reúne os dados que compõem um campo, e integram natureza e sociedades, para representar aquele universo supostamente unitário - a paisagem - para ser relido a partir da narrativa como reflexo do compêndio cultural heterogêneo. Essa constatação fica novamente explícita no trabalho etnográfico de *Tristes Trópicos*, pela narrativa de Claude Lévi-Strauss<sup>16</sup>. Assim como Malinowski, Boas e Evans-Pritchard, este autor demarcou um espaço intelectual, diferenciando-se, como os demais, enquanto o fundador de um tipo particular de discursividade.

Por fazer sobressair o caráter literário de sua narrativa, Lévi-Strauss (1955; 2005) também procurou fazer valer o texto antropológico característico do “estar lá”, uma vez que diz: “Em São Paulo, podíamos nos dedicar à etnografia de domingo. [...] E

---

<sup>16</sup> Lévi-Strauss é um dos maiores expoentes das ciências sociais do século XX. Entre os vários trabalhos publicados no Brasil, destacam-se *Estruturas Elementares do Parentesco* (1949), *O Pensamento Selvagem* (1962), *História de Lince* (1993), *Tristes Trópicos* (1996) e *Olhar, Escutar e Ler* (1997), além dos álbuns fotográficos *Saudades do Brasil* (1994) e *Saudades de São Paulo* (1995).

a curiosidade etnográfica mais próxima consistia numa aldeia primitiva cuja população maltrapilha traía por seus cabelos louros e seus olhos azuis uma origem germânica recente” (p. 103). Por mais discutível que pareça, não podemos desconsiderar que o habitat etnografado por Lévi-Strauss também não foi resultante da experiencição de uma paisagem na qual a sociedade é absolutamente resultante da “oferta natural” de solo, clima e vegetação. No emaranhado de *Tristes Trópicos* é perceptível que a antropologia sempre esteve empenhada (apesar de suas vertentes e das particularidades teórico-metodológicas de cada uma delas) a recompor, a transpor ou a reler paisagens como um conjunto de dispositivos políticos, sociais e culturais, contextualizadas em territórios usualmente demarcados pelas referências físico-espaciais:

Hoje, a lembrança do grande hotel de Goiânia encontra outras em minha memória, que comprovam, nos dois pólos do luxo e da miséria, o absurdo das relações que o homem aceita manter com o mundo, ou melhor, que lhe são impostas de forma crescente. Reencontrei o hotel de Goiânia, mas ampliado numa escala desproporcional, em outra cidade não menos arbitrária, já que os cálculos políticos e o desenraizamento sistemático das populações haviam feito, em 1950, Karachi passar em três anos de 300 mil a 1,2 milhão de habitantes; e em pleno deserto também: na ponta ocidental dessa planície árida, do Egito até a Índia, que despoja uma imensa área do nosso globo de sua epiderme viva. [...]. Que se trate de cidades mumificadas do Velho Mundo ou das cidades fetais do Novo, é à vida urbana que estamos acostumados a associar os nossos valores mais elevados no plano material e espiritual (p. 89/126).

Como diz Geertz (2002), Lévi-Strauss tornou-se um herói intelectual não pelos fatos estranhos que apresentou, mas pelo estilo discursivo que ele inventou para expor esses fatos e enunciar suas explicações. É a unicidade discursiva das paisagens levi-straussianas que o eleva como um dos fundadores da escrita antropológica, tornando-o alguém apreciado como um autor-escritor barthesiano, pois sua obra é exemplo de que “separar o que alguém diz do modo como diz – o conteúdo da forma, a substância da retórica –, é tão nocivo na antropologia como na poesia e na pintura” (p. 43).

De modo bastante particularizado, a autorreferência de *Tristes Trópicos* faz com que o tema seja, em si, a obra mesma. Esta é uma análise aplicável ainda a outros tantos textos antropológicos sublinhados como obras clássicas. Ademais, em se tratando da etnografia do artífice Lévi-Strauss, o texto é o que o autor apresenta em primeiro plano, para depois rerepresentar o que há através das linhas narrativas formuladas com menos progressão de ideias e mais movimentos centrífugos e descontínuos. Em um texto múltiplo, o relato etnográfico levi-straussiano é o registro da maneira transitória para apreciar natureza e cultura, não necessariamente participando da vida dos grupos

observados, mas costurando expressões culturais dos “selvagens” em padrões abstratos de relações, que se tornam, ainda assim, memoráveis retratos das paisagens de vidas.

O certo é que, nos enredos clássicos, o espaço territorial engloba parâmetros de natureza histórica, geográfica, política, social. Ou seja, desde o início, os empreendimentos etnográficos foram indicadores de paisagens que abrigavam paralelamente uma topologia humana de existência e uma inserção espacial e sociocultural. Para Oliveira (2006), devido ao modo dito “tradicional” de ser fazer antropologia, percebemos os indícios de que em tempo algum pode ser abandonado o questionamento do “que significa/significou o olhar, o ver e o escrever enquanto etapas de construção do conhecimento” (p. 35).

O mais interessante é que através de releituras breves do que se considera etnografia clássica, ganha ênfase neste contexto o fato de que as paisagens, em conformidade com Duncan (1990), nunca têm um único significado: sempre há a possibilidade de diferentes leituras. Nem a produção, nem a decifração de paisagens são inocentes. Ambas são políticas no sentido mais amplo do termo, uma vez que estão ligadas aos interesses materiais de múltiplos grupos, os quais usufruem de posições de poder interpostas, sobrepostas ou transpostas dentro das sociedades.

Por entre paisagens etnografadas pelo trabalho narrativo empreendido por fundadores de discursividade tais como Malinowski (1922; 1978), Boas (2004), Evans-Pritchard (1940; 2007) e Lévi-Strauss (1955; 2005), verdadeiramente fica expresso que, entre a visão dos outros, da realidade e da própria experiência, o que se absorve e se veicula pelas lentes da escrita clássica serão sempre novos universos de sentidos, convencionados pelas possíveis leituras situadas entre o experienciador/escritor e o espectador/leitor. Continua em evidência que o revisitar a etnografia clássica, no hoje, sempre será um exame de coisas postas no papel que foram uma espécie de escrita pelo experienciar e pelo comunicar. O trabalho antropológico jamais deixará de se somar à revisão do compêndio etnográfico que uniu pessoas, hábitos, espaços e tempos, de maneira fundamentalmente discutível a cada novo olhar que se praticar sobre paisagens narradas ou reinventadas pelos mais diversos artífices.

#### **1.4 – A pesquisa de campo como experiência**

Apreciando a etnografia clássica, Peirano (1995) detecta que o texto etnográfico era, então, resultado de adequação da ambição universalista da disciplina

com dados observados em determinado contexto etnográfico, combinando a sensibilidade do etnógrafo com o aprendizado adquirido pela formação de pesquisador. Para ela, a dimensão mais dramática na antropologia reside em sua questão principal: a pesquisa dessa área tende a ser caracteristicamente pesquisa de campo.

Em contraponto, Giumbelli (2002) argumenta que “o fato de que o trabalho de campo apareça como frequentemente essencial à antropologia, não significa que haja clareza a seu respeito” (p. 93). A prática antropológica para muitos pode assumir tantas formas quantos forem os antropólogos, sendo que até mesmo porções geográficas ou culturais, que precisam ser vencidas pelo pesquisador, tornam a experiência etnográfica basicamente circunstancial. Na verdade, isso se afasta do ideário do trabalho de campo que, para Malinowski, em essência viria a produzir uma autêntica visão das concepções grupais devido ao significado de suas práticas experimentadas em campo pelo pesquisador (decifrador) e escritor das paisagens de vida.

Caminhando em meio a problemas metodológicos, políticos e éticos da pesquisa antropológica, tornou-se um dilema a exigência de que o antropólogo realize trabalho de campo. Das diferentes situações de pesquisa e dos diferentes contextos, Giumbelli (2002) sugere a releitura de formas precedentes de delimitação de objetos e de delineamentos metodológicos, por meio de reflexões que indaguem a necessidade de constantes referências “a autores e momentos que ocupam lugar crucial naquela delimitação e naqueles delineamentos” (p. 105).

No entanto, por outra abordagem, Peirano (1995) se posiciona a favor da etnografia. Fica apresentada a pesquisa de campo como central na antropologia, e não por suas eventuais implicações retóricas do estilo monográfico, e nem tampouco como mera técnica, passível de substituição. Ela destaca que se trata de um procedimento com implicações teóricas específicas, pois, tem-se um meio para que a teoria antropológica se desenvolva e se sofisticue enquanto desafia conceitos estabelecidos pelo confronto. Aliás, desse ponto de vista, existe ainda a possibilidade de avaliar que o rigor analítico e o “ruído” etnográfico não são incompatíveis na antropologia, seja ela disciplina de artesãos, microscópica e detalhista, mas que independentemente disso sempre reconhece a temporalidade das explicações.

O fato é que os antropólogos - por variadas formas de atuação nos mais diferentes contextos em que fez do “outro” objeto de investigação – tiveram o seu ofício focalizando, no campo, o humano portador de outras culturas, desde os primórdios das atividades relacionadas à escrita de vidas. Apesar disso, Oliveira (2006) alerta que no

exercício antropológico “não existe um terceiro lugar neutro, de onde se possa falar” (p. 39). De uma postura antropológica clássica inicialmente comprometida com sua própria cultura, que é local e posição de fala, notamos a vocação etnográfica eminentemente relativizadora. Trata-se, antes de tudo, de um ponto de vista realocado pela inserção do observador num lugar, onde principalmente a escrita se faz uma intérprete de fenômenos sociais aparados pelo etnógrafo, que exercita sua atividade pela prática política, como cientista e como cidadão.

Está mais evidente agora uma questão intrínseca à antropologia e que, igualmente, subsidia esta pesquisa que possui uma inclinação etnográfica em seu levantamento e interpretação de dados coletados em parques. Portanto, precisamos ter clareza que, não diferentemente de outros campos de construção do conhecimento, a investigação ou a rememoração de um método está sempre sustentada por certa busca pela apropriação da verdade. É o lugar da interpretação afastado de uma “antropologia interpretativista”, como sustenta Oliveira (2006), que passa a unir o binômio explicar-compreender ainda mais vinculado à noção e à maneira de produção e apreensão do discurso disciplinar. É fato que, para este autor, longe da neutralização do pesquisador está a necessidade de apreender o sentido, o que ocorre *na* e *durante* a pesquisa de campo e ainda no período de elaboração de uma narrativa ou textualização da cultura. O uso dessa dupla interpretação consolida “a não exclusão de nenhuma das modalidades de interpretação, vendo-as igualmente importantes para o ofício etnográfico” (p. 106).

O que está em evidência é uma reflexão amparada no ofício etnográfico e em possíveis questionamentos sobre a atividade de pesquisa em um campo experienciado. Mas, precisamos dizer que, no lugar de buscar sistematizações ou paradigmas para a realocação metodológica da pesquisa antropológica, o que pretendemos aqui é contribuir com a disciplina sem tentar desfazer dilemas. Ao contrário, partimos dos mesmos para sustentar a existência da experiência de paisagens a fim de se ocasionar a escrita deste estudo. Afinal, a Antropologia ainda hoje, assim como disciplinas semelhantes à Geografia e a Psicologia Social, podem ser lidas com amplitude teórico-metodológica pelo manuseio das impressões coletadas em campo.

É pela vivência do campo, nos meandros de consolidação da atividade etnográfica, que os pesquisadores elegem paisagens (configuradas pela percepção de significados) como o seu universo de fenômenos culturais a serem descritos. Como exercício e ofício, o estudioso começa a passar por elas com a finalidade de tentar elaborar um mapa aproximado da realidade. Mas quase sempre, o que se alcança é o

caminhar em meio a uma névoa de possíveis. Inclusive, isso pode ser correlacionado ao que Geertz (2002) assegurou estar implícito na realização etnográfica ou na pesquisa de campo de modo genérico. Para ele, geralmente os autores precisam convencer-nos não apenas de que “estiveram lá”, mas ainda de que teriam visto o que viram, sentido o que sentiram e concluído o que concluíram.

Agora se sabe que uma breve apreciação da prática antropológica contempla a amplitude semântica da paisagem vivenciada enquanto fenômeno cultural complexo em muitas outras disciplinas. A fim de expor que qualquer contexto suscita um movimento de comunicação e argumentação, principalmente para com a sua própria cultura, é que tem sido necessário reapresentarmos aqui a problemática da produção de narrativas em associação às paisagens. O que está em evidência é a tentativa de reajuste do olhar aos universos simbólicos que foram ou serão apreendidos (etnografados) como um tipo de rascunho da cultura experienciada por observações e atuações no espaço-tempo.

Antevendo que os indivíduos tecem suas redes de significado com símbolos agregados aos espaços referenciais, ou seja, por saber que toda ação humana é mediada por símbolos, retomamos neste estudo a premissa de que indivíduos e grupos estão revestido dos símbolos representativos da sua razão de existir. Há de ser dito, então, que qualquer estudo onde se busca o movimento de interpretar/produzir/interpretar paisagens, a compreensão de um fenômeno de cultura se torna um espaço de possíveis.

É por isso que a paisagem experienciada em geral lança, num mundo de coisas tangíveis, os símbolos que consolidam uma cultura e uma memória. Deste prisma, os contornos assumidos pela paisagem são expoentes de um espaço de possíveis porque suas versões são agrupadas pelos “produtores culturais que têm em comum um sistema de referências comuns, marcas comuns, em resumo, algo chamado espaço dos possíveis” (Bourdieu, 1996, p. 57). Pode-se dizer até mesmo que em tal espaço transitam sistemas de coordenadas narrativas que fixam a paisagem entre motes de espacialidade, sociabilidade e temporalidade que a instalam em uma dimensão física.

Esta redução de contexto deixa nítido que “a relação entre o mundo social e as obras culturais funcionam na lógica do *reflexo*, o que vincula as obras às características sociais dos autores ou dos grupos que eram seus destinatários reais ou supostos, e cujas expectativas eles certamente atendem” (Bourdieu, 1996, p. 58, grifo do autor). Em meio a relações de força, o discurso conserva ou transforma estratégias de atuação, defendendo alianças, fundando escolas, estilos ou vertentes, com interesses específicos.

O ato de tomar etnograficamente, ou seja, a ação de interpretar uma paisagem articula tanto a experiência, quanto a compreensão e a explicação recobertas por um processo mediador de conhecimento: a experiência escrita da paisagem. A etnografia da paisagem faz emergir importantes questões sobre a forma de projeção da narrativa e da produção simbólica de cenários ativos. Por isso, decorrente da experiência humana e da fluidez das percepções, tivemos em vista, já no início neste estudo, que a paisagem também presume uma interpretação situada para além das fronteiras do espaço físico, num ponto reunido com as possibilidades psicossociais de registro do vivido.

Ao compormos este estudo como um local para evocação da paisagem experienciada, entram em convergência a percepção e leitura de paisagens juntamente com modo não definido ou com a perenidade concedida ao sentido de qualquer experiência narrada. Agora está mais claro que a significação narrativa passa a ser dependente da perspectiva interpretativa assumida tanto pelo autor, como pelo seu leitor. Neste campo de tensões, estamos empenhados em associar o estudo da paisagem à Teoria das Representações Sociais devido à rica possibilidade de interação disciplinar que se apresenta para os estudos culturais sobre paisagem. O mais importante realmente é que, pela correlação do fazer antropológico com uma perspectiva pautada nas representações sociais, abrimos um caminho bastante válido para a promoção de discussões lado a lado com algumas referências teóricas de relevo no campo psicossocial, de maneira que o debruçar sobre a paisagem seja um exercício reflexivo impulsionado, desta vez, pela análise estrutural de um fenômeno de cultura.

É por isso que no capítulo seguinte, em primeira instância, daremos ênfase a alguns campos teórico-conceituais interligados à paisagem. Os estudos relacionados ao escopo da Geografia Cultural, mais enfaticamente, nos dará subsídio para interpretarmos a vasta rede de significados que foram concedidos à paisagem no campo da geografia. Mas, logo no terceiro capítulo, nossa construção interpretativa enfatiza a observação do objeto segundo a sua representação. Com vistas ao uso da Abordagem Estrutural neste estudo, interligamos a Psicologia Social ao fenômeno de cultura que apreciaremos como experiência direta que ocorre em estruturas materiais de mediação. Assim, daremos atenção para o tratamento etnográfico da formulação do fenômeno, pois construiremos algumas interpretações possíveis para o elo entre ação e representação que tem resultado na instalação física, psicológica e social da paisagem.

## **CAPÍTULO 2**

### **AS ESCRITAS DA PAISAGEM**

#### **2.1 – Interlúdio**

Este capítulo media a transição da abordagem antropológica para a reflexão psicossocial. Figurativamente, construímos um interlúdio que preenche o intervalo existente entre dois atos discursivos. Para nós, a importância deste capítulo intervalar é enfatizar o interesse desta pesquisa para a polissemia de um fenômeno ou manifestação. Na medida em que porta significações, ou melhor, remonta à interação discursiva e à gestação de sentidos, a paisagem inclusive pode subsidiar o diálogo proposto em meio a uma grande variabilidade de abordagens teóricas. Em princípio, falamos do fenômeno retratado em algumas obras clássicas da antropologia, uma vez que os clássicos antropológicos realçam o método etnográfico enquanto um dos primeiros propulsores e direcionadores da interpretação de paisagens. Mas, agora, nossa reflexão volta-se para a imagem social que ao mesmo tempo detém e prolifera expressividade exigindo, para a melhor compreensão da sua dinâmica, a revisão de ponderações ligadas àquela transitoriedade assumida pelo lugar.

Inclusive, neste ponto fazemos um aparte para considerarmos que esta pesquisa tenciona superar dicotomias entre espaço e lugar, porque entendemos que eles são igualmente resultantes de interações históricas, sociais, espaciais e culturais. Espaço e lugar são para nós elementos imagéticos inseparáveis para uma reflexão que colaboram para o manejo conceitual da paisagem. Inclusive, adiantamos que no terceiro capítulo a relação entre o lugar e o espaço está conectada à expressão “ambiente de cultura”. Deixamos claro, assim, que não é de nosso interesse a cisão correntemente injustificada entre termos que se configuram como fenômenos humanos e que, segundo Tuan (1983), também desempenham um importante papel na conformação de paisagens.

Antes de tudo, o que pretendemos com isso é percorrer algumas construções discursivas sobre a paisagem. Isso nos permite compreender que não existe propriamente o humano e o lugar (ou o espaço) definíveis de uma vez por todas, seja na fluidez do tempo e da sociedade. É que, neste momento do estudo, qualquer categorização que ordena as configurações assumidas pelo lugar e pelo espaço virá a



reiterar noções dualistas sobre a existência (ou a persistência) da paisagem. Em oposição a isto, a pretensão deste segundo capítulo é problematizar que o lugar imaginado sempre ultrapassa a conformação que engloba parâmetros de natureza histórica, geográfica, jurídica, administrativa, sociológica. Conforme fenômeno cultural, a paisagem supera a mera indicação de referência espacial e social, pois se deflagra nas interações discursivas que a reeditam.

Apreciando categorizações, poderíamos acabar por colocar em evidência uma sensação de oposição entre extremos, que ainda está bastante impregnada na lógica de apreensão do lugar e do espaço topográficos. Mas, o que requeremos aqui é tão somente pôr em evidência versões e visões conceituais diversificadas, as quais tencionaram dar consistência à paisagem, que é verdadeiramente uma representação. Mesmo que o campo da produção dos discursos sociohistóricos sobre o lugar tenha tentado tornar comum a preocupação em transformar a paisagem numa imagem delineada e familiar, ela nunca deixou de depender do necessário estranhamento e distanciamento para que seja compreendida. Seguindo este caminho, notamos que ainda é bastante forte e corrente a produção de um pensamento social, incorporado por escritores, pintores, cartógrafos, desenhistas e/ou historiadores, através do qual está sendo efetivada uma atitude muitas vezes rígida e literal de historicizar, espacializar e sociabilizar a paisagem. Precisamos repensar a ação discursiva que fixa marcadores no e pelo espaço-tempo narrativo que, enquanto portador de significações, é incessantemente reiterado.

Devemos deixar claro, finalmente, que das muitas questões que estão postas neste estudo, nenhuma delas se refere ao desvendamento do “melhor e mais verdadeiro” conceito de paisagem, porque na realidade o que existem são (re)leituras emergentes das mais variadas disciplinas. Sem dúvida, os procedimentos de invenção e fixação da paisagem, em nível discursivo, desencadeia a produção de uma imagem delineada e familiar do espaço. Isso traz importância à ação de percorrer perspectivas das mais diversificadas sobre a paisagem com o intuito de transpor essencialismos. Atravessamentos mediam a interpretação de alguns conceitos e, fundamentalmente, promovem a visualização da paisagem enquanto fenômeno cultural polissêmico.

Os modos de ver o mundo, arraigados nas expressões da cultura identificadora, têm sido usados para explicar o grupo social como uma soma de práticas coletivas. Ao considerarmos que o indivíduo reitera seu lugar evocando os elementos significativos de sua história, colocamos em destaque que as noções materializadas da paisagem são criadas conforme campos de poder assentados na língua ou na cultura. Isso explica a

tradução da paisagem em termos espaciais, já que ela quase sempre resulta das tentativas de unir aspectos de referência física e psicossocial.

Desse enfoque, não desconsideramos que, em se tratando dessa “realização inacabada” que é o conceito de paisagem, devemos mobilizar a interpretação de paisagens de acordo com variedade de suas significações conceituais. Apresentamos a paisagem que recebeu a marca social e, além de ser uma representação organizada e estruturada, também ocasiona o olhar a sua própria polissemia. Procuramos problematizar, assim, que o local recebe marcações do grupo ao qual se associa por um processo dinâmico de desdobramentos sociohistóricos. Se a paisagem não raro é chamada a expressar um ponto de orientação, isso se deve à sua capacidade de representar relações significativas entre os elementos do meio social: pessoas, lugares, instituições, acontecimentos. Por isso, quando dizemos que a paisagem não comporta homogeneidades, estamos promovendo um campo de tensões e fusões.

Observamos que as paisagens muitas vezes estão encobertas pelas tentativas pelos fenômenos de cultura. Nossa reflexão, assim, precisa se debruçar sobre as posições ocupadas pela paisagem em algumas disciplinas. Nos limites deste capítulo, não temos um “estado da arte”, mas uma expressão abreviada de conteúdos multidisciplinares que ilustram vários estágios de tratamento teórico da paisagem. Como todo produto decorrente de um posicionamento político, a paisagem também se escora na construção de sentidos multi-experenciados. Em razão de vislumbrar algumas considerações sobre a paisagem, nosso estudo caminha em meio a abordagens aparentemente desarticuladas. Com a harmonização de uma matriz que associa inferências e amplia as possibilidades de revisão conceitual desse produto simbólico, são reunidas possibilidades interpretativas e conexões paulatinas. Este argumento explica em parte a necessária apropriação, neste estudo, de uma bibliografia com caráter multidisciplinar e de perspectivas emergentes de diferenciados suportes teóricos. Revisamos a paisagem pela construção de um percurso que justapõe conteúdos e nos oferece a possibilidades de refletir sobre a instalação física e simbólica de paisagens que se transformam em ambientes de cultura.

## **2.2 – A prática do fenômeno de cultura polissêmico**

Além de descrições das relações sociais, estamos colocando neste estudo aspectos inerentes à experiência e comunicação da paisagem, que é prática social

tanto quanto é fenômeno de cultura. Amparamos, portanto, a exposição de múltiplas perspectivas sobre a paisagem, pois entendemos a validade do manuseio crítico de variadas versões para a paisagem. Justificamos então a existência de um diálogo com autores oriundos de campos do conhecimento diversos e também com reflexões teórico-conceituais que partem das suas disciplinas de origem. Por pontos de vista diferenciados, apreciaremos o ato de experienciar a paisagem, basicamente enquanto fenômeno mediado por complexas redes de negociação de significados, que quase sempre são contextuais.

O entendimento da paisagem como fenômeno cultural desvela possibilidades para compreensão do processo de comunicação, seja ele voltado para prática social ou inclinado à percepção de formulações culturais. Sem dúvida, a experiência e a narrativa não se dissociam do exercício de observação da paisagem. Estando a experiência e a narrativa incorporadas na leitura e na escrita, elas não cessam no tempo, garantindo a sobrevivência da paisagem como esboço, recorte, percepção, perspectiva, ou mesmo como representação. Com certeza, entendemos que foi esse movimento de multi-experienciação conceitual da paisagem que tem circunscrito tamanha inquietação diante dessa temática. Um dos expoentes de tal inquietação é Simmel (1988), para o qual há uma violência na experiência paisagística, pois, devido a ela, existe o sentimento de pertencer a um Todo (o sentimento da grande natureza), que acompanha inevitavelmente a individualização e o medo de ser arrancado da experiência. Nessa paisagem que significa originalmente a restrição do visível e do sensível ao recorte primordial de significação, teremos sempre novas possibilidades de existir. Pela retomada de Simmel, qualquer olhar é capaz de apreender uma totalidade enquanto paisagem. Isto equivale a dizer que, através da existência e dos procedimentos narrativos da vida, “a parte de um todo se torna, por sua vez, um conjunto independente, que se desprende do precedente e reivindica seu direito em relação a ele” (p. 232).

De alguma maneira, o argumento anterior também prevê uma paisagem atormentada pelo infinito, sendo a insistência de uma presença transbordante deste infinito no finito, mascarando-se como a força mais íntima da experiência paisagística. Dizendo isso, Besse (2006) aclama a paisagem segundo um movimento que exprime, por várias disposições, o que chamou de “pressentimento de uma relação com uma extensão e um movimento ‘infinitamente mais vastos’, que se dá na essência mesma de um olhar às vezes momentâneo” (p. 9). Como parte invisível do espaço, como fenômeno de cultura que se experimenta, como forma de extravasar constantemente o

visível e evidenciá-lo, para este autor, a paisagem tem delimitado o mundo e insinuado em suas margens a presença de uma vida tumultuosa.

O explorar pela curiosidade, o descobrir pela conversão, o cultivar pela intuição, o desvendar os símbolos ou o enveredar pelas frestas da fisionomia e da presença, todos estes atos sem dúvida denunciam e anunciam o interior da paisagem que começa a se definir pelo olhar de cultura. É compatível inclusive considerarmos a persistência da paisagem através daquilo que existe de sentimento, sensação, pertença ou discernimento em relação a ela. Em Sansot (1983), é a cultura que engendra a nossa percepção do mundo e os critérios estéticos pelos quais acreditamos exprimir nosso gosto. Essa apropriação da paisagem, no entanto, deixou manifesto que a percepção reside no sentimento emanado por entre processos polissêmicos de leitura e escrita de um fenômeno amplamente experienciado.

Como exemplo disso, em certo momento Corbin (1989), outro experienciador conceitual da paisagem polissêmica, destacou que a época clássica, com raras exceções, ignorou o encanto das praias de mar, a emoção do banhista que enfrenta as ondas e os prazeres das temporadas marítimas. Para ele, uma capa de imagens repulsivas impediu por muito tempo a emergência do desejo à beira-mar, de forma que “a cegueira e o horror integraram-se em um sistema global de apreciação das paisagens naturais, dos fenômenos meteorológicos e das impressões cinestésicas cuja configuração se esboça pouco a pouco a partir da Renascença”. Para Corbin, isso coincide com o fato de que alguns territórios, como as praias e o mar em extensão, transformaram-se em espaços do vazio, dentro dos quais estavam abrigadas formas das mais diversas decorrentes do imaginário ocidental. Então, fez-se necessário compreender a gênese das leituras e das práticas novas da paisagem litorânea, o que implicava em perceber previamente a ocorrência do feixe de representações que funda a repulsa. E o que se entendeu foi que “o sistema de apreciação não decorre apenas do olhar e da bagagem cultural; advém primeiramente das experiências cinestésicas, sobretudo quando estas se impõem com tanta força quanto as náuseas provadas pelo arfar e balançar do navio” (p. 27).

Partindo de um ponto de reflexão similar, mas sem dissociar as experiências cinestésicas da bagagem cultural, Silveira (2009) diz que as paisagens são manifestações culturais. E por serem assim, elas potencializam a interligação com o ato cognitivo da interpretação. Intimamente associada à percepção e à representação, a paisagem “emerge como fenômeno cultural experienciado num contexto específico, [...] porque resultaria das relações simbióticas e tensionais do ser humano com o planeta, no

corpo do que chama de processo biogeocósmico” (p. 72). Na integração com o cenário de vida que o homem passou a experimentar um vínculo interior e exterior que o torna, em primeira instância, um ser que representa a si e à paisagem. Aparece aí a recursividade descrita por Silveira como biocultural, porque é simbólica e ecossistêmica, impulsionando o fluxo informacional que entra em jogo nessa dupla interação. Todavia, para este autor, a bagagem através da qual cada homem ordena sua experiência sensorial é variável, no sentido de que é determinada pela sociedade que influencia a sua prática de vida, pois media as atividades recursivas do cotidiano que passam a corroborar com a produção ou reprodução simbólica de espaços-tempos.

O nosso movimento para apontar a paisagem como fenômeno de cultura é, ao mesmo tempo, uma tentativa de demonstrar, como fez Said (2007), que existe uma prática universal de designar mentalmente um lugar familiar, que é “o nosso”, e um espaço não familiar além do “nosso”, que é “o deles”. Esse modo compreendido como um recurso para fazer distinções geográficas, que podem ser inteiramente arbitrárias, nada mais é do que o uso da paisagem como perspectiva para compor um esboço territorial dinâmico, fluido e particularizado. Dito isso, é necessário estarmos atentos para a formulação “das fronteiras geográficas que acompanham as sociais, étnicas e culturais de maneiras previsíveis” (p. 91). Afinal, as suposições, associações e ficções amontoam-se no espaço e requerem tais fundamentos para marcar sua existência. Nesse sentido, a paisagem, que é o universo ora aprisionado e ora praticado pela percepção, atuando com dinâmica processual por meio da qual são articulados modos técnico-culturais de ação sobre o meio “eco-antropológico”<sup>17</sup>.

Toda a multiplicidade conceitual da paisagem nos faz recorrer a Geertz (2004) que diz que quaisquer observadores manifestam uma sensibilidade adquirida através da experiência total de sua vida. A partir daí fica mais clara a razão sociohistórica de indivíduo, natureza e cultura apresentarem entre si uma íntima relação, decorrente de um complexo jogo de permutas. Somos cercados por sistemas que surgiram e se expandiram ao redor do emaranhado de práticas herdadas, crenças aceitas, juízos habituais e emoções. É na experiencição que o sujeito adquire, desenvolve e expressa sistemas esquematizados e organizados de pensamentos e de práticas, recursos estes que são “um elemento tão proeminente em nossa própria paisagem que não podemos sequer imaginar um mundo onde eles, ou que algo parecido com eles, não exista” (p. 112).

---

<sup>17</sup> Silveira (2009) utiliza deste termo para expor que natureza e cultura interagem a partir dessa plasticidade denominada “eco-antropológica”.

Intercambiando nossa reflexão sobre o fenômeno de cultura “paisagem”, torna-se importante fazermos emergir nesta reflexão aquilo que para Merleau-Ponty (1979) era o espaço praticado, vivido, percebido, e que fora denominado “espaço antropológico” - em contraposição ao espaço geométrico hegemônico e estático. É necessário, porém, dizer que neste estudo o espaço não é concebido como algo isolado por contraposições, mas está justaposto às múltiplas unidades de sentido que a ideia de paisagem abriga. Postulamos que o estar em um lugar é estar em condição de percebê-lo, o que aproxima o indivíduo das paisagens. Afinal, como um procedimento cíclico, as narrativas pelas quais damos sentido às nossas vidas dificilmente não estão enlaçadas à percepção dos lugares vivenciados e veiculados por convenções discursivas. Nesta mesma linha, ainda existe o esforço para reivindicar a particularidade do lugar dentro da universalidade do espaço, configurando-se tal ato como um recurso para empoderamento da corporeidade. Por esta perspectiva, em Merleau-Ponty esse possível espaço existencial, que é a experiência em um ambiente exterior, faz com que “existam tantos espaços quantas experiências espaciais distintas” (p. 327).

No entanto, o lugar e o espaço aqui neste estudo não estão dissociados, porque se fundem para abrigar amplos fenômenos de cultura. Há nesse processo uma extensa margem para o exercício da subjetividade do olhar diante do tratamento fenomenológico do espaço. Seguindo essa direção, Casey (1993) sugere a abordagem fenomenológica como a mais apropriada o exercício de reapropriação social dos espaços-lugares mediado pela experiência. A fenomenologia estaria, nesse tocante, interessada no papel da percepção dos e nos lugares. O importante seria o humano chegar à condição de “sentir-se num lugar”. Todavia, ao estarmos constantemente com a visão voltada à presença nos ambientes, de certo modo se privando da experimentação, a percepção predominante pode ser a do espaço desnudo de qualidades. Husserl (1999) e Merleau-Ponty (1990), nesse sentido, afirmam que a percepção é primária e, portanto, ela precisa conceder mais do que meras descrições de superfície. O estar em um lugar seria para eles nada mais do que estar em condições de percebê-lo. Isto é o primado da percepção que se dá através de um corpo sensível num dado horizonte.<sup>18</sup>

Pelas vias da apreciação fenomenológica, proposta por Casey (1996) ao caminhar pelos fundamentos de Merleau-Ponty, foi dito que na maioria das vezes os horizontes externos que abarcam tanto uma cena dada como um todo ou como a

---

<sup>18</sup> É por isso que Heidegger (1971) diz que precisamos habitar poeticamente e aprender a residir na Terra. A prática de residir poeticamente, segundo ele, nos levaria a atitudes mais côncias.

coerência da percepção, “são fornecidos pela profundidade, sendo horizontes de *cada lugar* que nós ocupamos como seres que sentem” (p. 18, grifo do autor). Não poderíamos assim falar apenas do mundo, mas deste mundo que nos engloba e que o concebemos pela existência prática. Um dado fundamental a ser reapresentado aqui diz respeito à busca da reapropriação social de sentidos do lugar. Contudo, em certa medida devemos ter cuidado para não cairmos no extremo oposto de absolutizar os horizontes. Antes do encontro com um caminho para apreciação do fenômeno de cultura, é importante considerarmos as capacidades perceptivas do próprio corpo. O corpo e a sensibilidade, aliás, foram os primeiros a serem considerados como mera extensão, ou seja, como mero espaço. Mas, precisamos dizer que a suposta apreensão do corpo ao lugar se dá através de um *estar-com* que é inexorável à nossa condição no mundo vivenciado. Da perspectiva de Casey, portanto, negligenciar o mundo da vida é acima de tudo ignorar a experiência do corpo-vivido.

De certo, chegamos ao ponto em que está ainda mais evidente que a paisagem é um tema interdisciplinar, com uma amplitude semântica que merece de fato ser evidenciada como formulação e como problematização. Por isso, estamos manuseando esse fenômeno de cultura como prática social implicada em percursos teórico-conceituais dos mais variados. O que esperamos é que a partir desses múltiplos sentidos, possamos restabelecer formas específicas de interação com a paisagem. Numa tentativa de tradução dessa trama, podemos conduzir esta discussão tanto através de Schama (1996), para o qual “todas as paisagens, do parque urbano às trilhas na montanha, têm a marca de nossas persistentes e inelutáveis obsessões” (p. 29), como pelo que o filósofo Bachelard (2005) propôs enquanto poética do espaço. Seguindo ambos os estudiosos, tem-se que a percepção (mesmo sabendo que a imagem e o símbolo são sempre anteriores a ela) possibilita a manifestação fenomênica do olhar. Como propôs este último autor, “no reino das imagens, o jogo entre o exterior e o interior não é um jogo equilibrado” (p. 19). O ato da contemplação revela-se na entrega do olhar sensível ao universo de formas que, transformado em possibilidade criadora, sustenta o manuseio das imagens poéticas dispersas no espaço.

Ocorre que seguindo por vias diversas de construção teórico-metodológica, entendemos que a paisagem pode fundamentalmente estar interligada à dimensão da percepção e da afetividade, de maneira que sua existência se dê consonante com a prática social que a torna subordinada ao fluir da vida. Por isso, é comum que se desdobre, por essa forma de leitura do espaço, o que para Bachelard (2005) era o

“*dessocializar* de nossas grandes lembranças para atingir o plano dos devaneios que vivenciávamos nos *espaços de nossas solidões*” (p. 28, grifos do autor). É pelo espaço e no espaço que “encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências” (p. 29).<sup>19</sup> A paisagem, como dimensão praticada no tempo, pode ser percebida pelas parciais da imaginação no próprio espaço vivido.

Consideramos que a imagem social – ao revelar-se um fenômeno do ser nesse fundo comum que é a cultura – possibilita que “o humano experimente de forma diversa a sua relação com as paisagens naquilo que elas têm de espacialidade (uma abertura e perspectiva ou projeção do olhar sobre um conjunto de formas considerando uma prática do lugar de pertencimento)” (Silveira, 2009, p. 78-79). Trata-se da negociação discursiva do com os significados atribuídos aos lugares pelos vínculos simbólico-afetivos. Não há dúvida de que, desta perspectiva, as formas de sociabilidade, dentre as quais está o lúdico e a contemplação, refletem a possibilidade de experimentação estética da relação com o lugar.

Embora já não pareça incomum dizermos, vale reforçar que as peculiaridades enunciadoras da paisagem se tornaram a própria experiência e a comunicação a partir dos muitos modos de percepção conceitual do espaço. Precisamos mesmo ir além da dicotomia criada por Certeau (2009) para distinguir espaço e lugar<sup>20</sup>, por meio da qual há o “lugar praticado”, em que indivíduos atuam cotidianamente se articulando com variantes polissêmicas, em espaços privilegiados onde o processo histórico se efetua enquanto devir humano no tempo. Já é momento de transpormos a ideia restritiva de que o papel dos relatos é tão somente “transformar espaços em lugares ou lugares em espaços” (p. 185). Inclusive, foi neste sentido que Massey (2008) pretendeu libertar o espaço de sua velha cadeia de significados e associá-lo a uma rede diferente, na qual pudesse ter maior potencial político em sua multiplicidade discreta, que é revista como impregnada de temporalidade. Sabendo, assim, que o espaço é um produto de inter-relações, onde distintas trajetórias subsistem, este autor o define como um elemento co-constutivo, uma vez que está dinamicamente em reedição. É pela discussão da associação entre o espacial e a fixação do significado, que a representação<sup>21</sup> foi

---

<sup>19</sup> Para Bachelard (2005), o humano vive uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, porque o espaço é o tempo comprimido. E essa é a função do espaço para ele.

<sup>20</sup> Certeau (2009) entende que o “lugar” é uma configuração instantânea, uma indicação de estabilidade, enquanto o “espaço” seria um resultado das práticas do lugar, por meio do qual são produzidas operações sobre as instâncias ordenadas e co-existentes do lugar.

<sup>21</sup> Neste estudo, o interesse pelas “representações” perpassa colocações assentadas por Massey (2008), que se interessa em repensar o espaço devido às mudanças de compreensão, atitudes e políticas. Por isso,



concebida como espacialização, inclusive do tempo. A representação surge - por uma nova política de espacialidade pautada num posicionamento intelectual processual - a fim de apreender simultaneamente o temporal e o espacial, podendo ser por vezes a própria “i-representação” ao se dispor de modo constitutivo.

Apesar de tentar se deslocar da espacialização ou da representação como busca da “realidade”, Massey (2008) opta por tentar escapar do dualismo e aponta que “o espaço conquista o tempo a ser estabelecido como representação da história/vida/o mundo real”. Assim, num espaço de leitura da paisagem como fenômeno cultural, cabe ficar atento à complexidade da imposição de uma ordem de vida inerente à noção do real. Seguindo paradigmas ditados por este autor, fica evidenciado o risco da “ordem (espacial) obliterar a desarticulação (temporal)”, e uma imposta “imobilidade espacial silenciar o devir temporal” (p. 56). Nesses termos, a própria vida e certamente a política podem ser arrancadas da paisagem, que ao se congelar, perde a fluidez que a molda como um dinâmico exercitar de experimentações. Por esta via, a visão de Massey (2008), apoiada na desconstrução de Derrida<sup>22</sup>, articula o tempo ao espaço, afirmando que “o efeito da espacialização já implica em uma textualização”. Por esta concepção, ele demonstra que o mundo – que é um espaço, um tempo, um território, um lugar, um cenário, uma imagem, uma presença, dentre outras definições - não é como um texto, “mas um texto (mesmo no sentido mais amplo do termo) é que se torna, simplesmente, como o resto do mundo” (p. 88). A existência discursiva da paisagem por esta medida pode ser sobreposta à inversão da mirada apreciativa que tende a transformá-la em mundo preexistente ao texto ou até mesmo em mundo-texto.

Embora seja inusitado o emparelhamento da posição teórica de diversos autores oriundos dos mais diversos campos do conhecimento, talvez seja pela aplicação de múltiplas abordagens que haja a possibilidade de percebermos a polissemia da paisagem. É sempre bom lembrarmos que um fenômeno de cultura tem uma natureza adaptativa, embora seja algo estável e organizado. A paisagem, então, acaba por gestar

---

ele propõe que a representação foi concebida como espacialização, decorrendo também no tempo espacializado. A representação, assim, é o elemento que endossa a dominação do tempo pelo espaço.

<sup>22</sup> Nesta reflexão, o uso do postulado de Jacques Derrida, derivado do deconstrutivismo (muitas vezes traduzido também como “desconstrucionismo”), relaciona-se ao emprego teórico do termo no qual há uma realidade estrutural move-diça, que não requer garantias de critérios fixos para impor-se como realidade. O processo de desconstrução é lido aqui como método cuja intenção é apagar ou corromper o conhecimento acumulado sobre o mundo, destruindo a estrutura ordenada em praticamente tudo que possui organização: textos conectados, conhecimento acumulado, idéias testadas, resultados científicos e, é claro, estruturas construídas. Em parte, é válido ponderar, como fez Derrida (1994), que o “ser e não ser” das coisas retrata um processo permanente de atravessamentos, possibilidades e mudanças chamado desconstrução.

mais do que o fenômeno abrigado na experiência, na narrativa ou no espacial obliterado pelo textual, e vice-versa. Ela somente se polpa da desfiguração e do esmaecimento por conta dos recursos que o ato de vivenciá-la e recontá-la efetivam no contexto das sociedades que cotidianamente. Principalmente mediante as diversas perspectivas teóricas aqui apresentadas, entendemos que um estudo sobre a paisagem como fenômeno de cultura deve observar todas as formulações sobre o conceito antes de traçar um encaminhamento teórico para análise. E é neste sentido que continuaremos a caminhar no próximo item.

### **2.3 – Uma perspectiva renovada da paisagem**

A paisagem é uma palavra que encerra em si uma ampla etimologia, como avaliaremos no tópico seguinte. Mas, quando são reunidos campos de escrita da paisagem, é interessante dizermos sumariamente que foram os pintores um dos primeiros a assumir aquela figura, vista como imagem da natureza, que era chamada de paisagem. Para Cauquelin (2007), a noção de paisagem e a sua construção ao longo do tempo deram uma forma, um enquadramento e medidas a nossas percepções ou perspectivas – distância, orientação, pontos de vista, situação, escala.<sup>23</sup> A priori, a primeira e mais perceptível ampliação veio daquilo que parecia mais próximo da paisagem: o meio ambiente físico. E, de fato, constatamos que os dados do ambiente físico ainda mantêm um contato estreito com os desenhos perceptuais e desdobramentos encorpados pela paisagem.

Entendemos então que a noção de paisagem e a sua realidade percebida são justamente uma invenção, Cauquelin antevê que se trata de “um objeto cultural patenteadado, cuja função própria é assegurar permanentemente os quadros da percepção do tempo e do espaço, presidindo todas as tentativas de ‘repensar’ o planeta como eco-sócio-sistema” (p. 12). É bem verdade que diante desta análise, podem emergir reflexões sobre a suposta artificialidade das paisagens clássicas interligadas quase sempre à simples mensuração espacial.<sup>24</sup> Se as dimensões práticas da existência

---

<sup>23</sup> Cauquelin (2007), em *A invenção da paisagem*, fez uma reflexão sobre a noção de paisagem, idealizada e reproduzida como equivalente da natureza. Esta autora sugere uma nova forma de pensar a arte e o homem ante as transformações tecnológicas e perceptivas que introduzem a maneira de perceber o fenômeno artístico.

<sup>24</sup> Um dado curioso a ser apresentado aqui diz respeito ao fato de que as discussões sobre a paisagem para além do espaço ou do lugar são relativamente recentes. Na verdade, o espaço e o lugar, ao longo de muitos anos, experimentaram enfrentamentos, sobreposições, extensões, conexões e dispersões entre si.

emanam dos modos de tornar palpável e substancial a experiência humana de determinado espaço-tempo, o que devem ser readequadas, portanto, são as formas de ler as paisagens segundo universos de sentidos. É com vistas a isso que Silveira (2009), avaliando a paisagem como fenômeno complexo, deixa o alerta de que o “conceito de paisagem é polissêmico, como uma noção que encerra inúmeros sentidos, em conformidade com o campo teórico e a perspectiva estética ao qual está filiado quem a interpreta enquanto fenômeno oriundo da experiência humana no mundo” (p. 71).

Em razão de uma interação histórica de debates e pesquisas sobre paisagem, neste momento nós a retomamos como um possível instrumento de uso (que inclusive já é utilizado por muitos) seja para a realização e compreensão do exercício etnográfico, ou do fazer artístico ou historiográfico pelos espaços e tempos. É momento de rever que, se o espaço— como o tempo, aliás — constitui uma das condições cruciais à existência das sociedades, factualmente a organização do mesmo sempre comporta marcas distintas da ação humana. Quando percebemos que a própria constituição do espaço ou do lugar é um fato social, podemos experimentar as infinitas possibilidades de simbiose entre as áreas do conhecimento, pois a interdisciplinaridade é operante e enriquecedora pelo agregado de argumentos teóricos que justapõe. Silva (2006) menciona que até mesmo “os conceitos territoriais tais como casa, aldeia, cidade, região ou país são simultaneamente geográficos e sociológicos”, e estas perspectivas ainda entrecruzam-se a outras “como a antropológica, a histórica e mesmo a psicológica e arquitetural” (p. 187). Devido ao exposto, o ato de retomar algumas discussões necessárias ao encaminhamento deste estudo implica em entrelaçar a paisagem a múltiplos pressupostos teóricos que a margeiam ou a definem.

É por isso que, antes de tudo, um realce para a renovação da geografia no pós-1960/70 merece ênfase sumária nesse primeiro momento reflexivo, pois trataremos do período em que houve a efervescência de considerações, com expansão de um entendimento fecundo no âmbito geográfico que perpassava à noção de paisagem. Resumidamente, precisamos destacar, por exemplo, que do ponto de vista naturalístico da paisagem nasceram as abordagens historicista e materialista, com relevo às figuras de

---

Um exemplo dessa relação remete-nos a Newton, que já no século XVIII, apresenta a noção de espaço absoluto e vazio, de maneira que os lugares passaram a ter o simples status de partes do espaço. Ou seja, primeiro se partia do espaço para depois se chegar ao lugar. Para Descartes o espaço era mera extensão. Nessa visão, o próprio corpo não é mais que espaço, pois a matéria não só ocupa espaço, mas é efetivamente espaço. Por isso, é somente nos séculos XVII e XVIII com Galileu, Descartes e Newton, ou seja, nos últimos trezentos anos do período denominado por muitos como modernidade científica, que a concepção de espaço homogêneo triunfou, vindo a entrar em crise profunda na primeira metade do século XX. A prioridade do espaço sobre o lugar, por vezes, ainda é axiomática.

Lucio Gambi<sup>25</sup>, Emilio Sereni<sup>26</sup> e Massimo Quaini<sup>27</sup>, dentre outros. Da mesma forma efetivava-se a abordagem humanística, centrada na percepção de sujeitos, na representação e nos símbolos da vida cotidiana, como fez Denis Edmund Cosgrove<sup>28</sup>. Houve ainda a elaboração de uma perspectiva interativa<sup>29</sup>, reconhecendo que a objetividade e a subjetividade da paisagem, conforme destaca Saquet (2010), se apresentaram como “uma tendência significativa à representação e à gestão de planos de desenvolvimento no nível de lugar” (p. 139).

No Brasil, partindo de uma abordagem similar à concepção historicista e materialista da paisagem, Milton Santos (1988)<sup>30</sup> - reconhecidamente um dos mais populares geógrafos brasileiros - institui que “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa vista alcança, é paisagem” (p. 61). O espaço, para ele, contém o movimento. A paisagem foi definida no domínio do visível, assim como um casamento da sociedade com a paisagem. A visão da paisagem é de cada um, porque depende de sua localização, de suas referências: “a paisagem está ligada à produção dos espaços, sendo conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais” (p. 65). Por esta formulação, a paisagem e o espaço eram um par dialético, para Milton Santos, numa relação de aparência-essência. Distinta da configuração territorial, mas como parte dela, a paisagem realmente estava perceptível, visível, através dos sentidos, fotografias ou mapas.

Numa perspectiva da abordagem humanística, Eugenio Turri<sup>31</sup> - autor de uma obra lançada em 1974, e intitulada *Antropologia del paesaggio* ou “Antropologia da Paisagem” - inaugura a paisagem como uma série de signos organizados social e funcionalmente (estradas, pontes, cidades), sendo que as decodificações mudam

---

<sup>25</sup> Com estudo pioneiro sobre a renovação do conceito de paisagem na geografia, entre outros, Gambi, durante os anos de 1961 e 1973, traz que a paisagem é construída historicamente pelo homem, sendo esta resultante de processos de diferenciação que se materializam no território. Pautado numa realidade estrutural, elucida relações entre a forma e a estrutura, na paisagem e no território.

<sup>26</sup> De concepção similar a Gambi, Sereni (1961) centrou-se na construção histórica do território e da paisagem. Para ele, a paisagem é produto das atividades e formas de vida humanas, conflitos e inovações. No discurso teórico, o espaço vem primeiro, e nas experiências pessoais é o lugar que vem antes.

<sup>27</sup> Na mesma perspectiva de Gambi e Sereni, Quaini (1973) entende a paisagem agrária como um produto histórico, com continuidades e descontinuidades, mudança e permanências. É uma concepção materialista da paisagem que combina fatores ambientais e históricos.

<sup>28</sup> Cosgrove é um geógrafo cultural, cujo trabalho incidiu sobre os conceitos de paisagem e representação. Foi um dos defensores de uma “nova geografia cultural”.

<sup>29</sup> A perspectiva interativa é um movimento que perpassa vários países, sobretudo, a França (Bertrand, Tricart etc.), a Itália, a Rússia (Sochava, dentre outros), a Alemanha, os EUA, e assim por diante.

<sup>30</sup> Milton Santos destacou-se por seus trabalhos em diversas áreas da Geografia, especialmente, as associadas a estudos de urbanização no dito Terceiro Mundo. Entendia que a paisagem tem um caráter histórico e uma materialidade marcada pela época.

<sup>31</sup> Entre 1974 e 1979, Turri cria uma produção científica para individualizar o visível, numa geografia da exploração, centrada na percepção e no simbolismo.

conforme se altera a sociedade. O território tem novas funcionalidades e o espaço vivido é a referência simbólica. As paisagens, sobretudo, são imagens da mudança. Turri (2008) passa a compreender o território como uma construção histórica, enfatizando as transformações sucessivas e os valores culturais em sua relação com a paisagem, que se transforma “na vestimenta histórica do território, onde as inscrições das mudanças permanecem, como dados, incorporados no tecido territorial” (p. 8).

De modo geral, Turri subsidiou sua argumentação em obras de geógrafos como M. Quaini, P. Claval, P. George e V. Vagaggini. Entre os clássicos, nas referências de Turri constam Dematteis, por conta do processo histórico, e Braudel, do qual Turri ratifica a teorização. O mais importante, todavia, é confirmar que a partir do caminho traçado por Turri, a paisagem em larga medida começou a assumir a designação do território tal como é apreendido pelas populações, sendo o mesmo resultante da ação e da interação de fatores topográficos e humanos, simultaneamente.

Mais recentemente, no tocante às abordagens territoriais subsidiadas por estudos da geografia, temos registros do interesse de retomada das discussões de Bagnasco (1999) sobre identidade, comunidade, reciprocidade e confiança. Teóricos como Magnaghi (2003) avançaram na compreensão do território como um produto histórico e, além disso, um conjunto de patrimônios, através dos quais se desenvolvem novos estilos de desenvolvimento sustentável ou de auto-sustentabilidade. Desta perspectiva associada à ideia de paisagem, a identidade passou a entrar em debate, devendo grande parte do seu relevo à sua retomada pela via do seu caráter político.

No entanto, partindo das abordagens de Magnaghi, estudiosos como Dematteis, Governa e Vinci (2003), por exemplo, ratificam o seu conceito de identidade para além da sustentabilidade ambiental, de modo que ela é constantemente reconstruída histórica e coletivamente, se territorializando através de ações políticas (de gestão) e culturais. Claude Raffestin (2003), por seu turno, também se destaca nessa linha ao propor a identidade não como um estado, mas como um processo “de tornar-se similar no interior de uma área territorial, com mesmas imagens, ídolos, normas, pois a identidade se constrói, desconstrói no tempo e através do tempo” (p. 4-5).

Precisamos entender, porém, que se a imaterialidade passou a significar territorialidade, ela não se desliga da paisagem porque de certa forma elas são pré-determinantes uma da outra. A identidade e as imagens (ou símbolos) antecedem o território e a territorialização. Por estudos de Raffestin (2006), fica confirmado que a paisagem inevitavelmente é constituída por diversos elementos técnicos, econômicos,

sociais, políticos e culturais, que dão vida a um determinado contexto territorial e ciclo produtivo, nem sempre observáveis, porque são imateriais.

Em função desse longo percurso teórico, dizemos que houve a fusão da paisagem com o território, principalmente porque este último correspondeu a uma realidade material e significante, que é representada por significados e imagens. Da transformação histórica do espaço, nasce o território.<sup>32</sup> A paisagem então começou a ser concebida como a representação, veiculada através de linguagens e da (i)materialidade. Vale lembrar, de outra forma, que paisagem e território aparecem separados em alguns momentos, pois são vistos como processos distintos da vida em sociedade porque, por essa concepção, o território começa a ser paisagem quando começa a ser pensado. Assim sendo, Raffestin (2005) conclusivamente entendia que “os homens, cotidianamente, não constroem a paisagem, mas o território que poderá, talvez, ser transformado em paisagem” (p. 33).

De outra vertente e segundo a apropriação de estudos inerentes à geografia da paisagem industrial na Itália, observamos que expoentes como Dansero e Vanolo (2006) adotaram um posicionamento teórico interligado à perspectiva cultural e histórica da paisagem, segundo a qual a produção de paisagens é construída historicamente e representada de diferentes maneiras. Nessa leitura, paisagem e território passam a ser processos relacionados ao mesmo movimento de apropriação e produção socioespacial, no qual a ideia (que inicialmente era a paisagem), e a matéria (que teoricamente se dispunha como matéria), estão agora em unidade.

Assim, paisagem e território tornaram-se duas dimensões distintas do real, possuindo diferentes níveis de interpretação. Mas de qualquer modo, ambos os termos formam um campo discursivo e analítico comungado. Em Saquet (2010), “a paisagem pode ser compreendida como o aparente, o observado, o percebido, o representado, mas não está deslocada da (i)materialidade do território” (p. 146). A própria imagem e o imaginário subsidiam a existência da paisagem-território na vida dos indivíduos.

O que fica evidente, pela apreciação sumária instituída a partir da chamada renovação da geografia no pós-1960/70, é que a paisagem passou a compor primordialmente um caráter relacional e integrador de diferentes aspectos geoambientais e socioculturais, tendo sua aparência definida grande parte das vezes pela

---

<sup>32</sup> Para Raffestin existe um modelo para descrever a territorialização, que segundo ele é formado: 1) pelos atores (individuais ou coletivos); 2) pelo trabalho; 3) por mediadores materiais (instrumentos, conhecimentos); 4) pelo programa do ator social (intenções e objetivos); e, 5) pelas relações entre os atores e o ambiente. O território é o produto das ações (territorialidades) dos indivíduos no ambiente.

combinação entre fatores naturais e culturais, ou ainda pela desintegração de ambos. Uma situação que demonstra isso claramente reside no fato de que, em estudos brasileiros recentes, quando se fala em patrimônio cultural, por exemplo, as paisagens podem ser contempladas inicialmente a partir de um triplo significado cultural: 1) sendo definidas e caracterizadas segundo a maneira pelo qual determinado território é percebido; 2) sendo considerada a paisagem como um testemunho do relacionamento entre os indivíduos e seu meio ambiente; 3) sendo atribuído à paisagem o papel especificador de culturas locais, sensibilidades, práticas, crenças e tradições.<sup>33</sup>

O que agora está mais nítido, depois de nossa apreciação da noção de paisagem como conceito polissêmico, é que a paisagem é uma perspectiva que coloca muitas dúvidas e aventa muitas possibilidades de uso, principalmente, para um fenômeno de cultura descrito e interpretado pelo fazer etnográfico, como é o nosso caso. A paisagem como dimensão simbólica, que especifica o humano como espécie e como indivíduo, pressupõe ainda mais que nenhum objeto, nenhuma coisa é ou tem movimento na sociedade, exceto pela significação que os homens lhe atribuem. Notadamente, pela diversidade de significados atribuídos à paisagem - seja em consonância (ou discrepância) com o território ou demais formas de apropriação discursiva do espaço e do lugar -, o que se tem são componentes que orientam a efetivação da leitura empreendida em meio à paisagem. E a polissemia, agregada à produção e à interpretação da paisagem, pelo menos por enquanto, ainda associa em si o dilema e o debate, pois analisar significados conceituais é enriquecedor, mas requer escolhas e igualmente incertezas a cada recorte teórico que se faz.

#### **2.4 – Diante da multiplicidade interpretativa de um fenômeno**

Até agora, o percurso junto à paisagem nos serviu para confirmar que quem trabalha com as mãos e ao mesmo tempo reflete sobre a sua obra, do primeiro gesto à última demão, deixa traços de que esteve lutando com forças de tensão, desafiando resistências no trato com a matéria e com as estruturas de significação. Sabendo da inexistência de um momento de leitura e de escrita que não seja simultaneamente de

---

<sup>33</sup> Embora este estudo não se relacione à paisagem enquanto patrimônio cultural, neste ponto, cabe um adendo acerca de apontamentos do projeto associado à Convenção Europeia da Paisagem, cuja discussão teve início em 1994, com desfecho no ano de 2000, através da qual a paisagem é reiterada enquanto amplo processo de discussão e análise que, de acordo com Ribeiro (2007), está sendo incorporada em diferentes dimensões do planejamento, da proteção do patrimônio cultural e da gestão de territórios, segundo diferentes contextos nacionais, na direção de atribuição de valor às paisagens.

criação, é preciso finalizarmos este capítulo dizendo da impossibilidade de definir a paisagem com base em termos simples, porque os conteúdos historicamente agregados a essa palavra são demasiado complexos. Confirmamos assim que qualquer paisagem, residente em uma produção discursiva, desdobra-se nos atos de perceber e tentar interpretar e, nesse interpretar, possivelmente começar a criar.

O ato de refletirmos sobre este estudo como sendo uma construção interpretativa é fundamental para sustentar e dar continuidade a esta discussão. Afinal, partimoa da premissa de que a paisagem, assentada na autoimagem do lugar, deriva das experiências culturais definidas em um espaço social de particularidades. Não raro sendo vista como um fenômeno instalado no espaço geográfico, o sentido sociocultural, tão presente nas imagens narradas por olhares dos mais diversos, apontam transposições do significado pela inter-relação dos leitores com a estrutura do lugar. Portanto, a nossa perspectiva etnográfica de interpretação nos remete primeiramente à observação da experiência como forma de transformação, pela perspectiva paisagística, de um mero cenário topográfico em ambiente de cultura.

Pela caracterização da imagem objetivada, pela sua articulação ao imaginário social ou, simplesmente, pelo manuseio crítico de uma narrativa que une tanto o pensar quanto o existir, abrimos caminhos para interpretar o fenômeno cultural conforme uma estrutura onde há múltiplas categorias para visualizarmos a paisagem. Assim, precisamos discutir que a determinação das características do lugar está instaurada em discursos e transformada em paisagem, perfazendo-a aparentemente fixa e estável. Mas, ao ser vista igualmente como atividade discursiva e figurativa, a paisagem certamente exemplifica o uso da marca do grupo no lugar, e essa construção cultural reordena estruturas que carecem de ponderações para serem compreendidas.

A capacidade de simbolização, primada na representação do lugar, passa pela experiencição cultural do espaço e do tempo, pois fomenta a leitura do universo público que abrange a reedição de práticas culturais subsidiadas por imagens impregnadas no espaço. A interpretação da paisagem está associada à construção do nosso olhar, porque este exercício revela o lugar como teoricamente fixo, e cada vez mais bem caracterizado, estilizado, singularizado. Para a paisagem edificar-se ela deve ser sustentada por fronteiras de valores e pela subjetivação das relações simbólicas e pelas interferências das instituições e dos conjuntos de condutas. As práticas discursivas executam o papel de condensar marcas contextuais, ao sustentarem traços estéticos no conjunto paisagístico que perpetua a simetria entre lugares, pessoas e significados.



Lembrando que este estudo perpassa o processo interpretativo, nosso estudo sobre a paisagem pode ser visto até mesmo como resultado de um “combate”, no qual a fusão de expectativas do texto com as do leitor só traz uma paz precária. De certo modo, isto significa dizer que para a leitura de paisagens, o autor leva as palavras e o leitor, a significação. Seria equivalente a afirmarmos que a amplitude do tema da interação, na interpretação ou na leitura de um campo simbólico, se revela sempre inesgotável. As conformações do mundo do texto, do autor e do leitor nunca são estanques. Nesse caso, qualquer discussão que alicia a interpretação dos sentidos expõe uma lógica de interação demasiado complexa, sobremaneira, porque depende dos posicionamentos políticos.

Como elemento de poder para grupos que dela se apropriam, a paisagem é perspectiva que codifica marcas para associar o humano às significações materiais e imateriais do lugar. O sentimento de repouso e segurança tem contribuído para a instalação da paisagem. A construção do olhar sobre o mundo, pela interligação dos processos de criação e percepção, tornou praticável a paisagem como uma estrutura multi-experenciada, que por vezes figura como matéria-prima da significação. Neste contexto, diferenciados discursos estão entrecruzados pela sobreposição não ordenada de convenções, que ramificam possibilidades distintas para o empreendimento da produção ou leitura da paisagem. Eventualmente, essa multiplicidade interpretativa do fenômeno cultural paisagem deve-se também a algo que foi investigado por Holzer (1999), em uma importante revisão bibliográfica. Ele nos revela que a paisagem “está na moda”, ganhando as páginas da mídia e sendo parte do “boca-a-boca” dos cidadãos.

Por um lado, essa constatação tem intensificado a necessidade da retomada do conceito por um grande coletivo de estudiosos e, por outro, existe uma contribuição latente para que diferentes significados dados à paisagem, no cotidiano, ganhem notoriedade e emprego conceitual corrente. Foi nesse sentido que, no texto intitulado “O Olho que observa: dez versões da mesma cena”, Meinig (1976; 2002) entendeu ser imprescindível enumerar uma dezena de significados usuais para a paisagem, sendo eles: natureza, habitat, artefato, sistema, problema, riqueza, ideologia, história, lugar ou estética. Ao deparar-se com uma diversidade impar de significados para a paisagem, esse autor conclui que, exatamente por encerrar em si inúmeras formas de percepção, a paisagem está sempre “composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes” (p. 35).

Também ciente da já consagrada amplitude conceitual da paisagem, Menezes (2002) revisita questões voltadas à problemática do conceito, e trata-a como fato

cultural encerrado num tema polissêmico e “cheio de veredas que se multiplicam, e alternativas que não se excluem” (p. 29). Com a própria etimologia demasiado negociada, a paisagem evoca reflexões sobre o conceito que não é exclusivamente geográfico, embora ainda seja um dos conceitos-chave para a Geografia. Com isso em conta, Name (2010) repensa o percurso etimológico do termo, revelando que sua multiplicidade interpretativa é um fator que jamais deve ser desconsiderado:

Segundo Holzer (*op. cit.*), *landschaft* é de origem alemã, medieval, e se refere a uma associação entre o sítio e seus habitantes, ou seja, morfológica e cultural. Provavelmente tem origem em *land schaffen*, que é “criar a terra, produzir a terra”. *Landschaft* originou o *landschap* holandês, que, por sua vez, originou o *landscape* em inglês. O termo holandês, apesar de seu significado ser igual ao correlato alemão, se associou às pinturas de paisagens realistas do início do século XVII, relacionando-se então às novas técnicas de representação renascentistas. Já o termo em inglês, originado do holandês, comumente é definido como *view of the land* ou *representation of the land* (Hopkins, 1994). Já *paysage*, em francês, tem seu significado atrelado às técnicas renascentistas, mas sua origem vem do radical medieval *pays*, que significa ao mesmo tempo “habitante” e “território” (p. 164-165).

Demonstrando que o fenômeno cultural paisagem é portador de ambiguidades, Name (2010) revela-nos fundamentalmente que “ela não é apenas a condição estática de um espaço observado por um sujeito – individual ou coletivo, que tem seus valores e crenças –, como apontava Meinig” (p. 165). De forma bem clara, este autor adota uma perspectiva que resume bem o que é discutido neste estudo, pois de fato a produção do espaço e a representação que se tem dele inserem uma perspectiva dinâmica e diacrônica em sua conceituação e significados. Assim, quando Name propõe que o conceito de cultura seja tão polissêmico quanto o conceito de paisagem, o que reaparece, na verdade, é a ideia de que ambos os conceitos caminharam largamente associados. Ao menos na geografia humana é persistente o diálogo dos geógrafos interessados neste conceito com os antropólogos interessados no de cultura.

Se se partirmos do pressuposto de Cosgrove (1998), para o qual o conceito de cultura mesmo no cotidiano é utilizado como designação para coisas distintas, teremos a cultura entendida tanto como o trabalho, a interação direta dos seres humanos com a natureza na produção (agricultura, policultura, vinicultura, silvicultura etc.), quanto a consciência, o conjunto de ideias, valores, crenças e a ordem moral. Daí, pomos definitivamente em evidência o pensamento desenhado, desde o início desde estudo, segundo o qual a interação entre a paisagem e o conceito de cultura, quando não foi

explicitamente abordado pelos geógrafos, se encontrava implícito em outras noções definidoras do conceito de paisagem.

Quando nos interessa fazer ressurgir aqui a máxima de que paisagem e cultura carregam em si uma lógica de oposição/complementação pelo contraste entre “materialidade” e “imaterialidade”, passa a ser importante observarmos informações contidas no artigo de Name (2010) intitulado “O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura”. Neste texto, muitos trabalhos de geógrafos e antropólogos foram agrupados para sustentar a articulação da emergência da paisagem à extensão da cultura. Ao fazer uma avaliação da histórica justaposição de paisagem e cultura, o autor supracitado conseguiu, inclusive, um resultado esclarecedor que aparece enumerado em seis (6) pontos que estão dispostos a seguir: 1) recorrendo, por exemplo, à revisão da obra póstuma “Princípios da Geografia Humana”, de Vidal de La Blache (1917; 1954), descortinou a paisagem como expressão do gênero de vida e cultura como hábito e adaptação ao meio; 2) diante das incertezas das duas primeiras décadas do século XX, apresentou “A morfologia da paisagem” de Carl Sauer (1925; 1998), fortemente influenciada pelo antropólogo cultural Franz Boas e carregada pelas contradições e ambiguidades da época para enunciar o trabalho no qual a paisagem é objeto central da geografia, e a cultura aparece como marca da ação humana; 3) com vistas à geografia humanista anglo-americana, que teve dentre seus expoentes John Kirtland Wright (1947), David Lowenthal (1961) e Yi-Fu Tuan (1967), as paisagens subjetivas foram fortemente entrelaçadas à cultura enquanto o conjunto de valores, tradição e arte; 4) quando do lançamento, por Yves Lacoste (1977), da revista *Hérodote*, foi demonstrado o ressurgimento da paisagem enquanto espetáculo, movimento político e parte da cultura de massa, em filmes, anúncios publicitários e cartazes turísticos; 5) ao destacar Henri Lefebvre (1974; 1981), Michel de Certeau (1980; 2009) e Denis Edmund Cosgrove (1984; 1998) como expoentes da *New Cultural Geography*, pôs-se que esta abordagem foi influenciada principalmente pela antropologia de Clifford Geertz (1973; 1989) e do seu discípulo James Clifford (1986), os quais criticaram o racionalismo e o determinismo de Bronislaw Malinowski (1944) e Claude Lévi-Strauss (1962; 1976), e contribuíram para constituição de estudos sobre paisagens imateriais, ideologias, imaginário e a interpretação das culturas, lado a lado à ideia de significado das paisagens em razão das intenções de quem as observou ou as produziu; 6) e, por fim, Name apresentou a abordagem do geógrafo francês Augustin Berque (1984, 1985, 1989, 1994a, 1994b), contemporâneo da *New Cultural Geography*, que prima pela

discussão intertextual e visualiza as paisagens e as culturas como marca e matriz de civilizações, as quais podem ser descritas e percebidas.

Objetivando a realização de uma revisão bibliográfica da relação que o conceito de paisagem na Geografia obteve com o de cultura, Name (2010, p. 179) conclui que, diferentemente de outros conceitos como lugar e território - que passaram por radicais reformulações -, “a paisagem guardou ao longo do tempo relativa estabilidade, que contraditoriamente reside em sua própria ambiguidade, nem sempre admitida pelos geógrafos”. Por isso a paisagem é afetada por diversas dicotomias, tais como: física/humana, morfologia/cultura, trabalho/ideia, materialidade/imaterialidade, representações coletivas/valores individuais, paisagem-tipo/paisagem real. E, “assim como a cultura, objeto de várias discussões dos antropólogos, a paisagem é conceito elástico, que facilmente pode ser apropriado a discursos ideológicos”.

A avaliação da história social do conceito de paisagem dispõe da variação de suas definições ao longo do tempo, talvez mais que quaisquer outros conceitos. Importante, porém, é sabermos que determinada abordagem da paisagem está implicada no que o seu autor explicita ou implicitamente entende por cultura. O trabalho com a paisagem neste estudo, portanto, rememora o que Name (2010, p. 180) diz ser “a consciência de que se trata de um conceito dinâmico, com diversas escalas de tempo e níveis de observação”, pois “a paisagem possui elasticidade e ambiguidade, necessariamente sendo impossível apreendê-la de forma totalizante e encarcerá-la em uma definição única, assim como a cultura”.

A dita multiplicidade interpretativa da paisagem, que avaliamos neste capítulo como sendo a característica de um fenômeno cultural polissêmico, expõe que a função mediadora da representação de algo para alguém não se desprende circunstancialmente do intérprete, que não foge de pertencer à história, ao espaço, ao tempo e à cultura. Em vista disso, fica mais nítido o porquê deste estudo estar sendo sustendo por pilares teóricos multidisciplinares desde o primeiro capítulo. Em outras palavras, o que deve existir nesta pesquisa agora é o empenho em associar o estudo etnográfico da paisagem à Teoria das Representações Sociais (TRS), de Serge Moscovici. Afinal, existe a urgência de uma integração interdisciplinar que fomente a interpretação, desde o exercício etnográfico, perpassando à teorização da paisagem dentre algumas bases lançadas pela geografia cultural, até a viabilização e manejo da representação social de uma paisagem consistente, que também é estável e organizada.

## CAPÍTULO 3

### PAISAGEM É REPRESENTAÇÃO SOCIAL

#### 3.1 – Quanto à natureza histórica das representações sociais

Deixando em evidência que não se pode perceber o objeto senão através de sua representação, este terceiro capítulo lança vistas ao escopo da Psicologia Social, ao fenômeno de cultura vinculado à experiência direta em estruturas materiais de mediação e, finalmente, à paisagem como resultante da instalação física, psicológica e social da representação. O refinamento da observação desse processo relacional, mesmo que em sua parcialidade, sugere que seja dada uma continuidade para a pauta da interação dialógica da paisagem, só que agora por uma outra perspectiva. O que pretendemos promover é a visualização interpretativa da paisagem pelo seu vínculo com o estudo das representações sociais, o qual direciona teóricos da Psicologia Social ao trabalho com fenômenos diretamente observáveis ou reconstruídos por um trabalho científico.

Na verdade, a partir de agora, as problematizações emergentes do estudo da paisagem articulam em definitivo um fenômeno cultural polissêmico às interpretações oriundas tanto da Teoria das Representações Sociais, quanto da geografia cultural e do trabalho etnográfico, sendo que este último, que já foi tratado no primeiro capítulo, também subsidia a construção de parte do quarto e quinto capítulos quando da apreciação dos dados coletados na pesquisa de campo em parques urbanos. Por enquanto, o estudo dos precedentes históricos da teoria de Serge Moscovici<sup>34</sup> ressurge para apresentar uma abordagem que conciliou sujeito, objeto e sociedade, articulando a composição de bases teóricas sólidas para que posteriormente fossem realizados estudos no campo ascendente da Psicologia Social.

É assim que o nosso terceiro capítulo presta-se a conciliar um debate mais refinado sobre a paisagem diante da exposição de teóricos que, de algum modo, tem pesquisas convergentes com a proposta de Moscovici. Mais adiante, as considerações sumárias de Denise Jodelet junto a Jean-Claude Abric e Willen Doise são apreciadas,

---

<sup>34</sup> Serge Moscovici nasceu em 1928, e é um psicólogo social romeno naturalizado francês. É professor emérito na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Foi um dos fundadores do Laboratoire Européen de Psychologie Sociales, que ele co-fundou em 1975, em Paris. É também membro do European Academy of Sciences and Arts, da Légion d'honneur e do Russian Academy of Sciences.

pois estes autores contribuíram teórica e metodologicamente para que a Teoria das Representações Sociais ganhasse corpus disciplinar. Em seguida, já na segunda metade deste capítulo, o que propomos é que o sociólogo François Dubet e o geógrafo cultural Eugenio Turri, interligados à Serge Moscovici, contribuam para a visualização da paisagem como experiência, convenção e prescrição para que demais discussões sobre a mesma sejam subsidiadas pela abordagem estrutural representada tanto por Abric, como por Claude Flament, Michel-Louis Rouquette, Christian Guimelli e Pascal Moliner.

Mas, antes de serem evocados tais referenciais teóricos, precisamos dizer que em um primeiro momento, o que deve existir neste estudo é um breve mapeamento de pontos relevantes expressos em um texto escrito por Serge Moscovici, o qual foi traduzido e publicado em 2003 no Brasil sob o título *Por que estudar representações sociais em Psicologia*<sup>35</sup>. Porém, não há nesse exercício nenhuma busca implícita pela avaliação do compêndio produzido por Durkheim e nem uma tentativa de visualizar o papel que ele desempenhou enquanto teórico das ciências sociais. Tratamos de redirecionar este estudo para que haja o vislumbre, teoricamente em primeira mão, da influência durkheimiana que este autor julga ter recebido para a formulação das bases de uma Teoria das Representações Sociais (TRS). Isso se faz imprescindível, em particular, porque este capítulo presta-se a evocar as representações sociais para consubstanciarem o estudo da paisagem como fenômeno de cultura.

O próprio Moscovici, na verdade, escreveu o texto supracitado com fins de visitar os precedentes históricos da Teoria das Representações Sociais e, em tese, alcançar um momento de discussão sobre emergência do seu campo de pesquisa, inicialmente interligado ao conceito de representações coletivas de Émile Durkheim<sup>36</sup>. Portanto, entendemos que é realmente importante a abertura de um aparte neste capítulo para o exercício que exponha as origens da ideia de representação social, e assim contribua para que a história realmente revele o que possui de surpreendente. Até porque, no conteúdo de seu artigo, esse psicólogo social francês enfatiza que inaugurou

---

<sup>35</sup> Tradução e revisão de Pedro Humberto Faria Campos e Ana Raquel Rosas Torres, professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

<sup>36</sup> Émile Durkheim nasceu em 1858, em Paris, e faleceu em 1917, deixando um sólido legado enquanto fundador da escola francesa, posterior a Marx. Foi designado um dos pais da Sociologia, pois combinava a pesquisa empírica com a teoria sociológica. A sociologia fortaleceu-se graças a Durkheim e seus seguidores, sendo que mais precisamente os seus estudos sobre criminalidade, suicídio e religião foram inovadores quando se preocuparam com os fatores psicológicos, antes mesmo da existência da Psicologia. Assim, os estudos de Durkheim foram fundamentais para o desenvolvimento da obra de outro grande homem: Freud. Suas principais obras são: *Da divisão do trabalho social* (1893); *Regras do método sociológico* (1895); *O suicídio* (1897); *As formas elementares de vida religiosa* (1912). Fundou também a revista *L'Année Sociologique*, que afirmou a preeminência durkheimiana no mundo inteiro.

um caminho conceitual para a investigação do fenômeno das representações pelo seu diálogo seminal com os estudos de Durkheim, que é popularmente caracterizado como sendo um dos teóricos articuladores dos pilares da Sociologia moderna.

Portanto, quando em seu texto Moscovici nos relembra que Durkheim - no artigo publicado na revista *Année Sociologique* em 1896/1897 - pesquisou a proibição do incesto (à luz de uma relação genética entre a regra universal e o sistema de crenças ditas primitivas) e utilizou pela primeira vez a ideia de representação coletiva, o que estava em vista é que tais bases teóricas viriam a influenciar com profundidade os seus estudos sobre representações sociais. Em um primeiro momento, Moscovici (2003a) inclusive utiliza-se do sociólogo americano Parsons para dizer que “a ideia de representação coletiva exprime a continuidade entre os fenômenos sociais e os fenômenos culturais e, desse modo, ela constitui uma novidade no pensamento social moderno” (p. 13). E é seguindo o caminho da observação, da experiência e da psicologia que Moscovici avança repensando a autonomia das representações em relação ao substrato que as produziu, da mesma maneira que repensava o fato de que os fenômenos biológicos eram autônomos em relação aos processos químicos e físicos.

Para Moscovici (2003a), Durkheim avançou quando propôs que nós somos filhos de nossas representações passadas e futuras, e também quando demonstrou que as representações individuais não se resumem às reações psicofísicas. No entanto, havia um ponto de interrogação para esse psicólogo social quando tais estudos sociológicos expressavam que as representações coletivas podiam se resumir à vida mental dos indivíduos isolados, formando uma realidade *sui generis*<sup>37</sup>. Necessário, então, foi prosseguir em meio ao fato de que as representações comunicam-se, intercambiam-se e combinam-se com estabilidade. Afinal, era essencial o aprofundamento na busca de Durkheim, que também esteve voltada em “desfazer o domínio da psicologia introspectiva e distinguir uma classe particular de representações coletivas, que fundam uma outra psicologia, a psicologia coletiva” (p. 16).

O pensamento durkheimiano prosseguiu explicando que, em um primeiro momento, as representações coletivas são uma função direta da estrutura social e, em

---

<sup>37</sup> Essa é uma expressão latina e quer dizer “de seu próprio gênero”, “único em seu gênero” ou “com singularidade”, ou seja, significa que algo (o fato social, por exemplo) é único no gênero, é sem semelhança com outro. No caso de Durkheim, a sociedade por sua vez poderia se apresentar como uma realidade única e indissociável da capacidade de representação formulada pelos indivíduos que a reproduzem. Este pensamento está diretamente ligado a uma das características do fato social que é a exterioridade, isto é, independente da vontade dos indivíduos, a sociedade como conjunto de fatos sociais continuará sua existência, mesmo que a capacidade de interação social deste indivíduo, ou indivíduos, seja cessada. Neste contexto, a sociedade seria *sui generis*.

um segundo momento, elas adquirem o poder generativo de outras representações. Ao perceber que Durkheim entendia que estas últimas são as representações coletivas de um segundo nível, que são relativamente autônomas em relação ao substrato social, Moscovici então acreditou ser preciso discutir aquelas representações por um ângulo diferenciado e dissociado do arcabouço durkheimiano. Tomar para estudo realidades *sui generis* – que de modo genérico ainda existiriam independentemente da vontade dos indivíduos porque possuem uma dinâmica própria – era agora algo extremamente complexo para o psicólogo social, já que as mesmas a seu ver não seriam nem reflexos de uma dada realidade, nem estruturas ideológicas ou opiniões medianas. Diante disso, o que Moscovici (2003a, p. 16-17) apresenta é o fundamento de uma proposta, depois do que foi para ele uma conclusão alcançada sem grande esforço:

A maior parte das ciências sociais estudam as representações coletivas, que são uma função do substrato social. Mas a psicologia social deve, sobretudo, descrever e analisar este processo generativo das representações coletivas, sociais, por outras representações coletivas, sociais. Para muitos, as representações sociais são somente isto: uma classe de representações, de cognições socialmente partilhadas, que sobrevalorizam o grupo e negam ao indivíduo qualquer significado. Entretanto, de fato, as representações sociais lhe dão um outro significado, que Raymond Aron exprimiu muito bem quando afirmou: “O indivíduo biológico é um dado; a individualidade da pessoa humana é construída a partir de fundos comuns”. Mas se a ideia de representação coletiva fosse somente isso, quer dizer, nada além da designação de uma classe de fenômenos cognitivos, em razão do fato de serem partilhados, e se nós não concebêssemos estas cognições de uma maneira específica, ela não teria a importância que teve e não mereceria a atenção a ela dedicada.

Serge Moscovici (2003a) passa a consolidar a máxima de que a construção do indivíduo ou da sociedade, em especial quando associada ao que era definido como fenômeno cognitivo, não poderia ser tomada com estreiteza. Para ele, situado muito além da necessidade de escolher um fenômeno psíquico, linguístico, e depois descrevê-lo, mensurá-lo e qualificá-lo como social, em essência, era primeiro preciso que a qualificação do status social fosse substancialmente ligada à confirmação de que o fenômeno dito “social” era efetivamente social. As representações, para tanto, sendo também obras da cultura – da mesma maneira que religiões, mitos, formas de conhecimento, linguagens, comportamentos – jamais poderiam “formar um tal sistema de representações estável e extenso, pela simples coagulação de percepções individuais, pelas associações contingentes de ideias capazes de estabelecer quaisquer relações, em qualquer lugar” (p. 17).



Assim como Durkheim, todavia, Moscovici não via nas representações pura e simplesmente as opiniões, as atitudes, as representações individuais abstraídas de consciências particulares, as quais são mais concretas. Para ambos, as representações são produzidas seguindo os procedimentos e a maneira própria das sociedades e das instituições em que elas se enraízam. As representações sendo necessariamente sociais não poderiam se conter ao nível da impessoalidade, da normatividade dos aspectos psicológicos dos indivíduos. Para além da faceta cognitiva (psicológica em sentido stricto), o que está sendo representado é uma vida mental em comum ou, em outras palavras, uma vida social. Alicerçada no pensamento durkheimiano para o qual o homem que não pensasse por conceitos não seria um homem, porque não seria um ser social, a psicologia social empreendida por Moscovici distanciava-se, desde sua mera projeção, da psicologia da introspecção, que trataria aspectos cognitivos isolados e faria um inventário de ideias de cada indivíduo.

Moscovici propunha agora um itinerário pelo exame da amostra de pensamento que reportasse ao conjunto de pensamentos, à representação comum, sendo a representação tratada como um sistema, como totalidade estruturada e não como uma reunião, um agrupamento de proposições ou de ideias isoladas como ele supunha ter sido feito outrora. Ao citar o antropólogo inglês Evans-Pritchard, que por sua vez fazia referência ao trabalho de Lévy-Bruhl<sup>38</sup>, Moscovici (2003a, p. 19) aponta claramente o percurso semelhante ao que esperava empreender naquela psicologia social nascente:

Ele foi um dos primeiros, se não o primeiro, a destacar que as ideias dos primitivos que nos parecem estranhas e às vezes até mesmo estúpidas, se as considerarmos como fatos isolados, são plenas de significação quando as vemos como partes de padrões de ideias e de comportamentos, cada parte mantendo uma relação inteligível com as outras.

Pensando em uma expansão dos estudos de representações no sentido apostado ao caos e à ambiguidade, Moscovici evocava a necessidade de paradigmas sólidos que não mais expusessem a multiplicidade de imagens como dados situados entre a incoerência e a instabilidade, conforme muitos pesquisadores da época fazem parecer quando se referiam ao trato com o caráter social do pensamento ou da linguagem. Ocorre que também era fundamental repensar as generalizações divididas que

---

<sup>38</sup> Lucien Lévy-Bruhl foi um filósofo e sociólogo francês que, sob a influência da teoria sociológica de Émile Durkheim, procurou elaborar uma ciência dos costumes. A grande contribuição de Lévy-Bruhl foi ter permitido a compreensão dos fatores antes tidos como “irracionais” no pensamento e nas religiões primitivas, pois para ele havia uma mentalidade pré-lógica que não estaria submetida aos princípios de contradição e causalidade, mas seria baseada nas ordenações de representações míticas.

impediam, a seu ver, a consolidação de uma teoria mais geral do pensamento e da ação humanas. Propor, como fez Durkheim, que compreender uma frase era compreender uma linguagem passou a sedimentar o afastamento de Moscovici daquela outra psicologia social que, enquanto disciplina, somente suscitava a incompreensão por ser fielmente associativista e atomista. Assim, para tornar possível um trabalho contínuo e cumulativo, esse psicólogo social chama a atenção para o fato de que uma teoria das representações sociais poderia se apresentar como rico caminho.

Logo no princípio, porém, era necessário decidir se as representações seriam chamadas de coletivas ou sociais. Serge Moscovici (2003a, p. 21-22) considerava importante rever aspectos que conduziam à ambiguidade da denominação coletiva e/ou social das representações. Prescreveu logo que o dilema fora resolvido com o uso de representações sociais, mas também abriu um parêntese para nos esclarecer sobre a sua escolha com base nos fluxos históricos e na oscilação do centro de gravidade das representações entre o mote individual e o social:

O termo coletivo exprime o elo estreito entre a cultura e a sociedade, ou seja, a dependência desta última para com a primeira e, em particular, para com a tradição religiosa, a qual Durkheim dava importância excessiva. Então, as representações não são coletivas porque são únicas. Mesmo nas sociedades mais simples, existem ao menos duas modalidades de representações: uma sagrada e outra mágica ou profana. Parsons tinha consciência disso. Ora, na evolução histórica, o vínculo entre cultura e sociedade se relaxa e a sociedade passa a predominar sobre a cultura. E o centro de gravidade da vida psíquica e mental se desloca, como lugar de criação dos saberes (conhecimento), da Igreja para a Universidade, por exemplo, e assim por diante. Esta evolução histórica e este deslocamento do centro de gravidade justificam o termo “sociais” para a denominação das representações. Eu não quero dizer com isso que existam várias representações em uma sociedade, nem criar uma espécie em separado, colocando as representações sociais ao lado das representações coletivas, pois é preciso evitar a proliferação desnecessária dos nomes e das entidades. Fechemos este parêntese destinado a mostrar que é mais exato falar de representações sociais.

Ao optar por trabalhar com uma teoria das representações sociais, Moscovici buscou resolver uma ambiguidade de origem e, paralelamente, reconhecer o contexto em que estão situadas as representações. Pensou, ainda, em solucionar uma complicação lexical que vincula o pesquisador a um passado remoto e à exigência de uma reflexão teórica que conduziria a nossa curiosidade ao percurso que vai da linguística de Saussure à psicologia do desenvolvimento de Piaget e Vygotsky, da antropologia à teoria do conhecimento e à filosofia das ciências de Koyré e Kuhn.

Mas a filiação das representações sociais à noção de paradigma não só resguarda em si um necessário diálogo com os clássicos, como também converge com o

fato de que elas são necessariamente sociais porque geram uma realidade social, já que são uma classe específica de representações e, por fim, possuem uma estrutura cognitivo-holística. Neste contexto, devido à necessidade de exame da estrutura e depois da dinâmica das representações sociais, Moscovici (2003a) refere-se à Durkheim para igualmente assinalar que nós não podemos saber onde uma representação começa e onde ela termina, havendo ainda a impossibilidade de isolar uma crença ou uma proposição. As representações como um tecido sem costuras passariam a ser uma rede feita de crenças ou proposições, restando somente a empreitada de estudar como cada membro do grupo pode armazená-las em seu “espírito” e comunicá-las.

A emergente teoria das representações sociais de Moscovici passava a considerar a combinação das representações com um meio ambiente técnico e complexo, em que a solução mais adequada para a abrangência do estudo social seria considerar as circunstâncias e os contextos. Bem afastado do pano de fundo durkheimiano, Moscovici (2003a, p. 24) passa a rever pressupostos sobre crenças-nucleares, as quais “são armazenadas e produzem uma massa de outras quando necessário, assim como, partindo de um pequeno número de frases que conhecemos, nós produzimos uma grande quantidade de frases novas”. Seria como dizer que a psicologia social agora poderia estar em conformidade com a natureza histórica das representações, recusando definitivamente a tese dos átomos de informações, das crenças ou proposições isoladas.

Ao permitir a distinção de uma representação social de outra pelo que denominava de crenças-nucleares, Moscovici referenciou o objeto pela observação de um núcleo central em que se organizam as crenças e as proposições elementares, todas canalizadas por esquemas ou categorizações que limitam a vida mental. Por esta via, a fixação do núcleo central se dá de modo histórico, e as crenças se tornam nucleares ou periféricas na medida em que os processos cognitivos e sociais transformam (ou não) representações individuais antigas em representações sociais novas.

No entanto, ao se deparar com o problema da estrutura das representações e dos procedimentos empíricos, Moscovici (2003a, p. 25) encontra-se também com o senso comum como terreno privilegiado de estudo das representações e, mesmo quando tenta se afastar de Durkheim que excluía o conhecimento dito “espontâneo”, este psicólogo social precisa rememora-lo para dizer: “Curiosamente, quando iniciei o trabalho, não sabia não que Durkheim atribuía à psicologia social o objetivo de desenvolver uma teoria das representações sociais”. Deste modo, é estabelecida a

conexão das representações sociais com os conhecimentos populares, com o holismo da atribuição de crenças, com a cultura e com os saberes que não são aceitos pelo consenso. Sendo impossível, pois, eliminar os conteúdos do senso comum e reduzir os conteúdos de nossos estados mentais a processos de tratamento de informação ou a estruturas neurofísicas, tornou-se imprescindível restabelecer a visão do senso comum como sendo o saber *sui generis*.

Propondo isto, Moscovici aceitou que o problema da dinâmica das representações sociais reapareceu da mesma forma que havia sido evocado há quase um século, ou seja, as modificações e a difusão das representações carrega em si o problema da criação de novas representações a partir de outras “que são sua causa imediata”. Sendo entendidas como fenômenos associados à linguagem polissêmica, o fato de serem socialmente polifuncionais conduz também certas representações a serem cognitivamente polifásicas. Diante disto, Moscovici (2003a, p. 29) assume, “em outros termos, que não existe linguagem única, nem sistema único de representações capazes de comunicar, de organizar e de cobrir toda a extensão da riqueza de crenças ou das cognições”. Para ele, é ao tomar consciência deste fenômeno que “tornar-se-á possível estudar *in vivo* o que os historiadores estudam em documentos e nos adultos, ao passo que Vygotsky o estudou em crianças”.

É com este tom que a mensagem final deixada no texto *Por que estudar representações sociais em Psicologia?* está mais próxima ao alerta para a importância da pluralidade das representações sociais, bem como para a dinâmica de suas relações no contexto da ação e da comunicação. Em um domínio da realidade psíquica e social ainda pouco explorado, Serge Moscovici (2003, p. 29) encerra a revisita às bases de seu estudo em companhia da mesma pessoa que fomentou sua reflexão: “Parece-me que Durkheim, que encarna um ponto alto do espírito teórico, tinha razão em dizer que ‘nossas pesquisas não mereciam sequer uma hora de sacrifício se elas somente tivessem um interesse especulativo’. É o voto que eu, igualmente, faço”.

### **3.2 – Representações sociais para o estudo de fenômenos culturais**

Em um estudo que toma o fenômeno de cultura “paisagem” para interpretação, cabe-nos fazer uma ressalva inicial sobre o fato de que a teoria de Moscovici se apresenta como elemento norteador da apreciação de um objeto que emerge aqui conforme saber prático, devido ao valor que os grupos humanos atribuem a essa

realidade com que convivem. O que estamos considerando para a escolha desse caminho teórico é a tentativa de dar convergência e consistência a este estudo. Por isso é que agora damos um novo redirecionamento teórico a estudo, o qual é impactado pelo estudo da representação social, que foi proposto por Serge Moscovici. Sendo a representação definida na psicologia social pela sua dinâmica relacional no contexto histórico da ação e comunicação, esperamos que a paisagem seja assim visualizada.

Para escolhermos essa direção, consideramos ainda que a Teoria das Representações Sociais (TRS) vem assumindo notoriedade em estudos que visavam compreender os mais variados objetos e, conseqüente, produzir conhecimento. Para alguns, a representação social é um terreno de pesquisa oriundo da necessidade de rompimento com a hegemonia de estudos pautados na separação do humano de seu contexto social. A Teoria das Representações Sociais, assim, ao consolidar a união entre o psicológico e o social (julgando inseparáveis sujeito, objeto e sociedade), marca uma quebra no dualismo existente entre o mundo individual e o mundo social.

O texto publicado por Moscovici em 1961 inaugura a Teoria das Representações Sociais através da obra intitulada *La Psicanálise, son image et son publique* - cuja tradução em português é a “A Psicanálise, sua imagem e seu público”. Alcançando em 2011 o seu jubileu de ouro, no Brasil a primeira metade da edição francesa de 1976 foi publicada pela Zahar Editores, em 1978, sob o título “Representações Sociais da Psicanálise”. A obra completa somente chegou ao público brasileiro no ano de 2012, pelo volume da editora Vozes que recebeu o título original, “A Psicanálise, sua imagem e seu público”. Como um marco para a psicologia social, a teoria de Moscovici mantém-se atual às demandas de estudo da sociedade, conquistando nas últimas cinco décadas o status de clássico no âmbito das ciências humanas e sociais.

É correto dizer que a releitura de Durkheim permitiu que se abrisse para Moscovici uma nova perspectiva para observação da vida cotidiana em suas complexidades, sendo a representação social o conteúdo necessário para perfazer um paradigma igualmente novo. Para Castro (2011, p. 6), o que se vê nesse teórico é o cotidiano apreendido de modo dinâmico, ou seja, “a topografia do cotidiano em Moscovici vai do microcosmo ao macrocosmo, e seus limites são estabelecidos nas fronteiras da interação”. Superando o dualismo tradicional, “o novo objeto da psicologia social é um encontro, muitas vezes diferenciado, entre indivíduo e sociedade”.

Se o texto de 1961 toma a representação social como objeto psicossocial por excelência, o pensamento social e sua organização também foram impactados por

aquela referência nascente na psicologia. A dimensão temporal dialógica e o passado permanente que se reinventa, ladeado pela ancoragem, fizeram dessa teoria um universo complexo de pesquisa que não se encerra no presente. O que houve foi que “a afirmação teórica do cotidiano e o estabelecimento de sua centralidade na análise psicossocial provocaram mudanças substantivas na metodologia, na concepção de objeto e na própria definição da psicologia social que prevalecia até então” (Castro, 2011, p. 6).

A psicologia social tornou-se nesse sentido sociológica, afastada do indivíduo como centro e do social como contexto, aproximando-se da análise psicossocial do cotidiano, onde o foco está fixado nas redes e nas relações sociais delas próprias, sendo que o fim torna-se então a compreensão dos fenômenos que ali ocorrem ou que somente ali podem ocorrer. Desde o início, na verdade, Moscovici (2003b, p. 40-45) teve demasiada clareza do que pretendia ao perceber as representações sociais como fenômenos, e não enquanto conceitos, sendo até certo ponto aliciado por algumas conjecturas desafiadoras formuladas por Durkheim:

Todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações. [...]. Ao criar representações, nós somos como o artista, que se inclina diante da estátua que ele esculpiu e a adora como se fosse um deus. Na minha opinião, a tarefa principal da psicologia social é estudar tais representações, suas propriedades, suas origens e seu impacto. Nenhuma outra disciplina dedica-se a essa tarefa e nenhuma está melhor equipada para isso. Foi, de fato, à psicologia social que Durkheim confiou essa tarefa: “No que se refere às leis do pensamento coletivo, elas são totalmente desconhecidas. A psicologia social, cuja tarefa seria defini-las, não é nada mais que uma palavra descrevendo todo tipo de variadas generalizações, vagas, sem um objeto definido como foco. O que é necessário é descobrir, pela comparação de mitos, lendas, tradições populares e linguagens, como as representações sociais se atraem e se excluem, como elas se mesclam ou se distinguem etc.” (Durkheim, 1895/1982: 41-42) [...]. A sociologia vê, ou melhor, viu as representações como artifícios explanatórios, irreduzíveis a qualquer análise posterior. Do mesmo modo, sabia-se que as representações sociais existiam nas sociedades, mas ninguém se importava com sua estrutura ou com sua dinâmica. [...]. Assim, o que eu proponho fazer é considerar como *fenômeno* o que era antes visto como um *conceito*.

Reconhecendo que, ao mesmo tempo, as representações são construídas e adquiridas, aquela teoria era oposta à visão clássica que supunha de certo modo o preestabelecimento e a estaticidade conceitual. Moscovici (2001, p. 62) considerou, visivelmente, a diversidade na origem dos fenômenos, dos indivíduos e dos grupos, possibilitando que fosse deslocada “a ênfase sobre a comunicação que permite aos sentimentos e aos indivíduos convergirem, de modo que algo individual pode tornar-se social e vice-versa”. A representação como passarela entre o mundo individual e social,

em suma, correlacionou a perspectiva da psicologia social à apreciação de fenômenos enredados a uma sociedade em transformação ou que estimula a mudança.

É assim que, propondo uma ciência das representações sociais, Moscovici voltou-se à análise da veiculação ininterrupta de símbolos ou de ideias que se propagam nas redes de coletividade. Há cinquenta anos, portanto, as representações sociais vêm se transformando num assunto central para as ciências humanas e sociais e, por isso, o seu domínio atualmente comporta múltiplas vertentes, em especial pelo relevo teórico-metodológico que posturas críticas como as de Jean-Claude Abric<sup>39</sup>, Denise Jodelet<sup>40</sup> e Willem Doise<sup>41</sup> sustentam a partir do legado de Serge Moscovici.

Situados em um momento posterior à Moscovici, Abric, Doise e Jodelet aprofundaram, cada qual por uma corrente, em estudos que aplicavam a teoria que emergiu na psicologia social em 1961. Houve, por exemplo, o delineamento do conceito de representação por Denise Jodelet, a qual empreendeu um esboço conceitual entendido como a definição de representação social, ato este que para muitos foi supostamente evitado pelo próprio Moscovici. Mas, na medida em que estes estudiosos deram uma continuidade seminal à matriz teórica formulada por Moscovici, entende-se que todas as tentativas de “refinar” os pressupostos sobre representações sociais merecem ser brevemente apontadas neste contexto de ponderações parciais.

Ademais, o que se tem são encaminhamentos teóricos que partem de uma mesma matriz, mas que atingem projeções científicas muito específicas e um tanto quanto diversas entre si. No caso de Denise Jodelet, em particular, já existe uma autorreferência à redatora do conceito de representação mais difundido no meio acadêmico brasileiro. Ainda hoje, ela é vista por alguns teóricos como a geradora da formulação conceitual que ganhou evidência popular devido a sua ampla divulgação.

Em complemento, também podemos citar que a vertente assumida por Abric (1998), que apresentou as representações sociais não como um simples reflexo da

---

<sup>39</sup> Jean-Claude Abric (falecido em 2012) foi um professor de psicologia social e ex-diretor do Laboratório de Psicologia Social da Universidade de Aix-Marseille, na França. Fez grandes contribuições para a Teoria das Representações Sociais, identificando os elementos estruturais de uma representação social e distinguindo os elementos centrais dos periféricos. Em seu livro publicado em 1994, ele dá uma visão mais ampla de sua Teoria do Núcleo Central.

<sup>40</sup> Denise Jodelet atua como diretora de estudos e como professora do Laboratório de Psicologia Social na *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, em Paris. Seus principais campos de atuação são as Representações Sociais, Alteridade, Cultura e Saúde Mental.

<sup>41</sup> Willem Doise é professor honorário da Universidade de Genebra, na Suíça. Foi investigador do *Centre Nationale de Recherche Scientifique* (França) e presidente da *European Association of Experimental Social Psychology*. Dedicou-se ao estudo do desenvolvimento sócio-cognitivo e das representações sociais, áreas em que publicou trabalhos tão importantes. Nos últimos anos tem dedicado especial atenção aos direitos humanos e humanitários.

realidade, mas como formuladora de uma organização de significados que possibilitam o funcionamento de um sistema de interpretação da realidade. Para este autor, existe uma estrutura, que é regida pelas relações humanas com seu meio físico e social, fato este que tende a determinar comportamentos e suas práticas. Na mesma medida, seguindo uma vertente com grande inclinação sociológica, Doise (1986) afastou-se de Jodelet, sobretudo, porque buscou entender como as inserções sociais concretas dos sujeitos condicionam suas representações, uma vez que primava por tratar as representações como princípios geradores de tomadas de posição associadas às inserções específicas do sujeito no conjunto das relações sociais.

Denise Jodelet (1989; 2001), por seu turno, tinha como grande preocupação os estudos sob uma perspectiva que almejava dar conta da gênese histórica de uma representação, a fim de quase “extraí-las” dos sujeitos, analisando-as e explicando-as. Em seus estudos, as representações sociais passariam a ser uma forma de conhecimento elaborada e partilhada socialmente, mantendo uma visão prática que concorria para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Importante é lembrar que, Jodelet é a representante do legado de Moscovici que mais influenciou os estudos psicossociais brasileiros. Essa estudiosa vem acompanhando, há trinta anos, o desenvolvimento das pesquisas sobre representações sociais no Brasil em parceria com instituições de ensino superior públicas e privadas.

Mesmo diante da sua interferência direta em pesquisas brasileiras e ainda que existam correntes que difundam os estudos de Abric e Doise, isso não foi suficiente para provocar na psicologia social brasileira uma adesão imediata à TRS. Ainda hoje percebemos que o desenvolvimento de estudos brasileiros a partir da Teoria das Representações Sociais teve um marco recente, mais precisamente vinculado ao final da transição democrática. As pesquisas sobre representações sociais não proliferaram no período ditatorial muito em função de um regime autoritário, em que o enigma da nação plural não poderia ser analisado à luz do senso comum e do pensamento social. Evidenciar a pluralidade e a multiplicidade, portanto, faz-se de relevo agora e, sobremaneira neste estudo.

Diante da notoriedade que as aplicações teórico-metodológicas da Teoria das Representações Sociais vêm assumindo, estudar a paisagem junto à TRS é descortinar um universo investigativo que contribui para que o conceito de representação social seja associado à ideia de fenômeno complexo e de processos sociais, porque paisagens são indiscutivelmente portadoras de uma polissemia a ser ponderada, de início, pelo



cientista que encontra refugio no contexto psicossocial. Todavia, este estudo toma agora um novo direcionamento que perpassa pela concepção dos fenômenos complexos, os quais são ativados ou estão em ação na vida social. Por entender que paisagens são representações e que as representações, por sua vez, são presenças reincidentes na vida cotidiana, conforme guias que direcionam inclusive a nomeação e a definição de aspectos da realidade diária, procura-se confirmar, pelo uso desta abordagem, que a posição explicativa frente aos universos de usos e costumes humanos pode mediar a interpretação amparada pelo fenômeno absolutamente observável.

Conforme enfatizou Jodelet (2001, p. 17), os fenômenos tratados pelas representações sociais constituem “um domínio de pesquisa dotado de instrumentos conceituais e metodológicos próprios, que interessa a várias disciplinas”. Quando partimos deste posicionamento teórico, há a abertura para se apreciar, mesmo que de forma abreviada, as paisagens enquanto definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo que a constroem (ou tentam construí-la) como aquela visão consensual da realidade, a qual proporciona dinâmica e funcionalidade social à representação.

Inclusive, quando as representações são colocadas de modo sobreposto ou interposto ao valor simbólico de sistemas de crenças e de costumes - ou de significações forjadas individual e coletivamente -, o que se tem é que a definição específica do objeto, representando pelo humano, passa a estar submerso nas redes funcionais de uma engrenagem que está para o fenômeno, assim como a interpretação está para a tomada de decisões. Instituições e redes de comunicação intervêm na elaboração de experiências privadas, derivadas de um sistema de imagens recortadas dos compostos culturais, de modo que uma situação social ganhe sentido representacional. Este fenômeno – a paisagem - associado como é à construção de uma realidade supostamente tangível e estável, gera a necessidade de revisão da totalidade significativa que se situa em um estado de ação, disponível para ser revisto, investigado, descrito, analisado e explicado, conforme suas dimensões e funcionamentos.

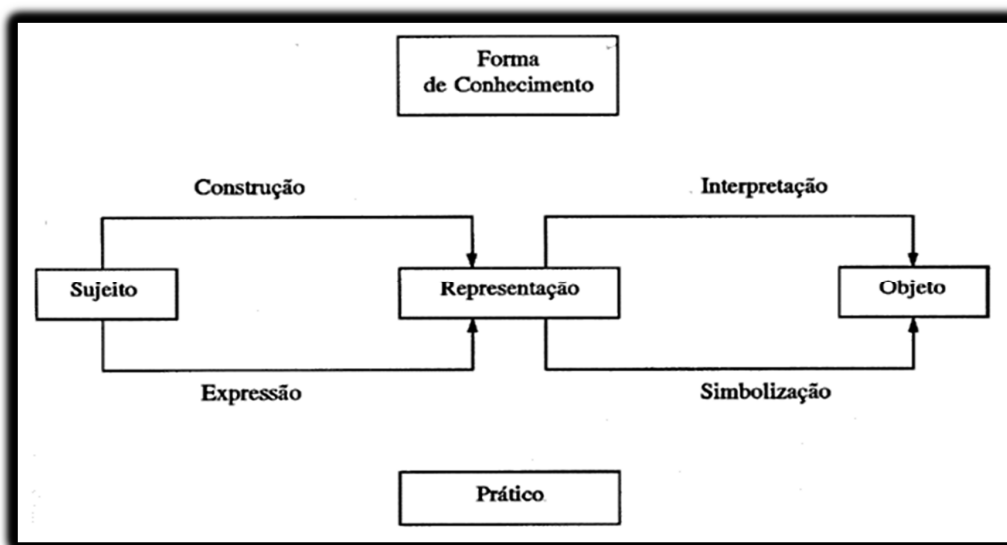
As representações sociais geram arcabouços de possíveis manifestações fenomênicas do “real” e do cotidiano, sendo então plenamente compreensível que a interpretação das representações sociais seja algo circunstancial, sustentado efetivamente pelas malhas discursivas. Ações e trocas habituais mediam o trabalho de se tornar consensual a realidade, agregando conflitos e fusões à dinâmica social das representações de paisagens. Diante dessas formulações, a questão que pode ser

proposta diante desta abordagem é: como tratar com a riqueza do fenômeno e a diversidade/individualidade cultural dos seus contornos?

Enquanto domínio em expansão, Denise Jodelet (2001, p. 21) expõe que, particularmente em razão da riqueza do fenômeno, ficam latentes os elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc. Para ela, “estes elementos são organizados sempre sob a aparência de um saber que diz algo sobre o estado da realidade”, de forma que “é esta totalidade significativa que, em relação com a ação, encontra-se no centro da investigação científica, a qual atribui como tarefa descrevê-la, analisá-la, explicá-la em suas dimensões, formas, processos e funcionamento”.

Inclusive, foi buscando entender o que designou de “transdisciplinaridade” implícita nas múltiplas dimensões do campo de estudos das representações sociais, que Mary Jane P. Spink (1993), ao estudar o conceito de representação social na abordagem psicossocial, utiliza-se da perspectiva clássica adotada por Denise Jodelet (2001) para fazer uma simplificação visual de seu esquema. A figura abaixo, assim, nos permite visualizar os dois eixos principais deste campo de estudos, de forma que no primeiro as representações constituem formas de conhecimento prático orientadas para a compreensão do mundo e para a comunicação, enquanto que no segundo eixo, elas emergem como elaborações (construções de caráter expressivo) de sujeitos sociais a respeito de objetos socialmente valorizados:

**Figura 1.** Campo de Estudos da Representação Social



**Autora:** Spink 1993, p. 301, *apud* Jodelet, 2001.

Como notamos no esquema anterior, as duas dimensões de estudo das representações sociais descortinam pressupostos epistemológicos sobre a natureza do conhecimento. No entanto, simples seria ponderar que uma investigação científica de fenômenos amplamente interpretáveis deve envolver mais do que a derivação de rótulos aos modos de pertença social e suas implicações normativas, bem como designações conceituais aos conjuntos de experiências e afetividades e, sobretudo, aos processos de comunicação social. De outro lado, toma-se a especificidade dos fenômenos representativos nas sociedades contemporâneas, que seriam caracterizadas pela intensidade, fluidez nas trocas e comunicações, desenvolvimento científico e pluralidade e mobilidade social. Assim, em tese, estaria em latência a abordagem das representações de paisagens segundo uma modalidade de pensamento, envolta a aspectos constituintes e subordinada a conteúdos específicos, ambos sustentados, em linha de base, pelo seu caráter social.

Entra em questão, por esse encaminhamento, a representação social como aproximação interpretativa, que envolve de maneira inevitável prioridades e não prioridades da comunidade científica, assim como uma construção partilhada que é comum a um conjunto. Mas, quando as representações sociais efetivamente se deslocam na linha tênue que perfaz o caminho entre as formulações ingênuas e consensuais, elas ficam posicionadas um pouco mais adiante da produção do conhecimento, pois a construção do objeto de estudo volta-se à elucidação legítima das interações sociais.

Contudo, as representações sociais, próximas como são dos sistemas de interpretação das relações com o mundo, não podem escapar nem da alcunha de fenômeno, nem da construção conceitual que viria a ser ingênuas. A apropriação da realidade exterior submete a elaboração científica aos desígnios sociais, amplamente dispersos, disformes, fluidos e imprecisos. É preciso compreender, contudo, que a busca pela precisão impõe a necessidade de uma versatilidade concomitante tanto à perda e ao ganho, quanto ao encontro e ao desencontro na construção do objeto estudado. Então, essa passa a ser a característica central deste estudo das representações que considera a particularidade do objeto, a dupla centração (conteúdos junto aos processos) e a atenção à dimensão social da paisagem.

Como afirma Jodelet (2001, p. 23), “qualquer pessoa que observe o campo de pesquisa hoje cristalizado em torno da noção de representação social não deixará de notar particularidades marcantes: vitalidade, transversalidade e complexidade”. Segundo esta autora, a articulação da concepção psicossociológica a outras disciplinas,

tais como a Sociologia, a Antropologia e a Histórica, factualmente ocasionaram aos estudos sobre representações inicialmente vitalidade (por autorizar interpretações múltiplas da noção e das discussões que são fonte de avanços teóricos), e em seguida houve o florescimento da transversalidade e da complexidade, em razão da exploração científica de uma permanente tensão entre os polos psicológico e sociológico.

Desde o início, primando por construir este estudo entrecortado por variadas perspectivas teóricas, dá-se agora ênfase direta à leitura do fenômeno representativo chamado de paisagem, com alcance e implicações variáveis quando se associa o esquema teórico-metodológico que reúne o saber prático com sujeito ligado ao objeto. Em outras palavras, pode-se dizer que há neste estudo grande preocupação em se interpretar a paisagem, porque este é um trabalho complexo que compreende a representação social conforme representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito), em que as características do sujeito e do objeto nela se manifestam.

Considerando que a relação de simbolização (enquanto substituição) e de interpretação (como atribuição de significados) entremeia a conexão entre representação e expressão social de sujeito e seu objeto, entende-se que este estudo é delicado devido legibilidade e inferência ligadas aos suportes linguísticos, comportamentais e materiais, como também à qualificação e mensuração analítica da posição ocupada pela representação da paisagem no ajustamento prático do sujeito a seu meio. O lidar com postulados como a inter-relação, a correspondência e a processualidade das formas de organização e de comunicação social, ou ainda as modalidades de pensamento e suas operações, gera até mesmo uma reaproximação deste estudo com a influência durkheimiana que foi recebida pelos escritos psicossociais de Moscovici.

Ainda que goze de complexidade, o manejo das representações sociais é o percurso válido para a pesquisa de fenômenos culturais tais como a paisagem não só devido à sua complexidade e multiplicidade, mas porque revelam a dependência exclusiva dos modos individuais de aplicação teórica e sistêmica do conceito de representações sociais associado a fenômenos cognitivos, a fim de este se afaste (ou se aproxime) da teorização isomórfica entre representações e instituições. Por fim, a paisagem enquanto a mediadora que é de representações sociais faz-se contexto de interação, influência, consenso e dissenso, polêmica, de forma extremamente dependente do poder performático das palavras e dos discursos. Sabendo que representações instauram versões e visões da realidade, o que se tem neste estudo é um

objeto instável para apreciação teórico-metodológica das funções e dos delineamentos que assume o “real” enquanto fenômeno representativo ou paisagem.

### **3.3 – A paisagem como experiência prescritiva e convencionalizada**

Quando é representada uma coisa ou uma noção, não estamos produzindo unicamente ideias ou imagens: criamos e transmitimos um produto progressivamente elaborado em inúmeros lugares, segundo regras variadas. O que Serge Moscovici (2001) observou ao estabelecer um paradigma é que, dentro destes limites, o fenômeno pode ser denominado representação social quando assumir um caráter moderno pois, em nossa sociedade, ele passa a substituir mitos, lendas e formas mentais correntes nas sociedades vistas como “tradicionais”. E, é nesse movimento de substituição, que o seu equivalente herda simultaneamente certos traços e poderes. Ademais, para esse autor, “a Psicologia Social se torna uma Antropologia da cultura moderna, da mesma forma que a Antropologia parece ser a Psicologia Social das culturas ditas primitivas” (p. 63). Dito de outra maneira, as representações são sociais não apenas por causa de um objeto comum ou pelo fato de serem compartilhadas, mas porque são produtos de uma divisão do trabalho que as distingue, com alguma autonomia e até culturalmente, tornando-as material frequente de estudo psicossocial e antropológico.

Desse prisma, tanto o olhar antropológico quanto o psicossocial, inclinado a interpretar uma classe de representações cuja organização apresenta um isomorfismo com processos de troca e de interação – a exemplo das paisagens –, nos permite estreitar a malha de observação para o fenômeno decorrente de mecanismos psíquicos e de interação comunicativa. O ato de contar, reproduzir e recontar, executado por muitos indivíduos ao longo do tempo, estreita a relação de interpretação da paisagem como forma de representação de um produto elaborado e reelaborado em diversos lugares, e segundo as mais variadas condições.

Ao considerar o pensamento como ambiente para o estudo do fenômeno das representações sociais, Moscovici (2003b) lembra-nos do “poder ilimitado da mente” em “conformar” a realidade, em penetrá-la e ativá-la, determinando o curso dos acontecimentos, enquanto o pensamento científico se ocuparia no “poder ilimitado dos objetos” de “conformar” o pensamento, de determinar completamente sua evolução e de ser interiorizado pela mente. Seria o equivalente a dizer que, o pensamento consensual pode agir sobre a “real”, mas estudar uma realidade “conformada” implica em reagir

àquela mesma realidade que surge como réplica do pensamento, a fim de que o pensar seja também um movimento para transformação de um fenômeno.

Por este percurso, a psicologia social de Moscovici manifesta o pensamento científico conectado ao estudo de um sistema cognitivo enquanto reação do indivíduo a fenômenos, pessoas ou acontecimentos que provocam a necessidade de processar informações. É assim que, ao perceber o mundo tal como é (o “real”), todas as ideias, percepções e atribuições são respostas a estímulos do ambiente físico e simbólico em que se vive, as quais são classes de respostas a serem estudadas como fenômeno psicossocial para a compreensão da realidade. O que antes era visto como viés cognitivo, distorção subjetiva e tendência afetiva, foi transformado em Moscovici no meio ambiente autônomo, com independência e indiferença em relação a nós e nossas necessidades e desejos. Assim, os vieses, distorções e tendências passam a estar posicionados em relação a um modelo, ou mesmo regras tidas como normas, as quais estão situadas em um mundo totalmente social.

O interesse do nosso estudo, então, volta-se para a interpretação da paisagem conforme fenômeno de representação social pautada em categorias culturais, e também como elemento de uma cadeia de experiências, percepções, opiniões, noções e mesmo vidas, tudo isso organizado em uma determinada sequência convencional e prescritiva. Segundo atmosfera social e/ou cultural, a paisagem reside em palavras, ideias e imagens que perpassam aos olhos e ouvidos das sociedades. Em vista disto, o estudo da paisagem enquanto representação visa “descrever como as representações intervêm em nossa atividade cognitiva, até que ponto elas são independentes da realidade, ou até que ponto a determinam” (Moscovici, 2003b, p. 34). Mas, ao aceitar que o ambiente (seja natural ou social) tem certa quantidade de autonomia e condicionamento, as representações podem ser elencadas precisamente pela sua função convencionalizadora de objetos, pessoas ou acontecimentos (que ganham uma forma definida, uma categoria ou um modelo de determinado tipo), e pela sua função prescritiva (que impõe a força de uma estrutura semelhante à tradição ou ao que deve ser pensando, e como fazê-lo).

A paisagem convencional e prescrita está arraigada em experiências e ideias que, mesmo estando no passado, continuam ativas, mudando e filtrando a experiência e as ideias atuais. A paisagem é elemento cultural obviamente relacionado a fragmentos de representações, e ainda que seja ela vislumbrada como palavra, imagem, conteúdo ou definição, sempre será de reconhecer indivíduos e grupos pelo modo como a processam. Sendo parte integrante do indivíduo, a paisagem é constituinte da estrutura e faz-se

estruturante do todo social, pois está abrigada nas inter-relações, na hierarquia social e nos valores humanos que são transformados em pensamentos e ações.

Inclusive, para direcionar com mais pontualidade a observação da paisagem experienciada segundo fenômeno psicossocial e também como objeto de interesse da antropologia e da geografia cultural, é importante emparelhamos a noção de representação social de Moscovici ao pensamento crítico do geógrafo cultural italiano Eugenio Turri, exposto em sua obra *Antropologia del paesaggio*<sup>42</sup> e, ainda, à teoria do sociólogo francês François Dubet, inserida em seu livro *Sociologia da Experiência*<sup>43</sup>. Este movimento de associação da versão psicossocial da paisagem às abordagens sustentadas por Turri e Dubet é enriquecedor porque expande as possibilidades desta pesquisa de apreciar um fenômeno que é experiência prescritiva e convencionalizada.

Afinal, quando Turri, entre os anos de 1974 e 1979, criou uma produção científica para individualizar o visível, numa geografia da exploração, centrada na percepção e no simbolismo, ele estava preocupado em realizar uma antropologia da paisagem relacionada ao papel humano no reconhecimento ou da leitura dos componentes culturais por um expoente cognitivo. Criando uma elucidativa distinção entre ambiente e paisagem, dedica-se à “manifestação sensível do ambiente” que, para ele, resulta da “mediação vital entre homem e ambiente”.

É assim que para Turri (2008) a paisagem corresponde com maior propriedade à ideia de ambiente natural, porque nela “o homem apreende e seleciona as manifestações mais importantes da natureza” através da “atividade sensorial” concreta. Muito embora o estudo de Turri seja simpático à visão da paisagem como resultante de uma atividade sensorial, talvez seja um retrocesso à discussão fomentada no segundo capítulo se for feita neste momento uma correlação da paisagem à natureza. O que se entende aqui é que a palavra “natureza” para Turri significava a experiência sensorial “ambiente social ou de cultura”, pois quando o humano apreende o lugar, por consequência, este o transforma pelos filtros culturais. Por este prisma, o ato de recorrer à observação ou investigação da instalação no ambiente que abriga um fenômeno de cultura será bastante válido do momento presente deste estudo até o seu desfecho.

---

<sup>42</sup> Sem edição traduzida para o português, nessa obra de 1974, reeditada 2008, Turri aborda de forma inaugural uma “Antropologia da Paisagem” que não ignora o papel humano no reconhecimento do ambiente e apresenta uma metodologia para leitura da paisagem.

<sup>43</sup> *Sociologie de l'Expérience* foi publicado em 1994, e editado em português em 1996. Dubet é professor na Universidade de Bordeaux II e diretor de estudos na *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* (EHESS). Sua principal ideia, desenvolvida como uma sociologia da experiência, é que a modernidade criou instituições, máquinas políticas que organizaram quadros cognitivos possíveis e, portanto, ordenam as ações dos indivíduos.

Recorrer à abordagem humanística de Eugenio Turri é buscar a aproximação dos conceitos fluidos de paisagem a um recorte necessário e é demasiado intrigante. Neste estudo, passa a ser importante antever a paisagem como experiência convencionalizada e prescritiva na medida em que ela será tomada, deste ponto em diante, como uma série de signos organizados social e funcionalmente, sendo que as suas decodificações mudam conforme se altera a sociedade. Quando o ambiente de cultura tem novas funcionalidades e o espaço vivido é a referência simbólica, as paisagens aproximam-se às imagens da mudança. Turri (2008, p. 8) media então a nossa compreensão de que o ambiente de cultura, como construção histórica, leva-nos a enfatizar as transformações sucessivas e os valores culturais em sua relação com a paisagem, que se transforma “na vestimenta histórica do território, onde as inscrições das mudanças permanecem, como dados, incorporados no tecido territorial”.

A antropologia da paisagem de Turri influenciou largamente geógrafos na década de 1970 e conduziu muitos estudos culturais a tomarem a designação do território tal como é apreendido pelas populações. A paisagem, nessa abordagem, é resultante da ação e da interação de fatores topográficos e humanos, simultaneamente. O componente cultural de fato foi reunido à leitura do lugar, sendo a paisagem formada por um conjunto de signos absolutamente interpretáveis, e seu significado é conformado pela imagem funcional que a (re)cria como experiência extremamente funcional. Expressando a razão intrínseca de uma cultura ou de uma sociedade, ela se opera a partir de padrões culturais específicos que reportam ao ambiente social e as suas estruturas, demonstrando que um exercício psicológico (psicossocial) concede motes de significação, identificação e funcionalidade àquilo que é apreendido por um olhar de cultura. É a interação social com o ambiente, portanto, que gera ou agrega componentes ao resultado cultural mediado por um lugar específico.

Em Turri (2008, p. 270) é a cultura que define o diálogo contínuo com a “natureza”, ambiente de cultura ou estrutura de significação. E este contínuo diálogo entre cultura e ambiente sugere que a sociedade, em uma atividade de interpretação do fenômeno paisagem, comece a compô-la e recompô-la. A leitura da paisagem é entendida em Turri, como atuação perceptiva, individual ou coletiva, que é responsável por interpretar empiricamente um espaço local por “uma operação complexa que invoca indagações naturalísticas, ambientais, geográficas, históricas, políticas, econômicas, sociais, religiosas, tudo confluyente com um único discurso”. Prática discursiva funcional e estruturada, no entanto, é a leitura e a produção de paisagens para este teórico.



Semelhante à possibilidade de associação do geógrafo cultural Eugenio Turri com a paisagem experienciada por convenções e prescrições, a sociologia da experiência de François Dubet (1996) releva-se aqui enquanto possibilidade para tratarmos com o conceito de experiência a fim de compreender as implicações da ação social e da subjetividade. Ao “decompor” o modelo de análise clássica da sociedade, a seu ver muito distante das expressões contemporâneas de uma sociedade em crise de valores, ambígua e portadora de incoerências, a noção de experiência por esse autor ressurge em relação às ambiguidades e imprecisões para designar as condutas sociais.

A construção da experiência coletiva, através da preocupação de Dubet com a ação social subjetiva, é em si uma novidade no pensamento sociológico. Enquanto a noção clássica de sociedade opta pela centralidade da realidade integrada e integradora, enquanto o ator individual é produto da interiorização do social, em Dubet (1996, p. 15) “as condutas individuais ou coletivas são dominadas pela heterogeneidade de princípios constitutivos e pela atividade dos indivíduos que vem a construir o sentido de suas práticas no meio desta heterogeneidade”. Considerando que é a heterogeneidade dos princípios culturais e sociais que organizam as condutas, esse autor inaugura a ideia de que a identidade social não é um ser (posição social), mas um fazer, um trabalho, uma construção, uma “experiência”. Se na concepção clássica somente era observada a ação do ator que tem sua “personalidade” determinada pelos papéis (normas, meios), na sociologia da experiência, existe um foco também para o papel que é produzido pela “personalidade” que é então capaz de gerenciar sua própria experiência. Da distância subjetiva que os indivíduos mantêm com o sistema emerge a pluralidade de lógicas de ação presentes na experiência social que é vivida como um problema e produz uma atitude de distanciamento, e até mal-estar pela reflexividade.

Dubet sublinha a construção da experiência coletiva quando realoca o conceito de alienação no cerne da análise sociológica, a fim de que a dominação da experiência social pelo ator seja entendida como uma cisão nas relações de dominação. A experiência social aparece, portanto, como uma maneira de construir o mundo, ao mesmo tempo subjetiva (é uma “representação” do mundo vivido, individual e coletivamente) e cognitiva (é uma construção crítica do real, um trabalho reflexivo dos indivíduos que julgam sua experiência e a definem). Embora a experiência não nos alheie à alienação, Dubet dá um grande passo quando diz que, mesmo sendo vaga e ambígua a experiência social quando evoca fenômenos contraditórios, mediados pelo

sentir ou pela subjetividade pessoal, a experiência também pode ser uma reabertura para a consciência individual do social.

Assim, em Dubet (1996) “esta representação emocional da experiência justapõe-se a uma segunda significação: a experiência é uma atividade cognitiva, é uma maneira de construir o real e, sobretudo, de o ‘verificar’, de um *experimental*” (p. 95, grifo do autor). A paisagem, neste sentido, seria a experiência que constrói fenômenos a partir de categorias de entendimento e da razão. Como construção da realidade, a paisagem remonta ainda à experiência social enquanto “esponja”, que incorpora e dissemina emoções ou sensações em um mundo sedimentado na atividade que estrutura o caráter fluido da vida. Sendo a experiência social uma combinação de lógicas de ação, o ator está vinculado a cada uma das dimensões de um sistema, e é na articulação de tais lógicas de ação que a sua atividade na estrutura resulta de uma ação impregnada de subjetividade e reflexividade, a exemplo da experienciamento de paisagens.

Não sendo apenas definida pelas orientações normativas e culturais dos indivíduos, a ação social também comunica um comportamento que tem um sentido subjetivo. A paisagem interpretada a partir da experiência social pode ser vislumbrada, assim, como resultado de três lógicas de ação: a integração, a estratégia e a subjetivação. Conforme Dubet (1996), “na lógica da *integração*, o ator define-se por suas pertencas e integração ao sistema; na lógica da *estratégia*, o ator tem seus interesses numa sociedade concebida pela ideia de ‘mercado’; e no registro da *subjetividade social*, o ator representa-se como sujeito crítico” (p. 113, grifos do autor).

O fenômeno paisagem observado enquanto representação ou experiência social em um sistema demonstra que o trabalho pelo qual um indivíduo pode construir ou assimilar significados articula diversas lógicas de ação nas quais ele está engajado. Em resumo, podemos dizer que o trabalho que aproxima o indivíduo da representação de si e do todo social torna-o objeto potencial de estudo da sociologia da experiência. Se a paisagem é uma experiência social introduzida pela subjetivação das e nas relações sociais, o sentido da experiência social não é mais só um “dado” da vida social e da unidade do sistema: a paisagem é produto de uma atividade tanto discursiva quanto crítica que desconstrói sentidos e os remonta.

De certa forma, um ponto de vista semelhante ao supracitado já havia sido apresentando por Moscovici (2005, p. 13) em seu texto intitulado *Sobre a subjetividade social*, onde está explícita a sua preocupação com uma suposta obrigação que teria a psicologia social de apresentar respostas rápidas para os fenômenos da subjetividade.

Para ele, “apesar de a relação entre o eu e o outro parecer evidente, não se pode dizer que seja fácil de compreender e abordar concretamente”. Por isso, confirmamos que, neste capítulo, a pertinência das análises de Eugenio Turri e de François Dubet não solucionam nenhum dilema disciplinar, até porque nunca houve esta pretensão neste estudo. Na verdade, a antropologia das paisagens alcançada pela geografia cultural está sendo agrupada à sociologia da experiência para conduzir o arcabouço teórico psicossocial de Moscovici à expansão no contexto de outras disciplinas que também se preocupam, direta ou indiretamente, com o fenômeno das representações sociais.

Diante disso, o que nos cabe fazer, diante do que foi apresentando até aqui, é seguir estudando a paisagem no intuito de compreender o papel ativo do sujeito na história ou na produção de uma realidade. Por aí, poderemos antever como o experimentador de paisagens integra a sua experiência e história individuais na construção social da realidade. Junto à Teoria das Representações Sociais, que não se afasta nem do conceito de ideologia e nem da visão dialética da realidade, existe a possibilidade de, se não explicarmos, pelo menos compreendemos a amplitude da temática do caráter estável, ordenando, extenso e normativo da vida mental comum entendida como representação social. Para tanto, a seguir será realçada a abordagem estrutural como perspectiva psicossocial que inspira este estudo, pois concedemos assim fluxo ao estudo da paisagem pelo foco estreito nas experiências individuais e coletivas justapostas às representações sociais de um fenômeno que está integrado à sociedade.

### **3.4 – Uma proposta de Abordagem Estrutural para a paisagem**

Atualmente, existem três correntes na Teoria das Representações Sociais que delinham os trabalhos realizados desde Serge Moscovici. Cada uma dessas correntes está inclinada ao manejo teórico-metodológico das representações sociais considerando interesses específicos e particularidades no trato com o fenômeno da representação social. Conforme esclarecem Campos e Loureiro (2003, p. 15), das três correntes em questão, “nenhuma se afasta do *corpus* teórico fundamental proposto por Moscovici”, pois o que se tem são enfoques e abordagens diferenciados para o estudo das representações sociais. A princípio, a corrente popularmente chamada de “culturalista” representa os trabalhos inspirados pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, e está diretamente ligada a Serge Moscovici e Denise Jodelet; em seguida, a corrente

denominada “princípios reguladores das tomadas de posição” e também conhecida como “societal” ou “escola de Genebra”, vincula-se a Willem Doise e colaboradores; e, por último, está a corrente que interessa a este estudo das paisagens, a qual perfaz uma abordagem estrutural e é conhecida como “Teoria do Núcleo Central” ou “escola *aixoise*”, tendo como principal expoente Jean-Claude Abric.

Necessário, pois, lembrarmos que a abordagem societal, da “escola de Genebra”, e a abordagem estrutural ou do núcleo central, da “escola *aixoise*”, encontram-se ambas sedimentadas em parâmetros de estudo ditos “estruturais”. Ocorre que para desfazer inicialmente qualquer possível dúvida, é preciso esclarecer que este estudo propõe a interpretação da paisagem junto a uma abordagem que postula sobre os aspectos normativos das representações sociais até os aspectos mais práticos e funcionais ou, ainda, descritivos da mesma. Para tanto, será feito agora um percurso junto a alguns expoentes da escola de Aix-en-Provence, tais como Jean-Claude Abric, Claude Flament, Michel-Louis Rouquete, Christian Guimelli e Pascal Moliner, dentre os quais, alguns também subsidiarão teórico-metodologicamente a construção do estudo de caso que será desenvolvido no capítulo seguinte.

Também esclarecemos, de início, que a palavra “estrutural”, dentro do campo das representações sociais, está afastada do estruturalismo inserido na filosofia francesa de Louis Althusser, como bem lembra Flament (2002), por contado caráter a-histórico da aplicação althusseriana desta palavra. Assim, esta proposta de apreciação da paisagem enquanto representação sustenta-se na Abordagem Estrutural associada à corrente psicossocial relacionada a Jean-Claude Abric. Mais precisamente, seria o equivalente a dizer que a paisagem aqui se apresenta como objeto de estudo que “é mais que um sistema (conjunto de relações *menos* estabilizado), um conjunto de elementos, cuja estabilidade não é frágil; não é imutável, mas não se dissolve diante de qualquer evento ou processos novos” (Campos; Loureiro, 2003, p. 16). Desde que foi feito o delineamento deste estudo, já era de nosso conhecimento que a observação da paisagem, pela perspectiva estrutural, fazia-se um desafio na medida em que ela é um fenômeno de representação social impregnada de crenças, opiniões e atitudes que se interconectam ao ambiente social por relações quantitativas e qualitativas. Isso que dizer que, sendo a paisagem em princípio analisada pelas suas implicações qualitativas, que são alteradas e também alteram o todo estrutural sociocognitivo, a abordagem que esta sendo elaborada por nós é de caráter fundamentalmente histórico, e não se inscreve em nenhuma tradição cognitivista da psicologia social que tem por característica certa a-historicidade.

A paisagem entendida como representação social é, em primeira instância, consensual e histórica, permitindo a integração de experiências e significados individuais em seu conjunto. Neste mesmo sentido, ela revela-se como uma estrutura que intercambia os valores do grupo, aporta significados (práticas, crenças, opiniões), perfazendo-se como o ponto de partida, e por vezes de chegada, do manejo de uma representação que é sempre construída coletivamente. E, por ser uma estrutura de representação social, a paisagem é avaliada como um fenômeno de cultura que está composta por crenças-nucleares que a geram, organizam e estabilizam, de modo que outros componentes menos consensuais e mais negociáveis, chamados de periféricos, possam agregar, ampliar ou reduzir os possíveis significados de uma paisagem.

Tendo por princípio elementar que a paisagem estruturada está em conformidade com a natureza histórica das representações sociais, podemos explicar que os fenômenos culturais podem ter conteúdos distintos entre si devido ao encadeamento de experiências individuais ao aglomerado de saberes sociais. Ponderando tais particularidades é que surge a necessidade de maior aprofundamento no arcabouço teórico da Abordagem Estrutural da Teoria das Representações Sociais, pois percorrer o itinerário constitutivo da perspectiva estrutural se torna condição à compreensão do motivo de certas crenças serem não negociáveis (centrais), enquanto outras são periféricas em relação a um dado objeto social.

Quando partimos da noção de que representações sociais são conjuntos de elementos organizados e estruturados, há sucessivamente uma aproximação do fenômeno cultural paisagem aos fundamentos teóricos de Abric (1976; 1984; 1987; 1989; 1994a; 1994b, 2003a; 2003b) e Flament (1987; 1989; 1994a; 1994b) que subsidiaram o desenvolvimento da chamada “Teoria do Núcleo Central”. Por este arcabouço teórico, a representação é concebida enquanto a soma de seu *núcleo central* com seu *sistema periférico*, sendo que neste duplo sistema, a parte central relaciona-se às condições históricas, sociológicas e ideológicas (normas e valores sociais) que organizam o significado da representação, a fim de que o sistema periférico, ligado ao contexto imediato, esteja inclinado à história pessoal e aos ajustamentos da representação às alterações conjunturais. Dito de outra maneira, as paisagens conforme representações remontam-se como um todo estruturado, organizado e hierarquizado precisamente porque existe uma ação sociocognitiva capaz de justapor a premissa cognitiva à social junto a um contexto discursivo.

É apropriado revelarmos que, em sua tese de doutorado, Abric (1976) define, pela primeira vez, os aspectos normativos e funcionais do núcleo central da representação. No entanto, o núcleo central e o sistema periférico somam-se aí um sistema de categorização da realidade que Abric (1994a) posteriormente inclui dentro de dois sistemas. Ainda assim, à primeira vista, o foco dos estudos sobre representações sociais recai sobre a estrutura organizada pelo núcleo central e pelo sistema periférico, já que em sua tese esse teórico também se preocupou em definir propriamente as duas dimensões essenciais do núcleo central - a dimensão funcional e a normativa.

De início, Abric (1987) propõe que a dimensão funcional, quando predominante, privilegia na representação os elementos diretamente percebidos como pertinentes para a eficácia da ação. A dimensão normativa, por sua vez, é suscetível de privilegiar os julgamentos, estereótipos, opiniões, admitidas pelo sujeito ou grupo social no qual ele se insere. Mais tarde, em outro trabalho, Abric (1994a) volta a essas definições para precisar que, na dimensão funcional, os elementos mais importantes para a realização de uma tarefa serão privilegiados na constituição do núcleo central, sendo que na dimensão normativa estão em voga questões socioafetivas, sociais ou ideológicas como também normas, estereótipos e atitudes que impactarão nas dimensões a serem assumidas pelo núcleo central.

Resumindo, lê-se em Abric que a função do núcleo central é gerar, organizar e estabilizar um subconjunto de elementos em torno do qual as representações sociais são organizadas, sendo este núcleo responsável direto pela determinação do significado e pela organização do conjunto. Em uma análise dos estudos de Abric (1976; 1984; 1989), Moliner (1996) conclui que esse teórico fez um avanço em relação à noção moscoviana de “núcleo figurativo” quando trata o fenômeno como estrutura de uma representação constituída, que está para além de uma função genética ou geradora de elementos significativos. Em Abric, a criação de significados é somada à função organizadora dos elementos de uma representação, a fim de que seja assegurada unidade e estabilidade naquilo que é concebido como núcleo central.

Flament (1994a, p. 44) diz que, sendo o núcleo central o elemento mais estável de uma representação, também existe a possibilidade de haja a presença ou a ausência do núcleo no interior de um conjunto. Por este ângulo, “se o conjunto das prescrições absolutas de uma representação social forma um ‘sistema único’, nós falaremos de núcleo central e diremos que a representação é ‘autônoma’ [...]. Ao contrário, se as prescrições absolutas formam vários conjuntos organizadores, a representação é ‘não-

autônoma””. No entanto, é importante dizer que a identificação dos elementos centrais está regida pelos procedimentos utilizados para análise dos dados ou informações, o qual é chamado de “teste de centralidade”.

Em trabalhos realizados por Abric (1984; 1994a) e Moliner (1989; 1992a, 1992b; 1996), esteve em questão que o grau ou nível de “centralidade” inspira-se nos critérios quantitativos ou qualitativos empregados no desenvolvimento do estudo. Ocorre que em suas pesquisas, Moliner demonstra também que o fato de um elemento ter apelo quantitativo não lhe assegura centralidade. Mas, o que ficou claro foi que as cognições centrais são indissociáveis do objeto social e da lógica de sua estabilidade para os indivíduos. Assim, o que antes era um núcleo compreendido como entidade isolável, tornou-se para Abric (2003b) um “sistema central” que considera as particularidades relacionais no interior de um núcleo central.

Sendo o núcleo central complexo, ativado de forma diferenciada para cada objeto social visado, as relações de um grupo com o objeto é que definem seus modos de ativação. Como lembrou Campos (2003), diferentes elementos centrais são privilegiados na constituição de uma representação social, sendo que há interferência tanto das situações com forte finalidade operatória, ativando os elementos funcionais, quanto de situações com forte carga ideológica ou socioafetiva, que privilegiam os elementos marcadamente normativos. Se as representações são “guias” de leitura da realidade, “é evidente que esses dois sistemas devem assegurar uma interação não somente do tipo *normativo* com o objeto ou com a realidade, mas também uma interação do tipo operatório ou *funcional*” (p. 24, grifos do autor).

Há, no entanto, forte tendência em se associar o sistema central à ordem da dimensão normativa, enquanto o sistema periférico seria designado tão somente pela dimensão operatória. Só que é a natureza e a finalidade da situação, como destaca Campos (2003), é que influenciará nos elementos a serem ativados, pois a representação não é senão “um reflexo da realidade, uma organização significativa, que depende de fatores contingentes (as circunstâncias, como diz Flament) – natureza, limites, contexto, finalidade da situação – e de fatores mais gerais” (Abric, 1994a, p. 13). Neste sentido, a natureza e a finalidade, por exemplo, encarregam-se tanto de ativar a dimensão normativa quanto a dimensão funcional de representação, se se considerar que o sistema periférico é mais “reagente” porque é composto e organizado com maior flexibilidade.

O controle da centralidade também foi discutido por Guimelli (1994; 1998; 2003) e Guimelli e Roquette (1992), por uma técnica denominada “esquemas cognitivos

de base” usada de método para controle da centralidade. Ao permitir a avaliação de relações estruturais no âmbito das representações, a pesquisa dos Esquemas Cognitivos de Base revela o status normativo ou funcional dos elementos das representações. Para Guimelli e Rouquette, compreender se a dimensão normativa ou funcional de um elemento da representação é preponderante significa, por consequência, prever o grau de implicação ou envolvimento dos sujeitos com os objetos da representação pelos elementos que sobressaem em suas representações, sejam eles centrais ou periféricos.

Os estudos da Abordagem Estrutural frutificaram e se expandiram na “escola *aixoise*”, e assim muitos dos métodos ali estudados passam a coexistir e implicar na produção teórica daquele contexto. É o caso da identificação do status dos elementos de uma representação que se utiliza do método de Análise de Similitude de Flament (1981; 1994b) para mensurar as distâncias associativas entre elementos de uma representação e, ainda, sua técnica de estudo que permite a mensuração do grau de ativação de um esquema, seja ele central ou periférico. Existe ainda o método de Indução por “Cenário Ambíguo”, de Moliner (1989; 1993), que outrora foi chamado de método de “Colocar em Xequê” (*Mise en Cause*), o qual nos interessa aprofundar mais adiante porque ele subsidia o estudo de caso envolvendo a paisagem. Contudo, ainda que Flament e Rouquette (2003) tenham lembrado que uma representação social bem estruturada comporta, por definição, certos aspectos consensuais que são demarcados numa população estudada, consenso não significa unanimidade, dizem os próprios autores.

Observamos que, em qualquer grupo social ou objeto considerado para estudo, sempre existem efeitos da maioria que são mais ou menos pronunciados. E a minoria não é somente um resíduo aleatório: ela possui um sentido psicossocial, pois ela conta na interação dos indivíduos e, notadamente, em processos de influência. Diante disso, “é preciso interpretar tanto os aspectos majoritários como os minoritários das representações sociais” (Menin, 2007, p. 128). Por outro lado, entretanto, é devido a essa premissa que se complexifica o estudo das representações sociais, porque o desenho de uma lógica ou opinião consensual pode ser tanto maleável quanto coesa, tanto regulada quanto menos regulada. Segundo Flament e Rouquette (2003), é no tónus de uma afirmação de Durkheim que está posto com clareza que não há conformismo social que não comporte toda uma gama de nuances individuais.

As condições históricas condicionam uma representação social, e é aí que as funções do sistema periférico se relevam enquanto condicionantes básicos na conscientização, regulação e defesa pela prescrição de comportamentos, permissão de



modulação planejada e proteção do núcleo central. Na medida em que o campo de variações permitidas é limitado, perfazendo-se nos limites do consenso, o sistema periférico nos conduz às possibilidades de transgressões sancionadas, porque sendo ele menos estável que o central, desempenha um papel de modulação individual sem colocar em cheque a significação central. Flament (1989, p. 209) diz que o elemento central é lugar de coerência da representação, guardando as significações necessárias e não negociáveis, enquanto o sistema periférico guardaria as significações “normais”, condicionais, negociáveis. Na regulação do consenso, ambos podem ter funções normativas no sentido de garantir a mesma direção de um discurso na representação:

Os esquemas periféricos asseguram o funcionamento quase instantâneo de uma representação como um “critério de decifragem” de uma situação: eles indicam, às vezes de modo bem específico o que é “normal” (e por contraste, o que não é normal) e, assim, o que é necessário compreender, memorizar. Esses esquemas normais permitem à representação um funcionamento econômico, sem que seja necessário, a cada instante, analisar a situação em relação ao princípio organizador que é o núcleo central.

Importante, todavia, é lembrar que para que uma representação se transforme realmente, deve haver uma transformação de seu núcleo central. O que define a mudança em uma representação, assim, não pode ser uma mera contestação dos elementos periféricos devido a mudanças com textuais ou novas práticas sociais, pois nisso não há ameaças à coerência da representação. As transformações das representações sociais acontecem somente quando ocasionadas pela alteração de uma dada relação do grupo com um objeto, nas relações intergrupais ou por mudanças de contexto social. Diante disso, a função normativa no sistema periférico pode ser vista como a presença de prescrições condicionais, dado que é ele quem define a normalidade de uma representação, aquilo que é frequente e desejável numa situação, para uma população específica, enquanto que o sistema central define o que é necessário.

É em razão disso, inclusive, Abric ressalta as funções normativas do núcleo central localizadas em elementos referentes às avaliações e julgamentos dos objetos da representação, relativas a guardar o consenso da representação de uma população e relativas à justificação de condutas em relação à representação. E, dentro deste contexto, é que emergem a ancoragem e a objetivação, conforme foram definidas por Moscovici (1961) segundo processos que também são fundamentais na gênese de uma representação social. Definida a objetivação como transformação de uma ideia, de um

conceito ou de uma opinião em algo concreto, ela pode cristalizar-se a partir de um processamento social de uma determinada representação que passa a ser evocada, concretizada, disseminada como sendo o “real” em expressão individual e coletiva. É através da objetivação ou processo de transformação, que uma representação se torna estável, enquanto o processo de ancoragem a torna familiar e consensual.

Desempenhando um papel fundamental no estudo das representações sociais e no desenvolvimento daquilo que chamaríamos de “consciência”, a ancoragem é a parte operacional do núcleo central, ou é um sistema periférico que concretiza, mediante a apropriação individual e personalizada, os processos pelos quais um objeto, antes percebido como “novo”, torna-se conhecido, isto é, vai sendo “ancorado”, amparado, associado a conhecimentos e práticas anteriores, mais familiares e mais próximas de sentidos já conhecidos (Campos, 2003). Não sendo um processo estático no contexto da Teoria das Representações Sociais, este estudo que apresenta a paisagem como fenômeno de representação social, evidentemente tem foco na compreensão da ancoragem para que este processo fundamental seja um caminho para facilitar a interpretação dos modos de constituição e encadeamento dos contornos que são assumidos por um fenômeno de cultura tão polissêmico quanto a paisagem.

Fundamentalmente por saber que a ancoragem não é um processo estático, o qual interfere na gênese ou na transformação da paisagem como representação, é que os sistemas sociocognitivos e/ou socioafetivos devem entrar em voga a partir do próximo capítulo, que aponta o delineamento da paisagem como instalação. Enquanto o estudo da ancoragem é o estudo dos processos sociais e cognitivos que asseguram a vida e a latência da representação, a Teoria das Representações Sociais passa a ser terreno indiscutivelmente necessário e profícuo para sedimentar a base que pode desfazer a ideia de fluidez, plasticidade e multiplicidade da paisagem experienciada ou, de algum modo, pode-se até mesmo reiterá-la como tal.

Como oportunamente aponta Campos (2003, p. 34), “a questão que se abre é da relação entre práticas sociais e ancoragem”, já que são as práticas sociais que interferem naquilo que “um dado grupo social desenvolve a propósito de um dado objeto” e, ainda, porque elas “constituem *um dos* substratos sociais que dão *sustentação* à manutenção e ao funcionamento de uma representação social”. A relação prescritiva da paisagem - um fenômeno de representação social - com a cultura, então, fica explícita nessa relação de dependência direta existente entre práticas sociais e ancoragem no arcabouço teórico da TRS. Neste ponto, seria bastante interessante recorrer a Bourdieu (2007, p. 162) para

dizer que, as práticas sociais da psicologia social também são um arranjo do habitus que é, com efeito, “um princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação [...] de tais práticas”.

A paisagem está efetivamente sendo apreendida aqui como um suporte de análise que aglomera as duas capacidades que definem o habitus, ou seja, o fenômeno de representação social que se anuncia como paisagem reúne o que para Bourdieu era a capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos. É análogo a pensar que a paisagem tem figurado consensualmente enquanto um mundo social representado, ou seja, um espaço dos estilos de vida. Mas, sendo representação social, a paisagem experienciada é fenômeno que também se enreda em níveis de ancoragem, descritos por Doise (1992; 2002) pelas designações “ancoragem psicológica”, “ancoragem psicossociológica” e “ancoragem sociológica”. Ao ser atividade de caráter individual, a ancoragem psicológica valida os modos através dos quais valores e atitudes são adotados pelos indivíduos, enquanto o modo pelo qual as pessoas percebem as relações entre os sujeitos e grupos, e superficialmente percebem a estrutura social, constitui a ancoragem psicossociológica. E, por último, a ancoragem sociológica encarrega-se do estudo das “experiências” sociais e formas de pertença individual ao todo social.

Ao examinarmos o que fez Campos (2003), neste estudo da paisagem experienciada também “nos parece pertinente situar as práticas sociais grupais neste último nível, o das *experiências* grupais”, considerando que para um nível de análise mais social é preciso perceber a ancoragem ainda pelas suas dimensões sociológica e ideológica (p. 34-35, grifos do autor). Afinal, Doise (2002) apresenta a apreciação da dimensão sociológica com ênfase nas estruturas sociais e em seu aspecto dinâmico, e com foco nas práticas sociais e práticas institucionalizadas, normatizadas e estratificadas, que regulam o princípio da autonomia e produzem efeitos de defesa ou transformação do núcleo central. Por outro lado, esse autor chama de ancoragem ou dimensão ideológica o movimento de enraizamento de representações através da comunhão de blocos de crenças e valores que influenciam a linguagem estrutural ou as ideologias que macrorregulam e mantem (ou não) certas constantes sociais.

Se tomarmos a paisagem é lidar com a polissemia, o estudo das práticas sociais em um cenário de estudo da ancoragem de uma representação demonstra que a Abordagem Estrutural da Teoria das Representações Sociais apresenta convergência com o objeto de estudo em questão em razão dos arranjos convencionais e prescritivos

que ele assume. Notadamente, há um fenômeno complexo em questão, o que não se distingue em amplitude de quaisquer outros fenômenos que foram interpretados na TRS. E é nesta direção que um estudo abreviado da paisagem experienciada em parques urbanos da cidade de São Paulo e de Goiânia é delineado à luz da Teoria da Instalação que reflexiona a construção sócio-cognitiva dos objetos, por Saadi Lahlou, amparada pela visão da paisagem-marca e da paisagem-matriz, segundo delineamentos de Augustin Berque, reunidos à sociologia da experiência, de François Dubet. O que esperamos a partir de agora é promovermos uma apreciação das práticas sociais sejam elas determinantes das representações ou representações que determinam práticas e comportamentos, apresentando ou não reciprocidade nesses dois movimentos.

## CAPÍTULO 4

### O ESTUDO DO FENÔMENO NA INSTALAÇÃO

#### 4.1 – A matriz estável e organizada em estruturas materiais de mediação

Foi no âmbito da geografia cultural que a visão da paisagem como marca e matriz surgiu enquanto uma escolha coerente para darmos encaminhamento ao estudo de caso da paisagem que está instalada em parques urbanos. Mesmo sabendo que a fundamentação teórica de Augustin Berque é uma das formas de interpretar a paisagem, entendemos que a marca social dos parques urbanos pode ser interpretada com mais pontualidade quando tomamos um ambiente de cultura, onde se instala uma representação social, a partir de uma matriz formadora, que coincide parcialmente com a abordagem estrutural do fenômeno psicossocial em questão. O estudo da instalação da paisagem passa, portanto, pelos crivos de uma matriz polissêmica, mas que também sustenta homogeneidades no arcabouço de uma estrutura central estabelecida pela ancoragem. Diante disso, a paisagem e a cultura passam a ser abordadas, neste capítulo, junto a uma perspectiva que percebe o fenômeno cultural observado em parques urbanos como marca e matriz de grupos sociais específicos.

Sendo contemporâneo de estudiosos da nova geografia cultural, que por volta dos anos de 1960 e 1970 ganhou notoriedade, o geógrafo francês Augustin Berque desenvolveu uma abordagem que nos interessa neste estudo porque prima pela discussão intertextual do objeto que se torna evidente pela experiência. Berque (1984; 1985; 1989; 1994a; 1994b) apontou a paisagem como marca eloquente de uma “civilização” instalada na materialidade, que pode ser descrita e até mesmo inventariada. Por este prisma, os parques urbanos são estudados agora conforme matrizes interligadas a sistemas de percepção, concepção e ação, ou seja, como marca ou fenômeno oriundo da cultura. O que se espera é que a paisagem teorizada em capítulos anteriores, finalmente, possa ser vinculada ao olhar reflexivo, à experiência de valor, ao julgamento estético que produz uma crença e uma moral, ou ainda ao movimento político que media múltiplos significados.

Semelhante ao geógrafo cultural Denis Cosgrove (1998), para o qual paisagem, cultura e representação resumem a interação que produz a consciência, o conjunto de

ideias, valores, crenças e a ordem moral, Berque (1994a, p. 5) toma a polissemia da paisagem para torná-la imaterial quando sintetiza uma ideologia e a transforma em “uma abstração que não reside somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa destes dois termos”. O sujeito em Berque é coletivo, e a intervenção do indivíduo no meio ambiente transforma a paisagem em produto da relação sociedade, natureza e cultura. Tratando-a em fenômeno plurimodal, Berque (1984) diz que paisagem e sujeito são co-integrados em um conjunto unitário que se auto-produz e auto-reproduz. Interessa-nos, pois, seguir o caminho percorrido por este autor para tomar neste capítulo alguns parques urbanos para interpretá-los segundo paisagem-marca, que expressa um grupo social, e conforme paisagem-matriz, que participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação intercambiada pela cultura.

Neste sentido é que, semelhante à proposta da antropologia das paisagens de Turri (2008), abre-se também espaço para a observação do parque como ambiente em que é possível individualizar o visível, numa geografia da exploração, centrada na percepção e no simbolismo. A lógica de conceder significação aos territórios conforme estes são apreendidos pelas populações, que fomenta parte da teoria de Eugenio Turri, torna importante dedicar atenção aqui para o ambiente social transformado pelos filtros culturais. A observação da instalação no ambiente dos parques urbanos, assim, abriga um fenômeno de cultura que, a nosso ver, motiva a análise da co-integração que a sociedade e a cultura tem com a natureza (entendida aqui também como uma forma de instalação material da paisagem). Os parques urbanos podem ser compreendidos enquanto resultantes da mediação dos processos de transformação da natureza geobiofísica pela sociedade que dela se apropria, porque ele é resultante da paisagem transformada, vivida, construída, embora os marcos dessa relação nem sempre estejam claramente impressos na instalação.

Diante disso é que a psicologia social do conhecimento, interessada como é nos processos que geram, transformam e projetam o conhecimento no mundo social, é instrumento aglutinador no estudo da paisagem como representação social, uma vez que ela é fenômeno que gera uma atmosfera atuante na relação do indivíduo com o grupo. A paisagem faz-se representação social, e reitera assim uma atividade que, para Moscovici (2004, p. 53-56), é de tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade. Seria o equivalente a dizer que “o ato da re-apresentação é um meio de transferir o que nos perturba, o que ameaça nosso universo, do exterior para o interior, do longínquo para o próximo”. Porém, não pode ser ignorado o fato que essa transferência “é

efetivada pela separação de conceitos e percepções normalmente interligados e pela sua colocação em um contexto onde o incomum se torna comum, onde o desconhecido pode ser incluído em uma categoria conhecida”. Sendo, então, operacionalizada por uma estrutura central no desenvolvimento de opiniões ou conceitos, que evocam a ação consciente mediante a apropriação personalizada dentro dos contextos sociais, a paisagem é observada no âmbito dos parques como marcador “real” da representação.

Sendo experienciada tanto na leitura quanto na comunicação de rótulos, crenças e orientações – seja para a composição ou a transformação de ideias e perspectivas em algo concreto -, a paisagem é vista como instalação persistente no contexto social devido a um processo figurativo. Uma vez cristalizada por possuir uma figuração e uma evocação contínua, a representação social concedida à paisagem passa a concretizar-se e disseminar-se como se fosse o “real” daqueles que a expressam. Como ponto de orientação e lugar de referência, o parque urbano é um exemplar que ganha destaque neste exercício de interpretação da paisagem devido à sua capacidade inerente de emergência, estabilidade e transformação do conjunto que esse fenômeno assimila, com fins de garantir a sobrevivência e persistência de uma representação social específica em determinado ambiente de cultura.

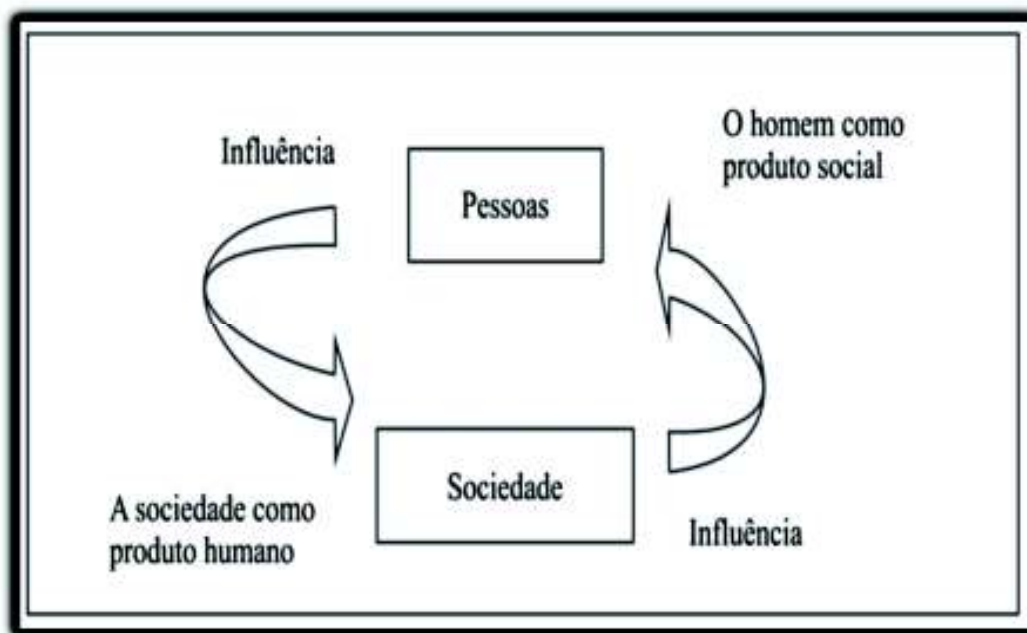
Ainda que haja correlação da representação com as histórias ou as experiências pessoais do sujeito, o que está em voga desta vez é que a paisagem experienciada em determinado contexto social garante àquela elaboração – o parque urbano - certa estabilidade, a qual é totalmente necessária para comunicar significados válidos, que são ou se tornarão familiares ao grupo de pertencimento. Com estabilidade, organização e coerência, a representação social da paisagem dos parques urbanos está desvinculada de um conjunto de eventos e processos puramente cognitivos, porque este estudo interessa-se por observar como se estabelece uma representação social da paisagem enquanto organização ou estrutura, que é atravessada por diferentes dimensões. Isso não significa dizer, no entanto, que serão desconsiderados os aspectos que evocam a dimensão afetiva e subjetiva da paisagem, uma vez que estas dimensões serão analisadas à luz de algumas situações que ativam, de modo normativo e funcional, os elementos que são mais ou menos carregados de afetividades (Campos; Rouquete, 2003) ou de subjetividades.

É necessário compreender, por outro lado, que são os processos de ancoragem e objetivação, tratados por Moscovici, que nos conduzem pelos meandros da paisagem que é imagem imperativa, ou simplesmente um elemento da realidade, em vez de um

elemento do pensamento. Em outras palavras, no estudo da paisagem dos parques como representação social, a ancoragem e objetivação são dois processos que merecem especial atenção porque produzem as representações sociais, sendo que “o primeiro mecanismo tenta ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar”, enquanto que “o objetivo do segundo mecanismo é objetiva-las, isto é, transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico” (Moscovici, 2004, o, 72-74).

O estudo dos parques urbanos traz à tona imagens da cultura que conjugam a aceitação social de determinado paradigma, de forma que o uso corrente de certas palavras, até mesmo, torna-se mais recorrente. Isso ocorre, sobretudo, porque o valor social de qualquer representação é negociado pela comunicação ou compreensão social, que por sua vez é filtrada pela experiência e criadora do “real”, onde estão localizadas nossas referências e significados do existir. Para visualizar as representações sociais a partir desse ponto de vista, há de se considerar a articulação entre a experiência individual e a esfera pública, contextualizando essa relação com o contexto e discurso situados na história ou na cultura em questão:

**Figura 2.** Processo Recursivo da Construção Social da Realidade



**Autores:** Guerra; Ichikawa, 2011, p. 352 (Adaptado de Berger e Luckmann, 1996).



Figura 3. Representações Sociais e Ideologia - uma Articulação "Contingente"



Autor: Xavier, 2002, p. 41.

Dadas essas referências, a dinâmica e complexidade das representações sociais podem ser ilustradas a partir de duas esquematizações, as quais são expostas a seguir tão somente para facilitar a apreciação estrutural das mesmas. Na figura 2, o processo recursivo da construção social da realidade aproxima-se da exposição sociedade como produto humano e realidade objetiva, quando o indivíduo é produto social, desempenhando papéis que muitas vezes podem ser apreendidos como uma fatalidade inevitável. Na figura 3, complementarmente, as representações sociais são apresentadas a partir da regulação ideológica oriunda da cultura, e que também produz cultura e repertórios simbólicos atravessados pela comunicação. A experiência individual e grupal, assim, ressurgem para construir um ciclo, que também foi expresso na Figura 2, segundo o qual indivíduo e sociedade estão centrados no círculo que os articula e os tornam agentes indissociáveis e interdependentes.

Diante de ambos os esquemas simplificados que foram apresentados anteriormente, está sendo ilustrada a maneira como os parques urbanos, enquanto fenômenos culturais de representação social, são produzidos pelas pessoas, as quais influenciam a sociedade, tornando-os sua criação. Em contrapartida, a sociedade influencia as pessoas, tornando-as produto social e dando origem, assim, a um processo recursivo, e não determinista, de construção e manutenção dos parques urbanos como

representações. Não sendo viável que as representações existam somente em nossas mentes (cognições), ou apenas de modo relacional com o ambiente social, só é válido pensar sobre a existência de parques urbanos apenas pelo foco em dimensões interdependentes e indissociáveis. O fenômeno das representações sociais, no entanto, goza de tridimensionalidade e deve ser observado de acordo com os aspectos psicológicos e relacionais dos indivíduos, e pela conexão do individual com o contexto de relações sociais e com as instituições que promovem ideologicamente as crenças, leis, normas ou cultura.

Por saber que os elementos que formam as representações sociais advêm do senso comum e da linguagem, a comunicação deve ser foco de atenção e análise porque traduz a experiência, tão profundamente tratada por François Dubet (1996) para revelar as implicações da ação social e da subjetividade nas expressões contemporâneas de uma sociedade em crise de valores, ambígua e portadora de incoerências. A noção de experiência, associada como é à ação social subjetiva, nos direciona a rever os parques urbanos como resultantes da atividade dos indivíduos que vem a construir o sentido de suas práticas no meio heterogêneo. Sendo a sociedade o princípio cultural da ação individual, a organização de condutas na instalação de um fenômeno de cultura é, na verdade, um trabalho de interpretação da experiência em estruturas materiais de mediação. Como lembrou Moscovici (1978), a representação social é sempre representação de algum objeto e de algum sujeito, e por ser assim, a representação é simultaneamente uma construção e uma expressão do sujeito que, ao manifestar as características do objeto, acaba por produzir uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações).

Faz-se necessário, de uma vez por todas, confirmar que é exatamente em razão da toda a complexidade do fenômeno paisagem, que foi encontrado no âmbito da Teoria das Representações Sociais (TRS) uma possibilidade de estudo mais aprofundado para a existência de uma representação social com tantas especificidades. A paisagem é entendida, pois, como produto de dinâmica relacional e apropriação individual/coletiva, por um amplo processo de socialização que tornam necessárias, principalmente, “alianças teóricas” com várias outras abordagens socioculturais para que o estudo presente venha a refletir e redirecionar a polissemia de seu próprio objeto de estudo.

Assim, quando a paisagem dos parques urbanos tem convergência com estruturas materiais de mediação (que estão direcionadas a um nível “material” de produção simbólica da comunidade), é evidente que a lógica de concretização das

representações sociais, antevistas como marca e matriz, ganha mais estabilidade em um estudo de caso que interpreta experiências e significações. Considerando que objetivar é transformar o familiar em não familiar, ancorando assim o desconhecido em uma realidade já institucionalizada, deslocando ou alterando os significados estabelecidos que as sociedades tentam perpetuar, a paisagem dos parques pode ser tratada a partir de agora com maior pontualidade, já que passa a conciliar tanto a regularidade do pensamento – subjetividades e socioafetividades – como também o meio ambiente psicossocial e geopolítico em que houve a institucionalização das representações sociais que se tornam legítimas e bem aceitas pela sociedade.

Quando institucionalizada pela materialização de parques urbanos, e quando imaterializada pela convergência simbólica que tais instalações aglomeram, a paisagem representada socialmente segue ao longo do tempo até ser substituída ou modificada por uma quebra de paradigma, geralmente resultante da ancoragem de novos significados. É a existência e persistência da matriz residente em três parques urbanos brasileiros que nos interessa avaliar junto à visualização das marcas que ancoram significados reincidentes na paisagem que tem sido experienciada no Parque Ibirapuera<sup>44</sup>, situado na cidade de São Paulo, e no Lago das Rosas e no Bosque dos Buritis, localizados na cidade de Goiânia, em Goiás. Importante, porém, é dizer que o Parque Ibirapuera comporta, neste contexto, uma ação interpretativa mais aprofundada, porque foi um objeto utilizado para estruturar duas fases da pesquisa de campo, enquanto que os dados coletados em parques goianos apoiam somente um primeiro nível do estudo de caso.

#### **4.2 – Teoria da Instalação: a cultura é o sistema e o objeto é a representação**

A interpretação da paisagem instalada no Parque Ibirapuera, no Lago das Rosas e no Bosque dos Buritis é um empreendimento desafiador porque volta circunstancialmente o interesse desta pesquisa para a análise do elo entre ação e representação, elo este que é determinado pela atividade localizada de forma tênue entre a psicologia social e a ciência cognitiva. Mas, levando em consideração que se trata de uma questão demasiado complexa, é que a Teoria da Instalação do psicólogo social

---

<sup>44</sup> Na literatura sobre a história e planejamento do Ibirapuera, bem como em demais fontes documentais, esse parque é chamado duplamente de “Parque do Ibirapuera” e “Parque Ibirapuera”. Este estudo utilizará a segunda nomenclatura, considerando sua maior incidência documental.

britânico Saadi Lahlou<sup>45</sup> (2011a) concede um novo direcionamento à pesquisa, pois também é de nosso interesse avaliar a paisagem como uma construção sócio-cognitiva dos objetos, a qual se dá em um mundo real, ou seja, em um mundo que é uma instalação. Logo de início, convém dizer que a Teoria da Instalação de Lahlou passou a ser mais conhecida no Brasil em razão da sua dupla participação na 41ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, ocorrida na cidade de Belém do Pará, no ano de 2011. Neste evento, o teórico realizou a conferência “A Psicologia e a Construção Sócio-Cognitiva dos Objetos” e o curso “A utilização de Microcâmeras (Subcam) para observação fina de comportamentos”, sendo que mais precisamente o texto referente à conferência de Lahlou foi por mim traduzido com fins de abordar aqui a paisagem como instalação, uma vez que não há publicações em português que abordem tão somente a Teoria da Instalação que vem sendo estudada por este teórico.

Devido ao percurso que se abre junto à Teoria da Instalação, é preciso esclarecer que a paisagem deve ser pensada como um produto histórico, espacial e social que contém elementos visíveis (materiais) e que se manifesta superficialmente em uma realidade física e estruturada. Entendemos a paisagem como resultado de processos representacionais que se materializam no território, a ênfase agora é para os fatores que a transformam em realidade. Estruturando-se em uma matriz, retendo-se em uma marca e sendo representada socialmente, a paisagem é redirecionada neste capítulo para além das descrições, requerendo o conhecimento das relações sociais que a configuram. Seguindo pressupostos de Turri (2002), para o qual a paisagem é a vestimenta histórica do território, em que permanecem escritas as mudanças como dados encorpados no tecido territorial, e perpassando a elaboração de Cosgrove (1998a), para quem é a objetividade e a subjetividade da paisagem que promove sua tendência à representação e à gestação do lugar, dá-se o encontro com Milton Santos (1996) e a construção social do espaço geográfico com objetos e ações estruturadas no território para, por fim, possa ser visualizada com nitidez a paisagem que é marca e, simultaneamente, matriz cultural para Berque (1998), pois ela revela o espaço como um texto no qual se leem a sociedade e suas múltiplas interpretações da paisagem urbana.

Construindo socialmente o objeto, tornando-o marcado, e elegendo-o enquanto matriz, os indivíduos estão reiterando representações sociais, pois “elas possuem uma

---

<sup>45</sup> Saadi Lahlou é diretor do Instituto de Psicologia Social da *London School of Economics and Political Science* e diretor de Pesquisa do Programa de Tecnologias Cognitivas da *Maison des Sciences de l'Homme*, Paris. Por mais de 15 anos atuou na gestão no campo industrial, com observação contínua e realística de atividades, usando microcâmeras, para experimentos longitudinais de longo prazo.

função constitutiva da realidade, da única realidade que conhecemos por *experiência* e na qual a maioria das pessoas se movimenta” (Moscovici, 1976, p. 26-27, grifos nossos). Em outras palavras, pode-se afirmar que o objeto é um elemento fundamental na psicologia social, presente direta e indiretamente em qualquer relação, e é por saber disso que o estudo da paisagem retoma a cultura como sistema e a representação como forma de perceber o objeto. A paisagem é compreendida, portanto, enquanto instalação que produz e determina comportamentos pela definição tanto da natureza dos diferentes estímulos que cercam os indivíduos, quanto das respostas que devem ser dadas a eles.

É neste sentido que dentro da perspectiva de Berque, um dos geógrafos que notoriamente mais contribuiu para o entendimento da simbologia da paisagem, este estudo prescreve o parque urbano do unitário ao global, e vice-versa. Há ainda que se considerar que existe uma sociedade que transforma sua relação com o espaço e com a natureza, concretamente, em uma visão da paisagem. Sendo o parque urbano, assim, uma manifestação concreta dessa relação, em conformidade com Berque (1998, p. 84), “a paisagem pode ser objetivada analiticamente através de sua relação com o sujeito coletivo”. Aliás, é pela manifestação concreta da relação com a sociedade, como espaço e com a natureza que, na sua proposta, Berque considera a paisagem como marca, que expressa a lógica da “ordenação” humana do espaço, e ao mesmo tempo como matriz, porque é produto e produtora de cultura (pela percepção, concepção e ação).

Tomados a partir desse prisma, o Parque Ibirapuera, em São Paulo, e o Lago das Rosas e o Bosque dos Buritis, em Goiânia, referem-se a contextos concretos e, ao mesmo tempo, relacionam-se com a paisagem que é subjetiva, porque evoca a experiência fundada também na socioafetividade. Seguindo os pressupostos de Berque (1994a, p. 5), a análise da paisagem que se desenha neste estudo não pode ser pautada apenas pelo aspecto visível, ou seja, pelo seu caráter morfológico, assim como não deve se reduzir aos estudos psicológicos. Apesar da expressão paisagística ter sua especificidade na forma como é observada, pelos motes da subjetividade, ela é mais do que um ponto de vista ótico e um “espelho da alma”, que se refere a objetos concretos tais como os parques, os quais possuem um suporte objetivo e encontram na paisagem a medida de integração do sujeito com o objeto.

É importante lembrar, porém, que os estudos de Augustin Berque interessam a esta pesquisa tanto pela abordagem simbólica da paisagem, quanto por utilizar forte base etnográfica, aliada à ausência de preconceitos filosóficos, tornando-se uma alternativa às questões epistemológicas tão polissêmicas como as que se encontram aqui

acionadas. Além disso, pela compreensão de que a paisagem é cercada por um quadro complexo, totalmente implicado na experiência, é que este estudo pode percorrer, também em um nível psicossocial, a proposta de Saadi Lahlou (2011a) segundo a qual o objeto pode ser interpretado de uma maneira simbólica, por meio da Teoria da Instalação que tem foco nas “cognições” que tem conotações físicas e emocionais. Entretanto, é bom pontuar que nos interessa que as cognições são emparelhadas à experiência, à percepção, à ação e à concepção, para que a perspectiva psicossocial demonstre que os objetos não existem por si, em isolamento; eles são sempre representados por algum sujeito no contexto de determinada cultura. Daí, as representações sociais da paisagem serem entendidas como instalações que não são construídas independentemente, isto é, por um indivíduo isolado, pois resultam da construção coletiva em um contexto cultural.

Para Lahlou (2011a), não é o objeto em si, mas sua representação, que irá guiar o comportamento em relação ao ambiente, às pessoas ou às coisas. A construção do objeto por sua representação na consciência do indivíduo tem em um filtro de representações prévias para sua referência. A construção do objeto ocorre literalmente quando ele é “construído”, feito no mundo físico ou real. A construção, nesse tempo, ocorre também fisicamente quando o objeto físico é feito, porque então está sendo construído em referência à representação. O parque urbano, no cerne da Teoria da Instalação, passa a ser um artefato que se configura pela forma, em conformidade deliberada com o objeto de referência, que é a representação social assumida. Portanto, a representação de um parque tem impacto direto na construção do mundo real, em razão de seu aspecto tangível (materialidade) e intangível (simbologia).

A experiência é o método de instalação para Saadi Lahlou, uma vez que ao observamos a prática do mundo real, os objetos físicos emergem do passado e invadem o campo da visão porque a vida cotidiana e um tecido cultural feito de práticas concretas. Deve-se levar em conta, por sua vez, que os objetos materiais, nas análises de representações sociais, estão se comportando em relação a outros indivíduos e ao mundo em geral. Quase sempre, surgem inúmeras dúvidas sobre onde exatamente se deve colocar esses objetos nos quadros referenciais teóricos. Casos semelhantes a fenômenos de cultura tais como a paisagem dos parques urbanos, por exemplo, conduzem ao problema de compreender sua posição no emblemático triângulo psicossocial de Moscovici, segundo o qual o objeto (material, simbólico) interconecta-se ao “ego” (vertente individual) e ao “alter” (vertente social).

A Teoria da Instalação de Lahlou (2011a), assim, nos interessa demasiado neste estudo porque também nasceu no percurso de indagações, não tão recentes, quanto as seguintes: “Estamos falando sobre o objeto material ou sobre sua representação? E se os dois são idênticos, o que devemos fazer com os objetos que têm um equipamento de hardware importante?”. Ocorre que, até agora, para Lahlou os estudos realizados tem apontado que, quando se trata de representações, a maioria dos psicólogos está estudando o discurso e outros materiais verbais, e é devido a isso que o estudo da ação e da prática torna qualquer abordagem muito mais difícil de ser sustentada. A sua proposta, diante dessa situação, foi abordar mais especificamente os mecanismos de “evolução dessas entidades” e avaliar as funções sociais das representações e objetos. Segundo propôs este autor, não houve pretensão de fornecer respostas definitivas nem ao estudo da evolução das entidades, tampouco para as funções sociais que emparelham representações sociais e objetos. Condizente com a proposta desta tese, Lahlou interessou-se pelo estudo das representações sociais, junto uma Teoria da Instalação, visando inicialmente interpretar o mundo como uma instalação em que há a cultura como um sistema de encorajamento, que recorre por consequência ao mecanismo de dupla seleção cultural, que será explicado mais adiante.

No entanto, a pesquisa de parques urbanos como instalações, antes de tudo, requer a apresentação de uma ampla estrutura de análise que integra os objetos a partir de uma perspectiva social. E este quadro, onde a paisagem experienciada em parques urbanos será encaixada, é a teoria do Mundo como instalação. Sendo a realidade muito complexa e cheia de nuances, assim como a paisagem polissêmica o é enquanto experiência psicossocial, primeiro faz-se obrigatório lembrar que, na atualidade, uma média um pouco superior de 50% da população global vive em áreas urbanas. A cidade, um ambiente artificial instalado massivamente, encontra-se saturada de objetos materiais construídos pelas mãos humanas. A sobrevivência a esses densos ambientes artificiais impele os indivíduos a seguirem regras estritas de comportamento, a fim de limitar conflitos e conceder acesso aos recursos. Isso explica a submissão a todo um conjunto de regras sociais formais, que quase sempre convive com tendências individuais e até instintivas do ser humano. A natureza aqui passou a ser um sistema de orientação do comportamento moldado em uma perspectiva histórica e social de ação.

O parque urbano é, desse ângulo, uma marca ou matriz instalada no tecido das cidades, o qual representa uma demanda das sociedades estáveis e organizadas de um modo mais elaborado e sofisticado do que as colônias de insetos sociais como abelhas e

cupins. É que nas sociedades humanas o acúmulo de uma massa de objetos e comportamentos chama-se cultura, e tangencia toda uma gama de materialidade, representações, instituições. O olhar debruçado à história de um grupo social suscita a percepção de que houve ali acumulação e evolução (adaptação) cultural às sempre ajustáveis demandas do ambiente físico e social, seja a curto, médio ou longo prazo. Equivale a dizer que os cérebros humanos permanecem os mesmos com os seus *softwares* em constante mudança, porque o contexto contém muito mais sistemas de determinação e controle do que está visível.

Ao aprofundar sua análise sobre o papel da Psicologia em um cenário de complexidade cultural, Saadi Lahlou (2011a) vai ao encontro da necessidade de um trabalho científico que explore os processos de gerenciamento e mudança do mundo. Retomou, para tanto, Michel Foucault em “Vigiar e Punir” para mostrar que os indivíduos aprendem restrições e regras pelo condicionamento que é uma prática de exercício e exame cuidadoso para disciplinar o corpo no espaço e no tempo. Em seguida, traz Bruno Latour com a teoria do ator-rede, em que os atores do processo inclusive negociam inovações, em convergência com o que apontou Edwin Hutchins quando mostrou que a própria cognição é distribuída ao longo dos artefatos materiais e, funcionando como ação, é em última análise executada por um sujeito coletivo, híbrido e construído por uma equipe de seres humanos em estruturas materiais de mediação. Neste caminho, Lahlou também destaca que, antes dos teóricos anteriormente citados, Serge Moscovici já havia constatado que as representações sociais guiam nossas práticas junto às estruturas construídas pelo coletivo, material e imaterialmente, com fins de servir de guias e motes de referência para o comportamento dos indivíduos. Ao considerarmos o parque urbano no centro de todos os apontamentos anteriores, o que teremos são estruturas mediadoras que tem significativamente adicionado mecanismos supostamente primitivos de influência social, suscitando todo um arcabouço cultural de controle individual para o comportamento.

Os mecanismos de controle social são tradicionalmente estudados pela psicologia social com bastante proximidade com experimentos sobre influência, obediência e percepção coletiva. Lahlou (2011a) adiante que tanto Berger e Lucamann, quanto Giddens, podem ter suas considerações usadas para demonstrar que as estruturas materiais de mediação são continuamente produzidas e reproduzidas nas práticas, sendo que muitos trabalhos já foram dedicados ao estudo dessas “estruturas mentais”, desde Burner em histórias (narrativas), Vygotski na linguagem, Goffman na interação diária



que restaura incessantemente a necessidade de exercer um papel social aos indivíduos, dentre outros. Mas, em muitos dos trabalhos teóricos anteriores, ainda é possível dar falta da presença de estruturas materiais de mediação (objetos materiais).

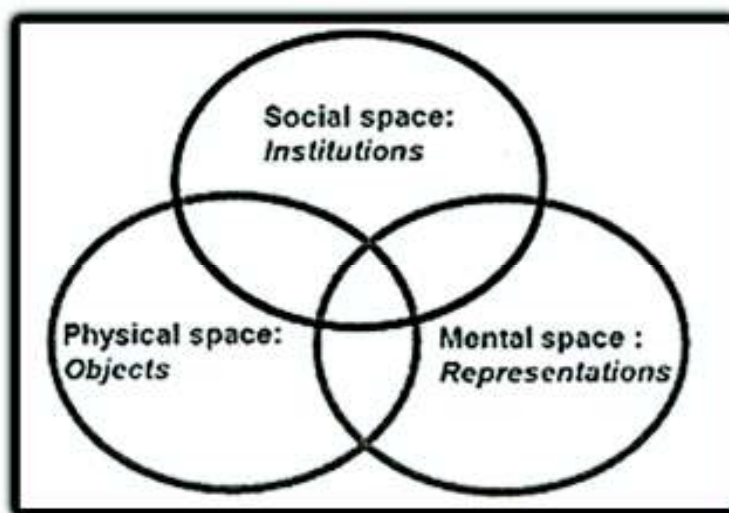
Junto à Teoria de Saadi Lahlou, mais propriamente, o percurso teórico que foi feito para configurar uma possibilidade de análise dos ambientes artificiais conduz este estudo à aproximação da paisagem dos parques urbanos ao resultado de uma construção progressiva, que tem historicidade, espacialidade e sociabilidade interferindo, desde o começo, na distribuição e determinação de comportamentos apropriados para aqueles contextos. O parque passa a ser uma instalação assentada na ação humana e no contexto (motivos, objetivos, preferências, hábitos, artefatos, regras e outras pessoas). A fala, o olhar, o sentir o espaço no parque é, então, resultado de múltiplos fatores que influenciam e selecionam os comportamentos mais adequados ao ambiente de cultura, desde imposições implícitas ou explícitas. A história individual, as expectativas, os critérios de adequação da experiência espacial, principalmente, dão norte ao mecanismo que permite aos indivíduos cooperarem e permutarem, de maneira bem sucedida, com instalações semelhantes aos parques urbanos.

Ao propor um modelo simplificado chamado Teoria da Instalação, baseado em inquietações oriundas da leitura de outras teorias e não sendo, por isso, nada revolucionário, Lahlou (2011a) deliberadamente simplifica suas contribuições com fins de uso prático para profissionais como designers ou para agências governamentais e organizações. Apresentando os aspectos evolutivos desse modelo, este autor pretende direcionar suas contribuições pelos aspectos evolutivos da instalação. Em uma perspectiva operacional, que prevê a busca de entendimento ou influência sobre o comportamento humano, Lahlou diz que o mundo pode ser considerado uma instalação entendida aqui no sentido artístico, por padrões de montagem no espaço que modificam nossa forma de conviver com uma situação. Uma instalação como o parque urbano, por este paradigma, carrega em si uma dinâmica própria, podendo ser considerado até mesmo uma “ratoeira”, porque assim como o rato é guiado pela instalação a um comportamento específico, com consequências específicas, o ser humano também o é. Ainda assim, a instalação não é uma coisa meramente coercitiva ou incitativa, já que produz um resultado esperável, com cooperação do sujeito, baseado nos seus processos psicológicos e sociais, até porque o desejo inicial do indivíduo nem sempre é o que de fato acontece em última instância.

O parque, como uma loja de sorvetes, é uma instalação que produz efeitos esperados bastante sistemáticos. Como grande parte das situações do dia-a-dia, o parque está arranjado para guiar seus participantes a um comportamento específico e esperável, conforme veremos mais adiante nas interpretações que foram feitas a partir de dados coletados em três parques urbanos brasileiros: Parque Ibirapuera, Lago das Rosas e Bosque dos Buritis. Neste momento, o imprescindível é evidenciar que, do berço ao túmulo, nós estamos continuamente nos comportando em instalações, pois o mundo em si já pode ser compreendido como uma instalação gigante, socialmente construída, composto de instalações específicas, pelas quais a sociedade nos mantém nos caminhos “certos”. Necessário, porém, é sempre lembrar que as instalações são continuamente reconstruídas, sendo tanto o produto como o andaime da atividade humana.

Em detalhes, pode-se dizer que instalações como os parques urbanos configuram a paisagem como experiência em reedição. E isso ocorre porque tem início um processo fundado na camada física do parque como um lugar de fornecimento das guias para performance e leitura dos objetos estruturados materialmente, o que deixa a interpretação humana dos objetos e situações experienciadas sob a tutela direta de um controle institucional. Para haver mais clareza na observação desse processo, nos cabe considerar imprescindivelmente que a instalação do Mundo guia os indivíduos em sua faixa de atividades em três níveis: físico, psicológico e social. Conforme pode ser notado na figura seguinte, qualquer instalação existe simultaneamente em três camadas:

**Figura 4.** Teoria da Instalação com atividade em três níveis – físico, psicológico e social



**Autor:** Lahlou, 2011.

Em Lahlou (2011a), “physical space” ou nível físico refere-se à realidade material dos objetos, porque fornece as possibilidades para a realização de atividades suportadas por objetos semelhantes ao parque urbano, por exemplo. No nível físico, só se pode fazer o que for proporcionado pelo ambiente material. Esta camada da instalação que é distribuída no ambiente material pela construção da infraestrutura e por vários mecanismos distribuídos no espaço. Por ser o primeiro nível, é fisicamente que são determinados os esquemas de possíveis comportamentos, porque nem tudo pode ser realizado na instalação que, quando efetivamente planejada, é sempre codificada e preparada para fornecer estímulos e aguardar respostas específicas.

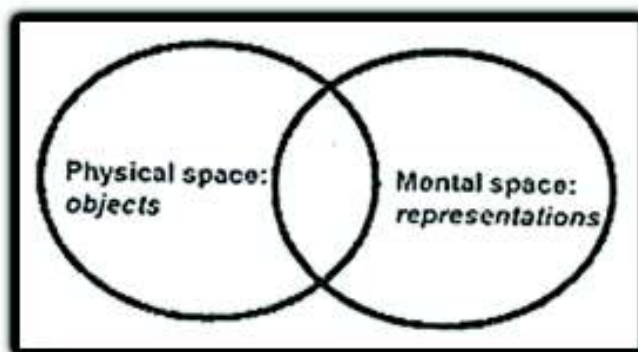
Aqui, a psicologia entra em jogo junto à tarefa de interpretar, amplamente ligada à atividade etnográfica de narrar, porque os indivíduos não só vivenciam como também devem interpretar as situações experienciadas nas estruturas materiais de mediação, a fim de que possam conceder sentidos conexos à formulação das paisagens que integra instalações tão polissêmicas quanto os parques urbanos. No “mental space” ou nível psicológico, portanto, os motivos, as representações e a prática fornecem mapas para que o indivíduo possa atuar como cartógrafo da e na instalação, primeiramente em nível físico, uma vez que a conexão entre o físico e mental reverbera uma experiência na matriz que já se encontra marcada, para a ocorrência de um rol de comportamentos muito precisos e esperados.

Sempre são os artefatos físicos que fornecem alguma sustentabilidade para a efetivação de uma prática desejada, seja para a mediação da ioga, da leitura, do passeio, do piquenique ou para o desempenho de uma atividade esportiva ou profissional que ambientes como os delineamentos do parque urbano podem propiciar. Inseparável do nível físico, as representações incluem o manual prático de como utilizar os objetos, o que permite ao indivíduo a elaboração e planejamento de comportamentos válidos para cada contexto. O fundamental, quando se trata do nível psicológico, é não desconsiderar que a instalação é distribuída, percebida e concebida por cada um pela *experiência*, pela educação e pela exposição ao discurso (mídia, anúncios, modelos comportamentais).

Impossível, todavia, é dissociar as atividades que estão na faixa do nível físico às que estão na camada psicológica. A interdependência do espaço físico (objetos) com o espaço mental (representações) ao mesmo tempo que expande as possibilidades de aplicabilidade física do ambiente de cultura, também limita a ação. A representação no espaço mental em geral torna-se organizada e coerente para atender às demandas de respostas exigidas pela instalação. E isso limita a ação transformando espaços físicos

geralmente amplos, como os parques urbanos, em contexto de acesso restritivo e limitado para grupos de indivíduos dispostos a atuarem no local conforme lhes for coerente e limitado. Isto mostra que todos nós compartilhamos representações da instalação que é assumida e etiquetada pela população, que as distribui, como disse Moscovici, revestidas enquanto Representações Sociais a partir de guias físicos e mentais de experiência, a princípio:

**Figura 5.** Espaço físico (objetos) e espaço mental (representações)



**Autor:** Lahlou, 2011.

O fato é que nem tudo que é desejado tem possibilidade de ser executado na instalação. E um terceiro nível de determinação social ou “social space” há um extrato que “irá cortar ramos da árvore de comportamentos aceitáveis”, como bem rememora Lahlou (2011a). Assim como alguns tipos de roupas são permitidos ou proibidos devido às circunstâncias ou à cultura, o uso das instalações é um produto lapidado, derivado dos códigos de conduta aceitáveis ou não no contexto físico. Experimentar a paisagem contida em parques é, pois, uma atividade que requer a adequação da experiência paisagística aos exemplos de condutas recorrentes naquele ambiente. Ações individuais produzem externalidades, mas são limitadas pelo outro. As instituições são a solução para controlar potencialmente as conformações dos fenômenos de cultura, tanto para estipular medidas de uso como de abuso, para que sejam minimizados os custos sociais das ditas “externalidades negativas”. As instituições, em nível social, estabelecem convenções comuns que permitem a cooperação, sendo que as regras já estão contidas nos aspectos normativos das representações, mas são somente as instituições que

possuem a capacidade potencial de “encorajar” um comportamento, por meio da pressão social, meios diretos e limites que são estabelecidos normativamente.

Se em um dado momento o comportamento individual é determinado por uma instalação distribuída (objetos instalados no ambiente físico, sistemas interpretativos instalados em humanos ou instituições instaladas na sociedade), isso confirma que o papel da psicologia social em um estudo sobre paisagens confere à Teoria da Instalação um caráter até mesmo esquemático para a interpretação das experiências vividas em parques urbanos. Afinal, a orientação dos sistemas que sedimentam a existência de parques em cidades reside em processos sócio-técnicos demonstrativos de que nenhuma ação está limitada a somente uma camada de determinação. A instalação apropriada para uma interpretação sistemática, assim, é composta em três camadas – ambiente físico, os indivíduos motivados e as instituições relevantes. O que está relegado atualmente ao estudioso psicossocial é até mesmo a utilização das estratégias de como criar e distribuir novos elementos na instalação. Quando é considerada a questão da necessária mudança e adaptação (“evolução”) das sociedades, a manipulação da camada física para aquisição de novos produtos comportamentais vem à tona, pois pode haver até mesmo o recrutamento de instituições que assumam a parte educativa da instalação.

A compreensão de que os seres humanos nunca estão isolados e que vivem em populações, significa para Saadi Lahlou (2011a) reconhecer que existe uma seleção de comportamentos que pode ser apreciado pelo “mecanismo de seleção dupla, do tipo evolucionário galinha-e-ovo, mas que é mais complexo e mais eficiente que o mecanismo de seleção natural descrito por Charles Darwin”. Mas, para compreender tal mecanismo, antes é preciso esclarecer a noção de representação social numa perspectiva evolucionária, desde a sua introdução pelo psicólogo social Serge Moscovici (1976), segundo o qual as representações revelam aos indivíduos caminhos, para tomada de ciência das situações e objetos em termos de sua conotação de atividade ou pelos atrativos cognitivos da ação. Em uma tentativa de expansão teórica, Lahlou estabelece que os seres humanos “abrigam populações de representações mentais individuais de objetos”. Por exemplo, cada indivíduo tem uma representação do que é parque. Então, como uma população biológica, esta população de representações se reproduz, mas faz isso de forma diferente das espécies biológicas, já que a psicologia ocidental tem estudado extensivamente como as representações se propagam por meio do discurso.

A linguagem, a educação e a mídia, por seu turno, encorajam a reprodução de representações sociais, sobretudo, através dos objetos, que também são populações, e se

reproduzem sendo distribuídos pela população humana. A seguir encontram-se dispostas imagens colocadas em pares para demonstrarem como a experiência da paisagem do Parque Ibirapuera, situado na cidade de São Paulo, pode ser observada como fenômeno de cultura que suscita a interpretação das estruturas materiais de mediação. Junto à Teoria da Instalação de Lahlou, este estudo traz fotografias da paisagem do Ibirapuera para demonstrar que o mundo é cheio de coleções de objetos, assim como de populações de representações. Quase sendo semelhante uma aproximação “epidemiológica”, pode-se dizer que a Teoria da Instalação esclarece o fornecimento de guias, e como esses guias podem mudar ou não, de modo a nos fornecer um modelo para apropriação da instalação e leitura da mesma. As imagens a seguir foram retiradas da página do *Facebook* da organização não governamental chamada “Parque Ibirapuera”, principalmente, porque este instrumento é utilizado por uma média de 224 mil usuários do parque para fins de divulgação das relações que ocorrem ou que tem viabilidade de ocorrer naquela instalação. A seguir, constam imagens que ilustram representações dos modos de apropriação do Parque Ibirapuera que se alteraram no decorrer do inverno de 2013 até a sua transição com a primavera:

**Fotografia 1.** Visitação do parque nas primeiras manhãs de inverno junto à Fonte Multimídia



**Autor:** ONG Parque Ibirapuera, 2013.

**Fotografia 2.** Visitação da Passarela Metálica nas primeiras horas de uma manhã de inverno



**Autor:** ONG Parque Ibirapuera, 2013.

**Fotografia 3.** Movimentação no parque no meio de uma manhã de inverno



**Autor:** ONG Parque Ibirapuera, 2013.

**Fotografia 4.** Atividade no parque ao final de uma manhã de inverno



**Autor:** ONG Parque Ibirapuera, 2013.

**Fotografia 5.** Atividade no parque no decorrer de uma tarde de inverno



**Autor:** ONG Parque Ibirapuera, 2013.



**Fotografia 6.** Uma noite de inverno no parque



**Autor:** ONG Parque Ibirapuera, 2013.

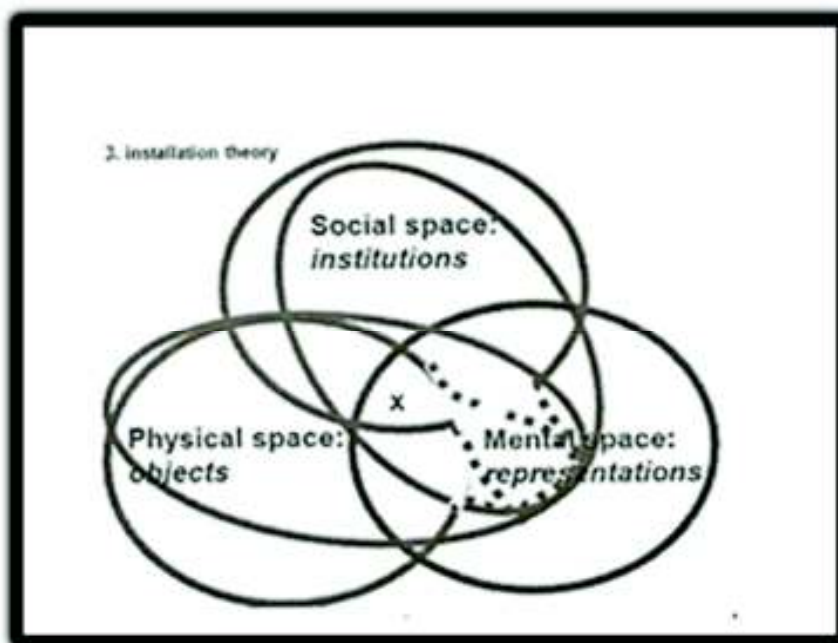
**Fotografia 7.** Evento vespertino de jazz na transição do inverno para a primavera



**Autor:** ONG Parque Ibirapuera, 2013.

Como bem ilustraram as fotografias anteriores, o Parque Ibirapuera, conforme instalação que guiou os indivíduos em sua faixa de atividades em nível físico, psicológico e social, deixou bem claro que aquele fenômeno de cultura da paisagem é também um mundo cheio de coleções de objetos, assim como é perpassado por diversas populações de representações sociais. A Teoria da Instalação torna viável demonstrar que as mudanças ocorrem sem gratuidade, mas devido ao fornecimento de um modelo para “evolução” da instalação ou para adaptação na mesma. Este modelo, em geral, descreve como uma das três camadas (objetos, representações ou instituições) se desenvolve e prolifera suas respectivas relações, prevalecendo ou não sobre as demais, segundo um movimento de permutas, associações ou supressões, conforme pode ser observado na imagem a seguir:

**Figura 6.** A “evolução” ou adaptação de um comportamento na instalação



**Autor:** Lahlou, 2011.

Como um movimento fluido, as camadas permitem ainda mais que seja examinada a evolução da instalação durante sua distribuição no espaço, no tempo e na sociedade. Em suma, as fotografias da instalação Parque Ibirapuera, outrora

apresentadas, nos servem mais precisamente para subsidiar uma interpretação que visa demonstrar as representações e os objetos como camadas de um processo de co-evolução. Neste sentido, a partir do que examinou Lahlou (2011a), fica posto que os parques urbanos são compreendidos neste estudo como “representações construídas pela experiência prática que as pessoas têm dos objetos”. Deste prisma, se as pessoas se apropriam do parque com menos frequência no inverno e passam a ter assiduidade quando a instalação tem contornos físicos menos inóspitos de clima, na primavera, isso significa que o grupo aprendeu a reeditar práticas na instalação compartilhando experiências com outras pessoas que conhecem aquele ambiente físico. Em um patamar discursivo complexo, ou seja, por mídias digitais ou quaisquer outras formas de inter-relação verbal, existe a distribuição de guias de leitura para polissemia da paisagem, porque ali nem todos os sentidos serão válidos.

O exemplo de apropriação do Parque Ibirapuera entre o inverno e a primeira, em particular, deixa explícito que é o aspecto prescritivo e convencional de qualquer instalação que direciona a variabilidade de sentidos possíveis a uma limitação. Ainda que as fronteiras para compreensão da paisagem sejam amplas, a base material do parque, que está intrinsecamente vinculada à infraestrutura, ao clima, aos recursos naturais, às atividades de esporte e lazer, por exemplo, torna-se um ancoradouro para as experiências que ali serão vividas pelas práticas culturais. Ou seja, as representações sociais, como conjunto de crenças, desenvolvidas na história do grupo, evidenciam que objetos da realidade como os parques são instalações, que abrigam paisagens representadas; e ali nem todo significado é aceito e os sentidos nunca são ilimitados.

### **4.3 A paisagem do parque em “teste de realidade”**

A Teoria da Instalação permite-nos observar que os objetos são construídos e moldados de acordo com o padrão de sua representação. Os parques, por conseguinte, são feitos para parecerem parques e é por esta razão que as representações, que os indivíduos do grupo têm dele, coincidem entre si com, pois há um objeto que persiste - em nível físico, psicológico e social - para realizar essa função. A paisagem pode, sem dúvida, ser tomada enquanto representação social na mesma medida em que os seus objetos (os parques) são antevistos como parte do processo “ovo” e “galinha”. Ou seja, cada forma do objeto (simbólica, reificada) é continuamente testada neste reino onde o

processo de seleção das representações ocorre em conexão com a paisagem que está instalada em parques urbanos.

O parque é uma instalação, e como tal é objeto constantemente reificado que está sujeito a um “teste de realidade”. Segundo Lahlou (2011a), ele pode sobreviver à confrontação com outros objetos na arena do mundo real, pode funcionar, vir a ser um sistema sustentável, um projeto de sucesso, um bom lugar para se estar, ou simplesmente pode não atender a nenhuma destas demandas; seria o equivalente a dizer que “nesta arena da realidade, só os mais aptos sobrevivem”. Por outro lado, a paisagem é uma representação social instalada em parques que está sujeita à “experiência do pensamento”, situado nos domínios do simbólico.

Diante disso, convém esclarecer que, quando a paisagem do parque urbano sobrevive enquanto representação aceitável e compatível com a cultura local, ela já se apresenta de forma política e eticamente “correta”. Isso nos certifica de que nessa arena simbólica, sobremaneira, somente os mais aptos sobrevivem realmente. O que poderia ilustrar esta consideração seria, por exemplo, o fato de que o Parque Ibirapuera é tecnicamente concebível para a cidade de São Paulo, devido a seu porte compatível com a dimensão da cidade, mas não seria um material psicologicamente aceitável em um contexto com menor densidade demográfica. Além do mais, até mesmo as condições de higiene e a existência ou não de atrativos turísticos, esportivos e atividades de lazer podem impactar na sobrevivência de sua representação.

Uma vez que uma instalação como o parque urbano é “construída” e “ocupada”, ela precisa ser redistribuída em sua funcionalidade, segundo os interesses dos sujeitos coletivos. Trata-se de um movimento de “reconstrução” e “reocupação”, ocorrido no espaço e no tempo (“social space”), por meio da atuação de um sistema cognitivo (“mental space”) junto à instalação física do objeto (“physical space”). A experiência, neste sentido, coincide com as práticas sociais ocorridas na instalação ou através dela para que, então, o objeto parque possa viver a constante regulação operada por um sistema de representações. A paisagem dos parques urbanos é, assim, resultado de um sistema de representações sociais e, mais exatamente, de representações práticas (Codol, 1974; Moliner, 1993; Abric, 1996; Flament, 1999; Lahlou, 2001; Campos, 2003) que “regulam” a experiência pela instalação.

É bom destacar, desse prisma, que somente as “boas” representações serão usualmente manejadas, aceitas e reiteradas para designar objetos e ações no mundo. Estabelece-se, portanto, um sistema no qual as transformações na base material da

instalação transformam, por consequência, um conjunto de práticas sociais, o que mais tarde provoca alterações nas representações sociais. Considerando isso, Lahlou (2011a) explica, por uma discreta referência à Darwin, que a capacidade de designação é que subsidia o processo de seleção dupla, uma vez que os objetos têm variáveis selecionadas assim como ocorre na seleção natural dos organismos biológicos.

A psicologia social, entretanto, pode se dedicar a um processo mais complexo de estudo da sobrevivência do fenômeno de cultura e, de maneira mais econômica, é capaz de explicar o local de seleção dos objetos e quantas vezes foi reeditado em forma simbólica e concreta, tudo isso devido à interpretação das “experiências de pensamento” e dos “testes de realidade”. Torna-se compatível aplicar a objetos materiais (árvores, lagos e pessoas) e também para objetos virtuais (paisagem) uma avaliação da sua forma “concreta” que reside em situações e práticas. Sendo que somente as representações mais aptas sobrevivem, no nível social, a co-evolução dos objetos e representações é monitorada pelo domínio local das comunidades que são partes interessadas (usuários, fornecedores, autoridades públicas, trabalhadores, esportistas, ativistas), os quais definem padrões de objetos, as regras da prática que valem, e tudo mais.

São os indivíduos e grupos interessados nos parques, assim, que conhecem o campo das representações dos objetos e das regras que estão sendo adaptados aos comportamentos. É um jogo político de influências decisivas que faz com que as partes interessadas criem ou suprimam instituições - que são um conjunto de regras para serem cumpridas e aplicadas para manter a ordem -, e ainda promovam a cooperação e agreguem comunidades interessadas e cientes que possuam intenções comunais. A ONG do Parque Ibirapuera, da qual foram extraídas as fotografias anteriores pelo seu perfil no facebook, ilustra bem a lógica de que uma boa representação deve ser manejada e reiterada para sobreviver, pautada na estabilidade e na organização das crenças ou do senso comum. Assim, ao assumir, em mídia social, o compromisso de “cuidar e preservar do Parque Ibirapuera aproximando a sociedade civil da gestão”, aquela organização não governamental nos confirma que as instituições são uma resposta social; elas criam e reforçam regras para controlar o potencial mau uso ou abuso, estabelecendo convenções comuns, que permitem a cooperação: Abaixo, está posta a imagem do texto que foi transcrito seguir, o qual está exposto em um cartaz usado como capa no facebook – “Aproximamos os usuários da gestão do parque. Governança, eficiência e comunicação em uma plataforma independente onde você pode nos ajudar a preservar tudo que tanto gosta”:

**Fotografia 8.** Imagem da capa da ONG Parque Ibirapuera no seu perfil do facebook



**Autor:** ONG Parque Ibirapuera, 2013.

As regras, apesar de estarem muitas vezes explícitas em nível físico e já configurarem uma representação mental, são por natureza normativa e necessitam da resposta social oriunda da institucionalização. Quando existe o reforço da norma ou formalização de que ocorrerá o controle, há maior garantia de que a instalação possa se perpetuar, com modelos de organização e estabilidade que lhe assegurem o cumprimento da tarefa de designar funções convencionais aos objetos e ações contextualizados. As instituições refletem nada mais nada menos do que o equilíbrio de poder entre as partes interessadas, e ainda evoluem em conjunto com a própria capacidade de evolução, ou de manutenção, da estabilidade e organização da instalação. Isso também pode ser ilustrado pela exposição a seguir do texto de apresentação, contido no site do Projeto ParqueIbirapuera.org, o qual é um instrumento informativo, associado às atividades desenvolvidas pela ONG Parque Ibirapuera, que visa garantir ordem para aquela instalação se manter estável:

O ParqueIbirapuera.org trabalha para (1) preservar o Parque Ibirapuera, (2) melhorar a *experiência* do visitante no parque e (3) construir uma comunidade dedicada a conservar o parque para o futuro. Idealizado no final de 2010, nas reuniões do Conselho Gestor do Parque Ibirapuera, o projeto ParqueIbirapuera.org foi encabeçado e defendido pelo Thobias Furtado, conselheiro e representante dos usuários. A ideia inicial era aprimorar o

processo de gestão e comunicação do parque ao aproximar a sociedade civil do conselho e executivos da prefeitura. Porém, devido à falta de recursos da Secretária do Verde na época, o projeto acabou por tomar forma como uma organização sem fins lucrativos e independente do conselho e da administração municipal. Hoje a independência do projeto é central em sua missão, o que permite levar informações relevantes e imparciais do parque aos usuários e fomentar o cuidado e transparência no Ibirapuera. O projeto enxerga a importância da interatividade na gestão e busca engajar a sociedade civil e usuários em uma gestão mais legítima. **Equipe:** O trabalho do ParqueIbirapuera.org é feito com a ajuda de voluntários da sociedade civil que acreditam na importância da transparência e implementação de diretivas sólidas e eficientes de gestão. Se você quer fazer parte do nosso projeto e ajudar nossa equipe com conhecimento ou recursos, não hesite em nos procurar. Envolvimento é sempre muito bem-vindo! **Doação e apoio:** Se você gostaria de fazer uma doação ao nosso projeto e contribuir para mantermos uma equipe fixa, ou apoiar nossas iniciativas, sinta-se livre para entrar em contato no [info@parqueibirapuera.org](mailto:info@parqueibirapuera.org). **Ouvidoria Independente:** Por não estarmos no dia-a-dia do Parque, sugerimos que se você tem uma crítica, sugestão ou reclamação busque diretamente a **administração do parque** (prefeitura). Porém, sinta-se a vontade para nos copiar no seu e-mail [info@parqueibirapuera.org](mailto:info@parqueibirapuera.org). Acreditamos que uma mão extra nunca é demais quando queremos melhorar o parque. Logo, nossos poucos voluntários do ParqueIbirapuera.org tentarão da melhor maneira possível acompanhar o encaminhamento da sua dúvida dentro do nosso limite de trabalho voluntário (ParqueIbirapuera.org, 2013, grifos do autor).

O certo é que “cada membro leal da comunidade tende a servir como um reforçador de normas para trazer os outros de volta aos trilhos por regras formais e explícitas - regulações, leis etc.” (Lahlou, 2011a). Na situação de “teste de realidade”, também é plenamente compatível com a sobrevivência da “boa” representação a existência de comunhão entre regras informais de boas práticas, truques ou tradições, as quais resultam no compromisso de interesses locais que variam de lugar para lugar. O mecanismo de evolução natural das representações e objetos permite-nos, até mesmo, o uso dos vários níveis de instalação para mudar o comportamento. E um comportamento somente se altera quando existe mudança em uma representação social.

Aqui cabe um aparte para dizer que o trabalho no nível físico da instalação é uma solução interessante quando o mundo que está sendo estudado ultrapassa as configurações do ambiente laboratorial, e circunscreve-se na instalação coletiva. Isso explica o fato de que nenhuma campanha informativa pode obter resultado sozinha, se não for endereçada diretamente para camada social da instalação, como pode ser notado nas imagens seguintes, que são veiculadas ao *layout* da página disponível *online* no ParqueIbirapuera.org. Em seu conjunto, o site da ONG Parque Ibirapuera representa em si um grande guia de instruções para a condução prescritiva, convencionalizada, disciplinar e regulamentada dos comportamentos no contexto daquela instalação:

Figura 7. Banner Rotativo 1



Autor: Parquebirapuera.org, 2013.

Figura 8. Banner Rotativo 2



Autor: Parquebirapuera.org, 2013.



Figura 9. Banner Rotativo 3



Autor: Parquebirapuera.org, 2013.

Figura 10. Banner Rotativo 4



Autor: Parquebirapuera.org, 2013.

Figura 11. Banner Rotativo 5



Autor: Parquelbirapuera.org, 2013.

Figura 12. Banner Rotativo 6



Autor: Parquelbirapuera.org, 2013.

Em suma, a Teoria da Instalação de Saadi Lahlou apresenta-se como modelo que explica a evolução da instalação por um mecanismo de seleção dupla das representações sociais e dos objetos, sob o controle das instituições. A julgar que se trata de uma teoria que contribui para a interpretação da evolução cultural das sociedades, a implicação do modelo de Lahlou nesta tese se aproxima do papel de nos direcionar para a observação das três camadas – física, psicológica e social – que tornam as paisagens dos parques urbanos extremamente polissêmicas. A paisagem, como organização complexa e instalada material e psicossocialmente, dá abertura para uma perspectiva de manejo dos dados coletados em parques urbanos pela busca do fundo comum que negocia com as partes interessadas a sempre “nova” instalação que se lhe apresenta diante dos olhos.

Emparelhando, assim, três possíveis ângulos para análise (o físico, o mental e o institucional), a forma de abordar nosso tema de pesquisa – a paisagem – ganha um arranjo ainda mais intrigante. Ainda mais agora, nosso trabalho resguarda em si o vínculo inicial deste tema de pesquisa com a atividade de etnografar, e também com a tarefa desta pesquisadora de conceder aos dados um tratamento condutor pela interpretação dos “pingos de chuva” e das “fitas coloridas de alto e baixo valor” que podem ser retiradas desta “cartola de mágico”, consoante com o que disse o antropólogo Roberto DaMatta (1978). Reassumimos, portanto, que essa pesquisa mantém seu caráter etnográfico até o fim do estudo, primeiramente, porque ele está sedimentando em um fenômeno que é forma de expressão da cultura (a paisagem), assim também é convergente como é a experiência de nossos interlocutores, os usuários de parques.

Destacamos, em complemento, que a correlação desta pesquisa com um objeto de pesquisa polissêmico, que está instalado com estabilidade e organização em parques urbanos, ainda nos exige a convergência da tarefa de interpretar (etnografar) com uma perspectiva pragmática de análise psicossocial dos dados coletados.

Pelas particularidades que, desde o princípio, foram correlacionadas a um objeto de pesquisa extremamente polissêmico, é que entendemos ser bastante rico tratar com o fenômeno de cultura paisagem, que também está instalado em parques urbanos, pela abordagem que reúne a tarefa de interpretar (etnografar) junto à perspectiva pragmática de análise psicossocial dos dados. Este caminho tem se mostrado eficiente porque nos fornece um modo simplificado para condução de questões do senso comum que se desenham pela perspectiva multidisciplinar. Então, seguimos com a abordagem estrutural de Jean-Claude Abric, Saadi Lahlou e Pascoal Molinar consonância com a

sociologia da experiência de François Dubet, de modo que possamos sustentar a interpretação da paisagem como uma construção sócio-histórica. Por esta abordagem, apresentamos o Bosque dos Buritis e o Lago das Rosas, localizados na cidade de Goiânia, em Goiás, emparelhados ao Parque Ibirapuera, situado na cidade de São Paulo, para que estes três parques urbanos subsidiem um estudo de caso sobre a paisagem pelo seu tratamento em estruturas materiais de mediação. Restritivamente, julgamos que um objeto experienciado física, psicológica e socialmente, conduz com eficiência o desfecho desta tese que, desde o início, perpassar pelas formas de construção da realidade. Dedicamos, assim, o capítulo final de nossa pesquisa para a análise de três casos concretos relacionados tanto à polissemia da paisagem, quanto à estabilidade e organização de seu conjunto. Pelo estudo das representações sociais, aprofundaremos nos significados limitados que subordinam os objetos físicos (os parques) à realidade.

## CAPÍTULO 5

### O CASO DA PAISAGEM DE PARQUES URBANOS

#### 5.1 – A construção social de três parques urbanos

A Teoria da Instalação, de Saadi Lahlou, adapta-se perfeitamente à perspectiva estrutural para estudo das representações sociais, pois, juntamente com a que paisagem-marca e paisagem-matriz, de Augustin Berque, nos apresentam um parque urbano munido de “guias de leitura da realidade”. É como dizer que as representações sociais são instâncias que atuam no sentido de propor significados limitados e com variabilidade controlada pelos fluxos da prática diária. Por isso, a constituição social do objeto está pautada invariavelmente na estruturação de representações e objetos físicos no corpus do real. Afinal, “o mundo, tal como o representamos como sujeitos, é constituído de objetos e de outros sujeitos, que se relacionam durante atividades práticas da vida cotidiana”. Sendo assim, a realidade é um elaborar e reelaborar contínuo, onde a produção da realidade torna-se histórica e coletiva, ao passo que “cada um de nós vem ao mundo como um novo personagem que chega a uma história já iniciada – aliás, uma história cujo fim esse personagem não verá” (Lahlou, 2005, p. 99).

Novamente, pontuamos que é na especificidade das representações sociais que elas não se reduzem ao passado, tão somente, tornando-se simples simulacros ou resíduos intelectuais, em relação a algum comportamento humano criador. Ao contrário, lembrando Moscovici (1976, p. 26-27, grifos nossos), o estudo da paisagem configurada em parques urbanos direciona-nos a evidenciar que as representações, que produzem e reverberam paisagens, na verdade, “possuem uma *função constitutiva da realidade*, da única realidade que conhecemos por *experiência* e na qual a maioria das pessoas se movimenta”.

Deste modo, a construção social da realidade desemboca na questão da comunicação e da socialização do saber. Equivaleria a dizer que, diante da história de um grupo, “o recém-chegado deve aprender sobre os personagens, sobre o que está em jogo nessa história, aprender os objetos e até mesmo a língua” (Lahlou, 2005, p. 99). Afinal, sem a mediação do saber, não existem guias de leitura sendo distribuídos, não há comportamento sedimentado em convenções (que devem ser aprendidas) e,

principalmente, não existe um ser humano. Relevante, pois, é deixar claro, de uma vez por todas, que a socialização do saber não se faz em um vazio material, mas em conjunto com o contexto de práticas concretas em um complexo material. O pensar a paisagem na instalação, por sua vez, desvela representações sociais passando por uma fase material, porque não são intercambiadas por “transmissão de pensamento”, mas pela materialização circunscrita no discurso oral, textos, imagens ou objetos que, uma vez percebidos pelos sujeitos, são instanciados e passam a compor blocos representacionais que guiam o quase ininterrupto movimento de agir-pensar-agir.

A representação social que constrói, aglomera e prolifera paisagens pelos parques urbanos tão logo são reproduzidas através de uma forma reificada, ou seja, quando o abstrato torna a coisa real, concreta. No entanto, o foco na parte material é somente uma das fases do ciclo de reprodução da representação social de parques urbanos, em conformidade com a própria Teoria da Instalação. Para além do espaço físico e mental, as representações reverberam pela rede de normas que regem as formas materiais da cultura, as quais ficam latentes no espaço e na história. O parque urbano, nesse sentido, pode ser enunciado como material ou como exterior das representações governadas por leis e submetidas a testes de realidade para proliferarem ou não no espaço e no tempo. Pensar, portanto, as representações sociais e os objetos para compreensão do status de construção da realidade é mais um movimento com fins de estudo dos mecanismos de socialização do saber, porque a interpretação da paisagem como fenômeno de cultura torna fundamental perceber que as representações sociais se encontram empiricamente arranjadas, e integram o senso comum.

Em um universo de coleção de coisas, estão localizados os parques, interpretados como paisagens que resultam de representações daquilo que ocupa lugar no contexto material, mental e social. No plano individual, o objeto é percebido no sentido amplo, o que lhe permite comporta-se em relação ao objeto e ser culturalmente delimitado, convencionalizado e prescrito, a fim de que as práticas cotidianas e/ou os modos de comunicação contribuam para que a sociedade perdure. Para isto, é preciso que cada um interprete a paisagem do parque de uma maneira compatível com a dos outros, de maneira que pelo senso comum haja a reedição das experiências calcadas no que chamamos de cultura. O parque, como objeto representado que é portador de significações socioafetivas, traz a prescrição de comportamentos aceitáveis em seu conjunto estrutural para que as populações abriguem em suas “mentes” representações individuais que são moldadas e lapidadas no extrato social.

A rede triangular que reúne sujeitos, representações e objetos, antes de tudo, deve ser visualizada à luz da construção social da paisagem do parque urbano em si, para que os aspectos que envolvem o sistema “representações-humanos-objetos” possam ser lidos como algo regido pelo mundo real. Sabendo que não há socialização do saber em um vazio material, imprescindível agora é retomar o parque urbano em três contextos materiais específicos que, enquanto espaços de práticas concretas, nos direcionam a observar que os grupos humanos e as coleções de objetos materiais não se dissociam. Em um primeiro nível, o Parque Ibirapuera, localizado na grande metrópole de São Paulo, e o Lago das Rosas e o Bosque dos Buritis, ambos situados na cidade de Goiânia, em Goiás, são tomados a partir da ideia de produção material no espaço e na história. Então, em um segundo nível, seguindo a lógica da evolução do objeto em um contexto social em que está exposto a testes de realidade, os três parques urbanos são compreendidos como ecossistemas de representações, isto é, eles estão estruturados fora da “mente”, num contexto de relações e permutas de sentidos.

De início, a contextualização espacial e histórica dos parques faz-se emergente, na medida em que é no espaço e na história que tais objetos ganharam amplitude semântica e polissemia nas sociedades em que estão representados, reificados, vividos. A experiência na instalação que tem corpo, e ocupa o espaço e o tempo, rememora-nos que o parque é resultado de uma evolução interligada ao processo de criação de um mundo de possíveis dentro da cidade viva e pulsante da atualidade. Mas, o ato de criar o parque na cidade é demasiado prescritivo, e resultou de um sistema de representação global que foi almejado para compor um lugar específico no tempo da cidade, a qual se afastava da natureza devido à reverberação do concreto.

Considerando que os grupos humanos têm interesses comuns, o parque é consensual quando sobrevive aos crivos da experiência que perpassa o tempo. Embora, discutir os modelos de urbanização e as formas de emergência das cidades na História não seja o objetivo deste estudo, é importante apresentar o que diz Mumford (2004, p. 609-610) para o qual não podemos ignorar que “a missão ideal das cidades é incentivar o processo de circulação e difusão cultural”. Ao funcionar instanciada por uma rede, a cidade proporciona a difusão e a distribuição correlacional de práticas por meio de um sistema funcional que permite que “unidades de diferentes tamanhos não só tomem parte, mas também ofereçam suas vantagens particulares ao todo”. Assim, um parque urbano, por exemplo, tem uma adequada utilização e aplicação com finalidade específica. Conforme demonstrou o autor supracitado, o parque urbano é um expoente

da unidade interligada ao organismo que é a cidade, a qual se apresenta como “uma parte eficiente do todo, fazendo exigências, comunicando desejos, influenciando em decisões, sem ser engolida pela organização maior”, pois, com uma autonomia “apropriada”, a pequena instalação não impede – aliás, encoraja – os processos universais abrigados na cidade.

Para Mumford (2004, p. 610), o que existe agora é uma cidade invisível que, para além da presença física de todos os seus participantes, exige também o desdobramento de relações cada vez mais abstratas em seu conjunto. De acordo com este autor, tem agora “um modelo para a nova constelação urbana, capaz de preservar as vantagens das unidades menores e de gozar o alcance da organização metropolitana de grandes dimensões”. A cidade de pedra agora se funde à cidade invisível em que limites físicos, políticos e culturais incentivam um sistema de cooperação, onde cada instituição, organização e associação que compõe a cidade precisa, necessariamente, ser transformada e re-apresentada em favor da sobrevivência do organismo máximo que é a cidade. O parque urbano, como elemento que instancia elementos físicos, psicológicos e sociais ilustram o que para Mumford são consideradas unidades “capazes de auto-regeneração” em permuta com as facilidades mecânicas e eletrônicas da atualidade.

Neste sentido, como bem lembra Lahlou (2005, p. 102), “com a produção em massa de bens e serviços, a época recente assistiu ao desenvolvimento de uma verdadeira indústria de modelagem da representação”. Mas, por outro lado, devemos considerar também que nas sociedades em que há a escrita, o ecossistema de representações, ou seja, o meio em que elas residem, estende-se para fora das “mentes” dos sujeitos. A representação social da paisagem abrigada em parques urbanos pode, numa certa medida, manter-se e propagar-se sob a forma escrita, que é uma das principais formas materiais de representação, plenamente coincidente com a história dos grupos de pertencimento. Sendo assim, é necessário confirmar que as representações sociais, configuradas em objetos materiais, são difundidas de forma simbólica e reificada pela socialização do saber no registro parcial da paisagem do Parque Ibirapuera na história da cidade de São Paulo e, ainda, do Bosque dos Buritis e do Lago das Rosas, em parte da história de Goiânia.

De algum modo, a contextualização do parque urbano no espaço e no tempo tende a demonstrar que a paisagem, quando se reverbera materialmente em registros escritos, transforma as representações individuais que a constituem em populações: “essa é a resposta social à mortalidade individual, que privaria o grupo do saber-fazer de



um indivíduo, com sua morte física” (Lahlou, 2005, p. 105). Considerando que as sociedades residentes nos organismos que são cidades, em particular, possuem a capacidade de aprender e são dotados de memória com dimensão cultural, sobretudo, a escrita da cidade visível e invisível na história passa a ser um instrumento técnico de construção e difusão das representações que merece breves apontamentos no âmbito deste estudo.

### 5.1.1 O Parque Ibirapuera<sup>46</sup> na metrópole paulistana

A antiga povoação de São Paulo de Piratininga foi fundada por padres jesuítas em 1554, e atualmente ocupa a posição de cidade mais populosa do Brasil, do continente americano e de todo o hemisfério sul, sendo esta a metrópole brasileira de maior influência política, econômica e cultural no cenário nacional e internacional. Com uma população estimada, no ano de 2010, em cerca de 11.253.503 milhões de habitantes, distribuídos em uma unidade territorial de 1.521, 101 km<sup>2</sup> de extensão e com densidade demográfica de 7.398,26 hab/km<sup>2</sup>, a metrópole paulistana ultrapassou inesperada e descomunalmente as 38 ruas, 10 travessas e 6 becos em que se instalava no ano de 1790 (IBGE, 2013). Até porque, foram muitos os fatores conjugados no final do século XIX que “prepararam” a cidade para o “progresso” ocorrido a partir da segunda e terceira décadas do século XX. A extinção da escravatura, a vinda do imigrante europeu e o desenvolvimento da economia cafeeira, principalmente, tiveram impacto nas configurações urbanísticas assumidas pela São Paulo da atualidade, pois, se forem consideradas as proporções da sua região metropolitana, ela é a sexta maior cidade do globo e a quarta maior aglomeração urbana do mundo.

O habitante de São Paulo vive em uma instalação classificada pelo *Globalization and World Cities Study Group & Network* (GaWC, 2010) como cidade global alfa por ocupar a 14<sup>a</sup> posição entre as mais globalizadas do planeta. E é neste cenário que são encontrados importantes monumentos, parques, museus, em suma, instalações que representam em parte as práticas de realidade assumidas pelo habitante da metrópole que reconhece a identidade do cidadão de São Paulo em marcas e matrizes como o Memorial da América Latina, o Museu de Língua Portuguesa, o Museu do Ipiranga, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MASP), a Avenida Paulista e,

---

<sup>46</sup> A origem no nome do parque está associada à região alagadiça em que ele se situa. *Ibirapuera* significa, portanto, "pau podre ou árvore apodrecida" em língua tupi: “ibirá”, árvore, “puera”, o que já foi.

sobremaneira, o Parque Ibirapuera. É neste sentido que, sendo “desenhado pelo maior arquiteto brasileiro de todos os tempos, Oscar Niemeyer, e aberto ao grande público desde agosto de 1954, o Parque Ibirapuera foi criado para oferecer lazer e acolher eventos culturais no coração da cidade. *É o maior ícone paulistano*”, conforme disse Viegas Filho (2012, grifos nossos).

Desde uma de suas primeiras projeções, ocorrida na década de 1920, pelo então prefeito da cidade, José Pires do Rio, já existia a ideia de transformar uma conhecida baixada alagadiça em um parque semelhante a existentes na Europa e Estados Unidos, como o Bois de Boulogne em Paris, o Hyde Park em Londres ou o Central Park em Nova Iorque. Na verdade, esse ideário se deve ao fato que os primeiros parques surgiram na Europa, especialmente na França, e nos Estados Unidos, em fins do século XIX. Diante disso, é possível constatar, como fez Bloise (2008, p. 20-21), que a instalação de parques nas cidades foi promovida, principalmente, “em contraste com as edificações características das cidades industriais”, pois a intenção era “criar espaços que atendam a nova necessidade social de lazer e de recreação”. De certo modo, no Brasil, a criação de parques urbanos segue o modelo europeu que edificava tais instalações como “um capricho da elite emergente que desejava imitar os padrões europeu e americano nas cidades de clima tropical”. Para ilustrar isso, pode-se dizer que o próprio Parque do Anhangabaú, em São Paulo, foi um exemplo dessa influência, pois sua existência estava vinculada a uma área de uso restrito dos mais abastados, uma vez que à massa da população estavam reservados os terreiros e as várzeas, de modo geral.

No entanto, não há como desconsiderar que, a partir da segunda metade do século XX, os parques urbanos passaram a compreender também uma necessidade social no mundo do pós-guerra. A cidade de São Paulo, por sua vez, atualmente conta com cinquenta parques que somam uma área verde de 15 milhões de metros quadrados. E, é neste conjunto paisagístico, que se encontra o Parque Ibirapuera, local este que desde o princípio teve como obstáculo para sua construção o terreno alagadiço, bem como a falta de recursos e instrumentos para lidar com essa adversidade. Tais fatores, associados a questões políticas, retardaram o planejamento inicial desse parque e, somente trinta anos depois da primeira projeção, passou a estar efetivamente prevista a inauguração de um grande parque urbano no centro da cidade para ser o ponto alto das comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

Como disse Rodrigues (2012, p. 35), desde a década de 1930, tinha-se em vista para São Paulo “o conjunto de medidas urbanísticas, o Plano de Avenidas, que se

pretendia colocar em prática para tornar a cidade moderna, adaptada ao uso crescente de automóveis, com locais específicos para estacionamento, parques e grandes avenidas”. Após duas décadas em que o Parque Ibirapuera continuava objeto de estudos e revisões por parte de órgãos técnicos da administração pública, o viveiro municipal permanecia nos limites da área que seria o parque e era defendido por Manequinho Lopes<sup>47</sup>. No início da década de 1950, embora não faltassem projetos, a área permanecia com parte da vegetação original e com outras espécies plantadas em decorrência da existência de um viveiro ali. Nesse mesmo período, um relatório sobre planejamento de obras públicas chamado Programa de Melhoramentos Públicos para a Cidade de São Paulo, elaborado pelo urbanista Robert Moses, fazia referência à instalação de um parque “visando o fornecimento de áreas mais convidativas para a recreação ativa”.

O uso do Parque como equipamento voltado à ampliação e diversidade crescente da cidade de São Paulo abria espaço para que fosse revisto o lugar que caminhava para se tornar metrópole. Rodrigues (2012, p. 37, grifo nosso) considera que “o Parque não deveria ser apenas um fator de embelezamento urbano, mas voltar-se ao futuro próximo da metrópole, que crescia e cada vez mais tendia a afastar a *natureza* do cotidiano dos habitantes”. Às margens do empenho para a criação de múltiplas opções que suspostamente gerariam o aproveitamento do tempo livre para o lazer, bem como a melhoria da qualidade de vida urbana, o Parque Ibirapuera estava sendo projetado para ir ao encontro da sede de modernização, que integrava a pauta das discussões sobre a adequação do espaço urbano aos “novos tempos”. A São Paulo do pós-guerra, agora, era o contexto que passava por profundas transformações “nas formas de sociabilidade e ampliava as opções de expressão cultural, cada vez mais internacionalizadas e próximas às linguagens contemporâneas”, de modo que “a intensificação do intercâmbio e difusão cultural [...] ampliava a multiplicidade de expressões culturais populares trazidas pelos migrantes”. Foi em clima de progresso, de ruptura com o passado e com a cultura a ele relacionada, pela adoção de novos comportamentos e hábitos, que a cidade de São Paulo vivia o tempo de redefinição da cultura urbana.

Em outubro de 1951, foi realizada a I Bienal de Arte de São Paulo no local onde está atualmente o MASP. Nesta ocasião, motivado pelo espírito de renovação do início de década, o então governador Lucas Nogueira Garcez nomeou a Comissão do IV

---

<sup>47</sup> Manoel Lopes de Oliveira (Manequinho Lopes), ocupando elevado cargo na Prefeitura, evitou que a área fosse invadida tendo a ideia de saneá-la e aproveitá-la para um grande viveiro de plantas ornamentais tanto nacionais como exóticas, destinadas à arborização urbana das ruas de São Paulo. Mais tarde, ele deu nome ao viveiro que fundou, e hoje esta estrutura compõe parte do Parque Ibirapuera.

Centenário para concepção e execução de projetos que contemplassem os eventos comemorativos dos quatrocentos anos de fundação da cidade. O presidente da Comissão, que fora criada pela lei n. 4166 de 29 de dezembro de 1951, era Francisco Matarazzo Sobrinho (Ciccillo Matarazzo), o qual tinha como atribuição reunir diferentes interesses e concepções de organização e desenvolvimento urbano, incluindo a implantação do Parque que a muito não tinha saído do papel. Torres (1977, p. 105), expõe que, em meados de 1952, foram feitos os primeiros trabalhos de sondagem do terreno e levantamentos necessários para a construção de edifícios, visando dar suporte às tarefas que deveriam tornar o Parque Ibirapuera “um dos maiores do gênero no mundo e que, duradouro na sua construção de cimento e aço, e indestrutível na beleza e harmonia de suas linhas, permanecerá como um marco das homenagens dos paulistas aos quatrocentos anos da Cidade”.

Com a colaboração de um grupo de arquitetos que constituía “a mais alta expressão da engenharia brasileira” da época – Oscar Niemeyer<sup>48</sup>, Ulhôa Cavalcanti, Zenon Lotufo, Eduardo Kneese de Melo e Ícaro de Castro Melo - a Comissão do IV Centenário contou com a execução do projeto paisagístico de Octavio Augusto Teixeira Mendes, em detrimento do projeto de Burle Marx. Tão logo, a execução do plano paisagístico proposto iria colocar o Parque Ibirapuera como centro do bairro de mesmo nome, de modo que o envolvimento do conjunto arquitetônico de Niemeyer com a perspectiva de Teixeira Mendes foi fundamental para um traçado que tencionava harmonia dentro da amplitude do espaço, sem prejuízo ao aspecto funcional da instalação. Ainda assim, Ribeiro lembra (2012, p. 44) que “a realização do projeto do Parque Ibirapuera pelo grupo de arquitetos modernistas, convidado por Ciccillo Matarazzo, anunciava que na construção da metrópole paulistana definitivamente predominaria a ideia de progresso como algo sempre associado ao novo e ao futuro”. Frente à lógica do progresso nascente no século XIX, naquela época existiram debates que ultrapassaram as questões do projeto de um parque urbano, pois em todos os setores (imprensa, sociedade civil, tribunas do Legislativo) havia os opositores para a construção de pavilhões de exposição na área do Ibirapuera, em alegação ao prejuízo para as reservas verdes da cidade que não integrariam, com harmonia, os edifícios e a vegetação no conjunto do parque.

---

<sup>48</sup> Oscar Ribeiro de Almeida de Niemeyer Soares nasceu em 15 de dezembro de 1907, na cidade do Rio de Janeiro. É um arquiteto brasileiro, considerado um dos nomes mais influentes na Arquitetura Moderna internacional. Foi pioneiro na exploração das possibilidades construtivas e plásticas do concreto armado. Seus trabalhos mais conhecidos são os edifícios públicos que desenhou para a cidade de Brasília.

Após alguns anos de atividade da primeira Comissão Executiva, e depois de algumas alterações na equipe, a presidência passou para o poeta paulistano Guilherme de Almeida, em 24 de março de 1954. Pela iniciativa deste poeta, foi criado o Órgão Oficial da Comissão do IV Centenário, veiculado pela Editora Abril. O primeiro número, de setembro de 1954, traz as seguintes palavras de Guilherme, na época da inauguração do Parque: “Ao abrirem-se os portões do Parque Ibirapuera [...] forçoso é que se abram também as folhas de um caderno de assentamentos, em que se há de registrar o dia das realizações comemorativas nestes meses finais da grande Festa Paulistana. [...]. São Paulo, agosto, 9, 1954” (Torres, 1977, p. 102).

Uma vez findos os festejos do IV Centenário de São Paulo, de acordo com Rodrigues (2005, p. 55), “o Ibirapuera se integraria gradativa e efetivamente à vida de grande parte dos habitantes da metrópole paulistana, como espaço de fruição da beleza, no qual o verde e a cultura mostraram ser aliados”. Além da afirmação de uma arquitetura prescrita à luz de uma perspectiva modernista, as linhas curvas de Oscar Niemeyer consagraram o Parque Ibirapuera pelos seus potenciais contornos que projetam a arquitetura e paisagismo brasileiros no centro de um mundo globalizado. Inclusive, a importância cultural do Parque foi formalizada primeiramente pelo poder público estadual, em 1992, através do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT), que tombou o Parque Ibirapuera considerando “a extrema carência na metrópole paulistana de espaços verdes para recreação, lazer e para o exercício de práticas culturais”, bem como “o caráter inovador das edificações representativas da comemoração do IV Centenário de São Paulo” e, ainda, segundo “a importância do Viveiro Manequinho Lopes na produção de mudas para ajardinamento e arborização da cidade” (Resolução SC 01, 1992). Neste mesmo sentido, o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo tombou, em 1997, o Parque Ibirapuera e as áreas residenciais adjacentes, “visando a preservação de seu valor histórico, cultural, ambiental e urbanístico” (Resolução n. 06, 1997).

É evidente que a importância histórico-cultural do Parque Ibirapuera está em consonância tanto com os traçados materiais que possui, quanto com o seu contínuo processo de integração no todo da sociedade a que representa. Sua construção simbólica evidencia identidades de grupos específicos que se localizam física, psicológica e socialmente nas dimensões do Parque, que age em correlação com a própria instalação que é a cidade de São Paulo, e vice-versa. A referência à cidade e a sua autorreferência

histórica e espacial, transformam o Parque em objeto que materializa o real no coração da maior metrópole brasileira, conforme é possível visualizar a seguir:

**Figura 13.** Disposição do Parque Ibirapuera (A) na cidade de São Paulo



**Autor:** Google Maps, 2013.

A grande estrutura que abriga o Parque do Ibirapuera está localizada no bairro Ibirapuera, e compõe um quadrilátero formado pelas avenidas Vinte Três de Maio, Quarto Centenário, República do Líbano e Pedro Álvares Cabral. A sua inauguração, em agosto de 1954, contou com 640 estandes montados por treze estados e dezenove países, merecendo a construção, pelo Japão, de uma réplica do Palácio Katura, ainda hoje atração do Parque e conhecida como Pavilhão Japonês. O projeto inicial sofreu algumas alterações, mas sempre foi composto pelos edifícios culturais de caráter permanente, interligados pela grande Marquise, marca do conjunto arquitetônico que reflete ambições de Oscar Niemeyer (Scharlach, 2006). Além do Pavilhão Japonês, outras instalações da época da inauguração fazem parte hoje do conjunto arquitetônico do Parque: 1) o Palácio das Indústrias, hoje Pavilhão Ciccillo Matarazzo, atual sede da Bienal de São Paulo e do Museu de Arte Contemporânea (MAC); 2) o Palácio das Nações, conhecido como Pavilhão Manuel da Nóbrega, que foi sede da Prefeitura até

1992 e hoje abriga o Museu Afro Brasil; 3) o Palácio das Exposições também chamado de Pavilhão Lucas Nogueira Garcez ou de OCA - antiga sede do Museu da Aeronáutica e do Museu do Folclore; 4) o Palácio dos Estados - atual Pavilhão Eng. Armando de Arruda Pereira, antiga sede da PRODAM (Empresa de Tecnologia da Informação e Comunicação do Município de São Paulo); 5) o Palácio da Agricultura - até 2009 era a sede do DETRAN (Departamento de Trânsito do estado) - foi construído inicialmente para abrigar a Secretaria da Agricultura, e hoje se encontra em reforma para abrigar futuramente o acervo do MAC - Museu da Arte Contemporânea; 6) a Grande Marquise - local onde está situado o Museu de Arte Moderna (MAM); 7) o Ginásio de Esportes, o Velódromo (o primeiro existente no país) e o conjunto de lagos; 8) o Obelisco do Ibirapuera, símbolo da Revolução Constitucionalista de 1932, o monumento de 72 metros de altura é também mausoléu dos estudantes MMDC; 9) o Monumento às Bandeiras, monumento em homenagem aos bandeirantes.

**Figura 14.** Vista aérea do Parque Ibirapuera



**Autor:** Google Maps, 2013.

Junto aos blocos de instalações supracitadas, o Parque também conta com o Jardim de Esculturas, a UMAPAZ, a Escola de Jardinagem, o Herbário Municipal, a Praça da Paz, a Praça Bule Marx, pistas de cooper, miniciclovias, o Bosque de Leitura, o Centro de Convivência e Cooperativa, dentre outros. De construção mais recente, há o Viveiro Manequinho Lopes, o Planetário e a Escola Municipal de Astrofísica. A última construção concluída no parque foi o Auditório Ibirapuera (inaugurado em 2005), edificação que constava nos planos iniciais do arquiteto Niemeyer, mas que não havia sido executada. Antes do auditório, concluiu-se o Monumento a Pedro Álvares Cabral, de Pedro Morrone, por ocasião dos 500 anos do Descobrimento do Brasil.

Diante de um conjunto arquitetônico de tamanha magnitude, obviamente a construção do Parque Ibirapuera, mesmo que tenha sido bastante cercada por percalços, é um demonstrativo concreto da concepção de Niemeyer: “Não é o ângulo reto que me atrai, nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual. A curva que encontro nas montanhas do meu país; no curso sinuoso dos seus rios; nas ondas do mar; no corpo da mulher preferida. De curvas é feito todo o universo. O universo curvo de Einstein” (Sodré, 1978, p. 103). De fato, foram as linhas curvas do trabalho de Niemeyer que tornaram o Parque Ibirapuera inconfundível, mesmo anos depois da sua execução e diante de grandes vias expressas instaladas.

Atualmente, desempenhando uma função social e recreativa, o Parque está conformado como centro de lazer, com suas exposições, feiras, museus, restaurantes, jogos e folguedos e, acima de tudo, a sua área verde, que aos poucos foi se desvirtuando para abrigar as mais diversas atividades. Houve um redimensionamento de sua função primeira diante de novas pressões que o transformaram, “levando-o a exercer com maior ênfase a função administrativa do que a de lazer”. Exemplo é que, no ano seguinte à inauguração, o Parque passa a receber a instalação de repartições públicas como a Diretoria de Trânsito, “em completo desacordo com a própria ‘filosofia’ que orientou os trabalhos da Comissão do IV Centenário” (Torres, 1977, p. 115).

Na verdade, o Parque Ibirapuera, ao longo de sua história, passou a agregar funções que um logradouro comum jamais teria: administrativa, cultural, social e recreativa. Mas, por outro lado, conforme havia sido projetado e anunciado nos jornais e revistas dos números especiais do IV Centenário da Cidade de São Paulo, o parque tornou a *cidade em miniatura segundo o consenso popular*. Em 1971, mais precisamente, ele é exposto como ponto turístico de São Paulo em folhetos da Secretaria



de Turismo e Fomento, sendo descrito de maneira demasiado aproximada às configurações físicas e simbólicas que lhe foram planejadas:

Cidade de população flutuante, cuja maioria só a habita durante o dia, *Ibirapuera* viu crescer sua população à medida que se passaram os anos, rodeada de mansões com belos jardins. É uma população flutuante, composta de uma massa de funcionários municipais e visitantes que se revezam durante a semana, aumentando nos dias de exposições e festivais, crescendo aos sábados, domingos e feriados. População que não reside, em geral, no bairro *Ibirapuera*. Ao contrário dos habitantes das ruas adjacentes que, normalmente, não são funcionários municipais, nele não trabalham, e em geral sem nem mesmo frequentá-lo – os moradores das elegantes avenidas que rodeiam o *Parque* não precisam desses pulmões, visto que possuem os seus jardins, neste mês cobertos de azáleas e ipês – usufruem das vantagens de apenas “viver” no bairro *Ibirapuera*. Cidade em miniatura, sim. Portanto, um pequeno bairro segundo o consenso popular (Folheto, 1971, p. 16).

É certo que atualmente o Parque Ibirapuera exerce importante função administrativa, abrangendo não apenas órgãos referentes à administração municipal e estadual, pois sua visibilidade ultrapassa os próprios limites da cidade de São Paulo, ampliando-a para quadros políticos nacionais. Entretanto, consideramos que a sua função primeira, como centro permanente de turismo, recreação e cultura, foi se cumprindo no decorrer dos anos. Continuam, no Ibirapuera, outras atividades de fundo cultural, acentuando-se a sua importante função cultural, ao lado da recreativa. Inclusive, em 1973, Burle Marx foi convidado pelo prefeito Miguel Colasuonno para apresentar um novo projeto paisagístico que retomasse o espírito empreendido no IV Centenário. E com essa reforma, retomou-se a premissa de que um parque é um centro de lazer, cultura e recreação, dimensão esta que o Parque Ibirapuera justapõe à função de mantenedor de uma estrutura administrativa e de símbolo da cidade de São Paulo.

O relevo histórico cultural do Parque Ibirapuera, por fim, cresce com a sua popularidade dentro do contexto paulistano. O Parque expandiu-se simbolicamente pela cidade de São Paulo e orienta, do mesmo modo ou ainda mais que outrora, o encontro dos indivíduos com um lugar de expectativas e experiências: “no Parque se fundiram imagens materiais de uma construção mental que definia o ‘*espírito paulista*’ como empreendedor e inconformista, das disputas entre os adeptos da manutenção e da transformação dos padrões de construção da cidade” (Rodrigues, 2012, p. 71, grifo nosso). Na sociedade paulistana do presente, o Parque Ibirapuera sustenta-se no centro da polaridade entre o verde e as edificações, entre a natureza e a cidade, entre a visão progressista e a modernização. Enquanto escolha do “novo”, ele representou a estética da arquitetura moderna do concreto armado na paisagem feita de natureza e atualizada

na cultura urbano-industrial. Refletindo esperanças e valores da experiência de uma vida moderna, a instalação que abriga o parque exerce importante papel no processo de reapropriação da própria cidade de São Paulo:

**Figura 15.** Cartaz publicitário da Prefeitura de São Paulo



**Autor:** ONG Parque Ibirapuera, 2013.

A construção e recriação de significados tangíveis e intangíveis realçam possibilidade de interpretação do passado no presente e no futuro daquela instalação. É assim que entre as razões para tamanha popularidade do Parque, para além do contexto paulistano, Ribeiro (2012, p. 78) deparou com a sua capacidade extremamente heterogênea de mediar, ao público metropolitano, o encontro com uma estrutura variada e permanente de esporte e cultura, bem como a multiplicidade de eventos promovidos no lugar, o que valoriza a qualidade ambiental nos aglomerados urbanos quando mantém e reverbera características paisagísticas e edílicas próximas das “originais”. O que pode bem ilustrar a ideia de que existe um “imaginário que sustenta o lugar afetivo ocupado pelo parque entre a população”, é a indicação da DataFolha, no ano de 2004,

que apresentou o Parque Ibirapuera sendo considerado “*a cara da cidade*”. Neste sentido, foi por ocasião do 450º aniversário de São Paulo que esta consulta foi feita e elegeu o Parque como o ponto mais bonito da capital, com 44% das preferências. Bem distante, no segundo lugar, ficou a Avenida Paulista, que só obteve 7% das indicações, muito embora, em julho de 2007, ela tenha sido formalizada como o cartão-postal da cidade, por uma lei sancionada pelo município. O Parque Ibirapuera, seja como espaço administrativo ou de lazer, cultura e esporte, está situado na metrópole, e tornou-se indiscutivelmente uma referência das memórias decorrentes da experiência na instalação. São os valores da vida contemporânea que estão aliados, naquele contexto, para reificar a paisagem do Parque no ambiente físico, psicológico e social que é tanto um construto social, quanto uma marca e matriz estáveis e organizadas.

#### *5.1.2 Entre parques de uma matriz planejada: Bosque dos Buritis e Lago das Rosas*

A cidade de Goiânia é uma instalação que possui dimensões espaciais e temporais mais condensadas que a cidade de São Paulo. Entretanto, o fato de que ela é uma cidade brasileira jovem, que surgiu pelos pilares do planejamento sedimentado em quatro planos diretores, interessa-nos demasiado neste contexto. A sua localização no Planalto Central do Brasil, por outro lado, nos direciona a eleger a capital do estado de Goiás como instrumento de interpretação das paisagens na medida em que Goiânia também media a existência e a persistência de parques em seu conjunto urbanístico. Em primeira instância, essa cidade goiana surgiu de modo artificial, sendo expoente do processo de urbanização acelerado que aconteceu no Centro-Oeste brasileiro. Como aponta Moysés (2004), o processo de urbanização do Planalto Central, desde 1930 e principalmente a partir da década de 1970, foi fruto de três macroprocessos: o primeiro é a economia paulista do café, cuja expansão exigiu a incorporação de novas áreas; o segundo, decorrente do primeiro, incidiu na abertura de novos territórios nacionais para ocupação econômica, tendo a agroindústria como vetor; e o terceiro, a construção de cidades-capitais no Planalto Central brasileiro, a exemplo de Goiânia e Brasília. Na verdade, os três macroprocessos que fomentaram o desenvolvimento urbano da capital goiana, mais particularmente, estiveram articulados, em momentos históricos diferentes, e propiciaram dinamismo à economia local e nacional.

Goiânia foi, assim, instalada no centro geográfico do país no início dos anos 30 e, desde seu planejamento e construção, o uso de recursos técnicos e humanos foi

empregado no sentido da elaboração de planos diretores que assegurassem o seu crescimento “ordenado” em uma matriz planejada. A ideia mudancista da capital de Goiás, a antiga Vila Boa e atual Cidade de Goiás, para uma nova localidade se firmou com o lançamento da pedra fundamental de Goiânia, em 24 de outubro de 1933, dentro do período de mandato do interventor federal Pedro Ludovico Teixeira. Esse gesto coincidia bastante com interesses de descentralização do poder que estava em mãos de alguns grupos oligárquicos locais, bem como com a importância do lançamento de uma plataforma político-partidária que, pelo menos em tese, reunisse as aspirações da população que ansiava por “progresso”. No dia 20 de dezembro de 1931, o Correio Oficial publica o Decreto n. 2.737, nomeando uma comissão para proceder aos estudos necessários de edificação da futura capital de Goiás. Dois anos depois, em 18 de maio de 1933, Pedro Ludovico Teixeira assina o Decreto n. 3.359 que reforçaria sua plataforma de governo ao estabelecer o seguinte:

Art. 1º. A região às margens do córrego Botafogo, compreendido nas Fazendas denominadas Criméia, Vaca Brava e Botafogo, no Município de Campinas, fica escolhida para ser edificada a futura capital do Estado devendo o Governo mandar organizar o plano definitivo da nova cidade, de acordo com as seguintes bases: § 1º. Demarcação da região, fixação das zonas urbanas, suburbanas e rural e divisão dos terrenos em lotes de maior ou menor área, conforme as zonas em que fiquem situados, os fins a que se destinam, estabelecendo-se em regulamento especial os seus preços e o modo por que devam vendidos; § 2º. Demarcação das áreas destinadas às construções de edifícios públicos federais, estaduais e municipais, escolas, templos, bibliotecas, museus, teatros, cemitérios, hospitais, mercados, *praças, quintas e jardins públicos*, passeios, estações, oficinas, armazéns rodoviários e estações para meios de transporte urbanos (ônibus e tramways) etc. § 3º. Regulamentação do plano geral de edificações, com estabelecimento de regras de higiene e arquitetura que deverão presidir as mesmas [...]” (Chaul, 1999, p. 74-75, grifos nossos).

Foi trilhado o caminho das desapropriações, doações e compras de terras da região de Campinas, que na época era uma cidade e que depois foi agregada ao conjunto urbanístico de Goiânia, sendo hoje conhecida como o bairro mais antigo da cidade. O governo de Goiás buscou mão-de-obra especializada no Rio de Janeiro e São Paulo para arquitetar e urbanizar a nova capital. Em um terreno de sonhos e concepções, a ousadia de um projeto moderno de cidade no cerrado goiano teve como artífices três figuras que se destacaram. O primeiro e mais acionado é Pedro Ludovico Teixeira, que por vezes recebe a alcunha de “o grande visionário”. Ele é representante do segmento estatal pela força do poder central de sua figura, permanecendo associado aos cargos públicos goianos entre os anos de 1930 até 1970, atuando então como interventor federal, por

duas vezes, como governador eleito e como senador eleito, em outros dois mandatos. O segundo nome de relevo à construção da capital cerradina foi o arquiteto e urbanista Atílio Corrêa Lima, que concebeu o plano diretor original com base na sua formação urbanística formal da escola francesa. E, por último, outra figura emblemática é o urbanista Armando Augusto de Godoy, que ampliou e alterou o plano diretor de Goiânia, após a saída de Corrêa Lima.

No processo de construção da nova capital de Goiás, iniciado em 1933, o foco era para a “cidade dos sonhos” idealizada em uma base cartográfica do plano original de Atílio Corrêa Lima, onde o planejamento urbano consolidaria um projeto que era arrojado para os recursos materiais e humanos da época. O cerrado, por outro lado, poderia deixar de ser o ermo esquecido e distante do litoral, e de lá poderia também ser emanado o poder central sustentado pelos pilares de uma grande instalação moderna. Assim, em sintonia com a topografia do terreno, Atílio Corrêa Lima concebeu uma cidade às margens de um contexto de profundas transformações econômicas, políticas e sociais, bem como junto a políticas nacionais que “beneficiavam” de certo modo o estado goiano. O projeto de Goiânia previa o efeito monumental do princípio clássico e o efeito barroco adotado em Versalhes, Karlsruhe e Washington, enquanto o projeto do núcleo central da cidade se assemelhava ao protótipo da “cidade-jardim”, concebido por Ebenezer Howard. A lógica da “cultura de morar” proliferava na Goiânia moderna, dentro de seus princípios, e nesse sentido precursora de Brasília.

No entanto, segundo destaca Ribeiro (2004, p. 61, grifo nosso), o que fez a capital nascente moderna “não foi o traçado barroco em asterisco ou de cidade-jardim, mas, como sintetiza Graeff, a sua alma de *cidade-parque*”. Para esta autora, a ideia da cidade-parque ficou bem definida nas intenções demonstradas pelo grafismo de seu primeiro criador, Atílio Corrêa Lima e, posteriormente, apesar de algumas modificações, Armando Augusto de Godói não descaracterizou a proposta arquitetônica e urbanística de seu antecessor. O Decreto n. 3.547, de 6 de julho de 1933 integrava catorze diretrizes no projeto de urbanização, e o plano diretor de Corrêa Lima desdobrava-se para cumprir itens tais como “o sistema de parques, jardins, ruas-jardins, terrenos para esportes e recreio, bem como indicação sobre a arborização das ruas” (Oliveira e Silva, 2007, p. 94).

Por isso, a rede de parques e park-ways proposta por esse arquiteto-urbanista resultou em uma larga malha verde, sistema este bem articulado com a vida urbana. No começo de 1935, Corrêa Lima entrega estudos que privilegiam a existência de áreas

sócias na cidade. Para Ribeiro (2004, p, 62), a relação das áreas verdes com a cidade nascente não representava saudosismo estéril ou retrocesso, mas a busca dos arquitetos modernos em empreender, entre os anos de 1930 e 1950, um movimento de “beber a água na sua fonte”, isto é, utilizar os recursos topográficos e/ou naturais existentes na região para fazer surgir na cidade uma modernidade mais humana, auto-regulável e autossustentável. Na própria fala de Corrêa Lima, citada em relatório, fica explícito o discurso da modernização, com ênfase no bem-estar da população: “Dentro do critério moderno que manda prover as cidades de áreas livres plantadas, a fim de permitir que o ambiente seja beneficiado por essas reservas de oxigênio, procuramos proporcionar à cidade o máximo que nos foi possível de espaços livres” (IBGE, 1942, p. 105).

Desde o início, a estrutura de áreas verdes foi apresentada por Corrêa Lima contemplando a categorização e demarcação em hectares de espaços como o Parque dos Buritis, que é conhecido atualmente como Bosque dos Buritis, e o Lago das Rosas, outrora concebido enquanto park-way, nos fundos de vale do córrego Capim Puba, e depois como Parque Zoológico ou Horto Florestal, em simultâneo, pois este integra o conjunto do Lago. A existência de parques era defendida no primeiro plano diretor de Goiânia, porque foi previsto que o tempo, as mudanças e o desenvolvimento da unidade urbana haveriam de depredar e dilapidar as áreas verdes, caso não fossem zoneadas e reapropriadas com fins específicos. E isso fica claro em outro trecho do relato de Corrêa Lima: “Temos pois que os espaços não construídos representam 34% do total, relação talvez aparentemente exagerada; [...] procuramos incluir e preservar certos sítios, já beneficiados pela natureza, para servir de *parques e jardins*, evitando tanto quanto possível sua destruição” (IBGE, 1942, p. 106, grifos nossos).

Cumprido seu contrato e, ainda, por demandas e interesses políticos que estavam em jogo, Atilio Corrêa Lima abandona o projeto no ano de 1935, mas deixa seu legado materializado em Goiânia, sobretudo, porque seu plano, na mesma proporção que estava em elaboração, desde agosto de 1933, ia sendo paralelamente concretizado na prática. A maioria das ideias do arquiteto-urbanista, as quais projetaram a cidade dos sonhos, ladeadas pelas influências da cidade-jardim ou da cidade-parque, permaneceram no projeto e na obra, ainda que Armando Augusto de Godói tenha assumido a continuidade das ações, devido a um contrato feito com a firma Coimbra Bueno para realizar consultoria técnica. De modo previsível, o plano de Godói tão logo se caracterizou por um urbanismo definitivamente orientado nos preceitos da cidade-jardim. Os elementos característicos dessa escola projetual, na qual as áreas verdes se

intercalam áreas urbanas, estão explicitados no relatório enviado pela firma Coimbra Bueno, em março de 1937: “[...] foram reservados os Bosques naturais dos Buritis, do Botafogo e do Capim Puba, e mais praças para garantirem aeração em todos os pontos da cidade” (Álvares, 1942, p. 32).

O Bosque dos Buritis e o Lago das Rosas, com existência projetada desde a década de 1930, são expoentes da cidade que nasceu como centro pulsante dentro da nova ordem de produção. Por isso, enquanto projetos periféricos para áreas verdes de recreação, lazer e preservação foram abandonados, especialmente a partir de 1937 – período do regime autoritário do Estado Novo de Getúlio Vargas –, em Goiânia, os parques da zona urbana foram abraçados na cidade que estava a se consolidar. Em 2 de agosto de 1935, pelo Decreto n. 327, o município da Nova Capital recebeu o topônimo de Goiânia, e 23 de março de 1937, pelo Decreto n. 1.816, a capital foi definitivamente transferida da Cidade de Goiás para uma Goiânia artificial. E nesta cidade matriz, entre os anos de 1950 e 1970, muitas áreas projetadas para a capital foram tragadas pelo tempo ou descaracterizadas, enquanto outras reverberavam socioafetivamente no contexto urbano emergente. Os parques que caracterizavam o Bosque dos Buritis e o Lago das Rosas, entretanto, sobreviveram a diversos “teste de realidade” na instalação urbana impactada pelos diversos tempos de economia, política e administração pública:

Atualmente, Goiânia é uma capital que possui uma população metropolitana estimada, no ano de 2010, em cerca de 1.302.111 milhão de habitantes, distribuídos em uma unidade territorial de 732.802 km<sup>2</sup> de extensão e com densidade demográfica de 1.776, 74 hab/km<sup>2</sup> (IBGE, 2013). Goiânia é cidade que exemplifica o “apego planejado” do cidadão ao verde. Nela existe atualmente uma média de 191 áreas definidas como parques ou bosques, o que por si só demonstra que essa capital possui uma cultura vinculada aos modos de apropriação das áreas verdes (AMMA, 2013).

É evidente, assim, que os planos diretores da cidade não foram capazes de conter a expansão da concepção inicial de uma cidade-parque, pois inicialmente ela foi planejada para abrigar 50.000 mil habitantes em seu conjunto, que contariam com espaços de lazer e recreação muito bem definidos e demarcados dentro da malha urbana. Na verdade, podemos confirmar que os planos diretores como o de Luís Saia, na década de 1960, por exemplo, tiveram alguns efeitos contraditórios devido à forma de administração pública ou gestão do mesmo, e chegaram até a extinguir instalações previstas ou deteriorar estruturas já existentes. Ainda assim, o Bosque dos Buritis e o Lago das Rosas (ou Parque Zoológico) - que estão entre os quatro parques urbanos

localizados na região central da cidade - “evoluíram”, desfiguraram-se e reconfiguraram-se no todo urbano da capital de Goiás, sobrevivendo no espaço-tempo:

**Figura 16.** Vista aérea do Bosque dos Buritis (A) e do Lago das Rosas (B)



**Autor:** Google Maps, 2013.

É bastante provável que o Bosque dos Buritis e o Lago das Rosas constituam o campo de representações sociais que conserva e re-apresenta a paisagem do parque urbano, em Goiânia, principalmente por conta da localização de ambos naquela malha urbana. Afinal, eles foram projetados triangularmente entre a região central da cidade, o Setor Oeste e o Setor Aeroporto, bairros estes em que os grupos mais abastados ou com mais prestígio social faziam residência. Como ponto focal da cidade, o Lago das Rosas e o Bosque dos Buritis sempre estiveram equipados, em menor ou maior proporção e qualidade, de mobiliário urbano de lazer e cultura, brinquedos infantis, clareiras com recantos, coretos, lanchonetes, restaurantes, museu, zoológico, área de teatro e obras artísticas ao ar livre, vegetação nativa ornamental ou exótica, animais e grandes lagos artificiais irrigados pelas nascentes dos córregos locais – Buritis e Capim Puba.



**Figura 17.** Disposição do Bosque dos Buritis (A) e do Lago das Rosas (B) em Goiânia



**Autor:** Google Maps, 2013.

Em comparação ao Parque Ibirapuera, que em 2014 completa 60 anos, o Bosque dos Buritis e o Lago das Rosas estão prestes a completar seus 80 anos em 24 de outubro próximo, data também do aniversário de Goiânia. Afinal, ambos estavam previstos direta ou indiretamente no primeiro plano diretor da cidade e, portanto, nasceram junto à estrutura monumental que compôs a nova capital goiana. No entanto, a dimensão populacional do conjunto urbanístico de São Paulo é superior em quase dez vezes à cidade de Goiânia, e as estruturas materiais de mediação em cada uma das cidades assumiu, no espaço e no tempo, medidas que parecem desconexas, mas são coerentes, estáveis e estruturadas porque sobrevivem aos fluxos da história.

## **5.2 Representações sociais da e na instalação: um estudo de caso no Bosque dos Buritis/GO, Lago das Rosas/GO e Parque Ibirapuera/SP**

O Parque Ibirapuera, localizado na cidade de São Paulo, foi estudado com vistas a uma análise comparativa das evocações coletadas, por questionários semelhantes, que também foram aplicados no Bosque dos Buritis e no Lago das Rosas, parque estes instalados na cidade de Goiânia, em Goiás. Em particular, o que esperamos

é utilizar informações coletadas em três parques urbanos que se reverberam em diferentes realidades físicas, psicológicas e sociais, a fim de subsidiar a interpretação que visa demonstrar as representações e os objetos como camadas de um processo de co-evolução. Semelhante à etnografia que conduz os dados pelas teorias correntes, este estudo buscava, quando foi projetado, fazer uma análise comparativa mais ampla, que incluísse um parque urbano instalado na cidade de São Paulo, um Goiânia e outro em Curitiba. Esta escolha havia sido feita porque a primeira cidade possui o parque urbano que mais desperta interesses socioafetivos, em nível nacional e internacional e, depois, porque as duas últimas cidades são resultados da aplicação do planejamento urbano em escala de matriz. Mais tarde, pareceu-nos interessante preservar esforços de pesquisa somente em duas cidades, São Paulo e Goiânia. Estando dispostas, social e topograficamente, em duas regiões brasileiras que usufruem de históricos bem específicos, estas cidade supõem convergências e divergências nas configurações que assumem as paisagens no contexto de seus parques locais.

Assim, a interpretação de dados levantados no Parque Ibirapuera, quando comparados aos resultados da coleta feita no Bosque dos Buritis e no Lago das Rosas, em um primeiro nível, seguem a lógica da evolução do objeto no contexto social. Este estudo, então, passa a conceder demasiada importância para a avaliação de objetos em “testes de realidade”, afinal, os três parques urbanos são compreendidos como ecossistemas de representações, isto é, eles estão estruturados fora das “mentes” humanas, num contexto de relações e permutas de sentidos.

O que temos em vista agora é a utilização dos parques urbanos como microcosmos ou modelos simplificados de instalação, de modo a enfatizarmos, inclusive, a forma através da qual os indivíduos tomam ciência das situações e dos objetos em termos de sua conotação, para efetivação de determinada atividade (Uexküll, 1965), ou em função de atrativos cognitivos (Lahlou, 2000). O Parque Ibirapuera, por exemplo, é visualizado por muitos como “cidade em miniatura” ilustrativa de que a instalação carrega uma dinâmica particular, de modo que grande parte dos cenários e situações do dia-a-dia são instalações que mediam uma relação do humano com o meio. Dito de outro modo, o parque urbano é instalação que guia seus participantes a um comportamento específico e esperável.

O Parque, o Lago e o Bosque, por isso, podem ser também analisados seminalmente com base no que Moscovici (1991) chamou de “fato nomeado”, pois eles são sustentados (estabelecidos, instituídos) por uma manifestação estrutural

arquitetônica e paisagística que os impregna de instituições objetivadas por uma linguagem artística própria, para somente depois referir-se a “fatos anônimos”, ou seja, a fenômenos, eventos ou acontecimentos profundamente aprisionados na prática cotidiana, nos encontros, nas impressões, nas conversas, nas imagens pessoais. Mas, como “fatos nomeados”, o Parque Ibirapuera, o Lago das Rosas e o Bosque dos Buritis garantem para si um status de fenômeno social inscrito como objeto de representação social, já que se enquadram em situações caracterizadas como reais, concretas e coletivas. Esses três parques também podem receber uma atribuição que os tornam representação socialmente instalada, estabelecida por um determinado grupo social, ou seja, eles são representações que resistem à mudança do meio por não terem transformações drásticas no núcleo central.

É preciso levarmos em consideração, todavia, que assim como as significações atribuídas ao Parque Ibirapuera, ao Bosque dos Buritis e ao Lago das Rosas, as representações são continuamente reconstruídas ou reiteradas. Sendo instalações situadas no urbano, os três parques física e socialmente asseguram a especificidade de atividades a serem operacionalizadas no ambiente real. Com prescrições asseguradas e seguidas pelos usuários, o Ibirapuera, o Bosque e o Lago ainda existem e persistem simultaneamente em três níveis ou camadas: o físico, o psicológico e o social. Neste sentido, diz-se que a realidade material do objeto “parque urbano” fornece as possibilidades físicas de apropriação do lugar, pois o ambiente infraestruturado é que proporciona um esquema de possíveis comportamentos aceitáveis. É bom esclarecermos que a ordem dos esquemas de representação reside em um campo de tensões e fusões, uma vez que media a “experiência de pensamento” (a conformação de paisagens nos parques) por um campo que é ao mesmo tempo físico, psicológico e social e, embora siga um padrão, como lembra Lahlou (2011a), ele se propaga por meio do discurso que reside no reino do simbólico.

Ao observarmos que os indivíduos experienciam situações, entendemos que é por meio da representação e da prática que são esboçadas imagens viáveis (paisagens) para a realização ou planejamento de uma atividade e na instalação (os parques urbanos). As representações permitem que o indivíduo seja capaz de elaborar e projetar, primeiramente em nível físico e psicológico, ações articuladas com base na experiência, na aprendizagem e na exposição ao discurso, para que em seguida, no terceiro nível de determinação (o social) seja cortado o ramo dos comportamentos não aceitáveis.

A ideia de posicionar o Parque Ibirapuera, o Lago das Rosas e o Bosque dos Buritis diante da Teoria da Instalação, especialmente agora, descortina-nos o modo como são conformadas possibilidades físicas no espaço físico, assim como a representação no espaço psíquico e no ambiente social, as quais irão ou não limitar uma ação ou um esboço de atividade tangível ou intangível. Quando lidamos com o campo de conformação das paisagens, o fenômeno de cultura sempre explicita que as ações individuais produzem externalidades e, portanto, a atuação é em geral limitada por outros. Nesta linha, instituições como os parques estabelecem convenções comuns que encorajam (ou não) um comportamento pautado em aspectos normativos, que são regulados por representações do ambiente simultaneamente físico e simbólico.

A relação entre a imagem social (que neste estudo é chamada de “paisagem”) e a representação pauta-se na estrutura imagética da representação que se torna guia de leitura e, por generalização funcional, é uma teoria de referência para compreender a realidade. O pensamento social nos remete a eventos concretos da prática do real e deve, para ser comunicado, permanecer vivo na sociedade, pela ação ou experiência. Esta premissa vem ao encontro do que Lahlou (2011a) chamou de “experiência de pensamento” como filtro dentro do qual são confrontadas as imagens (as paisagens) com o simbólico, afim de que a representação passe pelos crivos da cultura, da aceitabilidade social. Ao caminharmos pela vertente assumida por Abric (1998), utilizamos a visualização das representações sociais conforme reflexos da realidade. Pensamos no Parque Ibirapuera, no Bosque dos Buritis e no Lago das Rosas como objetos socialmente construídos, que são formulados, mas também são “formuladores” de uma organização de significados que possibilitam o funcionamento do sistema estruturado de interpretação da realidade. Sendo regido por relações humanas com o meio físico e social, este sistema estruturado determina comportamentos e suas práticas.

Como objetos que sustentam a existência de paisagens, e que recebem significados por meio dela, o Ibirapuera, o Lago e o Bosque suscitam a retomada de discussões a partir de Moliner (1996), que se preocupa com os mecanismos psicológicos que sustentam o processo pelo qual se forma uma imagem (paisagem). Este autor destaca a necessidade de se compreender como a imagem de um objeto pode ser compartilhada por indivíduos aparentemente diferentes. Em sua origem, as representações na verdade são imagens visuais difundidas e influenciando a integração (ou não) de opiniões coletivas, chamadas de “imagem social”. Por Moliner, reiteramos que a elaboração da imagem mental está expressa em um esquema figurativo, que serve

de referência aos valores compartilhados, sendo este o momento privilegiado do processo de representação. Também para nós, a noção de esquema figurativo é vizinha da imagem social, e sua elaboração é determinada por fatores coletivos, coincidindo com a interpretação que a paisagem, mediada por parques, ganha neste contexto.

É assim que a Teoria das Representações Sociais aguça nossa compreensão de que, em um estudo sobre a Paisagem, os mecanismos de formação das imagens sociais também podem descrever a estrutura dessas imagens que estão impregnadas na instalação dos parques. A imagem social dos objetos Parque Ibirapuera, Lago das Rosas e Bosque dos Buritis constitui uma realidade para cada grupo em que estas instalações se situam. É neste sentido que Moliner (1996) enfatiza a necessidade de conhecermos a construção social dos objetos, no espaço e no tempo, se pretendemos observar as condutas persistentes em relação a tais objetos. Para que o estudo da imagem social dos parques goianos e do grande parque paulistano se apoie em bases rigorosas, é preciso que consideraremos tanto a análise do contexto do objeto de representação, quanto o impacto deste objeto para o grupo, investigando assim a representação social em uma abordagem do próprio estudo da imagem, ou seja, pela percepção do que é a imagem do objeto para o grupo em que ele está instalado.

Para tanto, pela abordagem estrutural desenvolvida pela equipe de *Aix-em-Provence*, pautada na Teoria do Núcleo Central, que foi proposta por Abric (1976; 1987), perfazemos uma apreciação das representações sociais dos três parques em questão enquanto conjuntos organizados e estruturados de crenças, informações, opiniões e atitudes. Constituindo um sistema cognitivo particular, as representações serão visualizadas como um composto de dois subsistemas: um sistema central (ou núcleo central) e um sistema periférico. O núcleo central, por sua vez, sempre conformado a partir de uma quantidade limitada de elementos, assegura as funções essenciais de determinação do significado da representação (função geradora), da organização interna (função organizadora) e da estabilidade (função estabilizadora). Enquanto isso, retomaremos o sistema periférico das representações com algo bem menos limitado, mais leve e flexível, integrando assim a parte mais acessível e viva da representação, e ainda resumindo as funções de concretização, regulação, prescrição de comportamentos, proteção do núcleo central e personalização, isto é, individualização da representação coletiva (Abric, 1994b).

Propondo a observação da natureza e funcionamento do núcleo central de representações prescritas e convencionalizada na paisagem do parque, damos evidência

neste estudo para a determinação de significados, a sua consistência e sua permanência no discurso elencado pelos questionários aplicados em três parques. Assim, a identificação das representações sociais dos indivíduos participantes da pesquisa é tão importante quanto a análise de sua organização em nível de conteúdo. Entendemos, como Abric (2003a, p. 39), que as representações têm um núcleo porque manifestam o pensamento social, comportando uma certa quantidade de crenças, produzidas coletivamente e historicamente determinadas, “posto que elas são o fundamento dos modos de vida e garantem a identidade e a permanência de um grupo social”.

Orientados pela Teoria do Núcleo Central, de Jean-Claude Abric, pela Teoria da Instalação, de Saadi Lahlou e, ainda, pela perspectiva da paisagem-marca e da paisagem-matriz, de Augustin Berque, interpretaremos os parques urbanos que estão em questão neste trabalho, mais diretamente, potencializando a nossas possibilidades de constatar que o essencial do núcleo central de uma representação social é constituído pelos valores associados ao objeto representado. De outra forma, podemos dizer que as evocações coletadas em parques de Goiânia e no maior parque urbano de São Paulo sustentam a tese de que não é o fato dos indivíduos partilharem o mesmo conteúdo que define a homogeneidade do grupo em relação a um objeto de representação social. Entendemos que é o movimento de referência aos mesmos valores centrais presentes no núcleo que fundamenta a existência de uma representação: “*procurar o núcleo central é, então, procurar a raiz, o fundamento social da representação* que, em seguida modulará, se diferenciará e se individualizará no sistema periférico” (Abric, 2003a, p. 39-40, grifos do autor). A partir de agora, concedemos atenção à interpretação da referência comum, expressa pela tomada de posição ou pelas construções cognitivas mais individuais. Para tanto, temos como base o pressuposto de que, em toda representação social, o sujeito e o objeto não são marcadamente distintos. De maneira simplificada, dizemos que a experiência física, psicológica e social organiza a imagem do objeto no real (a instalação, o parque) e, através desta, o constrói (a paisagem).

### 5.2.1 Um recurso metodológico para a Análise de Evocações Livres – o EVOC

Temos que o estudo das representações sociais, objetivado nas paisagens dos parques urbanos, é uma forma de conhecimento, e a sua interpretação ou apreciação etnográfica nos apresenta modos de elaboração do real, de exposição das crenças e de

composição do senso comum. Sendo construídas nas relações grupais e intergrupais, as paisagens são um caminho aberto devido à finalidade de conhecermos, interpretarmos e reconhecermos as estruturas que intercambiam o agir sobre o mundo. Integrando tanto a experiência e a vivência dos sujeitos que a constroem, quanto a sua história e sua cultura, a interpretação das representações sociais, dentro do escopo psicossocial, nos oferece algumas ferramentas teórico-metodológicas que permitam a leitura e a compreensão da dinamicidade e multiplicidade dos significados que coexistem nos fenômenos do senso comum.

Para subsidiar esta discussão, portanto, este estudo almeja caracterizar as representações sociais sobre a paisagem que está sustentada pela experiência em parques urbanos. Para expor a representação sobre a paisagem, inclusive, utilizaremos de um procedimento pluri-metodológico para a “Evocação Livre”, por meio do manejo operacional do programa computacional<sup>49</sup> chamado *Conjunto de Programas para Análise de Evocações* ou, simplesmente, *EVOC*<sup>50</sup>. Amparados pela Teoria das Representações Sociais, o que procuramos é fazer um detalhamento mais simplificado dos pressupostos evocados, ou seja, das palavras ou expressões colocadas em evidência pelos indivíduos durante a aplicação do instrumento de coleta de dados. Assim, pelo uso de um procedimento metodológico voltado à análise da representação sustentada pelas “Evocações Livres”, nosso intuito é de facilitar a compreensão da organização estrutural que subsidia a existência e a persistência de paisagens, que são imagens sociais localizadas no cerne das instalações ou dos parques urbanos.

A complexidade de um fenômeno do conhecimento, oriundo do senso comum semelhante à paisagem, pode amparar a aplicação dos mais variados métodos para sua compreensão. Então, entendemos que a nossa interpretação de representações sociais pode adotar o senso comum como objeto de pesquisa psicossocial, já que a paisagem do parque é um saber do senso comum. De fato, a paisagem é manifesta por conteúdos que operacionalizam processos generativos e funcionais, socialmente caracterizados, os quais nos possibilita uma análise de dados por procedimentos situados na abordagem intermediária entre a pesquisa quantitativa e a qualitativa. No universo das ferramentas disponíveis para o pesquisador do senso comum, alguns programas computacionais são

---

<sup>49</sup> O uso de computadores como ferramenta de apoio ao desenvolvimento de pesquisas sociais é anterior à própria popularização dos computadores pessoais, ocorrida a partir de 1980. Desde o lançamento pioneiro do SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences* ou Pacote Estatístico para as Ciências Sociais) – em 1968 por Norman Nie, C. Hadlai Hull e Dale H. Bent - diversos programas de computador vêm sendo utilizados no auxílio à coleta, análise e interpretação dos dados das pesquisas (Sant’Anna, 2012).

<sup>50</sup> Tradução livre do francês *Ensemble de Programmes Permettant l’Analyse des Evocations*.

próximos à Teoria das Representações Sociais - *Nud.Ist*, *The Ethnograph*, *Atlas.ti*, *Tri Deux Mots*, *Evocation ou EVOC*, *Similitude ou SIMI*, *Spad-T ou Spad e Alceste* -, sendo frequentemente utilizados para análise de material linguístico (Camargo, 2005).

Neste estudo, a interpretação da paisagem do Parque Ibirapuera, do Lago das Rosas e do Bosque dos Buritis adota um dos programas disponíveis para pesquisadores das Ciências Sociais: o Conjunto de Programas para Análise de Evocações – EVOC. Este programa está disponível apenas em francês, para computadores com sistema operacional Windows, e vem sendo desenvolvido comercialmente por Pierre Vergès e colaboradores, desde 1987. O manual que acompanha a versão do programa está no formato Microsoft Word, também escrito no idioma francês, e até o momento não foram encontradas edições em outros idiomas. O diferencial do EVOC está na existência de recursos nativos no programa para a realização de pesquisas na abordagem estrutural das representações sociais (Sant’Anna, 2012).

A abordagem estrutural, proposta originalmente por Jean-Claude Abric, em 1976, baseou-se na hipótese de que toda representação social está organizada em torno de um núcleo central, que seria o elemento fundamental responsável pela organização e significação da representação. A teoria do núcleo central apresenta-se como um construto teórico que completa a teoria original, lidando com a complementaridade interna da estrutura das representações que está alocada entre um sistema central e um sistema periférico. Neste universo, o conjunto de programas EVOC visa permitir a identificação, partindo de uma lista ordenada de “Evocações Livres”, dos elementos centrais e periféricos da representação que foram definidos pela teoria do núcleo central. Isso significa dizer que o programa lista, em primeira instância, os elementos centrais de uma representação, os quais são interpretados como consensuais, coerentes, estáveis, determinados por condições históricas, sociológicas e ideológicas, e que também definem a homogeneidade do grupo enquanto resiste às mudanças no curto prazo, já que possui a função de gerar a significação da representação e definir sua organização. E, em um segundo nível, o EVOC identifica as evocações que estão vinculadas a um sistema periférico, que é compreendido enquanto algo flexível e que permite a integração das experiências e histórias individuais, suportando contradições e a heterogeneidade do grupo pelo seu fundo evolutivo, sensível às mudanças imediatas no contexto, e pela sua função adaptativa do sistema central à realidade concreta.

Conforme aponta Pereira (2005), as técnicas elaboradas por Vergès cruzam as frequências das evocações (natureza quantitativa) com as ordens das evocações



(natureza qualitativa) para construir uma tabela de contingências de quatro quadrantes separados pelos seguintes cruzamentos: 1) no primeiro quadrante (superior esquerdo, ++) situam-se as evocações de maior frequência e cuja ordem de evocação seja inferior à média geral – elementos com maior probabilidade de integrarem o núcleo central; 2) no segundo quadrante (superior direito, +-), encontram-se as evocações de maior frequência e maior ordem de evocação, sendo muito citadas, mas sem importância para os sujeitos – primeira coroa do sistema periférico; 3) No terceiro quadrante (inferior esquerdo, -+), estão as evocações de menor frequência e de menor ordem de evocação, consideradas importantes por um pequeno grupo de sujeitos – segunda coroa do sistema periférico; 4) no quarto quadrante (inferior direito, --), encontram-se as evocações de menor frequência e maior ordem de evocação, irrelevantes para a representação e contrastantes com o núcleo central – a última coroa do sistema periférico.

Podemos observar que o pacote EVOC não apenas é fundamentado na teoria do núcleo central, pois ele também realiza e potencializa tal teoria em seu funcionamento programático. Por isso, é importante precisarmos que o uso do EVOC prescreve, sobretudo, quatro fases de pesquisa: 1) o levantamento do conteúdo da representação (identificação dos elementos de significação, sejam eles definidos como crenças, ideias, opiniões etc.); 2) a identificação das relações entre os elementos, produção das hipóteses acerca da hierarquia entre os elementos; hipóteses acerca do que é central e do que é periférico; 3) o controle ou teste da centralidade hipotética; 4) o retorno aos sujeitos para contextualização dos resultados obtidos (Abric, 1994b; 2003b). Assim, a “Análise das Evocações” é um método que nos aproxima da estrutura, uma vez que produz os primeiros levantamentos, as primeiras hipóteses acerca do que é, em uma dada representação social, central ou periférico. Utilizamos a abordagem estrutural neste contexto com a finalidade de conhecer a representação social a partir do reconhecimento de seu núcleo central. E é neste sentido que seguimos agora para o estudo das evocações evidenciadas no Bosque dos Buritis, Lago das Rosas e Parque Ibirapuera.

### *5.2.2 O estudo das evocações pela “livre associação” a partir de um mote indutor*

Na realização desta pesquisa, foram utilizadas técnicas para um estudo com caráter exploratório. Com isso, após a fase de observação em campo, foi feita a coleta de dados em três parques urbanos, pela utilização do questionário que, mais propriamente, instanciou a aplicação de um instrumento de evocação. Tal instrumento,

expresso via questionário, adotou a técnica de “livre associação”, que consiste em apresentar ao sujeito uma palavra ou frase indutora que evoca (produz palavras relacionadas) e, posteriormente, solicita a organização das respostas em categorias de análise, junto à produção de justificativas para as evocações que foram enunciadas e selecionadas (Almeida e Costa, 1999).

Assumimos, neste ponto, que nosso estudo também teve por objetivo a caracterização das representações sociais da paisagem promovida em parques urbanos, pelo uso de um procedimento pluri-metodológico de “Evocação Livre”. Em nosso caso, a análise dos dados resultantes da coleta foi subsidiada pelo programa computacional EVOC que obteve os dados a receberem um tratamento etnográfico. Neste sentido, evidenciamos que as informações coletadas em campo são tratadas aqui por uma perspectiva etnográfica, sustentada pela interpretação do fenômeno de cultura “paisagem”. E, de outro modo, podemos dizer que essa forma de interpretação dos dados correlacionados ao EVOC é uma das possibilidades de avaliação dos conteúdos gerados pela aplicação de questionários. Levando em consideração que, pelo EVOC, torna-se viável a produção de uma análise quanti-qualitativa, o processamento dos dados brutos, por esse *software*, revela-se um recurso eficiente para a observação teórica da paisagem dos parques. A relevância desse método de análise está, fundamentalmente, na sua possibilidade de cruzar os dados por frequência e por ordem de evocação, permitindo a identificação do que é central e periférico nas representações sociais expostas pela perspectiva dos usuários de parques urbanos.

Esclarecemos que participaram dessa pesquisa 200 sujeitos, ao todo, sendo que 100 deles estão relacionados aos questionários respondidos no Parque Ibirapuera, em São Paulo, do mesmo modo que 50 foram consultados no Bosque dos Buritis e outros 50 sujeitos no Lago das Rosas, o que perfaz um total de 100 questionários respondidos na cidade de Goiânia. O perfil dos usuários de parques era diversificado em gênero, em faixa etária (sempre superior a 15 anos), em índice de frequência ao parque e, sobretudo, no que tange ao tipo de apropriação que é feita da paisagem. Então, o perfil do usuário também incluía representantes de três categorias específicas - o visitante, o profissional atuante no parque e o atleta/esportista - que responderam um questionário conciso e de manejo simplificado.

Conforme pode ser visto no Apêndice 3, o nosso questionário era composto por dois eixos de organização: o primeiro eixo buscou sistematizar dados brutos obtidos a partir da evocação livre de cinco palavras representativas do parque em nível individual;

o segundo eixo, em complemento, almejou elencar duas palavras, dentre as cinco primeiras que foram evocadas, para compor as duas características mais importantes do parque, do ponto de vista do sujeito, seguidas de suas respectivas justificativas. Ou seja, nas três instalações, em uma primeira (1<sup>a</sup>) etapa, solicitamos aos visitantes, atletas/esportistas e profissionais atuantes no parque que fizessem uma associação livre, composta de cinco palavras que lhes vinham à mente ao enunciarmos a frase seguinte: “Relacione cinco palavras que lhe vem à mente quando você escuta a expressão ‘Lago das Rosas’ (ou ‘Bosque dos Buritis’, ou ‘Parque Ibirapuera’).” Complementarmente, na segunda (2<sup>a</sup>) etapa das evocações, solicitamos aos sujeitos que identificassem, por ordem de importância, as duas palavras mais relevantes para identificar o parque, dentre as cinco primeiras, e ainda justificassem ambas as escolhas.

Na sequência, as palavras foram inseridas no programa EVOC e, posteriormente, houve a seleção e identificação das mais e menos evocadas nos dados brutos de pesquisa. Isso significa dizer que, partindo das cinco palavras que a princípio foram elencadas pelos participantes da pesquisa, ocorreu a criação computacional de blocos de evocações distribuídos em quatro quadrantes. Mas, as duas outras palavras selecionadas subsequentemente, partindo das cinco primeiras, são apreciadas conforme o entendimento do nível de importância das mesmas, para cada sujeito. Devido ao relevo do segundo eixo do questionário, que gerou a seleção de duas palavras e as justificativas para tais escolhas, evidenciaremos no próximo subitem a interpretação dos resultados que serão acompanhando por algumas explicações ou justificativas prestadas.

Por ora, dedicaremos esforços para evidenciar as representações sociais associadas às paisagens dos parques pelo critério da análise de frequência e “ordem média de aparecimento” das evocações com ênfase nos dados brutos (Cf. Apêndice 4). Ocorre que a frequência de uma palavra é o indicador bruto de quantos sujeitos, no universo total, fazem referência a ela, enquanto que a “ordem média de aparecimento” ou o “*rang*” se refere à acessibilidade das palavras. O exercício de identificação do conteúdo e levantamento de hipóteses estruturais é conduzido pelo método de evocação, quem tem como princípio a “associação livre a partir de uma palavra (ou expressão) indutora”. Não sendo este um princípio exclusivo do campo das representações sociais, é necessário, pois, sabermos que a associação livre, por meio de uma palavra indutora, obedece a dois fundamentos: primeiramente, a palavra indutora deve corresponder à denominação cotidiana que os sujeitos do grupo estudado atribuem ao objeto; depois, o estudo das evocações deve ser o próprio estudo da estrutura das representações.

A observação da organização do núcleo central, e do sistema periférico, pauta este estudo de caso sobre as representações da paisagem em parques urbanos. Conforme propôs Abric (2003b), seguiremos observando a referência às palavras, pelos sujeitos, e também sua acessibilidade, segundo a interpretação de tabelas chamadas “tabelas de quatro casas” ou “tabelas com quatro quadrantes”. São essas tabelas, geradas pelo EVOC, que dispõem os resultados em termos das palavras ou expressões produzidas pelos sujeitos, tal qual eles as produziram em decorrência das cinco palavras elencadas em questionário. Nesse sentido, a análise dos dados coletados também compreende a avaliação da similitude que, grosso modo, quantifica as relações de proximidade das evocações e geram uma rede de aproximação de significados correlacionados.

**Tabela 1.** Paradigmas para a interpretação do Quadrante EVOC

<p><b>1º Quadrante – Elementos Centrais</b> <i>Zona do Núcleo Central</i></p> <p>Evocações frequentes, dispostas nas primeiras posições, que compreendem os supostos elementos centrais conjugados às “palavras salientes”, ou seja, às palavras que mais se destacaram em nível discursivo.</p>	<p><b>2º Quadrante – Elementos Intermediários</b> <i>Primeira Periferia</i></p> <p>Evocações de alta frequência, mas associadas a uma ordem média de aparecimento nas últimas posições.</p>
<p><b>3º Quadrante – Elementos Intermediários</b> <i>Zona de Elementos Contrastantes</i></p> <p>Evocações de baixa frequência e que também estão associadas a uma ordem relativa de aparecimento nas primeiras posições, É um subgrupo indicativo de palavras ou expressões associadas semanticamente à zona central.</p>	<p><b>4º Quadrante – Elementos Periféricos</b> <i>Segunda Periferia</i></p> <p>Conjunto de elementos tipicamente periféricos, de baixa frequência, que são evocados de modo disperso e sem grande incidência, o que os correlaciona às últimas posições.</p>

Para o estudo da representação social da paisagem dos parques urbanos, a evocação constituiu uma ferramenta eficaz na identificação do conteúdo e do significado da representação que é produzida individual ou coletivamente. Agora, é a hierarquização das representações que nos interessa interpretar, de que modo que possam emergir inferências de relevo ao andamento deste estudo. Para tanto,

apresentamos anteriormente uma tabela simplificada, de nossa autoria, para evidenciar o modelo usual de interpretação para os quadrantes do EVOC, segundo Abric (2003).

Após a visualização dos paradigmas que direcionam a interpretação dos dados dos Quadrantes EVOC, iniciaremos com a interpretação da tabela de quatro casas produzida a partir dos dados brutos coletados pelos 100 questionários relativos à cidade de Goiânia, em Goiás. Esses questionários foram aplicados entre os dias 01 e 10 de junho de 2013, após expedição de autorização da Diretoria de Áreas Verdes e Unidades de Conservação da Agência Municipal do Meio Ambiente de Goiânia (Cf. Anexo 3). Destacamos que os dados abaixo apresentados foram gerados por instrumentos de coleta preenchidos pela própria pesquisadora. Esse procedimento facilitou tanto o contato com os usuários do Bosque e do Lago, quanto com os do Ibirapuera, porque o perfil dos pesquisados incluía pessoas que usufruem do parque principalmente para descanso, lazer ou para a realização de práticas esportivas. Isso, por si só, dificulta qualquer tipo de solicitação para preenchimento personalizado dos dados.

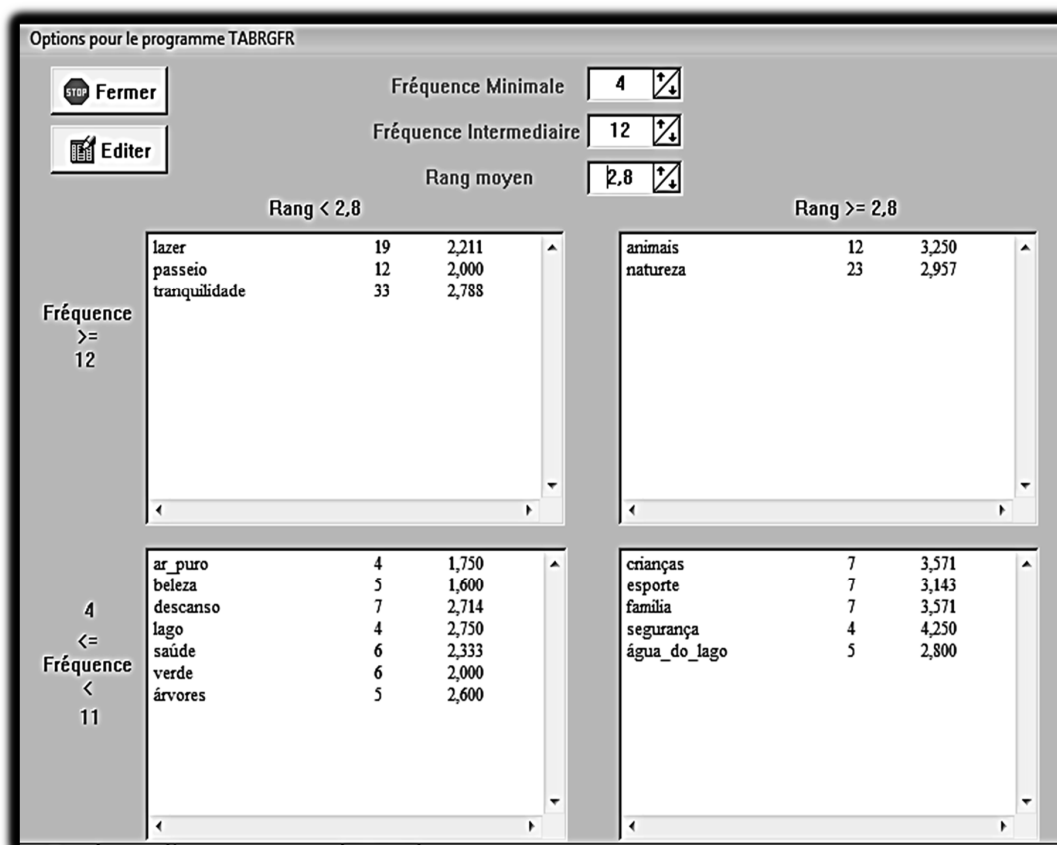
Ademais, o que esperamos é observar, por comparação, os dados produzidos nos parques goianienses e no parque paulistano, a fim de que possamos verificar até mesmo algumas semelhanças e discrepâncias entre os dados brutos produzidos em todas as instalações. Antes de tudo, começaremos pela apresentação dos Quadrantes EVOC resultantes dos 50 questionários aplicados em cada um dos parques goianenses. Destacamos, em complemento, que a escolha dos dois parques levou em consideração, principalmente, a proximidade física do Bosque dos Buritis com o Lago das Rosas (Parque Zoológico), porque eles estão localizados, um em relação ao outro, a quase 2km de distância somente, estando ambos dentro dos limites da região central de Goiânia.

O processamento dos dados observados a seguir ocorreu depois da finalização da coleta no Bosque e no Lago, de maneira que após a inserção dos dados brutos no *software* EVOC (*Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Evocations*), foi gerada uma “ordem” para as evocações coletadas, bem como foi estabelecida a frequência das respostas, criando uma organização hierárquica das representações mais evocadas. Ficou estabelecido, assim, um “rang” que posiciona as evocações umas em relação às outras. Temos que após a apresentação de expressões indutoras, todas as palavras (substantivos e adjetivos) ou expressões produzidas pelos participantes da pesquisa refletiram “o que lhes vem à cabeça”, fato este que nos permitiu observar uma manifestação representacional. Esta é uma das características mais produtivas da técnica

de evocação: o caráter espontâneo da técnica permite ao pesquisador colher diretamente os elementos constitutivos do conteúdo da representação (Abric, 1994a).

A utilização desse *software* viabilizou, na verdade, o fechamento da técnica da evocação, para a composição de unidades representacionais de análise constituídas a partir da apresentação de duas expressões indutoras iniciais, quais sejam: 1) “Relacione cinco palavras que lhe vem à mente quando você escuta a expressão ‘Bosque dos Buritis’.”; 2) “Relacione cinco palavras que lhe vem à mente quando você escuta a expressão ‘Lago das Rosas’.” Observando a Figura 18, a seguir, podemos notar os vocábulos que salientam o conteúdo e a estrutura das representações sociais da paisagem do parque, segundo o grupo de usuários que apresentou respostas direcionadas pela expressão indutora “Bosque dos Buritis”:

**Figura 18.** Elementos estruturais das representações da paisagem pelo mote indutor “Bosque dos Buritis”



Número de Palavras Diferentes  
 65; Número Total de Evocações: 222  
 Rang (ou ordem) média geral de Evocações: 2.79  
 Total de Sujeitos: 50.

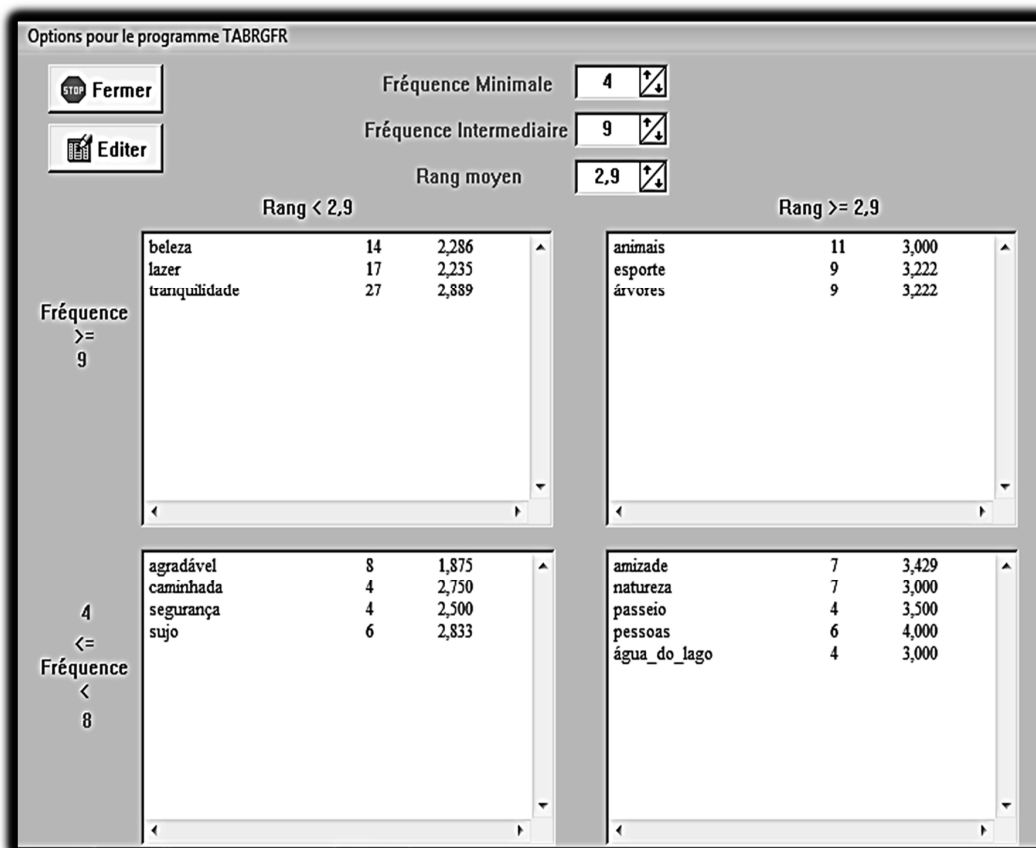
Conforme consta acima, no primeiro (1º) quadrante superior, à esquerda, no qual se a linha a Zona do Núcleo Central, obtiveram destaque as palavras *tranquilidade*, *lazer* e *passeio*. O aparecimento destas palavras apontam-nos elementos que sinalizam aspectos positivos da representação da paisagem do parque “Bosque dos Buritis”, as quais estão relacionadas aos ganhos individuais e coletivos no processo de apropriação daquela instalação. Os fatores que entendemos ser positivos, em relação ao uso físico e psicossocial da instalação, expandem-se para o segundo (2º) quadrante ou Primeira Periferia (animais e natureza), para o terceiro (3º) quadrante ou Zona de Elementos Contrastantes (ar puro, beleza, descanso, lago, saúde, verde e árvores) e, por fim, para o quarto (4º) quadrante ou Segunda Periferia (crianças, esporte, família, segurança, água do lago). O total de 222 evocações elencadas pelo EVOC nos aproxima da identificação da estrutura e organização da representação social da paisagem do Bosque dos Buritis. É possível dizer que a presença de elementos como “tranquilidade” (33 evocações), “lazer” (19 evocações) e “passeio” (12 evocações) é indicativa de que existe uma associação representacional do Bosque dos Buritis à identidade de uma instalação que foi planejada de fato para reiterar a sensação de bem-estar ao goianiense.

O Bosque sobreviveu ao “teste de realidade” proporcionando tipos de apropriação prescritos na sua matriz objetivada no primeiro Plano Diretor de Goiânia, projetado e executado a partir de 1933. Como marca e matriz apropriada e reapropriada no espaço e no tempo, pelo habitante da capital goiana, o Bosque obteve êxito em um processo evolutivo que considera o movimento de reiteração da paisagem polissêmica. Ao manter-se estável e organizada, a paisagem seguiu parâmetros extremamente positivos de prescrição e convencionalização do parque como representação. Seguindo nessa mesma direção, procuramos obter agora uma interpretação que visualize aspectos consensuais entre o Bosque dos Buritis e o Lago das Rosas, primeiramente, para depois promovemos uma observação inter-relacional entre esses parques goianienses e o Parque Ibirapuera. Para tanto, apresentamos adiante a identificação da estrutura e organização das representações sociais no Lago das Rosas.

Interessante foi notarmos, em primeiro lugar, que no Bosque dos Buritis a frequência de resposta esteve mais centrada em representações pontuais ( $\geq 12$  e  $\leq 11$ ), enquanto que no Lago das Rosas, as evocações obtidas se ramificam em quantidade maior de desdobramentos ( $\geq 9$  e  $\leq 8$ ). O que está fomentando esse fenômeno, segundo a nossa interpretação, é o tipo de usuário que está perfeitamente definido para cada um

dos parques. Enquanto que no Bosque dos Buritis, de modo geral, os habitantes locais são os mais assíduos frequentadores, no Lago das Rosas, os habitantes de condomínios locais se mesclam em maior proporção à população oriunda de setores que não estão situados necessariamente na região central da cidade.

**Figura 19.** Elementos estruturais das representações da paisagem pelo mote indutor “Lago das Rosas”



Número de Palavras Diferentes: 83  
 Número Total de Evocações: 227  
 Rang (ou ordem) média geral de Evocações: 2.82  
 Total de Sujeitos: 50

Isso se deve muito à localização do Lago das Rosas, o qual é ladeado por uma via arterial de fluxo urbano com grande densidade de tráfego. Ademais, nessa arterial - a Avenida Anhanguera - estão posicionadas as estações ou terminais de acesso às linhas do Eixo Anhanguera<sup>51</sup>, que cruzam Goiânia de um extremo a outro. Outro fator

<sup>51</sup> Eixo Anhanguera é um sistema de BRT (*Bus Rapid Transit*) gerido pela Metrobus localizado em Goiânia, Goiás, na Avenida Anhanguera, uma das mais importantes da cidade. O sistema é uma espécie de metrô terrestre que interliga grande parte da cidade de leste a oeste. Calcula-se que o sistema



diferencial para o grande volume de uso das linhas do Eixo é que o valor da passagem que, em geral, é 50% inferior às outras linhas de transporte urbano da cidade. Assim, é sua localização, ao lado da Avenida Anhanguera, que torna mais acessível, rápido e viável para os habitantes de Goiânia o deslocamento para visitação, prática de esportes e atividades profissionais no Lago das Rosas.

Quando nos aproximamos da identifica o das evoca es do Lago das Rosas, em nível estrutural, observamos a seguinte configura o traçada pelo EVOC: no primeiro (1 ) quadrante superior,   esquerda, na linha a Zona do Núcleo Central, obtiveram destaque as palavras *tranquilidade* (27 evoca es), *lazer* (17 evoca es) e *beleza* (14 evoca es); no segundo (2 ) quadrante ou Primeira Perif ria estão as categorias “animais”, “esporte” e “ rvores”; no terceiro (3 ) quadrante ou Zona de Elementos Contrastantes foram evocadas “agradável”, “sujo”, “caminhada” e “segurança”; e, finalmente, no quarto (4 ) quadrante ou Segunda Perif ria estiveram em voga “amizade”, “natureza”, “pessoas”, “passeio” e “ gua do lago”.

A categoriza o dos dados brutos obtidos no Lago das Rosas, embora esteja vinculado a usuários oriundos dos mais diversos setores da cidade de Goiânia, revelaram-se essencialmente próximos   estrutura e organiza o das evoca es que identificam o Bosque dos Buritis. A representa o social da paisagem do parque “Lago das Rosas” pode ser interpretada partindo da dupla coincidência de que as palavras “tranquilidade” e “lazer”, assim como no Bosque dos Buritis, têm constituem o núcleo central da representa o elaborada pelos usuários do Lago. Devido a esta coincidência, a interpreta o da paisagem dos parques goianienses foi filtrada. Agora, existe um ângulo que aprecia unilateralmente a “elabora o” de duas instala es em os seus sentidos se inter cruzam. Isso que dizer que o Bosque e o Lago estão bem sedimentados nos parâmetros estabelecidos pelos planos diretores que os fizeram matrizes planejadas no cerrado.

O Bosque dos Buritis e o Lago das Rosas, até hoje, reverberam na prática cotidiana de apropria o da cidade. Estes parques não deixam de ser um atrativo para todos os moradores da cidade ou para os turistas. Em primeiro lugar, o Bosque está bem próximo ao cora o administrativo da cidade (o conjunto arquitetônico da Praça Cívica), enquanto que o Lago tem seu fluxo de visita o irrigado por uma das maiores

---

transporta cerca de duzentas e cinquenta mil pessoas por dia. Trata-se de um sistema de transporte onde a viagem   culturalmente vista como mais “rápida” e “barata”, porque os ônibus articulados e biarticulados circulam em baias construídas para este fim. Atualmente, o custo da passagem   R\$1,35 (RMTC, 2013).

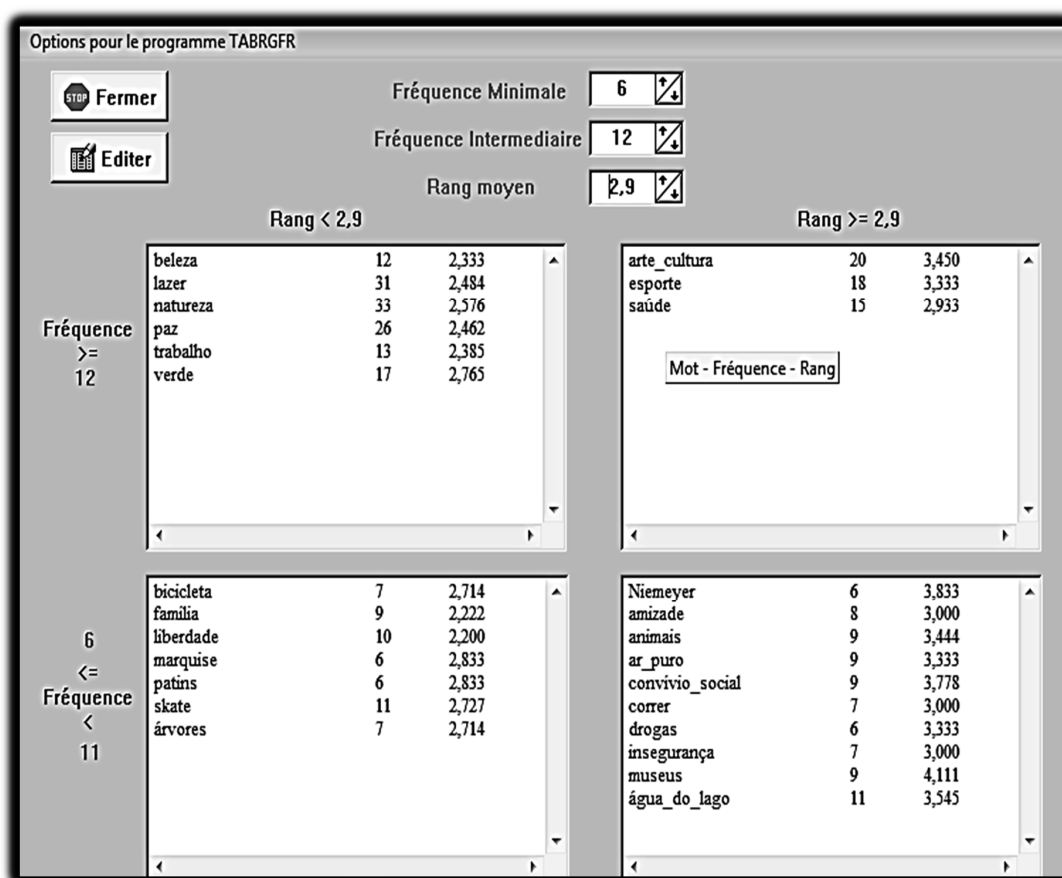
avenidas de Goiânia. E, finalmente, ambos possuem um histórico relacionado às origens da cidade cerradina. De fato, a localização física dos parques e o perfil da população que os frequenta tem influência no desenho das suas representações. De um lado, elas convergem com os grupos de maior homogeneidade que frequentam o Bosque dos Buritis enquanto, por outra vertente, os grupos um tanto mais heterogêneos que utilizam as instalações do Lago das Rosas ampliam o quadro das representações mais periféricas.

A partir da interpretação dos dados brutos organizados pelo EVOC, inferimos que as elaborações para a paisagem em Goiânia seguem a lógica de efeito da cidade-parque, da cidade-jardim e da cidade dos sonhos. A cidade construída sob o ideário moderno prescreveu às áreas verdes a tarefa de promover o bem-estar à população. Retornando ao que expôs Ribeiro (2004), podemos efetivamente ilustrar, com os dados até aqui apresentados, que a relação das áreas verdes com a cidade nascente não representava saudosismo estéril ou retrocesso. O que existiu no planejamento arquitetônico e urbanístico de Goiânia, e está em constante reedição pelos usuários de parques locais, é a crença na apropriação da metrópole auto-regulável e autossustentável. Após a observação das categorias centrais ou periféricas evocadas nos dois parques urbanos de Goiânia, podemos dizer ainda mais: a experiência paisagística nos parques goianienses está assentada em uma apropriação bastante semelhante, pelo população, porque é auto-regulada socialmente. Diante disso, resta-nos verificar se a paisagem, como fenômeno de cultura assentado em parques, ganha os mesmos contornos verificados em Goiânia quando observamos o Parque Ibirapuera.

A interpretação das evocações relativas ao Parque Ibirapuera direciona nossa atenção à tabela de quatro casas produzida a partir de 100 questionários, os quais foram aplicados entre os dias 24 e 31 de maio de 2013, após expedição de autorização pela Divisão Técnica do Parque Ibirapuera, ligada à Secretaria do Verde e do Meio Ambiente da Prefeitura Municipal da Cidade de São Paulo (Cf. Anexo 2). Conforme observamos anteriormente, no primeiro (1º) quadrante superior, à esquerda, no qual se posiciona a Zona do Núcleo Central, estão em relevo palavras como *natureza* (33 evocações), *lazer* (31 evocações), *paz* (26 evocações), *verde* (17 evocações), *trabalho* (13 evocações) e *beleza* (12 evocações). O aparecimento destas palavras também sinalizam aspectos positivos da representação da paisagem do Parque Ibirapuera. A ideia de bem-estar ressurge pela visualização das evocações que compõem o Núcleo Central da representação social do Ibirapuera. Evidentemente, os ganhos individuais e coletivos no processo de apropriação daquela instalação vêm à tona quando o uso físico

e psicossocial positivo da instalação passam a compreender o segundo (2º) quadrante ou Primeira Periferia (arte\_cultura, esporte, saúde) e o terceiro (3º) quadrante ou Zona de Elementos Contrastantes (skate, liberdade, família, árvores, bicicleta, marquise e patins). É somente no quarto (4º) quadrante ou Segunda Periferia que, juntamente às palavras de caráter positivo (água do lago, museus, convívio social, ar puro, animais, amizade, correr, Niemeyer), surgem as primeiras evocações de teor negativo em associação àquele Parque (insegurança e drogas):

**Figura 20.** Elementos estruturais das representações da paisagem pelo mote indutor “Parque Ibirapuera”



Número de Palavras Diferentes: 117  
 Número Total de Evocações: 474  
 Rang (ou ordem) média geral de Evocações: 2.90  
 Total de Sujeitos: 100

Pelo total de 474 evocações elencadas pelo EVOC, e pelo índice repetição média do termo “insegurança” (7 evocações) e “drogas” (6 evocações), podemos constatar que o sistema periférico da representação do Parque Ibirapuera é resultado da personalização e individualização da representação coletiva. Isso fica mais claro quando

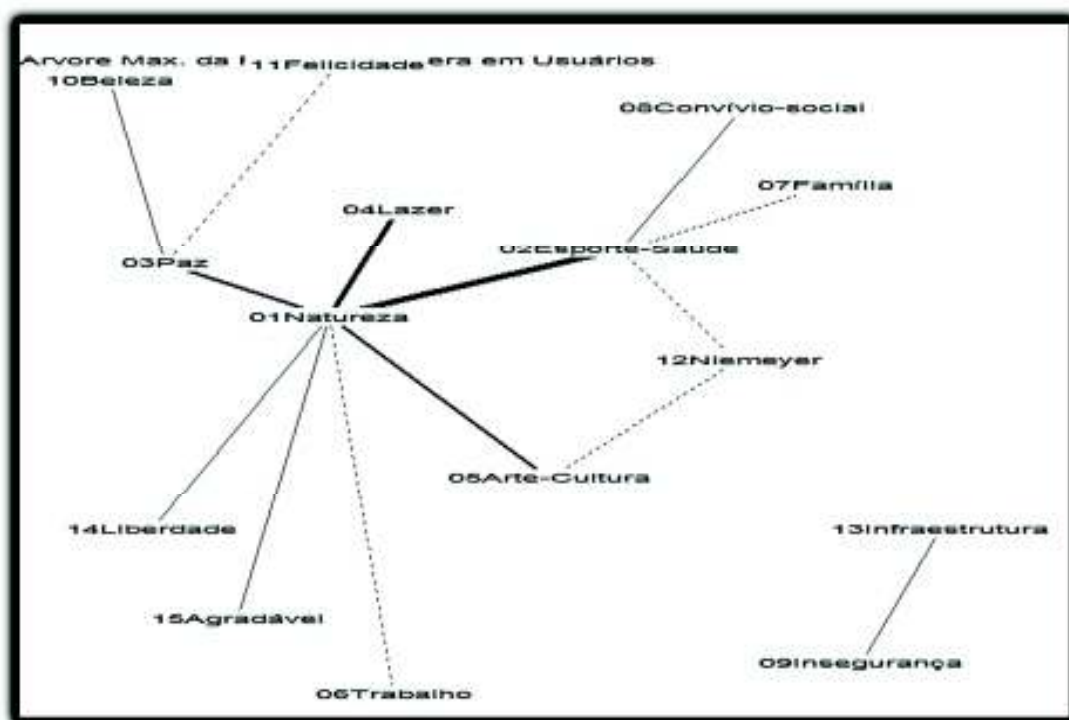
notamos que a frequência de resposta, para esse parque, esteve ao mesmo tempo centrada em representações pontuais ( $\geq 12$ ), mas também se ramificou em grande quantidade de desdobramentos na Zona de Elementos Contrastantes e na Segunda Periferia ( $\geq 11$  e  $\leq 6$ ). Assim, podemos confirmar que o Núcleo Central da representação social do Parque Ibirapuera assegurou a determinação do significado da representação, tanto quanto a sua organização interna e estabilidade, com base em evocações centradas no ideário de bem-estar que coincide com a apropriação de uma matriz, na metrópole de São Paulo. Resumindo, o Parque Ibirapuera sugere o vínculo do indivíduo, primeiramente, com a *natureza* e, subsequentemente, com o *lazer*, a *paz*, o *verde*, o *trabalho* e a *beleza*. Enquanto isso, o sistema periférico da representação do Ibirapuera volta-se para a concretização, regulação, prescrição de comportamentos, proteção do núcleo central e individualização dos sentidos complementares (arte\_cultura, esporte, saúde, skate, liberdade, família, árvores, bicicleta, marquise, patins, água do lago, museus, convívio social, ar puro, animais, amizade, correr, Niemeyer). O que o tempo e o espaço têm concedido à paisagem do Parque Ibirapuera é a limitação polissêmica em meio a uma estrutura de sentidos.

Diante dessas informações, foi produzida a “árvore máxima” que está disposta na página seguinte. Ela é articulada à expressão indutora “Parque Ibirapuera”, e compõe um gráfico conexo que circunscreve a ligação de um elemento a outro. Essa matriz de similitude desenhou uma possível estrutura para as representações sociais do Parque Ibirapuera ou um “esqueleto” daquela representação social. Podemos dizer que os elementos centrais, visíveis no gráfico, representam eficientemente o grau de conectividade (intensidade e quantidade de conexões) que é forte indicador da centralidade de alguns elementos (Degenne, 1985). É por isso que o agrupamento central e polarizador de *natureza* e *esporte\_saúde* reapresenta a centralidade dos atributos também ligados ao bem-estar no Parque Ibirapuera. Neste ponto, a Análise de Similitude, ou seja, o cálculo de relações de distância ou de desvios, expressos na “árvore máxima” supracitada, demonstra-nos que as correlações ou proximidades entre os elementos evidenciam uma cadeia, uma rede que interconecta evocações em razão da significação que elas assumem no contexto.

Constatamos, pelo método de análise de dados ou de análise de similitude de Flament (1986), que o fato de dois ou mais “cognemas” andarem juntos com maior ou menor intensidade ou com maior ou menor nitidez, pode nos apresentar relações extremamente complexas se colocarmos em questão os lugares de maior densidade

relacional que estão expressos no gráfico de similitude. A observação da natureza e funcionamento do núcleo central de representações prescritas e convencionalizada, na paisagem do Parque Ibirapuera, dá evidência para a determinação de significados, de sua consistência e sua permanência no discurso elencado pelos questionários aplicados no parque. Essa forma de identificação das representações dos indivíduos participantes da pesquisa é tão importante quanto a análise de sua organização em nível de conteúdo.

**Figura 21.** Gráfico de estrutura da representação do Parque Ibirapuera



Entendemos, assim, que não são as representações sociais do parque paulistano que manifestam diretamente o pensamento social. Assumimos que o Parque Ibirapuera, o Bosque dos Buritis e o Lago das Rosas comportam em seu núcleo central uma certa quantidade de crenças, produzidas coletivamente e historicamente determinadas para garantir a prescrição e convencionalização de comportamentos, no espaço físico e psicossocial, a fim de promover principalmente o bem-estar de grupos específicos. Partindo da ideia de que o núcleo central é a raiz e o fundamento social da representação, pudemos visualizar as modulações, diferenciações e individualizações do sistema periférico. Após a interpretação da referência comum, expressa pelas evocações que refletem uma tomada de posição ou as construções cognitivas mais individuais, já

podemos afirmar que em toda representação social o sujeito e o objeto não são marcadamente distintos. A experiência física, psicológica e social organiza a imagem do objeto no real (a instalação, o parque) e, através desta, o constrói (a paisagem) do modo mais consensual possível, dentro um universo estável e organizado, e ao mesmo tempo portador de semelhanças e discrepâncias centrais e periféricas:

**Tabela 2.** Categorias consensuais entre Bosque dos Buritis, Lago das Rosas e Parque Ibirapuera

1° Quadrante – <b>Elementos Centrais</b> <i>Zona do Núcleo Central</i>	2° Quadrante – <b>Elementos Intermediários</b> <i>Primeira Periferia</i>
<u>Bosque dos Buritis</u> <b>tranquilidade, lazer</b> , passeio	<u>Bosque dos Buritis</u> natureza, <b>animais</b>
<u>Lago das Rosas</u> <b>tranquilidade, lazer, beleza</b>	<u>Lago das Rosas</u> <b>animais, esporte</b> , árvores
<u>Parque Ibirapuera</u> natureza, <b>lazer</b> , paz, verde, trabalho, <b>beleza</b>	<u>Parque Ibirapuera</u> arte_cultura, <b>esporte</b> , saúde
3° Quadrante – <b>Elementos Intermediários</b> <i>Zona de Elementos Contrastantes</i>	4° Quadrante – <b>Elementos Periféricos</b> <i>Segunda Periferia</i>
<u>Bosque dos Buritis</u> descanso, saúde, verde, <b>árvores</b> , beleza, ar puro, lago	<u>Bosque dos Buritis</u> crianças, esporte, família, <b>água do lago</b> , segurança
<u>Lago das Rosas</u> agradável, sujo, caminhada, segurança	<u>Lago das Rosas</u> <b>amizade</b> , natureza, pessoas, passeio, <b>água do lago</b>
<u>Parque Ibirapuera</u> skate, liberdade, família, bicicleta, <b>árvores</b> , marquise, patins	<u>Parque Ibirapuera</u> <b>água do lago</b> , museus, convívio social, ar puro, animais, <b>amizade</b> , insegurança, correr, Niemeyer, drogas

Interpretamos os parques, que estão em questão neste trabalho, conforme paisagens-marcas e paisagens-matrizes que potencializaram a nossa possibilidade de constatar que o núcleo central de uma representação social é constituído pelos valores

associados ao objeto representado. De outra forma, podemos dizer que as evocações coletadas em parques de Goiânia e no maior parque urbano de São Paulo sustentam a tese de que não é o fato dos indivíduos partilharem o mesmo conteúdo que define a homogeneidade do grupo em relação a um objeto de representação social. Confirmamos que é o movimento de referência aos mesmos valores centrais, presentes no núcleo, que fundamenta a existência de uma representação. Para que possamos ilustrar nosso pensamento, formulamos a tabela anterior que reapresenta o Bosque dos Buritis, o Lago das Rosas e o Parque Ibirapuera a partir de uma rede ou cadeia de interconexões das representações consensuais, as quais constituem a imagem social do parque urbano.

Como categorias consensuais nos três parques, as palavras *tranquilidade*, *lazer* e *beleza* demonstram mais do que a Zona do Núcleo Central das representações de parques urbanos. Tais categorias exemplificam que os indivíduos produzem uma avaliação do objeto de representação social dentro da lógica do senso comum. Não sendo possível eliminar os conteúdos do senso comum e reduzir os conteúdos de nossos estados mentais a processos de tratamento de informação ou a estruturas neurofísicas, restabelecemos a visão do senso comum como expoente tanto da complexidade e polissemia de um fenômeno de cultura, quanto portador de uma dinâmica estrutural bem particular. A paisagem do parque é oriunda do senso comum, e a organização de evocações em categorias consensuais que se entrecruzam no Ibirapuera, no Bosque e no Lago é mais um recurso para compreendermos esse fenômeno de cultura.

Confirmamos que a nossa interpretação das representações sociais pode adotar o senso comum como objeto de pesquisa etnográfica e psicossocial, em paralelo, já que a paisagem do parque comprovadamente é um saber do senso comum. De fato, a paisagem é manifesta por conteúdos que operacionalizam processos generativos e funcionais, socialmente caracterizados, os quais nos possibilita uma análise de dados por procedimentos situados na abordagem intermediária entre a pesquisa quantitativa e a qualitativa. Diante disso, podemos inferir que as oito (8) evocações consensuais presentes simultaneamente no Bosque dos Buritis, no Lago das Rosas e no Parque Ibirapuera nos relevam que o estudo da paisagem é na verdade a avaliação de conceitos, ideias ou noções que compõem as representações sociais. Em outras palavras, podemos concluir que os elementos consensuais da Zona do Núcleo Central (*tranquilidade*, *lazer* e *beleza*), junto aos elementos consensuais da Primeira Periferia (*animais*, *esporte*), da Zona de Contraste (*árvores*) e da Segunda Periferia (*água do lago*, *amizade*) organizam uma estrutura de conhecimento que relaciona elementos segundo uma lógica pautada no

que é abreviado como sendo senso comum, ou até pelos parâmetros que estruturam e dão direcionamento aos processos culturais.

Por saber que os mesmos elementos que formam as representações sociais desses três parques brasileiros advêm do senso comum e da linguagem, o processo de comunicação pelas evocações foi nosso foco de atenção e de análise porque traduziu a experiência, tão profundamente tratada por François Dubet (1996), para revelar as implicações da ação social e da subjetividade nas expressões contemporâneas da sociedade. A noção de experiência, associada como é à ação social subjetiva, nos direcionou a rever os parques urbanos como resultantes da atividade dos indivíduos que vem a construir o sentido de suas práticas homogêneas no meio que também comporta heterogeneidades. Sendo a sociedade o princípio cultural da ação individual, a organização de condutas na instalação dos parques goianienses e no parque paulistano nos conduziu a interpretar um fenômeno de cultura pelo foco indireto na experiência que ocorre em estruturas materiais de mediação. É o senso comum que fomenta a reedição das experiências calcadas na paisagem a transforma em fenômeno de cultura. O parque, como objeto representado, tornou-se, diante de nossas construções teóricas, um portador de significações físicas e socioafetivas, que traz em si a prescrição estrutural de comportamentos aceitáveis para que as populações abriguem em suas “mentes” representações individuais moldadas e lapidadas no extrato social.

### *5.2.3 Reagrupamento de evocações e produção consensual da paisagem do parque*

O que esperamos é utilizar a descrição etnográfica, que parte da observação e da interpretação de informações, para evidenciar o que está em relevo nas associações do senso comum. Neste ponto, abrimos mão das análises geradas pelo EVOC para caminhar junto a uma das muitas possibilidades de compreensão dos conteúdos selecionados pelo segundo eixo de nosso questionário. Uma vez obtidos os dados para visualização da estrutura e organização das representações sociais do Bosque dos Buritis, Lago das Rosas e Parque Ibirapuera, gostaríamos de estender nosso estudo à breve compreensão da paisagem dos parques como um fenômeno que possui conexões, desdobramento e ramificações em maior escala. Sem grandes pretensões, já podemos assumir que o Parque, o Bosque e o Lago, em larga medida, podem nos oferecer subsídios para avaliar um fenômeno de cultura que não conhece barreiras geográficas, pois a paisagem se manifesta em quaisquer parques urbanos ao redor do globo.



Seguindo essa linha, enquanto que no tópico anterior foram analisados os dados brutos desta pesquisa, buscamos compreender agora as informações selecionadas em correlação com as expressões evocativas “Bosque dos Buritis”, “Lago das Rosas” e “Parque Ibirapuera”. Depois da tabulação das cinco (5) palavras que “vieram à mente” dos pesquisados, foi feito o processamento dos dados pelo EVOC. Esse procedimento ocorreu pela criação computacional de blocos de evocações distribuídos em quatro quadrantes. Mas, houve também duas outras palavras selecionadas, subsequentemente, partindo dessas cinco primeiras. Para os participantes da pesquisa, os dois vocábulos a serem selecionados deveriam representar os termos mais importantes, dentre o cinco primeiros evocados, para caracterizar as instalações físicas e psicossociais do parque em que eles estavam situados. A relevância do segundo eixo de nosso questionário (Cf. Apêndice 3), portanto, reside no processo de seleção das duas palavras mais importantes para representar os parques, seguidas de suas respectivas justificativas.

Também temos em vista que é necessário visualizar algumas das explicações prestadas para a escolha das duas evocações. Entendemos que o tratamento dos dados do segundo eixo do questionário nos apontam categorizações e agrupamentos situados em um ponto mais além das evocações livres, o que facilita a nossa compreensão da organização e estrutura de representações sociais das paisagens de parques urbanos. A identificação das representações sociais dos indivíduos participantes da pesquisa, pelos dados brutos coletados no primeiro eixo do questionário, é para nós tão importante quanto a análise de sua organização em nível de conteúdo, pelo segundo eixo.

Assim, a fim de mantermos as representações mais homogêneas para tratamento do conteúdo das mesmas, as duas palavras obtidas no segundo eixo do nosso questionário foram aqui reagrupadas. O que almejamos é explicitar as palavras evocadas em menor escala, sem desconsiderá-las na análise de conteúdo. De outra forma, podemos dizer que o reagrupamento das categorias evocadas foi realizado no sentido de transformar as representações sociais mais periféricas em uma parte das grandes categorias semânticas que refletem as intenções de quem as evocou. Sem causar prejuízo de sentido à análise de conteúdo, nosso trabalho de interpretação do segundo eixo do questionário “enxugou” um extenso quantitativo de palavras com sentidos afins, ou seja, utilizou menos palavras e expressões que possuem significados coincidentes. Depois disso, passamos a nos dedicar ao manejo somente de palavras que não possuem significados semelhantes entre si. Foi assim que as evocações que tiveram uma

incidência muito pequena, a ponto de não ocuparem um lugar significativo no “rang”, agora serão evidenciadas no conjunto semântico das evocações que lhes são afins:

**Tabela 3.** Reagrupamento das Evocações do Bosque dos Buritis, Lago das Rosas e Parque Ibirapuera

<b>Bosque dos Buritis</b>	<b>Lago das Rosas</b>	<b>Parque Ibirapuera</b>
<i>Reagrupamento das Duas Evocações do Segundo Eixo do Questionário</i>	<i>Reagrupamento das Duas Evocações do Segundo Eixo do Questionário</i>	<i>Reagrupamento das Duas Evocações do Segundo Eixo do Questionário</i>
<u>Natureza</u> = natureza + animais + parque + vida + sol + paisagem + beleza + água do lago	<u>Natureza</u> = natureza + animais + paisagem + beleza + água do lago + zoológico + prainha de Goiânia	<u>Saúde Esporte</u> = saúde + esporte + skate + caminhada + patins + ar puro + movimentação + bicicleta + yoga + correr
<u>Lazer</u> = lazer + descanso + liberdade	<u>Lazer</u> = lazer + descanso + diversidade cultural	<u>Natureza</u> = natureza + animais + beleza + vida + paisagem + espaçoso + oásis de São Paulo + lugar fantástico + água do lago + biodiversidade + sol
<u>Paz</u> = paz + conforto	<u>Saúde Esporte</u> = saúde + esporte + movimentação + caminhada	<u>Paz</u> = paz + sublimação + silêncio + refúgio+ meditação + Deus
<u>Saúde Esporte</u> = saúde + esporte + ar puro + convívio social + movimentação + caminhada	<u>Tranquilidade</u> = tranquilidade + confortável + paz + agradável + segurança	<u>Lazer</u> = lazer + leitura + ar livre + passear com o cachorro + água de coco +fotografia
<u>Infraestrutura precária</u> = infraestrutura precária + insegurança + trabalho	<u>Infraestrutura precária</u> = infraestrutura precária + sujeira	<u>Arte Cultura</u> = arte + cultura + museus + contraste + São Paulo
<u>Família</u> = família + crianças	<u>Insegurança</u> = insegurança + violência	<u>Trabalho</u>
-	<u>Trabalho</u> = trabalho + funcionários + prosperidade + comércio	<u>Família</u> = família + crianças + lugar seguro + lugar infraestrutura
-	<u>Família</u> = família + infância + crianças + parque de diversão	<u>Convívio social</u> = convívio social + pessoas + amizade + lugar elitista
-	-	<u>Infraestrutura precária</u> = infraestrutura precária + sujeira + vegetação descuidada
-	-	<u>Insegurança</u> = insegurança + vandalismo + homossexualidade + uso de drogas
-	-	<u>Felicidade</u>
-	-	<u>Niemeyer</u> = Niemeyer + arquitetura
-	-	<u>Liberdade</u>
-	-	<u>Diversidade cultural</u>

Conforme mostramos na Tabela 3, os motes referenciais como, por exemplo, *Natureza*, *Lazer* e *Saúde\_Esporte* encerram em si uma série de desdobramentos, conexões e ramificações. Inclusive, a categoria *Saúde\_Esporte*, que nos dados brutos aparece como o binômio “Esporte\_Saúde” sofreu uma alteração de disposição terminológica depois do reagrupamento, porque tanto nas justificativas para escolha destas duas palavras quanto nas explicações de seus termos afins (“skate”, “caminhada”, “patins”, “ar puro”, “movimentação”, “bicicleta”, “yoga”, “correr”, “convívio social”), sempre havia referência à promoção da *Saúde*, antes mesmo de ser mencionado o vocábulo *Esporte*. E isso gerou uma mudança na disposição dos termos, de modo que a ideia de “saúde física/psíquica” tem agora mais relevo na evocação e aparece primeiro.

Ademais, o papel desempenhado pelas representações sociais para atribuir significações ao fenômeno de cultura “paisagem do parque” está extremamente evidente na Tabela 3. Assim, a *Natureza*, uma representação central que configura o Bosque dos Buritis, passou a traduzir mais que do que os contornos de uma área verde, designando também a existência do “parque”, da “vida”, do “sol”, da “paisagem”, da “beleza” e da “água do lago”; no Lago das Rosas, a *Natureza*, que ocupa igualmente uma posição de centralidade na representação do parque, reverbera-se na “paisagem”, na “beleza”, na “água do lago”, no “zoológico” e na “prainha de Goiânia”; enquanto isso, no Parque Ibirapuera, a centralidade da representação social *Natureza* vai ao encontro de representações muito próximas às do Bosque e do Lago, tais como “beleza”, “vida”, “paisagem”, “espaçoso”, “lugar fantástico”, “água do lago”, “biodiversidade”, “sol” e “oásis de São Paulo”.

A nosso ver, o reagrupamento endossa a existência de uma estrutura e organização comuns que representam simultaneamente muitas semelhanças entre a “paisagem” das instalações estudadas. Quando fizemos uma análise em duas dimensões, visualizando a significação dos dados coletados no segundo eixo do questionário e, depois, focalizando as semelhanças e dissemelhanças entre eles, sem dúvida passamos a lidar com mais encontros do que desencontros. Posicionada entre o reagrupamento das evocações coletadas nos três parques urbanos analisados, a nossa interpretação tornou-se um pouco mais precisa. Afinal, entrecruzamentos dados que confirmam a existência de representações sociais afins entre parques urbanos brasileiros, os quais possuem disposição física e psicossocial bem sedimentada em históricos muito específicos.

Neste momento, é válido esclarecemos que o critério para o reagrupamento disposto na Tabela 3 foi bastante pautado na observação das justificativas para escolha

das evocações. Sugerimos, com isso, que nas frases que os participantes da pesquisa utilizaram para explicar a escolha de palavras ou expressões representativas da paisagem dos parques, esteve implícita a associação com categorias globais que classificam cada instalação pesquisada. O que temos agora é que a nossa análise, com foco no reagrupamento das categorias mais semelhantes em nível de conteúdo, permitiu irmos um pouco além da mera associação semântica, porque promovemos um outro tipo de encontro com o senso comum. Colocamos em evidência outro modo de identificação da estrutura das representações sociais e confirmarmos (ou não) a centralidade de alguns elementos, como ser notado nesta nossa tabela que compara os elementos consensuais:

**Tabela 4.** Categorias consensuais entre Bosque dos Buritis, Lago das Rosas e Parque Ibirapuera

<b>Bosque dos Buritis</b>		<b>Lago das Rosas</b>		<b>Parque Ibirapuera</b>	
<i>Evocações Reagrupadas</i>	<i>Quant. de Sujeitos</i>	<i>Evocações Reagrupadas</i>	<i>Quant. de Sujeitos</i>	<i>Evocações Reagrupadas</i>	<i>Quant. de Sujeitos</i>
Natureza	36	Natureza	27	Saúde_Esporte	33
Lazer	23	Lazer	22	Natureza	31
Paz	14	Saúde_Esporte	13	Paz	29
Saúde_Esporte	13	Tranquilidade	10	Lazer	18
Infraestrutura_precária	6	Infraestrutura_precária	8	Arte_Cultura	15
Família	5	Insegurança	8	Trabalho	12
-		Trabalho	6	Família	9
-		Família	5	Convívio_social	9
-		-		Infraestrutura_precária	9
-		-		Insegurança	7
-		-		Felicidade	7
-		-		Niemeyer	6
-		-		Liberdade	6
-		-		Diversidade_cultural	6

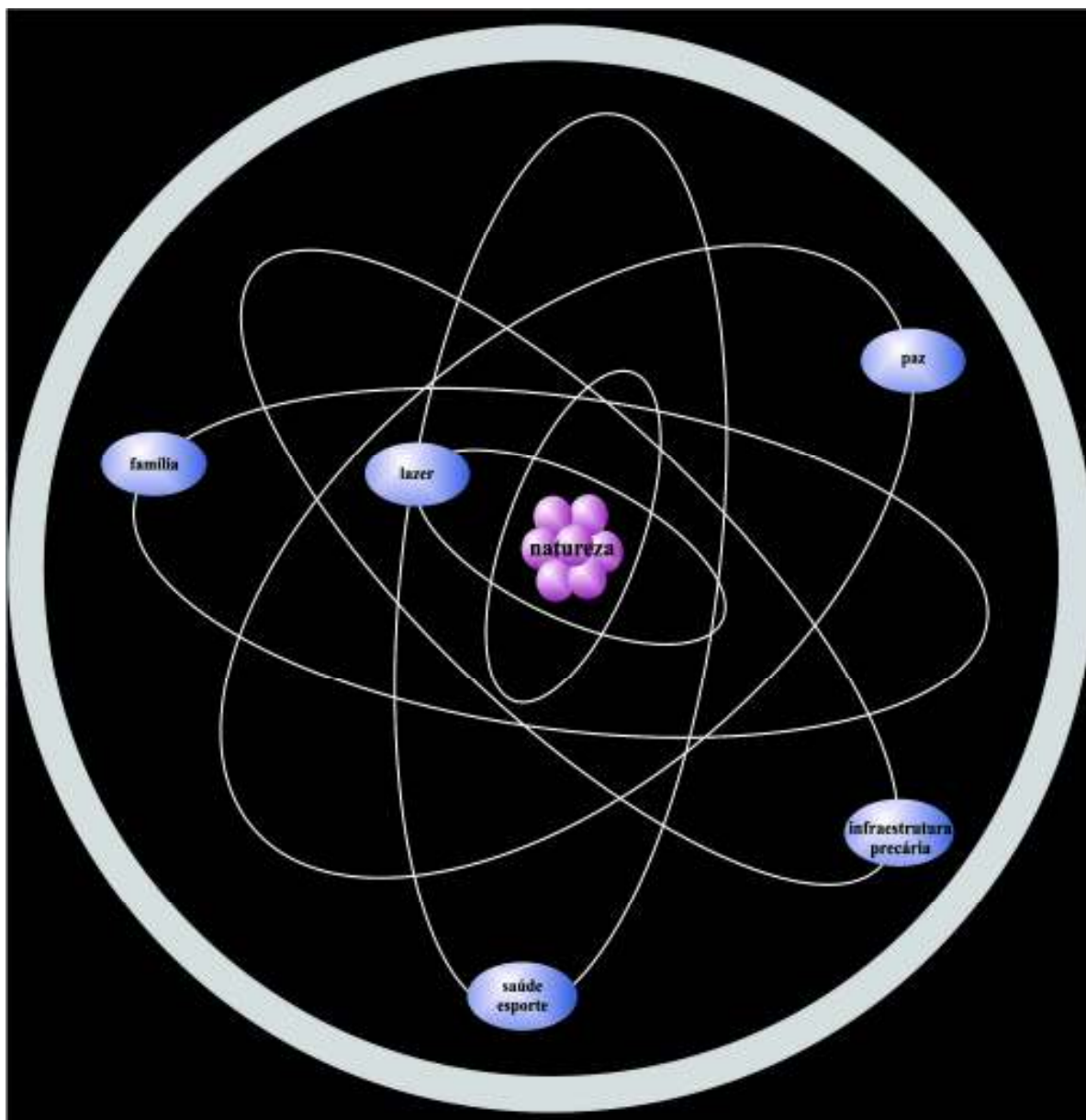
Na Tabela 4, notamos que o uso das mesmas cores para grifar evocações mostrou a reincidência das mesmas categorias no Bosque, no Lago e no Parque. O retoque nas categorias consensuais nos esclareceu bastante sobre a condição de evocações como *Natureza*, *Lazer*, *Saúde\_Esporte*, *Familia* e *Infraestrutura\_precária*, pois elas se repetem nos três parques. Estas cinco palavras e construções podem expressar, até mesmo, os significados centrais da representação social da paisagem desses parques urbanos. Ainda nesse sentido, está nítido para nós que o duplo aparecimento de motes como *Paz*, *Trabalho* e *Insegurança* complementa, em estágio contrastante, as representações sociais das instalações que ainda contam com o agregado de elementos mais periféricos como *Tranquilidade*, *Arte\_Cultura*, *Convívio\_Social*, *Felicidade*, *Niemeyer*, *Liberdade*, *Diversidade\_cultural*. Os contornos assumidos pelas representações do Bosque dos Buritis, do Lago das Rosas e do Parque Ibirapuera, seja em perspectiva individual ou pela correlação dos três parques, explica como funcionam de modo semelhante as instalações do fenômeno de cultura chamado de paisagem.

Em linhas gerais, a imagem social de cada parque urbano estudado passou a refletir as estruturas de conformação ou organização de um ambiente de cultura pelas práticas sociais a ele relacionadas. A experiência na paisagem dos parques ocorre entre as dimensões físicas e simbólicas que não se desvinculam dos mecanismos psicológicos que sustentam uma imagem social - a paisagem do parque. Temos que a imagem de nosso objeto de estudo é efetivamente compartilhada por indivíduos aparentemente diferentes. O que sustenta nossa afirmação é o fato de que, desde sua origem, as representações são imagens visuais difundidas e influenciando a integração (ou não) de opiniões coletivas, chamadas de “imagem social” por Moliner (1996). Reiteramos, neste estudo, que a elaboração da imagem mental da paisagem do parque está expressa em um esquema, que serve de referência aos valores compartilhados, sendo este o momento privilegiado do processo de representação.

E é com base na noção de esquema, muito próxima da imagem social de Pascal Moliner, que apresentaremos o que chamamos aqui de *células representacionais*, as quais tiveram sua elaboração determinada pelo reagrupamento das evocações sobre a paisagem dos parques. Neste contexto, supomos que as “células representacionais” podem ilustrar com eficiência o que tem sido discutido, aguçando nossa compreensão de que, em um estudo sobre a paisagem do parque, os mecanismos de formação das imagens sociais também podem descrever (mas não definir) uma estrutura polissêmica e ao mesmo tempo coerente. Pensando em demonstrar uma das formas possíveis para

constituição e interpretação da realidade na instalação do parque, é que apresentamos três “células representacionais” a seguir segundo a visão de cada grupo social que dele apropria. O que percebemos é que tais células delineiam, do nosso ponto de vista, uma imagem social estável e organizada para instalações que estão em pauta neste estudo:

**Figura 22.** Célula Representacional como imagem social do Bosque dos Buritis



Compreendemos, como Abric, que a função do núcleo central é gerar, organizar e estabilizar um subconjunto de elementos em torno do qual as representações

sociais são organizadas, sendo este núcleo responsável direto pela determinação do significado e pela organização do conjunto. Então, com base em Abric (1976; 1984; 1989) e Moliner (1996), pensamos que a “célula representacional” consiste em um interpretação possível dos objetos, porque não trata de expressar a noção moscoviana de “núcleo figurativo”, porque o fenômeno de cultura que está expresso na imagem social anterior é uma estrutura representacional constituída, que está para além de uma função genética ou geradora de elementos significativos. Conforme pensou Abric, também consideramos que a criação de significados é somada à função organizadora dos elementos de uma representação, a fim de que seja assegurada unidade e estabilidade naquilo que é concebido como núcleo central.

A “célula representacional”, assim, pode ser uma oportunidade rerepresentarmos um objeto que sustentam a existência de paisagens, e que recebe significados por meio dela. Os mecanismos psicológicos que sustentam o processo pelo qual se forma uma imagem (paisagem), também são nossa preocupação, assim como o foram para Moliner (1996). Por isso, insistimos na célula interpretação possível para os contornos da imagem social de um objeto que é partilhado por indivíduos aparentemente diferentes. Em suma, a nossa representação do Bosque dos Buritis é retrato da integração (ou não) de opiniões coletivas, chamadas de “imagem social”, que serve de referência aos valores compartilhados, sendo este o momento privilegiado do processo de representação. Mesmo sabendo a noção de esquema figurativo seja vizinha da imagem social, o que levamos em conta é que sua elaboração desta segunda é determinada por fatores coletivos, coincidindo com a interpretação que temos feito dos dados coletados junto à paisagem mediada por parques.

Nossa visão e argumentação anteriores estão sustentadas, acima de tudo, no fato de que nossa pesquisa foi realizada com indivíduos em situações de máxima liberdade, onde a oportunidade de expressão se dá sem constrangimentos. Diante disso, e direcionados pela intenção de não podemos desprezar as evocações mais espontâneas, concedidas em tom de entrevista, é que criamos a “célula representacional” do Bosque dos Buritis bem como a demais. Essas imagens são expoentes de que a exposição livre de justificativas para a escolha das evocações eleva o nosso instrumento de coleta à apreensão de uma abreviada manifestação do pensamento, que nos apresenta interessantes modos socioafetivos de representar a paisagem do parque. Para observação e interpretação de nossos dados, tivemos em vista tanto a identificação de estruturas de

organização das representações, contidas no escopo dos enunciados, quanto a percepção de conexões em escala global entre os enunciados dos três parques urbanos pesquisados.

Portanto, a “célula representacional” apresentada anteriormente é resultado da reorganização das duas evocações escolhidas como principais, a pós a seleção de cinco palavras que compuseram os dados brutos. Utilizamos, para finalização da técnica da evocação, a seleção de duas delas pela exposição final da seguinte expressão indutora: “Das cinco (5) palavras acima relacionadas, na sua opinião, quais são as duas (2) mais importantes para caracterizar o que é o ‘Bosque dos Buritis’ (ou ‘Lago das Rosas’, ou o Parque Ibirapuera)? Justifique”. É sempre importante lembrar que foi a leitura das justificativas apresentadas para escolha das evocações mais importante que nos possibilitou a reorganização dos dados contidos nos Apêndices 5, 6 e 7, os quais serviram de base para a construção das “células representacionais” que estamos apresentando neste estudo.

No caso do Bosque dos Buritis, a sua “célula representacional” nos aponta que a palavra *Natureza* compõe a Zona do Núcleo Central da representação social da paisagem do parque, de modo que as palavras mais próximas a esse núcleo passam a ter valores evocativos mais significativos, enquanto as mais distantes tornam flexíveis diante dos significados assumidos pelo Bosque. Se nos apropriarmos parte das justificativas contidas no Apêndice 6, veremos explicações para a evocação da palavra *Natureza* e poderemos compreender melhor como se configura o campo do senso comum que reedita a imagem social do Bosque dos Buritis em Goiânia:

**Tabela 5.** Alguns enunciados e elementos importantes associados à “Natureza” no Bosque dos Buritis

S05: "Gosto de muito <b>verde</b> ."
S10: "O Bosque dos Buritis tem bastante <b>árvores</b> e sombras."
S12: "O parque representa a natureza dentro de um centro urbano."
S14: "É a <b>vida</b> em estado natural."
S16: "Venho aqui porque o <b>meio ambiente</b> está cada vez mais raro."
S17: "É uma conhecida área verde de <b>Goiânia</b> ."
S22: "Um lugar de <b>descanso</b> ..."
S26: "Por ser <b>calmo</b> e com muita área verde, isso faz com que o bosque seja muito visitado."
S27: "Sou estudante de <b>fotografia</b> e esta <b>paisagem</b> é uma <b>inspiração</b> ."
S29: "A <b>vegetação</b> é bem <b>preservada</b> e isso é bem importante."
S30: "Nas <b>cidades</b> do interior a gente vê mais natureza, e na <b>cidade grande</b> , se não for o bosque, a gente não vê o verde."
S32: "É aqui que se encontra um pouco da natureza, dos <b>animais</b> ."
S35: "Sei que os <b>espaços urbanos</b> diminuem o contato com a natureza, e bosques como este são muito <b>importantes</b> ."
S37: "Não sei dizer... Talvez, <b>qualidade de vida</b> ."

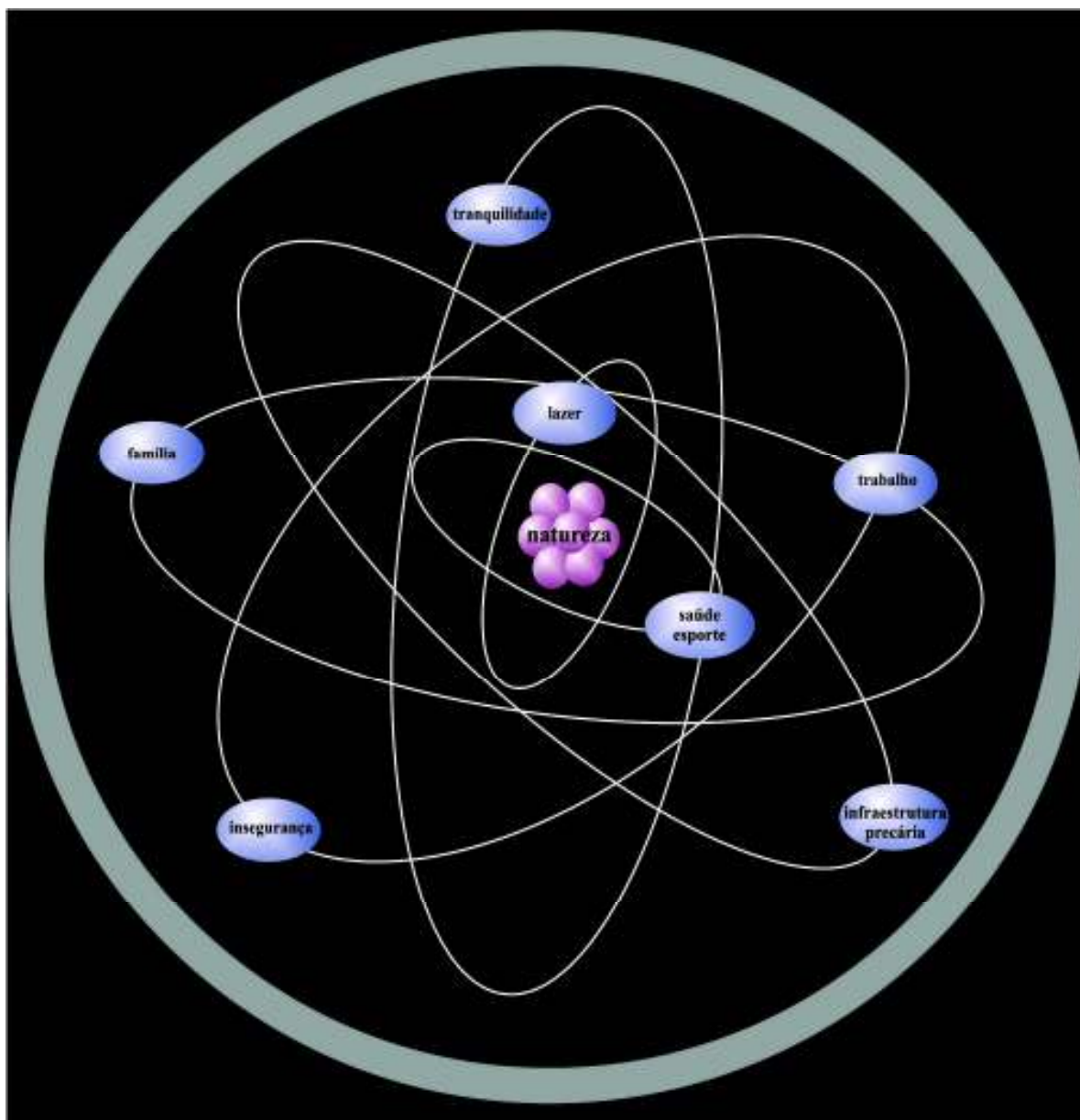


S40: "A <b>estrutura física</b> do parque..."
S05: "Vejo muitas <b>tartarugas</b> aqui."
S10: "Meus filhos adoram ver os <b>peixes</b> ..."
S14: "Os animais representam a vida <b>natural</b> ."
S25: "Existem muitas tartarugas nos <b>lagos</b> , e elas são diferentes dos animais comuns das cidades."
S15: "É uma área com bastantes árvores dentro de um <b>centro urbano</b> ."
S44: "O bosque combina a natureza, com a <b>recreação</b> ."
S15: "Goiânia é uma cidade com <b>poluição</b> , e no parque é mais <b>agradável</b> ."
S49: "É <b>arejado</b> aqui, <b>fresco</b> , verde e natural."
S43: "É <b>bonito</b> porque é verde."
S25: "No Bosque existem dois grandes lagos, e a <b>fonte</b> de um deles é um <b>atrativo</b> muito bonito."
S32: "O Bosque é bom pra pensar na vida e <b>relaxar</b> ."
S33: "Quase em nenhum outro <b>lugar</b> tem uma <b>paisagem</b> como esta."
S34: "Dia quente, bonito, <b>acolhedor</b> , bom pra sair de casa e <b>passar</b> ."
S02: "Cuido da <b>saúde</b> ."
S03: "O Bosque é um lugar para a <b>família</b> e para apreciar a natureza."
S07: "Gosto de me <b>descontrair</b> para melhor a qualidade de vida."
S08: "Sinto um <b>bem-estar</b> ..."
S11: "Este parque é bem <b>próximo</b> de minha casa."
S20: "Venho para <b>descansar</b> a cabeça do <b>trabalho</b> ."
S21: "O Bosque é a <b>diversão</b> da <b>sociedade goiana</b> ."
S23: "O bom é saber que, apesar de estarmos no <b>centro de Goiânia</b> , existe o <b>parque</b> dos Buritis."
S33: "Eu passeio aqui com a família e <b>amigos</b> ."
S37: " <b>Não sei dizer</b> ..."
S41: "O bosque é uma <b>boa opção</b> de passeio para sair do ambiente urbano."
S42: "Este local é próprio para o lazer porque tem <b>estrutura</b> pra isso."
S43: "É lugar que as pessoas entram em contato com a natureza, apesar de estar um pouco <b>poluído</b> ."
S50: "Nos <b> finais de semana</b> , as pessoas vem <b>praticar exercícios</b> e fazer <b>piquenique</b> ."
S38: "O <b>espaço amplo</b> e a natureza..."
S49: "Você conhece <b>pessoas boas</b> e diferentes aqui."

De acordo com “célula representacional” do Bosque dos Buritis e segundo as categorias grifadas anteriormente, podemos constatar que existe o privilégio nas justificativas apresentadas para que a *Natureza*, em toda a sua polissemia, ocupe lugar de evidência no universo de representações desse parque goianiense. Mas, o interessante é confirmarmos que o fenômeno de cultura “paisagem do parque” possui contornos muito semelhantes quando colocamos lado a lado o Bosque dos Buritis e o Lago das Rosas. Conforme podemos observar na célula abaixo, a Natureza também se posiciona na Zona do Núcleo Central da representação do Lago, convergindo com o pressuposto

de que a imagem social da paisagem dos parques goianienses usufrui de demasiada homogeneidade em suas expressões consensuais da experiência cotidiana:

**Figura 23.** Célula Representacional como imagem social do Lago das Rosas



Esta célula enfatiza a necessidade de conhecermos a construção social dos objetos, no espaço e no tempo, se pretendemos observar as condutas ou práticas persistentes em relação a tais objetos. Para que a visualização das imagens sociais dos

parques goianos se apoie em bases rigorosas, é preciso considerarmos que o Bosque e o Lago, desde sua projeção, estão sedimentados sob as mesmas bases históricas, econômicas, políticas e sociais. É assim que o Lago das Rosas, como objeto de representação, tem um impacto muito semelhante ao do Bosque dos Buritis nos grupos que o experienciam. No entanto, nossa investigação não despreza que os grupos que constituem a imagem do Bosque são mais homogêneos, enquanto que os grupos que percebem o Lago refletem a popularidade deste no sentido de possuir maior viabilidade de acesso dos indivíduos que residem a longa distância dessa instalação. Quando nos dedicamos à observação de parte dos enunciados do Lago das Rosas, agrupados no Apêndice 8, podemos notar que as explicações para evocação central da palavra *Natureza* são coincidentes com a imagem social que produz o Bosque dos Buritis. As justificativas abaixo listadas refletem como o senso comum tem promovido a evolução dos parques urbanos em Goiânia:

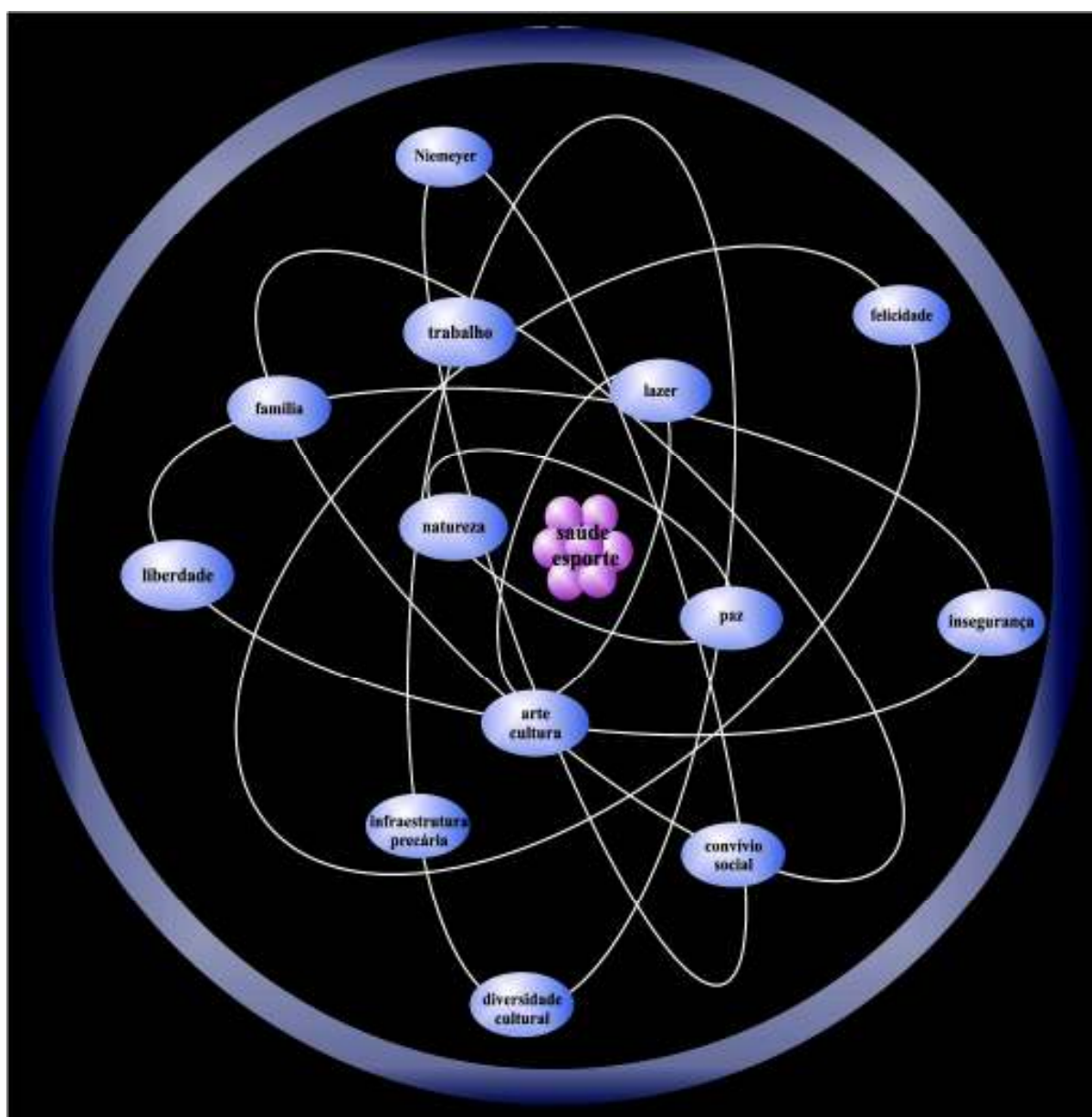
**Tabela 6.** Alguns enunciados e elementos importantes associados à “Natureza” no Lago das Rosas

S17: "A <b>vegetação</b> do parque está <b>abandonada</b> ."
S18: "A natureza aqui está em <b>degradação</b> ."
S19: O <b>lugar</b> está <b>acabando</b> ."
S27: "A natureza aqui é muito <b>bonita e necessária</b> para vivermos."
S31: "As <b>árvores</b> geram <b>ar puro</b> ."
S35: "As <b>árvores</b> são muitas, porém houve muito <b>desmatamento</b> ."
S38: "É uma <b>região de Goiânia</b> em que se encontra mais <b>verde</b> ."
S39: "Com as árvores, temos mais <b>oxigênio</b> disponível."
S46: "Neste lugar eu venho para me distrair, apesar de estar no <b>meio da cidade</b> ."
S47: "É muito <b>bonito</b> e feito por <b>Deus</b> ."
S02: "Os <b>pássaros</b> são muito bonitos, e é bom acordo cedo ouvindo seu <b>canto</b> ."
S11: "Os <b>animais</b> tornam a <b>paisagem</b> mais curiosa."
S14: "Por ser uma <b>área verde</b> no <b>meio urbano</b> , os animais procuram <b>refúgio</b> em locais como este."
S49: "Os pássaros mostram como está o ambiente e dão <b>vida</b> ao <b>parque</b> ."
S02: "Morei na <b>roça</b> , tive muito <b>contato</b> com a natureza, e <b>admiro</b> muito isso."
S27: "O <b>lago</b> nos ajuda a <b>respirar melhor</b> , porque <b>água é vida</b> ."
S35: "As <b>águas</b> são o que significa o Lago das Rosas."
S09: "A paisagem é boa olhar e sentir o <b>ar puro</b> ."
S18: "Venho aqui porque é <b>agradável</b> o <b>meio ambiente</b> ."
S07: "Fico bem <b>a vontade</b> e <b>confortável</b> aqui."
S28: "O ambiente proporciona <b>conforto, distração, descanso</b> e <b>menos bagunça</b> ."

Após a leitura de algumas justificativas para escolha emblemática da palavra “Natureza” no Lago das Rosas, confirmamos que quanto mais heterogêneo o grupo,

maiores são as possibilidades de expansão dos significados desta “Prainha” ou “Castelinho” (designações históricas que os habitantes de Goiânia dão para o Lago das Rosas). O Lago, de polissemia tão evidente quanto o Parque Ibirapuera, visto também como a “Praia do Paulistano” ou o “Oásis de São Paulo”, são exemplos de que o extrato social apra os ramos aceitáveis ou não das representações da paisagem dos parques:

**Figura 24.** Célula Representacional do Parque Ibirapuera



Está posto que a multiplicidade de aspectos expostos na “célula representacional” do Parque Ibirapuera demonstra a importância de notarmos que, mesmo diante de tamanha polissemia, todos os elementos da representação permanecem funcionando em relação ao núcleo central, estando correlacionados à categoria *Saúde\_Esporte* que tem maior centralidade nessa representação da paisagem. É por isso que, embora haja uma indiscutível polissemia para a paisagem do Parque Ibirapuera, todos os elementos significativos que lhe convergem prescrições atuam somente dentro dos limites impostos pela estrutura estável e organizada daquela representação social. Os quadros das justificativas para a centralidade de *Saúde\_Esporte* em associação com a palavra *Natureza*, que vem em segundo plano, pode nos esclarecer como a correlação das categorias mais centrais com os elementos contrastantes e periféricos atuam no sentido de compactar os sentidos no campo consensual que define o Parque Ibirapuera:

**Tabela 7.** Alguns enunciados e elementos importantes associados à “Saúde-Esporte” no Ibirapuera

S29: "A <b>bicicleta</b> me ajuda a <b>emagrecer</b> ."
S32: "É uma maneira de <b>relaxar</b> ."
S41: "O <b>esporte outdoor</b> conduz à <b>qualidade de vida</b> ."
S40: "Ando de <b>skate</b> desde <b>criança</b> , por paixão, amor pelo esporte."
S47: "O skate é um <b>estilo de vida</b> que eu sigo."
S50: "No <b>parque</b> , a <b>ladeira</b> cabe muitas <b>manobras</b> e nos liga à <b>natureza</b> dentro da <b>cidade de São Paulo</b> ."
S90: "A maioria das vezes eu venho é para dar voltinhas de skate na <b>marquise</b> ."
S08: "A <b>caminhada</b> ajuda na manutenção da <b>saúde</b> ."
S54: "A caminhada induz o <b>encontro</b> com o <b>verde</b> , com o <b>ar puro</b> ."
S18: "Meu <b>esporte favorito</b> é deslizar sobre meus <b>patins</b> ."
S30: "Os patins mantem meu <b>corpo saudável</b> ."
S39: "É preciso <b>desestressar</b> , e os patins são minha <b>diversão</b> ."
S09: "Aqui é possível se divertir com <b>segurança</b> ."
S23: "O motivo que me traz aqui é a <b>prática de yoga</b> ."
S05: "A <b>dinâmica do parque</b> faz com que existam várias coisas acontecendo ao mesmo tempo."
S20: " <b>Pistas de corrida</b> atravessam o Ibirapuera. Ele é grande e nele posso <b>correr</b> em todos os sentidos e <b>esquecer do tempo</b> ."
S17: "A <b>atividade física</b> com skate me faz bem, e ainda posso me <b>divertir</b> fazendo."

**Tabela 8.** Alguns enunciados e elementos importantes associados à “Natureza” no Parque Ibirapuera

S22: "Aprecio o <b>verde</b> e minha <b>família</b> gostar de estar aqui, junto à natureza."
S26: "Com o verde, experimento de <b>bem-estar</b> ."
S28: "Em <b>São Paulo</b> só há <b>estresse</b> , e o parque traz <b>paz</b> ."
S36: "Eu gosto das <b>árvores</b> , da natureza."
S43: "A <b>cidade</b> de São Paulo tem pouco verde, e o <b>parque</b> propicia o contato."
S61: "São Paulo é <b>contraposta</b> quando se fala de dentro do parque."

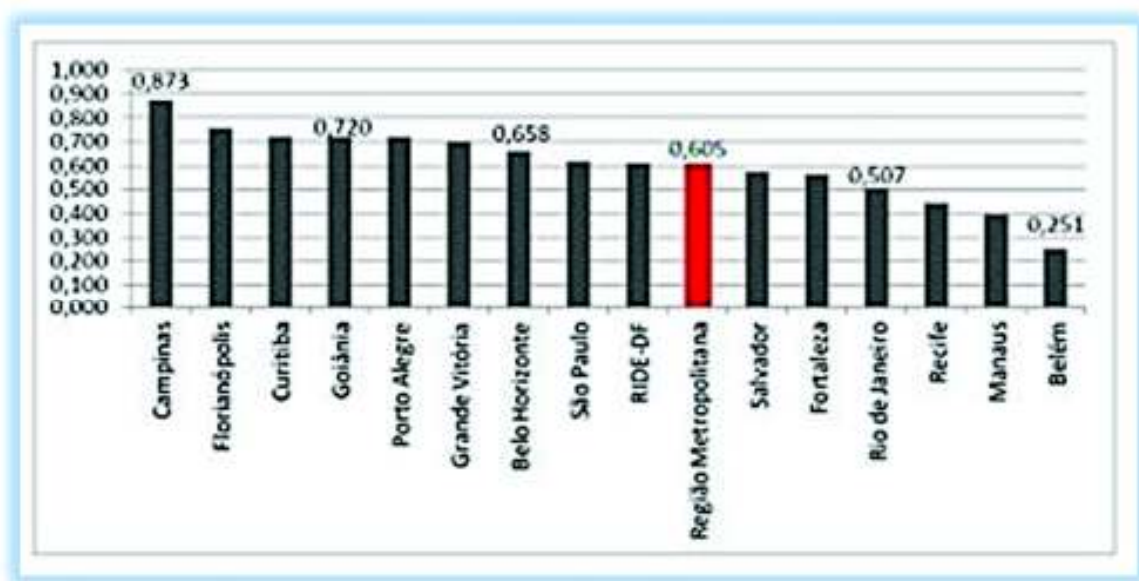
S62: "Aqui se respira <b>ar puro</b> ."
S67: "É criação de <b>Deus</b> ."
S73: "Porque se sente um <b>prazer</b> na relação com a natureza."
S79: "É o <b>lugar mais 'puro'</b> de São Paulo."
S82: "O <b>ambiente</b> possui uma <b>aglomeração de verde</b> ."
S86: "Em São Paulo há pouco <b>concentração de verde</b> ."
S91: "Não há muitos espaços com <b>natureza viva</b> em São Paulo."
S04: "Estou retratando uma <b>coisa real</b> ..."
S07: "Olho e serve para eu <b>despertar</b> ..."
S41: "O parque é um <b>diferencial</b> da <b>São Paulo poluída</b> , sendo o ar mais puro e <b>úmido</b> ."
S31: "É difícil ter um ambiente de <b>lazer</b> e <b>descanso</b> em São Paulo. Inclusive, você sabe que este parque é chamado de ' <b>o oásis na cidade</b> '?"
S57: "Este oásis de São Paulo é a visão de <b>um outro ângulo da metrópole</b> ."
S04: "É <b>fantástico</b> estar conectada à <b>beleza</b> deste local numa cidade que é só concreto. <b>Inacreditável!</b> "
S06: "O lago me traz <b>energias positivas</b> ."
S12: "Com <b>flora e fauna variadas</b> , aqui é um local muito <b>querido</b> de São Paulo, pelo <b>verde</b> e pela <b>vida</b> ."
S14: "Ele é diferente da <b>São Paulo cinza</b> . Aqui é verde!"
S01: "Os <b>animais</b> me motivam, pois eu os alimento aqui no parque."
S09: "No Ibirapuera há <b>animais raros</b> , só encontrados aqui dentro."
S57: "O <b>canto dos pássaros</b> é instrumento de <b>tranquilidade, concentração, escapismo do barulho</b> ..."
S95: "Os <b>patos</b> são a maior atração para mim."

As representações do Parque Ibirapuera acabaram de ilustrar que, em nosso estudo, as paisagens dos parques urbanos são uma forma de conhecimento do como se dá a elaboração do real. A exposição das crenças sobre o Ibirapuera ao mesmo tempo legitima a paisagem dos parques urbanos como uma composição do senso comum fundado, sobretudo, na lógica moderna de promoção do *bem-estar coletivo*. Na realidade, as paisagens do parque estão atuando aqui conforme um itinerário para reconhecermos, quase que exclusivamente, as estruturas “positivas” que estabelecem modos específicos para agirmos sobre a realidade. Integrando a experiência dos indivíduos e grupos, as paisagens do Bosque dos Buritis, do Lago das Rosas e do Parque Ibirapuera demonstram como a história e cultura tem impacto tanto na construção quanto na interpretação das representações sociais em um universo criado para ser auto-regulado e autossustentável no âmago das metrópoles.

A nossa observação da contextualização física e psicossocial de três parques nos ofereceu uma oportunidade de leitura e escrita etnográfica até mesmo dos significados implícitos nesses fenômenos do senso comum. A visualização de certas premissas centrais como *Natureza*, *Lazer* e *Saúde\_Esporte* nos despertaram para a existência de crenças menos explícitas que sustentam toda a rede que instalou e ainda instala parques nas cidades modernas. Isso nos parece mais palpável quando

apresentamos a seguir dados do Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU), organizado por Ribeiro e Ribeiro (2013), através do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Observatório das Metrôpoles (INCT). Segundo informações contidas nesse estudo, foi possível classificar a região metropolitana de Goiânia como a quarta (4ª) melhor no critério de “bem-estar”, sendo que São Paulo foi a oitava (8ª) melhor cidade, dentre as quinze (15) localidades com maior potencial econômico e populacional do país:

**Gráfico 1.** Índice de Bem Estar Urbano (IBEU) segundo as regiões metropolitanas - 2010

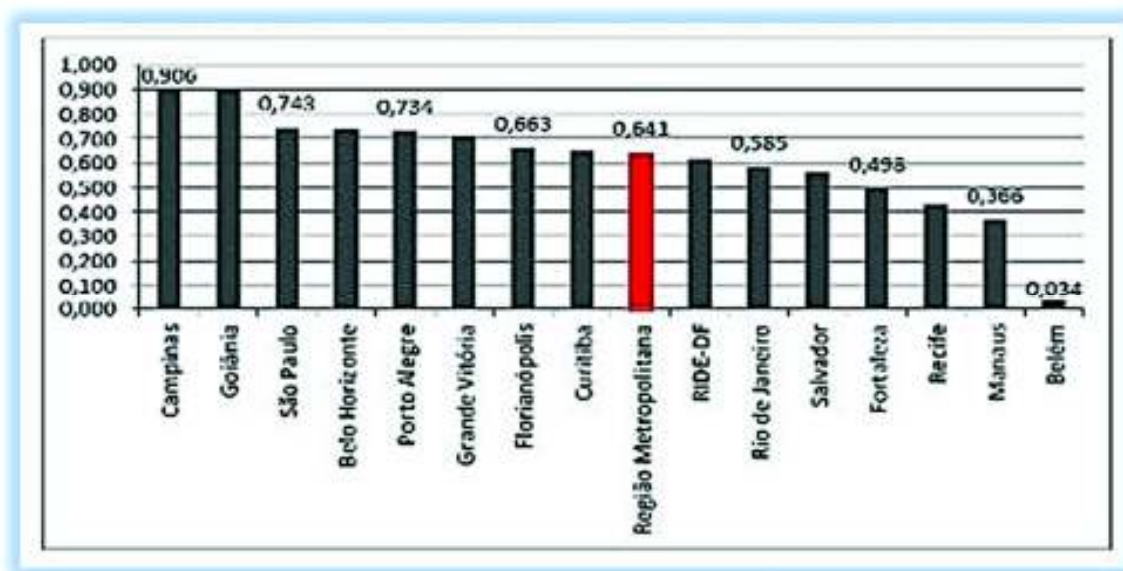


**Fonte:** Censo Demográfico – IBGE, 2010. Elaborado pelo INCT Observatório das Metrôpoles (Ribeiro; Ribeiro, 2013).

Juntamente com o INCT Observatório das Metrôpoles, Ribeiro e Ribeiro (2013) organizaram o livro “Índice de Bem-estar Urbano – IBEU” para fornecer um instrumento aos atores governamentais, universidades, movimentos sociais e sociedade civil para avaliação e formulação de políticas urbanas para o país. Em razão disso, para elaboração do Gráfico 1, estes autores investigaram o potencial econômico e populacional das cidades, tendo sua concepção associada principalmente a levantamentos de informações pautadas nos seguintes itens: 1) tempo de deslocamento de casa para o trabalho; 2) arborização, esgoto a céu aberto, lixo acumulado nos entornos dos domicílios; 3) relação entre número de moradores, cômodos e qualidade das construções das residências; 4) prestação de serviços, energia elétrica, água e coleta de lixo; 5) iluminação pública, pavimentação, calçada, meio fio, bueiro, acessibilidade e

situação das ruas. Após esse levantamento, O IBEU procurou avaliar a dimensão urbana do bem-estar usufruído pelos cidadãos brasileiros frente ao mercado, via consumo mercantil e pelos serviços sociais prestados pelo Estado. O resultado desse levantamento resultou em um compêndio de informações que foram utilizadas para classificar as condições ambientais urbanas de metrópoles nacionais:

**Gráfico 2.** Condições ambientais urbanas segundo as regiões metropolitanas – 2010



**Fonte:** Censo Demográfico – IBGE, 2010. Elaborado pelo INCT Observatório das Metrópoles (Ribeiro; Ribeiro, 2013).

A partir da divulgação recente do padrão nacional de bem-estar nas regiões metropolitanas brasileiras, segundo classificação exposta no Gráfico 2, podemos notar que tanto a região metropolitana de Goiânia quanto a de São Paulo estão muito bem posicionadas no quesito “condições ambientais”. Isso demonstra que a representação social da paisagem do parque, ligada à centralidade de *Natureza*, *Lazer* e *Saúde\_Esporte*, pode ser assegurada quando as metrópoles goianiense e paulistana se destacam respectivamente em segundo (2º) e terceiro (3º) lugar no que diz respeito às condições ambientais urbanas. Certificamos, pelo Gráfico 2 disposto acima, que a existência de áreas verdes auto-reguladas como o Bosque dos Buritis<sup>52</sup>, o Lago das

<sup>52</sup> Aspectos descritivos atuais do Bosque dos Buritis: 1) Área - 124.800 m<sup>2</sup>; 2) Institucional – previsto no Plano Original da cidade de 1933 e construção finalizada em 1938; 3) Localização – Rua 01, 29, Avenida Assis Chateaubriand e Alameda dos Buritis, Setor Central/Setor Oeste, Goiânia, Goiás; 4) Recursos Naturais – remanescente de Mata Seca e Veredas de Buritis, APP do Córrego dos Buritis; 5) Infra-



Rosas<sup>53</sup> e o Parque do Ibirapuera<sup>54</sup> está em convergência com os levantamentos feitos pelo IBEU e, paralelamente, com a concepção que os parques urbanos ganharam no universo do senso comum que margeia esta tese.

Sendo construídas nas relações grupais e intergrupais, as representações sociais corroboram para que possamos entender que, mesmo diante de fenômenos tão polissêmicos quanto a paisagem, existe um campo limitado de sentidos devido à estrutura e organização dessa representação. A nosso ver, a paisagem do parque se revela agora portadora de uma polissemia bastante estável e organizada, a qual se sustenta em aspectos relacionais positivos para apropriação física e simbólica do lugar.

Neste estudo de caso sobre três parques urbanos, a abordagem estrutural nos conduziu a perfazemos uma apreciação das representações sociais da paisagem que remonta conjuntos organizados e estruturados de crenças, informações, opiniões e atitudes. A quantidade limitada de elementos que assegura as funções essenciais de determinação do significado da representação da paisagem nos mostrou um fenômeno com organização interna e estabilidade. Mas, este mesmo fenômeno de cultura também é capaz de individualizar uma representação que primeiro foi lapidada coletivamente.

O movimento, a fluidez e a dinamicidade emanam das representações que também podem ser objetivadas como “células” em processo de evolução dentro das cadeias relacionais de indivíduos e grupos. A experiência da paisagem determina práticas que igualmente são co-determinadas pela existência ou não de outros tantos significados que já foram contextualizados. Ou seja, a consistência e permanência de práticas sociais manifestam o pensamento social comportando uma certa quantidade de crenças, produzidas coletivamente e historicamente determinadas.

---

estrutura – Museu de Arte de Goiânia, pista de caminhada interna e externa, estação de ginástica, alambrado no entorno, quiosques, dois lagos (com fonte luminosa), ponte de madeira, mirante, orquidário, espaço multifuncional para eventos, parque infantil, nascentes de mananciais, animais aquáticos e terrestres etc.; 6) Revitalização em 2007/2008 (AMMA, 2013).

<sup>53</sup> Aspectos descritivos atuais do Lago das Rosas (Parque Zoológico): 1) Área – 315.000 m<sup>2</sup>; 2) Institucional – reserva prevista do Plano Original, inaugurada entre 1940 e 1941 e transformada em parque pela Lei Orgânica 7.412/71; 3) Localização - Alameda das Rosas e Avenida Anhanguera; 4) Recursos Naturais - remanescente de Mata Seca e nascente do Córrego Capim Puba; 5) Infra-estrutura – pistas de caminhada iluminadas, estações de ginástica, parque infantil, quiosques, parque zoológico, área de camping, mirantes, quadras poliesportivas, o lago do Trampolim e demais, elementos representativos do estilo Art Decó, animais aquáticos e terrestres etc; 6) Revitalizado em 2007/2008 (AMMA, 2013).

<sup>54</sup> Aspectos descritivos atuais do Parque Ibirapuera: 1) Área - 1.584.000m<sup>2</sup>; 2) Institucional – inaugurado em 1954; 3) Localização – Avenida Vinte Três de Maio, Avenida Quarto Centenário, Avenida República do Líbano e Avenida Pedro Álvares Cabral; 4) Recursos Naturais – implantado nas antigas várzeas dos córregos do Caguaçu e do Sapateiro; 5) Infra-estrutura - museus, obras de arte, pista para Caminhada, aparelhos de Ginástica, ciclovias, quadras poliesportivas, playgrounds, planetário, quiosques, restaurante, lagos, animais aquáticos e terrestres, etc. (ONG Parque Ibirapuera, 2013).

Até este ponto de nosso estudo, o que potencializamos foram a nossas possibilidades de constatar que o essencial do núcleo central de uma representação social é constituído pelos valores associados ao objeto representado. Por isso, as evocações coletadas em parques de Goiânia e no maior parque urbano de São Paulo confirmaram que é mesmo o movimento de referência individual/grupal aos mesmos valores centrais, presentes no núcleo, que fundamenta a existência de uma representação. Até agora, o que estamos estudando é exatamente isto: o fundamento social da representação da paisagem de parques urbanos pela interpretação das referências comuns. E, no próximo tópico, prosseguiremos neste caminho.

### **5.3 A experiência no Parque Ibirapuera pela “perspectiva paisagística”**

Dois motivos nos conduziram à escolha do Parque Ibirapuera para efetivação de uma pesquisa sobre a experiência na paisagem. O primeiro é que as representações sociais deste parque possuem uma forte articulação com as representações dos parques goianienses. Consoante com o que vimos anteriormente, os contornos representacionais do Ibirapuera coincidem com outros ambientes semelhantes a ele. Isso já o transforma em um conceito, modelo ou representação dos valores associados aos objetos que lhe são afins, tanto em escala física, quanto pela ótica psicológica e social. Entretanto, também tivemos uma segunda motivação; e esta é a mais importante para nós. Ela tem fundamento na observação do campo representacional desse parque paulistano, pois, principalmente diante das configurações assumidas pela sua “célula representacional”, concluímos que ele é bem mais denso física e simbolicamente que os outros dois parques estudados. As representações centrais e periféricas sustentadas por essa instalação estruturam um fenômeno capaz de reforçar em nós a necessidade de observar a experiência do Parque que é um forte referencial arquitetônico e paisagístico.

Mas, em contraponto, precisamos esclarecer que durante esse procedimento de coleta de dados por meio da experiência direta em estruturas materiais de mediação, não almejamos dimensionar a amplitude física ou simbólica do Parque. Este movimento interpretativo já foi feito em momentos anteriores desta tese. Psicossocialmente falando, a experiência do Parque Ibirapuera enfocou a análise do elo entre ação e representação. Enfatizamos a apresentação da paisagem do parque por uma perspectiva efetivamente psicológica. Para nós, a experiência na paisagem em nível psicológico

sustenta-se na inexistência de um objeto que esteja desprovido da experienciação individual e coletiva. Ou, melhor dizendo, sabemos que não se pode perceber o objeto senão através de sua representação. Objetivamos, portanto, a interpretação de um fenômeno de cultura emergente da experiência direta na instalação. O Parque Ibirapuera, por esta via, ressurgiu como objeto de pesquisa porque é ambiente que aciona a percepção ou formulação, resultando na instalação física, psicológica e social de imagens sociais e significações (paisagens), no contexto de objetos materializados.

Sem o risco de transformar a vivência na paisagem do parque em algo flutuante, sem relação com o sistema social e conectado com um objeto não determinado, como alertou Dubet (1996, p. 139), consideramos a importância de uma lógica de ação que inscreva a experiência numa certa “subjetividade” do sistema social. Esperamos que a experiência paisagística no Parque Ibirapuera tenha ido mais além, e retome a subjetividade promovida pela objetividade, pois esta dupla associação significa que “os elementos simples que compõem a experiência social não pertencem ao ator, mas lhe são dados, preexistem a ele ou lhe são impostos por meio de uma cultura, das relações sociais, dos constrangimentos de situação ou de dominação”. Posto isto, a experiência dos atores que estão em voga neste contexto articula a ação com o sistema que tem mecanismos funcionando em relações de “causalidade”.

Podemos exemplificar isso dizendo que promovemos duas experiências de caráter físico, psicológico e social no Parque Ibirapuera e ambas estiveram assentadas essencialmente nos processos de socialização, que remetem os indivíduos a formular até mesmo explicações para justificar a existência de uma estrutura ou representação. Pela noção que intitulamos nesta tese de “perspectiva paisagística”, explicamos que este procedimento exige a tomada da subjetividade em consonância com a teoria de Dubet (1996, p. 141, grifos do autor), pois entendemos que “a subjetividade está socialmente definida pela *tensão entre uma representação do sujeito e as relações sociais*: nesse caso, a sua articulação com o sistema é de tipo *dialético*”. Apresentamos o esquema seguinte para demonstrar com mais clareza o nosso raciocínio quando pretendemos “coletar” experiências dentro de um sistema (expresso pelas palavras em **negrito**), a partir de uma ação (palavras em *itálico*) e por ligações causais (palavras entre aspas).

Propor a ocorrência da ação mediante a socialização do indivíduo é admitir que os atores sociais “visam” a sua integração, identificando-se ou não com os modelos e códigos que lhes asseguram a manutenção de posições, o reconhecimento social e a relativa legitimidade de suas práticas. A experiência na paisagem do Parque, portanto,

rememora-nos de que a ação, quando é vista por uma vertente subjetiva de integração, exige que expliquemos as condutas sociais, pelo descobrimento dos modelos culturais aos quais elas se ajustam, e ainda justifiquemos a forma como os atores sociais os adquiriram e como os conservam. O estudo das evocações, feito anteriormente, já nos apresentou as variáveis de sentido que fundamentam a lógica de integração e socialização dos indivíduos em três parques urbanos brasileiros. O que nos interessa agora é constatar com mais pontualidade que existem condições subjetivas e objetivas operacionalizando as condutas individuais e coletivas:

**Figura 25.** Tensão dialética entre uma representação do sujeito e as relações sociais



Autor: Dubet, 1996, p. 141.

Foi neste sentido que um dos expoentes do processo de urbanização da maior cidade do Brasil, conhecido também como “praia paulistana” ou “oásis de São Paulo”, passou por uma reapropriação do tipo psicossocial para promovermos a observação dos mecanismos de imersão na paisagem do parque. Chamamos o processo de coleta de dados pela experiência social no ambiente de cultura, segundo o “ângulo” adotado por cada sujeito, de *perspectiva paisagística* que, nesta pesquisa, foi realizada em quatro níveis: 1) pela perspectiva do retrato ou fotográfica; 2) pela perspectiva da filmagem ou videogravação; 3) pela perspectiva do desenho ou esboço; 4) pela perspectiva da entrevista semiestruturada ou interpretação dos dados coletados. Estas quatro

perspectivas são na verdade técnicas que usamos para sustentar uma investigação exclusivamente qualitativa. A complementaridade do método que congrega uma rede de “perspectivas paisagísticas” possibilita a interpretação do material coletado de um modo que as narrativas sobre o Parque Ibirapuera comuniquem a experiência de um ator social que combina condições subjetivas e objetivas. Seguindo Dubet (1996, p. 142), torna-se possível visualizar que “a socialização, as expectativas, as ambições e os códigos explicam, para lá da racionalidade das opções ligadas ao contexto, as condutas dos indivíduos”. Tomamos a observação de condutas para análise do sistema de integração de pessoas no Ibirapuera, fazendo da socialização a variável intermediária entre as condutas contextualizadas e as condições objetivas.

Diante desse quadro complexo, a nossa ideia de “perspectiva paisagística” viabiliza a percepção funcional e estrutural do objeto através de sua representação, tornando praticável a interpretação do fenômeno de cultura emergente da experiência direta em estruturas materiais de mediação. Com este objetivo em vista, dividimos a nossa coleta de dados personalizada em duas fases. Na Fase 1, solicitamos aos participantes da pesquisa, os quais denominamos de Sujeito 1 e Sujeito 2, que percorressem as dimensões físicas do Ibirapuera, segundo a sua livre escolha para utilização do tempo e do espaço. Ambos estavam munidos de uma câmera fotográfica semiprofissional, de uso amador, e também utilizavam os óculos, com câmera filmadora embutida, que são popularmente chamados de “óculos espíões”, mas que serão tratados por nós como microcâmeras ou subcam, conforme fez Saadi Lahlou<sup>55</sup>. Ainda na Fase 1, os sujeitos da pesquisa deveriam percorrer sozinhos o Parque Ibirapuera, em um itinerário de sua escolha. O objetivo é que eles fotografassem as instalações do ambiente diurno de modo aleatório, enquanto que a subcam, que possui lentes protetoras para a luz solar, estava sendo utilizada por eles como um simples óculos de sol, porque já havia sido acionada a gravação pela pesquisadora no ponto de partida para a efetivação da coleta. Na sequência, a Fase 2 começou com o retorno dos dois sujeitos ao ponto inicial de encontro e, após o recolhimento da câmera fotográfica e da subcam, transferimos os arquivos para um microcomputador portátil, a fim de que pudéssemos assistir posteriormente às filmagens e ver as fotografias no momento de realização da entrevista, de maneira a indagarmos sobre os modos de apropriação do lugar. Feito isso,

---

<sup>55</sup> Saadi Lahlou (2011a, 2011b) vem utilizando microcâmeras (subcam) para observação fina de comportamentos em associação à Teoria da Instalação e ao estudo de mudanças comportamentais pelo emprego de alterações no ambiente físico.

pedimos aos sujeitos para fazer um desenho da imagem que lhes remetia ao Parque, e lhes oferecemos lápis, gizes e canetas coloridas, folhas brancas de papel A4 e uma prancheta de desenho para ser usada como apoio. Finalizado o desenho, deu-se início à entrevista semiestruturada (Cf. Apêndice 8 e 9), momento este em que a interação entre os participantes e a pesquisadora fundamentou a apreciação das imagens produzida.

Ao utilizarem paralelamente a perspectiva do retrato ou fotográfica e a perspectiva da filmagem ou videogravação para registrar a experiência social na paisagem do parque, o Sujeito 1 e o Sujeito 2 validaram a exequibilidade das duas primeiras técnicas que sustentam a nossa investigação qualitativa. Logo de início, tivemos receio de que não seria viável o uso simultâneo da câmera fotográfica<sup>56</sup>, em caráter amador, e da subcam<sup>57</sup>, que conta com uma câmera filmadora embutida na parte central da armação dos óculos solares, de acordo com as descrições seguintes:

**Figura 26.** Glasses Spy Polaroid HD DV Sunglasses Mobile Eyewear Recorder



Fonte: Google, 2013.

<sup>56</sup> Especificações da câmera fotográfica: Sony Cyber-Shotcom zoom óptico de 5x, lente grande angular de 25mm, com 16.1 mega pixels.

<sup>57</sup> Especificações da subcam: bateria 5V DC/280Mah; formato de vídeo AVI; Read> 700kbs, Write>500Kbs; resolução de 1280\*960; fotos 1280\*960/2560\*1920/4032\*3024; suporte TF/ Micro SD Card 2GB - 32GB; duração da carga de 2~4hours; peso de 39gramas; sistema operacional Win98, WinMe, WinXP, Win2000, Window Vista, Window 7, Window8.

A nossa proposta de imersão personalizada em estruturas materiais de mediação foi executada em dois dias diferentes, de forma que a pesquisadora pudesse contar com maior disponibilidade de tempo para lidar com os dois participantes. O Sujeito 1 participou da pesquisa no dia 10 de maio de 2013, e o Sujeito 2, no dia 15 de maio do mesmo ano. O critério para escolha dos mesmos seguiu primeiramente os indicativos do perfil de usuários que o Ibirapuera recebe, ou seja, o participante de nossa pesquisa seria inevitavelmente um visitante, um atleta/esportista ou um profissional atuante no Parque. Para nossa surpresa, os dois voluntários contemplavam as três categorias de usuários, pois o Sujeito 1 vende água de coco e é patinador semiprofissional, enquanto que o Sujeito 2 visitava o Ibirapuera pela primeira vez.

Por um prisma antropológico, podemos dizer que a experiência paisagista promoveu o entrelaçamento do humano com a paisagem. E este movimento emanou muitas possibilidades de leitura etnográfica e psicossocial para os sentidos conferidos ao lugar experienciado. O vivido e o comunicado na prática discursiva revelaram-se um conjunto organizado e estruturado de crenças, informações, opiniões e atitudes, que igualmente converge com senso comum. Na verdade, podemos dizer que confirmamos algo mais. A experiência no Parque Ibirapuera, quando adotou a perspectiva paisagística, expressou uma tomada de posição segundo construções cognitivas mais individuais. De fato, foi reforçado o pressuposto de que, em toda representação social, o sujeito e o objeto não são marcadamente distintos. De maneira direta, agora podemos dizer com maior expressividade que a experiência física, psicológica e social organiza a imagem do objeto no real (a instalação, o parque) e, através desta, o constrói (a paisagem).

As expectativas e a socialização dos Sujeitos 1 e 2 nos revelaram também a intencionalidade das opções ligadas ao contexto. Como poderemos ver nas Figuras 27, 28 e 29, dispostas sequencialmente a seguir, os códigos do ambiente de cultura limitaram ou redirecionaram as ações dos indivíduos na instalação que tem motes de referência e substratos sociais regendo eventos e comportamentos. Conhecido como estrutura que é reduto da natureza e da cultura, o Parque Ibirapuera impõe modos de experienciação do lugar que norteiam as condutas. Podemos deixar mais nítida essa questão se considerarmos que o Sujeito 1 é um conhecedor da instalação, porque trabalha com venda de coco há seis no parque, além de usar seu tempo livre para patinação nas bases da Marquise projetada por Niemeyer, enquanto que o Sujeito 2 fez a sua primeira visita ao Ibirapuera utilizando como guia o mapa da página seguinte:

Figura 27. Guia de Visitação – Parque Ibirapuera





Figura 28. Itinerário para captação de fotografias e videograções – *Sujeito 1*



Fonte: Montagem elaborada pela autora.

Figura 29. Itinerário para captação de fotografias e videograções – Sujeito 2



Fonte: Montagem elaborada pela autora.

Ao projetarmos a expressão figurativa de itinerários promovidos pelo Sujeito 1 e pelo Sujeito 2, utilizamos marcações fotográficas para demonstrar a apropriação das estruturas materiais de mediação do Parque Ibirapuera, assim como a figura humanoide para expor as estações de parada para captação das fotografias. A bandeira vermelha marca o ponto de partida e o de chegada, e os pontilhados vermelhos referem-se ao trajeto percorrido. Um fato interessante que devemos destacar é que a livre apropriação da instalação gerou um quadro, na Figura 28, em que o Sujeito 1 tem seu comportamento controlado pelas estruturas mais ligadas ao projeto *cultural* do parque, projeto por Niemeyer, enquanto que o Sujeito 2, que orienta-se pelo Guia de Visitação, utiliza uma “perspectiva paisagística” embasadas em estruturas de *lazer*, consonante com o que está expresso na Figura 29. Podemos notar no material que compõe o Guia de Visitação que no Parque estão divididas, logo em primeira instância, as estruturas físicas do Ibirapuera em três categorias: “Parque”, “Cultura” e “Lazer”. Com fins de fomentar o uso do ambiente segundo as regras e convenções, esse material é um expoente de que as prescrições que guiam o uso do lugar sempre estiveram previstas no projeto arquitetônico coordenado por Oscar Niemeyer com a condução paisagística de Octavio Augusto Teixeira Mendes e, depois, de Burle Marx.

Frente ao estudo de um fenômeno complexo, tanto a imersão inicial dos sujeitos na instalação, quanto a interpretação das imagens fotografadas, filmadas e desenhadas evidenciaram que tratamos com uma técnica de coleta de dados que muito pode nos oferecer no sentido da otimização da seleção dados em caráter simultâneo e com maior precisão qualitativa. Já podemos confirmar que a utilização da câmera fotográfica e da subcam demonstrou que a instalação do Parque Ibirapuera guia e ampara atividades dos sujeitos em múltiplos estágios. Principalmente a utilização da subcam reforçou nossa constatação, porque como câmera de vídeo em miniatura, usada no nível dos olhos do usuário, ela grava o que o sujeito vê, ouve e faz, permitindo que o pesquisador observe os detalhes das situações incidentes no percurso em todos os momentos. Quando solicitarmos ao Sujeito 1 (vendedor de água de coco e patinador) e ao Sujeito 2 (visitante do parque) que utilizassem a subcam, passamos a seguir uma trajetória de atividades na instalação que colocava em perspectiva paisagística as várias camadas determinantes do comportamento em situações reais e a cada segundo. As gravações integrais, sem cortes e sem edições, podem ser consultadas no DVD que colocamos disponível no Anexo 4:

**Figura 30.** Cena filmada sobre os patins - Sujeito 1



**Figura 31.** Cena filmada em caminhada com uso do Guia de Visitação - Sujeito 2



Analisamos as fotografias, as videograções e as entrevistas com muita minúcia, a fim de providenciarmos um apontamento preciso do itinerário seguido por cada um dos usuários. Em um momento posterior à coleta dos dados personalizada, consultamos analiticamente esse material e conseguimos como resultado a marcação dos itinerários, em um mapa temático pautado no Guia de Visitação da Figura 27. A partir daí, a trajetória da atividade na dimensão física do Parque nos remeteu à interpretação do objeto e de suas representações, pela forma como ele está envolvido no comportamento dos participantes da pesquisa. Os dois modelos simplificados de apropriação do fenômeno de cultura “Parque Ibirapuera”, que foram apresentados anteriormente, ilustram as três principais camadas de controle do comportamento, quais sejam: a física, psicológica e social. Sendo que a produção das Figuras 28e 29 é pautada na Teoria da Instalação do mundo, a descrição temática do percurso efetivado pelo Sujeito 1 e pelo Sujeito 2 revelam que as estruturas materiais de mediação orientam e controlam a experiência na paisagem do parque, distribuindo-as concreta e simbolicamente pelo ambiente físico, nas instituições e nos próprios indivíduos.

A ideia de evolução das sociedades, neste sentido, pode ser retomada agora para sustentar que os objetos acabam por ter um papel de guias do comportamento e, por isso, são mediadores da persistência ou não de práticas individuais e coletivas no escopo da realidade. E foi diante dessa constatação que a figuração temática das duas experiências na paisagem do Parque Ibirapuera passa a ser representativa da aplicação de informações sob uma perspectiva material e simbólica. Transformamos, assim, o espaço-território em um elemento de análise física e psicossocial dos dados pela apresentação de informações altamente personalizadas. A experiência, condicionada subjetiva e objetivamente, operacionalizou as condutas individuais que nós expressamos nas Figuras 28 e 29 a pretexto de criação de uma ferramenta que facilitasse visualmente a “navegação” do leitor pela paisagem que foi experienciada.

Na prática, o material coletado vem ao encontro de nossa necessidade de comunicar a experiência de um ator social que combina condições subjetivas e objetivas. Assim, não é uma suposta racionalidade sobre a experiência que efetiva a apropriação, no caso do Sujeito 2 (o visitante), ou a reapropriação, no caso do Sujeito 1 (o trabalhador e atleta/esportista no parque). Na verdade, podemos até dizer que ambos se reapropriam do parque, tendo em vista que existem guias ou prescrições sendo divulgadas o tempo todo para reforçar modos de conduta em parques urbanos. Ocorre, porém, que em nível psicossocial, podemos pensar que são realmente a socialização, as

expectativas, as ambições e os códigos que explicam semelhanças e contraposições entre as condutas dos indivíduos. É diante de desta prerrogativa que necessitamos traçar brevemente o perfil dos dois participantes de nossa pesquisa.

Destacamos, assim, que o Sujeito 1 é solteiro, não tem filhos, mora com a família, possui formação colegial, trabalha como vendedor de água de coco, tem 25 anos de idade e utiliza patins para lazer e esporte antes ou depois do trabalho. Ele é nascido e residente na cidade de São Paulo, gosta de futebol e fazer composições em grafites, sendo que seu maior *hobby* é o uso semiprofissional de patins, principalmente no Parque Ibirapuera, e durante o seu tempo livre de trabalho. Enquanto isso, o Sujeito 2 é nascido e residente no Rio Grande do Sul, solteiro, pai de uma criança e estava frequentando o parque, a passeio, pela primeira vez. Ele tem 41 anos, possui formação superior, atua profissionalmente com representação e vendas no mercado internacional, tem a marcenaria como *hobby* e expressou gostar bastante de futebol.

É claro que, embora haja diferenças sociais notórias entre os dois sujeitos pesquisados, os guias de leitura sobre a instalação “Parque Ibirapuera” os submeteram igualmente às mesmas condições de experiencição do lugar, tornando praticável a interpretação de um fenômeno de cultura emergente da experiência direta em estruturas materiais de mediação. Enquanto que o Sujeito 2 utilizou o Guia de Visitação impresso para perceber os marcos de referência do lugar, o Sujeito 1 não precisou desse mote de instrução, porque norteou seu itinerário diante de marcadores que lhe são bem conhecidos - a barraquinha em que trabalha e a Marquise, que está conectada às instituições museológicas e é amplamente utilizada por patinadores e skatistas, embora tenha sido projetada por Niemeyer para abrigar exposições de arte. Com duplo processo de percepção da paisagem desses participantes voluntários nos confirmam o que havia sido considerado por Lahlou (2011a): “cada membro leal da comunidade tende a servir como um reforçador de normas para trazer os outros de volta aos trilhos por regras formais e explícitas - regulações, leis etc.”.

Constatamos mais uma vez que as paisagens são representações e que essas representações são presenças reincidentes na vida cotidiana, servindo-nos de manuais para nomear e a definir aspectos da realidade diária. De outro modo, dizemos que as representações são guias de leitura da realidade, que asseguraram ao Sujeito 1 e 2 uma interação não somente do tipo normativo com o objeto ou com a realidade, mas também uma interação do tipo operatório ou funcional. E isso ocorre porque foi realizado um processo mediado pela camada física do Parque Ibirapuera, lugar esse que fornecimento

das guias para performances e leituras dos objetos estruturados psicossocialmente. Visualizamos, assim, a experiencição de objetos e situações sob a tutela direta de um controle institucional, muito bem regulado em dimensões materiais e simbólicas. A própria conformação regulatória dos ambientes que compõem o Parque e as funções que foram pré-estabelecidas ou projetadas para ele explicam porque a experiência social assume os contornos que pudemos observar nas duas entrevistas semiestruturadas:

**Tabela 9** A perspectiva paisagística expressa nas entrevistas com os participantes

<p style="text-align: center;"><b>Sujeito 1</b> <b>(Trabalhador Local e Esportista/Patinador)</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>Sujeito 2</b> <b>(Visitante pela primeira vez)</b></p>
<i>Trechos da Entrevista</i>	<i>Trechos da Entrevista</i>
<p>“O pessoal vem pro <b>parque</b> pra tirar todo o estresse; do trabalho, do trânsito, de tudo. Então o comportamento deles aqui é outro. Se eu trabalhasse vendendo água de coco lá na Brigadeiro, acho que seria diferente, porque lá eles tão focados no trabalho, é outra , acho que...”</p>	<p>“Bem, na verdade eu não conhecia o <b>Parque Ibirapuera</b> e tinha interesse muito grande em conhecer, já que é o segundo maior parque do mundo, parque urbano do mundo e, numa passada, vindo do exterior, uma parada no fim de semana em São Paulo, resolvi dar uma passeada no parque para conhecê-lo, que até então não tinha tido oportunidade.”</p>
<p>“Ah, a diferença é que aqui tem mais obras. Tem museus, tem tudo. Te dá mais benefícios. É maior, né. Aqui é um ponto turístico de São Paulo. Então acho que parque nenhum equipara com esse daqui. [...]. As pessoas tem que saber que isso aqui é um parque de lazer, de cultura, pra quem quer conhecer um parque bacana, que venha conhecer o <b>Parque do Ibirapuera!</b>”</p>	<p>“É... bem, na verdade, como é a primeira vez que eu estive no <b>parque</b>, eu não tive muito tempo pra ver toda a infraestrutura que o parque oferece, mas achei muito interessante o que tem dentro do parque, em termos de estrutura tanto para adulto quanto para crianças, para esportistas para pessoas idosas. Tem facilidade para cadeirantes.”</p>
<p>“Aumentou bastante a galerinha que anda de skate, a galerinha que anda de patins, por conta de uma nova reforma que eles fizeram há um tempo atrás aqui no parque né, eles asfaltaram, fizeram um asfalto novo. Isso eles incentivaram o pessoal vim usufruir do <b>parque.</b>”</p>	<p>“Superou minhas expectativas! O <b>parque</b> tem uma infraestrutura muito interessante e é muito bonito e, percebe-se assim que o pessoal, que o povo realmente usufrui do que o parque oferece. Realmente tem uma infraestrutura muito interessante!”</p>
<p>“Ah, natureza sensacional! Acho que, sei lá. O <b>parque</b> é maravilhoso! Um sentimento assim... Acho que [olha só...] um carinho que ele dá...”</p>	<p>“É um <b>parque</b> que oferece opções pra todas as idades, tanto pras pessoas jovens (juvenil), quanto pras crianças, quanto pros idosos...né...então isso que me chamou a atenção”</p>
<p>“Eu trabalho todos os dias neste <b>parque</b>. Vejo todo o dia a natureza, vejo todo o dia as pessoas tudo focada ali, cada uma na sua atividade.”</p>	<p>“Seria ótimo se houvessem mais <b>Ibirapueras</b> espalhados pelo mundo”.</p>

Como podemos notar na Tabela 8, outra questão importante que requer nossa atenção é o caráter da imagem social que foi produzida a partir da imersão do Sujeito 1 e do Sujeito 2 naquela estrutura material de mediação. Para haver mais clareza na observação desse processo, podemos partir das informações disponibilizadas nos trechos anteriores das entrevistas para dizer que nos cabe considerar sempre que a instalação do mundo guia os indivíduos em sua faixa de atividades. Aliás, neste sentido Campos e Rouquette (2003), ao estudarem o componente afetivo das representações sociais, pela abordagem estrutural, nos despertam para o fato de que as representações sociais são atravessadas por diferentes dimensões afetivas, sendo que a distribuição de cargas afetivas também interfere na organização da Zona do Núcleo Central. Assim, ainda que os as relações entre o núcleo central e as dimensões afetivas ainda estejam por serem estudadas pela abordagem estrutural da Psicologia, não podemos desconsiderar que a apropriação do Parque Ibirapuera pelo Sujeito 1 e pelo Sujeito 2 foram indiscutivelmente marcadas por socioafetividades: “O parque é maravilhoso! Um sentimento assim... Acho que [olha só...] um carinho que ele dá...”; “Superou minhas expectativas! [...].Seria ótimo se houvessem mais Ibirapueras espalhados pelo mundo”.

Como vimos anteriormente, os contornos do parque personalizado por qualquer perspectiva paisagística são também carregados de socioafetividades, de modo que até podemos encontrar semelhanças entre as o desenho do Sujeito 1 e a sua experiência partilhada nas filmagens e na entrevista. Para o vendedor de água de coco, o olhar através da perspectiva da barraca é um comportamento marcado, convencionalizado, prescritivo e tão recorrente que a prática desse objeto na realidade diária converge com as formas de manejo do lugar. Um exemplo disso é que o Sujeito 1 desenhou um espaço vazio no canto inferior esquerdo do esboço e, quando questionado na entrevista, mostrou-nos que aquele objeto - a barraquinha de água de coco - tem um significado que extrapola a visibilidade física. A profusão simbólica da barraca é uma “janela” para a percepção da paisagem, como apontou este trecho da entrevista (Cf. Apêndice 8):

Ah, o que tem aqui no desenho aqui é a Oca, como pode ver perfeitamente que a Oca. Dá pra ver que é a Oca. Aqui eu quis fazer... eu quis desenhar aqui a pista do parque, a pista do parque no geral, né. Aqui a ciclovia. A ciclo faixa, né. Aqui é lá no final do lago, aqui eu tentei fazer um lago, aqui e tentei fazer tipo o chafariz. Aqui tentei fazer o chafariz. Aqui é onde, você tendo a visão assim, você vê a visão dos carros [quer dizer que do lado esquerdo, essa parte azul é a fonte, como é que as pessoas chamam? Multimídia, né?]. Que o pessoal tem chamado fonte de multimídia por conta do jeito dela se comunicar, da dança das águas. [...]. Só faltou eu desenhar do Museu Afro que eu não desenhei... Faltou a minha barraca!



**Figura 32.** Cena filmada pela perspectiva da barraca de água de coco - Sujeito 1



**Figura 33.** Desenho com vista a partir da barraca (o espaço vazio inferior à esquerda) – Sujeito 1



Já podemos dizer que as crenças que se tornaram nucleares para os participantes da pesquisa, a nosso ver, mediaram a “escolha” do Sujeito 1 para uma trajetória convergente com o lugar mais frequentado por patinadores e skatistas do Parque. Para o Sujeito 1, o olhar que partiu da barraquinha de água de coco voltou-se para as dimensões culturais do parque, provavelmente, porque a Marquise é instrumento de conexão entre o Museu de Arte Moderna e o Museu Afro Brasil, como também fornece acesso viável à Fonte Multimídia, à Passarela Metálica e ao seu próprio espaço de atuação profissional, que na Figura 28 marcamos a localização pelo uso de um guarda-sol colorido. Semelhante ao primeiro participante, o Sujeito 2, também pode nos exemplificar como a dimensão afetiva condicionou o comportamento do pai de uma criança, amante da marcenaria e do futebol, que percorreu as estruturas materiais de mediações mais associadas ao lazer, dentre as quais ele fotografou as quadras poliesportivas, o parquinho infantil, os tipos de árvores dos bosque e os bancos de eucalipto utilizados nas estações de leitura.

Durante a análise das fotografias, videograções, desenhos e entrevistas coletadas, notamos que as experiências paisagísticas concentram-se em elementos nucleares ou próximos a ele, de modo exista uma partilha social das “emoções” ou uma mediação contextual das estruturas “cognitivas” dos pesquisados. Vimos que os elementos mais carregados de centralidade na representação social reforçam a negociação entre as condições físicas, psicológicas e sociais, as quais estão em constante movimento, incidindo na produção de práticas para guiarem os indivíduos e coletivos no cotidiano, inclusive socioafetivamente. No caso do Sujeito 2, quando tomamos a sua experiência paisagística primeiramente pela perspectiva da entrevista (Cf. Apêndice 9), e depois pela fotografia e pelo desenho, entendemos que as condições de realização operatória e social das fotografias agregaram elementos simbólicos na composição da imagem social da “sua” paisagem do Parque Ibirapuera, que foi composta em meio à *selva de pedra* operacionalizada pelo mapa do Guia de Visitação:

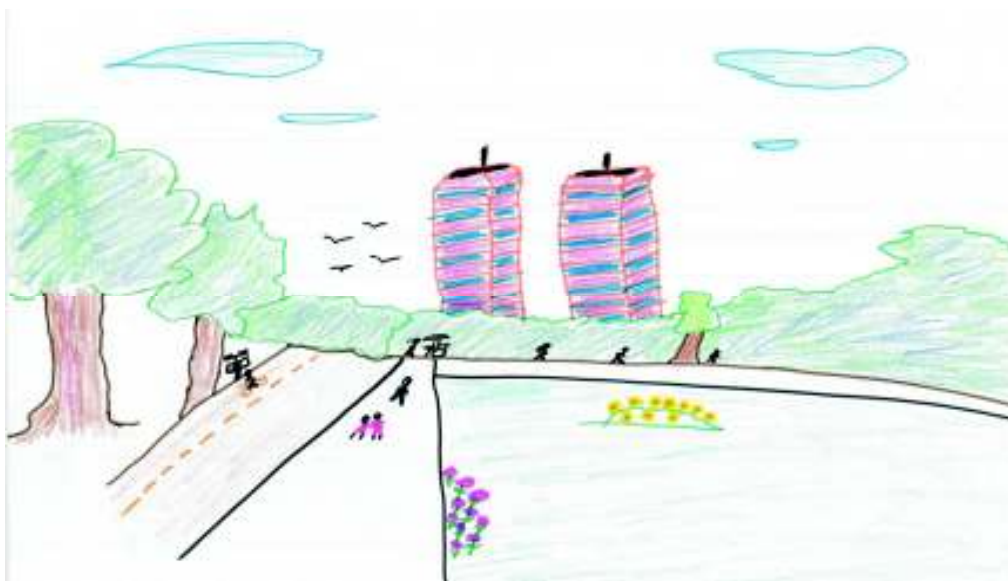
Uma coisa que me chamou a atenção caminhando pelo parque, é... que sem um mapa, pra uma primeira visita eu estaria perdido, porque eu não vi muitas placas de sinalização nas trilhas, nas pistas indicando...hã...se você tomar esta direção você vai pra tal parte...se você tomar aquela direção você vai pra tal parte. Eu acho que o parque poderia melhor um pouco esta questão de sinalização. [sim...] Pra uma primeira visita, eu senti dificuldade. [...]É, na verdade, a natureza que o parque oferece pra população, acho que é um dos maiores atrativos que ele tem. A floresta como um todo. E, se você observar, acho que na segunda foto que eu tiro, durante esta oportunidade que você me

ofereceu, a segunda foto, você vê os prédios ao fundo. Então aquilo ali me chamou muita atenção e o meu desenho foi, se você observar também, foi linkado a isso. Que é o contraste entre a natureza... *a selva, a selva de pedra, que é a cidade*. Então isso foi o que mais me chamou a atenção, na verdade, além do que eu encontrei dentro do parque... da floresta, foi este contraste, a selva, natureza, contra a *selva de pedra*.

**Figura 34** Fotografia da perspectiva do parque infantil com vista para a cidade - Sujeito 2



**Figura 35.** Desenho da perspectiva do parque infantil com vista para a cidade - Sujeito 2



Os dois participantes da pesquisa nos confirmaram que a paisagem é lugar de pertencimento e também de estranhamento. Em sentido muito geral, a ação dos usuários do parque demonstrou ter uma vertente relacional subjetiva com o sistema. Nesse sentido, as duas experiências mediadas pelo Ibirapuera implicam na visualização de uma unidade de ação que tem hierarquia funcional com um sistema. Consonante com o que pensou Dubet (1996, p. 140), constatamos que a heterogeneidade dos princípios da ação realmente nos remete para a heterogeneidade do sistema e para a própria heterogeneidade dos mecanismos que “determinam” as lógicas de ação. Diante disso, não podemos chamar os participantes de nossa pesquisa de “agentes”, mas de “atores”, porque a construção de uma coerência da experiência vivida dependeu da capacidade individual de ação que derivou exigências de adaptação ao contexto. Por outras palavras, as experiências paisagísticas vislumbradas nesta tese reforçam que “o ator constrói uma experiência que lhe pertence, a partir de lógicas da ação que não lhe pertencem e que lhe são dadas pelas diversas dimensões do sistema”. Lembramos, porém, que essa explicação “causal” da formação de lógicas da ação não impede a formação de uma experiência autônoma, que produza “novas” representações no contexto dos parques urbanos. Mas, o que nos interessa agora é confirmar que houve, em nosso estudo de caso do Parque Ibirapuera, a combinação da experiência social com a subjetividade, embora a relação com o sistema de representação do lugar tenha sido determinante para apropriação das estruturas da instalação.

Assim, podemos dizer ainda que o exercício empreendido pelo envolvimento dos pesquisados com a instalação, em todas as fases da pesquisa, pressupôs a observação de imagens supostamente “fluidas”, que mesmo diante do fato de portarem uma dinâmica particular, também validaram a lógica da estabilidade e organização da representação social da paisagem. A experienciação do Sujeito 1 e do Sujeito 2 despontaram-se como resultado do olhar para os modos de integração das pessoas no mundo. A experiência intensiva no contexto material, expresso pela “imagem-guia” do lugar e pelos procedimentos narrativos da vivência, ganhou destaque nessa pesquisa, mesmo que de maneira abreviada. Nossa finalidade foi demonstrar que as condutas sociais estabelecem correlações entre os comportamentos dos indivíduos, na mesma medida em que suas posições sociais revelam a correspondência entre fenômenos socioafetivos e uma estrutura material de mediação.

Tivemos evidências, mesmo diante do conhecimento ou desconhecimento das dimensões físicas da instalação, que ambos os pesquisados tiveram que dispor de

condutas apropriadas ao uso do sistema físico e simbólico de integração das pessoas no Parque Ibirapuera. Quer dizer que além da disposição para execução de tarefas específicas ao contexto, eles passaram por processos de socialização, em diferentes escalas, mas com semelhantes condições objetivas e subjetivas a serem atendidas. Em suma, o Sujeito 1 e o Sujeito 2 tinham o compromisso de participação em uma pesquisa, o que por si só já gerou demandas e fomentou expectativas para a experiência na paisagem do parque. Pela utilização personalizada da instalação física do Ibirapuera, os dois sujeitos nos demonstraram que a perspectiva paisagística viabiliza a prática da apropriação e da percepção funcional/estrutural do objeto através de sua representação.

Podemos dizer que para a interpretação da experiência social no Parque Ibirapuera congrega eficientemente uma rede de perspectivas paisagísticas mediadas pela fotografia, pela videogravação via subcam, pelo desenho e pela entrevista semiestruturada. Sustentados por uma investigação qualitativa, o nosso trabalho de teor etnográfico também dispôs de um método fundado no “sensível”, porque a nossa observação não deixou em nenhum momento de se interessar pelas atividades relacionadas aos significados que são concedidos às pessoas e aos lugares. Neste capítulo particularmente, caminhamos pelas vias de uma reflexão que vislumbra o parque como lugar preenchido pelo simbólico, pelo socioafetivo, pelo estrutural. Diante disso, a experiencição e comunicação de imagens proporcionou-nos o uso das mais diversificadas perspectivas para a observação da apropriação dos ambientes de cultura.

A promoção da reapropriação psicossocial do Parque, pelos Sujeitos 1 e 2, nos forneceu subsídios para tratarmos com a experiência social no Ibirapuera pela perspectiva paisagística. As duas imersões ampliaram as possibilidades interpretativas da paisagem experienciada em uma instalação que aproxima a natureza do lazer, do esporte, da cultura e até mesmo do trabalho. Diante da multiplicidade do material reunido, coube-nos desdobrar sem grandes aprofundamentos as imagens sociais que indivíduos envolvidos em modos específicos de interação conseguiram reproduzir. A paisagem concretizou-se para nós como fenômeno cultural polissêmico, experimentando variadas traduções dentro dos limites da representação social do lugar.

Foi com base nisto, afinal, que além da aplicação do questionário de evocações, também elencamos dois participantes para a experienciarem a paisagem do Parque Ibirapuera. Durante todo o processo de escrita desta tese, estivemos posicionados diante da necessidade de compreensão dos contornos e arranjos sociais preenchidos de e por uma ordem objetiva/subjetiva. A interatividade vivenciada pelos

participantes da pesquisa se transformou em uma rica oportunidade para a observação do vínculo do ser com um fenômeno polissêmico, mas estruturado e, por isso, limitado. A paisagem do parque é absolutamente interpretável e faz-se um modelo de permuta para a continuidade da percepção e, conseqüentemente, da significação.

Diante do exposto até agora, concluímos então que o Parque Ibirapuera persiste aos mais diversos de “teste de realidade”, no amago *da selva de pedra*, porque a sua conservação e fortalecimento representacionais são plenamente compatíveis com a sobrevivência de uma “boa” representação. O Ibirapuera existe em comunhão com as regras (in)formais de boas práticas, truques ou tradições que o transformam em produto e produtor de interesses locais, já que a “cidade cinza” carece permanentemente do contraponto “verde” que promove o *bem estar* ao habitante da megalópoles que não cessa de se expandir física e simbolicamente. Os mecanismos estáveis e organizados, que são acionados para promover a “evolução” de objetos semelhante ao Parque Ibirapuera, permitiu-nos a observação de uma instalação extremamente estruturada, onde estão bem norteados os componentes de sua representação social.

## **PARA INTERPRETAR PAISAGENS, EXPERIÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: BREVES CONSIDERAÇÕES**

*Não fatiguei a minha inquietação. Mas fatigá-la é só o que tenho para a anular.* Vergílio Ferreira

Esta tese mediou um exercício de leitura que reúne diferentes arcabouços teóricos inclinados à observação da paisagem como fenômeno que sempre despertou o interesse de filósofos, sociólogos, linguistas, historiadores. Mas, foi para as contribuições dos estudiosos da Antropologia e da Geografia que nos interessou dar destaque inicial, porque tais contribuições evidenciaram um arcabouço teórico que nos aproximou da polissemia do fenômeno cultural paisagem, que ao longo do estudo foi compreendido como objeto de significados estáveis, organizados e limitados.

Precisamos destacar que o uso da atividade etnográfica prescreveu, neste contexto, um percurso trilhado em meio à escolha de um ângulo ou de um olhar que melhor configure a estrutura em emergência na tese. Muito embora não haja neste estudo apenas o enfoque etnográfico, podemos dizer que esta composição elegeu determinado caminho interpretativo para dar tónus a uma proposta de pesquisa que não pôde ser resumida em termos simples. Sendo fruto da seleção de um itinerário promovido entre tantas possibilidades discursivas sobre a paisagem, o que esta tese apresentou foi um problema de pesquisa que não sustenta sua própria dissolução. Dizemos isso porque a adoção de uma perspectiva unilateral sobre a paisagem implicaria na escolha do “melhor conceito”, a fim de que pudéssemos destrinchá-lo e dissecá-lo para suprimir a polissemia de um objeto multi-experenciado.

Nosso objeto de pesquisa é um fenômeno oriundo do senso comum, e como tal sustenta uma abordagem quanti-qualitativa desde que suas características intrínsecas sejam potencializadas. Diante disso é que começamos esta tese diante da convergência inicial com uma proposta de análise ensaística, porque a escolha da paisagem para estudo sempre trilhou o caminho das escolhas interpretativas. Já no primeiro capítulo, diante da experientiação e comunicação de paisagens pelo antropólogo ou etnógrafo, apresentamos com muita nitidez as dificuldades de interpretação que se descortinam mais como campo de múltiplas dúvidas, do que como um universo de conclusões afastadas dos grandes embates. No segundo capítulo, a polissemia tanto conceitual quanto disciplinar da nos serviu para coroarmos as dificuldades desta pesquisa nascente

de um objeto de históricos dissensos. Quando chegamos ao terceiro capítulo, o ato de etnografar a paisagem passou então a ser uma medida de aproximação da estabilidade e organização de um fenômeno, sem o distanciamento de sua polissemia. Neste ponto, a observação e a interpretação da paisagem foram justapostas às representações sociais. A partir disso, acabou por conceber uma tese que fosse também um instrumento de produção do conhecimento científica em meio a teorias, técnicas e métodos para promoção do diálogo com a paisagem de uma maneira que se mostrou reveladora.

Assumimos, portanto, que este estudo, que foi concebido como embrião de uma escrita etnográfica, teve nesta tese um aporte teórico inclinado a conciliar a etnografia com a capacidade de análise estrutural, mesmo diante das amplitudes físicas e psicossociais da paisagem. Foi esse movimento de lidar simultaneamente com a paisagem e as representações sociais, em nível interpretativo, que colocou em evidência o fenômeno de cultura vinculado à experiência, o qual tem significações resultantes da interação de indivíduos e coletivos no ambiente social. A fluidez e dinâmica da paisagem, quando foram observadas segundo a sua estabilidade e sua organização representacional, segundo a ênfase no núcleo central, acabaram por reconfigurar esse fenômeno de cultura como um objeto que é gerador de significados circunstâncias e em uma determinada direção.

Neste sentido é que a Psicologia Social, utilizada como elemento aglutinador nesta tese, deixou o nosso leitor desperto para a validade de uma abordagem estrutural da paisagem que acentuou, no quarto e quinto capítulos, o caráter prescritivo e convencional de um objeto que tem “polissemia limitada”, porque é efetivamente estável e organizado. A multiplicidade conceitual da paisagem, principalmente quando foi visualizada estruturalmente na Psicologia Social, revelou-se um fenômeno de cultura que comporta interpretações e interações muito expressivas, porque suas arestas passam a ser aparadas no âmago de uma abordagem que visa estudar objetivamente a estrutura de uma representação social.

Para nós, o estudo da instalação, das evocações e da experiência paisagística - que empregou até mesmo o uso de fotografia, filmagens em microcâmera (subcam), desenhos e entrevistas - descortinou um campo psicossocial de buscas, envolvimentos e especialmente elucidaciones. De fato, a abordagem estrutural da Psicologia Social viabilizou teórica e metodologicamente um estudo multidisciplinar que recebeu delineamentos mais precisos quando se inclinou para o estudo das representações. A arena do senso comum fortaleceu e sustentou a ponte que relaciona a paisagem com o



seu caráter físico, psicológico e social. De outro modo, podemos confirmar que a nossa pesquisa sobre a construção social de um objeto material (físico) e imaterial (simbólicos), ganhou encaminhamentos técnico-metodológicos bastante eficientes quando repensou as representações sociais da paisagem dos parques urbanos por um processo evolutivo, uma vez que a imagem do objeto geralmente está conformada ou reiterada para sobreviver aos confrontos com as diferentes comunidades que dele se apropriam. O processo de comunicação e difusão das representações sociais de paisagens dos parques, mais precisamente, evidenciou um fenômeno de cultura que tem a capacidade de simbolização, primada na representação do lugar.

Nosso objeto de estudo, a paisagem, foi rerepresentado no decorrer deste estudo por sua capacidade de perpassar pela experiência cultural do espaço e do tempo, fomentando a leitura do universo público que abrange a reedição de práticas culturais subsidiadas por imagens subjetivas/objetivas. A interpretação da paisagem esteve, assim, associada à construção do objeto pela exercício reflexivo que nos revelou o lugar cada vez mais caracterizado e singularizado, inclusive socioafetivamente.

Por fim, fizemos um caminho que nos fez compreender que as paisagens do Bosque dos Buritis, do Lago das Rosas e do Parque do Ibirapuera só puderam ser interpretadas pelo prisma psicossocial porque estão estruturadas e organizadas. Elas são sustentadas por fronteiras de valores sociais e pela subjetivação nas relações simbólicas. Mas, sempre serão as práticas discursivas que enunciam a paisagem que executarão o papel de condensar marcas e matrizes contextuais, que são sustentadas por traços estéticos, históricos, espaciais, todos comungados com a produção de elementos significativos para senso comum segundo a efetivação de experiências sociais. Ou seja, são os motes referenciais oriundos da cultura que validarão ou não a experiência paisagística que perpetua uma relação simétrica e minimamente coerente, dentro de um campo de representações sociais que é totalmente interdependente das inter-relações pessoais com os lugares e seus significados.

Em suma, nossa tese atingiu seu objetivo principal quando concedeu especial atenção à capacidade de simbolização da paisagem, primada na representação social do lugar e na experiência cultural do espaço e do tempo, porque fomentou a leitura do universo público que abrange a reedição de práticas culturais impregnadas no espaço. A nossa interpretação da paisagem esteve o tempo todo associada à construção do olhar, primeiramente pela perspectiva de um exercício antropológico, que prima pela descrição dos fenômenos culturais polissêmicos, e depois pela abordagem psicossocial

do lugar estável e organizado no âmbito das sociedades. Nosso estudo é agora um resultado significativo do exercício convergente com uma proposta multidisciplinar, sendo o produto decorrente de um percurso etnográfico baseado no contato intersubjetivo de uma antropóloga com um objeto social sustentado por fronteiras de valores complexas e pela subjetivação/objetivação das relações simbólicas. Podemos dizer, finalmente, que esta tese concretiza-se como a prática discursiva que perpassou a interpretação da marca, matriz ou instalação física e psicossocial e correlacionou as representações à experiência paisagística do sujeito junto aos lugares e aos significados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, Jean-Claude. *Jeux, conflits et représentations sociales*. Thèse (Doctorat), Université de Provence, Aix-en-Provence, 1976.

\_\_\_\_\_. L'artisan et l'artisanat: analyse du contenu et de la structure d'une représentation sociale. *Bulletin de Psychologie*. Tome XXXVII, n. 366, p. 861-875, 1984.

\_\_\_\_\_. *Coopération, compétition et représentations sociales*. Cousset-Fribourg: Del Val, 1987.

\_\_\_\_\_. L'étude expérimentale des représentations sociales. In: JODELET, Denise (Ed.). *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989.

\_\_\_\_\_. L'organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique. In: GUIMELLI, Christian (Ed.). *Structures et transformations des représentations sociales*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1994a.

\_\_\_\_\_. *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994b.

\_\_\_\_\_. *Psychologie de la communication: théories et méthodes*. Paris: Éditions A. Colin, 1996.

\_\_\_\_\_. A abordagem estrutural das representações sociais. MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. Goiânia: AB, 1998, pp. 27-38.

\_\_\_\_\_. Abordagem Estrutural das Representações Sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, Pedro Humberto Faria; LOUREIRO, Marcos Corrêa da Silva (Orgs.). *Representações Sociais e Práticas Educativas*. Goiânia: Editora da PUC-Goiás, 2003, pp. 37-57.

\_\_\_\_\_. La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales. In: J. C. ABRIC, Jean-Claude (Org.). *Méthodes d'étude des représentations sociales*. Saint-Agne: ÉRÈS, 2003b, pp. 59-80.

ALMEIDA, Ângela Maria de O.; COSTA, Wilse A. da. Teoria das Representações Sociais: uma abordagem alternativa para se compreender o comportamento cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais. *Revista Educação Pública*, v.8, n.13, jan./jun., UFMT. pp. 250-280, 1999.

ALVARES, Geraldo Teixeira. *A luta na epopeia de Goiânia*. Uma obra de engenharia nacional. Rio de Janeiro: Gráfica do Jornal do Brasil, 1942.

AMMA - Agência Municipal do Meio Ambiente – Goiânia. *Parques e Bosques*. Disponível em: <http://www.goiania.go.gov.br/shtml/amma/parquesebosques.shtml>  
Acesso em: 23/08/2013.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BAGNASCO, Arnaldo. *Tracce di comunità*. Bologna: Il Mulino, 1999.

BENJAMIN, Walter. O narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskow e sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter, HORKHEIMER, Max et al. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 57-74.

\_\_\_\_\_. *A origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Bransiliense, 1984.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998 [1984], p. 84-91.

\_\_\_\_\_. Milieu, trajet de paysage et déterminisme géographique. *L'espace géographique*, v. 9, n. 2, p. 99-104, 1985.

\_\_\_\_\_. La transition paysagère ou sociétés à pays, à paysage, à shanshui, à paysagement. *L'espace géographique*, v. 13, n. 1, p. 18-20, 1989.

\_\_\_\_\_. Introduction. In: BERQUE, Augustin (org.). *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Seyssel: Champ Vallon, 1994a, p. 5-10.

\_\_\_\_\_. Paysage, milieu, Histoire. In: BERQUE, Augustin (org.). *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Seyssel: Champ Vallon, 1994b, p. 11-29.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BLOISE, Paulo. *Surfando na Marquise*. São Paulo: Cosac Naify; Edições SESC-SP, 2008, Libreto de 72p.

BOAS, Franz. A formação da antropologia americana 1883-1911. STOCKING Jr. George W. (Org.). *Antologia – Franz Boas*. Rio de Janeiro: Contraponto ; Editora UFRJ, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Por uma ciência das obras. In: *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996, p. 53-83.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. *A distinção – crítica social do julgamento*. Porto Alegre; São Paulo: Zouk; EdUSP, 2007.

CAMARGO, B. C. Estratégias de pesquisa pluri-metodológicas. In: MOREIRA, A. S. P.; CAMARGO, B. V.; JESUÍNO, J. C.; NÓBREGA, S. M. (Orgs.). *Perspectivas*

teórico-metodológicas em representações sociais. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2005, pp. 19-24.

CAMPOS, Pedro Humberto Faria. A Abordagem Estrutural e o estudo das relações entre práticas e representações sociais. In: CAMPOS, Pedro Humberto Faria; LOUREIRO, Marcos Corrêa da Silva (Orgs.). *Representações Sociais e Práticas Educativas*. Goiânia: Editora da PUC-Goiás, 2003, pp. 21-36.

CAMPOS, Pedro Humberto Faria; LOUREIRO, Marcos Corrêa da Silva. Apresentação. In: CAMPOS, Pedro Humberto Faria; LOUREIRO, Marcos Corrêa da Silva (Orgs.). *Representações Sociais e Práticas Educativas*. Goiânia: Editora da PUC-Goiás, 2003, pp. 11-17.

CAMPOS, Pedro Humberto Faria; ROUQUETTE, Michel-Louis. Abordagem Estrutural e Componente Afetivo das Representações Sociais. *Psicologia Reflexão e Crítica*, n. 16, v. 3, p. 435-445, 2003.

CASEY, Edward S. *Getting Back into Place: toward a renewed understanding of the Place-World*. Bloomington: Indiana University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. How to Get from Space to Place in a Fairly Short Stretch of Time: Phenomenological Prolegomena. FELD, Steven; BASSO, Keith H. (Orgs.). *Senses of Place*. Santa Fe, New México: School of American Research Press, 1996, p. 13-52.

CASTRO, Ricardo Vieiralves de. Prefácio. In: ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeide Araújo (Orgs.). *Teoria das Representações Sociais – 50 Anos*. Brasília: TechnoPolitik Editora, 2011, pp. 5-12.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009 [1980].

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Símbolos das paisagens do cerrado goiano. ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.). *Tantos cerrados*. Goiânia: Editora Vieira, 2005, p. 47-62.

CHAUL, Nasr Fayad. *A construção de Goiânia e a transferência da capital*. Goiânia: Editora UFG, 1999.

CLIFFORD, James. Introduction: partial truths. In: CLIFFORD, J.; MARCUS, G. E. (Eds.). *Writing culture*. Berkeley: University of California Press, 1986.

\_\_\_\_\_. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998.

CODOL, Jean-Pierre. La representation du groupe: son impacte sur les comportements des membres d' un groupe et leurs representations de la tâche, d' autrui et de soi-meme. *Bulletin de Psychologie*, n. 24, p. 111-122, 1970.

CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

COSGROVE, Denis Edmund. *The Iconography of Landscape: Essays on the Symbolic Representation, Design and Use of Past Environments*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

\_\_\_\_\_. *Social formation and symbolic landscape*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1998a [1984].

\_\_\_\_\_. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo das paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro : EdUERJ, 1998b [1989], p. 92-123.

DaMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 23-35.

DANSERO, Egidio; VANOLO, Alberto. Per una geografia del paesaggio industriale in Italia: un'introduzione. DANSERO, Egidio; VANOLO, Alberto (Orgs.). *Geografie dei paesaggi industriali in Italia: riflessioni e casi studio a confronto*. Milano: Angeli, 2006, p. 11-16.

DEGENNE, A. Presentation de l'analyse de similitude. *Informatique et Sciences Humaines*, n. 67, p. 7-26, 1985.

DEMATTEIS, Giuseppe; GOVERNA, Francesca; VINCI, Ignazio. La territorializzazione delle politiche di sviluppo: un'applicazione del modello Slot allá Sicilia. *Archivio di Studi Urbani e Regionali*, n. 77, 2003, p. 33-74.

DERRIDA, Jacques. The spatial arts: an interview with Jacques Derrida. BRUNETTE, Peter; WILLS, David (Orgs.). *Deconstruction and the visual arts: art, media, architecture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 9-32.

DOISE, Willen. Les représentations sociales: définition d'un concept. DOISE, W.; PALMONARI, A. (Orgs.). *L'étude des représentations sociales*. Paris: Delauchaux e Niestlé, 1986, pp. 81-94.

\_\_\_\_\_. L'ancrage dans l'étude des représentations sociales. *Bulletin de Psychologie*, XLV, n. 405, p. 189-195, 1992.

\_\_\_\_\_. Da psicologia social à psicologia societal. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, v. 18, n. 1, p. 27-35, 2002.

DUBET, François. *Sociologia da Experiência*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996 [1994].

DUNCAN, James. *The city as text: The politics of landscape interpretation in the Kandyan Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Os Nuer: uma descrição dos modos de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva, 2007 [1940].

FLAMENT, Claude. L'analyse de similitude: une technique pour les recherches sur les représentations sociales. In: DOISE, W.; PALMONARI, A. (Eds.). *L'étude des représentations sociales*. Paris: Delachaux et Niestlé, 1986, pp. 139-156.

\_\_\_\_\_. Pratiques et représentations sociales. In: BEAUVOIS, J. L.; JOULE, R.; MONTEIL, J. M. (Eds.). *Perspectives cognitives et conduits sociaux*. Cousset-Fribourg: Del Val, 1987.

\_\_\_\_\_. Structure et dynamique des représentations sociales. In: JODELET, Denise (Ed.). *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989.

\_\_\_\_\_. Structure, dynamique et transformation des représentations sociales. In: ABRIC, Jean-Claude (Ed.). *Pratiques sociales et représentations*. Paris: PUF, 1994a.

\_\_\_\_\_. *Aspects périphériques des représentations sociales*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, p. 85-118, 1994b.

\_\_\_\_\_. Approche structurale et aspects normatifs des représentations sociales. *Psychologie et Société*, v. 4, n. 2, p. 57-80, 2002.

FLAMENT, Claude. La représentation sociale comme système normatif. *Psychologie et Société*, n. 1, p. 29-53, 1999.

FLAMENT, Claude; ROUQUETTE, Michel-Louis. *Anatomie des idées ordinaires. Comment étudier les représentations sociales*. Paris: Armand Colin, VUEF, 2003.

FOLHETO. *Cidade de São Paulo – pontos turísticos*. São Paulo: Secretaria de Turismo e Fomento; Prefeitura Municipal de São Paulo, 1971.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em W. Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

GAMBI, Lucio. *Geografia regione depressa*. Faenza: Fratelli Lega, 1961.

GaWC - Globalization and World Cities Study Group & Network. *Inventory of World Cities*. Leicestershire, England: University of Loughborough, 2010.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989 [1971].

\_\_\_\_\_. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

\_\_\_\_\_. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GIUMBELLI, Emerson. Para além do “trabalho de campo”: reflexões supostamente malinowskianas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 48, v. 17, pp. 91-107, 2002.

GUERRA, Gilberto Clarício Martinez; ICHIKAWA, Elisa Yoshi. A Institucionalização de Representações Sociais: Uma Proposta de Integração Teórica. *Rege*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 339-359, jul./set. 2011.

GUIA DE VISITAÇÃO. *Parque Ibirapuera*. São Paulo: Secretaria do Verde e do Meio do Ambiente da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2012.

GUIMELLI, Christian. Transformation des représentations sociales, pratiques nouvelles et schèmes cognitifs de base. In: GUIMELLI, Christian. *Structures et Transformations des représentations sociales*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1994. p. 171-198.

\_\_\_\_\_. Differentiation between the central core elements of social representations: normative vs. functional elements. *Swiss Journal of Psychology*, nº 57, v. 4, p. 209-224, 1998.

\_\_\_\_\_. Le modèle des schèmes cognitifs de base (scb): méthodes et applications. In: ABRIC, Jean-Claude (Org.) *Méthodes d'étude des représentations sociales*. Ramonville Saint-Agne: ÈRÈS, 2003. p. 119-143.

GUIMELLI, Christian; Michel-Louis, ROUQUETTE. Contribution du Modèle associatif des schèmes cognitifs de base à l'analyse structurale des représentations sociales. *Bulletin de Psychologie*, tome XLV, n. 405, p. 196-202, janvier-février, 1992.

HEIDEGGER, Martin. *Poetry, language, thought* ( Albert Hofstadter, Trans.). New York: Harper & Row, 1971.

HOLZER, Werther. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 149-168.

HUSSERL, Edmund. *The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology*. Evanston: Northwestern University Press, 1999.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Goiânia*. Rio de Janeiro: Gráfica do IBGE, 1942.

\_\_\_\_\_. Cidades@ 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat> Acesso em: 20/08/2013.

RIBERIO, Luiz César de Queiroz; RIBEIRO, Marcelo Gomes (Orgs.). *Índice de Bem-Estar Urbano*. INCT – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Observatório das Metrópoles. Rio de Janeiro: Letras capital, 2013.

JODELET, Denise. 1985. La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In: MOSCOVICI, Serge (Org.). *Psicología Social*. Barcelona: Paídos 1985, pp. 469-494.

\_\_\_\_\_. Representações Sociais: um domínio em expansão. JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001, pp. 17-44.



- LA BLACHE, Vidal de la. *Princípios de geografia humana*. Lisboa: Cosmos, 1954 [1917].
- LACOSTE, Yves. A quoi sert le paysage? Qu'est-ce un beau paysage. *Hérodote*, v. 7, p. 3-41, 1977.
- LAHLOU, Saadi. *Designing User Friendly Augmented Work Environments*. London: Springer, 2000.
- LAHLOU, Saadi. Functional Aspects of Social Representations. In : DEAUX, Kay; PHILOGENE, Gina (Eds.). *Representations of the Social*. Oxford: Blackwell, 2001, pp. 131-146.
- \_\_\_\_\_. Tecnologia e cultura das representações sociais. In: OLIVEIRA, Denize Cristina; CAMPOS, Pedro Humberto Faria Campos (Orgs.). *Representações Sociais: Uma teoria sem fronteiras*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005, pp. 99-108.
- \_\_\_\_\_. *A Psicologia e a Construção Sócio-cognitiva dos Objetos*. Belém, Pará: Universidade da Amazônia, 2011a. (Conferência ministrada na 41ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia).
- \_\_\_\_\_. Difusão das representações e inteligência coletiva distribuída. In: ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeide Araújo (Orgs.). *Teoria das Representações Sociais – 50 Anos*. Brasília: TechnoPolitik Editora, 2011, pp. 59-96.
- LEFEBVRE, Henri. *The production of space*. Oxford, Blackwell, 1981 [1974].
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005 [1955].
- LOWENTHAL, David. Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 51, n. 3, p. 241-260, 1961.
- MAGNAGHI, Alberto. La rappresentazione identitaria del patrimonio territoriale. DEMATTEIS, Giuseppe; FERLAINO, F. (Orgs.). *Il mondo e i luoghi: geografie delle identità e del cambiamento*. Torino: IRES/SGI, 2003, p. 13-20.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Os Argonautas do Pacífico: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 [1922].
- \_\_\_\_\_. *A scientific theory of culture and other essays*. Oxford: Oxford University Press, 1944.
- MARCUS, George; FISCHER, Michael J. *Anthropology as Cultural Critique*. Chicago: Chicago University Press, 1986.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política de espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MEINIG, Donald W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. *Espaço e Cultura*, n. 13, p. 35-46, 2002 [1976].

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002, pp. 29-64.

MENIN, Maria Suzana De Stefano. Os aspectos normativos das representações sociais. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá/MT, v. 16, n. 30, p. 121-135, jan.-abr. 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1979.

\_\_\_\_\_. *O Primado da Percepção e suas Consequências Filosóficas*. Campinas: Papirus, 1990.

MOYSÉS, Aristides. *Goiânia: metrópole não planejada*. Goiânia: Editora da UCG, 2004.

MOLINER, Pascal. Validation expérimentale de l'hypothèse du noyau central des représentations sociales. *Bulletin de Psychologie*, XLI, v. 387, p. 759-762, 1989.

\_\_\_\_\_. *La représentation sociale comme grille de lecture*. Aix-en-Provence: Presses de l'Université d province, 1992a.

\_\_\_\_\_. Structure de représentation et structure de schèmes. *Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, n. 14, p. 48-52, 1992b.

\_\_\_\_\_. MOLINER, Pascal. ISA: L'induction par Scénario Ambigu – une Méthode pour L'étude de représentation sociale. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, tomo 6, n. 2, p. 7-21, 1993.

\_\_\_\_\_. *Images et représentations sociales*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1996.

MOSCOVICI, Serge. *La Psychanalyse, son image et son public*. Paris: Press University de France, 1961 [1976].

\_\_\_\_\_. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. JODELET, Denise (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001, pp. 45-66.

\_\_\_\_\_. Por que estudar representações sociais em Psicologia? *Revista Estudos*, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan. 2003a.

\_\_\_\_\_. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003b.

\_\_\_\_\_. Sobre a subjetividade social. In: SÁ, Celso Pereira de (Org.). *Memória, Imaginário e Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005, pp. 11-62.

MUMFORD, Lewis. *A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NAME, Leo. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. *GeoTextos*, vol. 6, n. 2, pp. 163-186, dez. 2010.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

OLIVEIRA E SILVA, Ciro Augusto de. Primeiros traços e formas urbanas de Goiânia. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO. Laís Aparecida. *Formas e tempos da cidade*. Goiânia: Editora da UCG; Cânone Editorial, 2007, pp. 92-108..

ONG Parque Ibirapuera. *Perfil do facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/parquedoibirapuera?fref=ts>. Acesso: 05/06/2013.

PARQUEIBIRAPUERA.ORG. *O Projeto ParqueIbirapuera.org*. Disponível em: <http://www.parqueibirapuera.org/parque-ibirapuera/o-projeto-parqueibirapuera-org> Acessado em: 10/08/2013.

PEIRANO, Mariza G. S. *Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas*. Brasília, DF: UnB, 1992.

\_\_\_\_\_. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEREIRA, F. J. C. Análise de dados qualitativos aplicados às Representações Sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; CAMARGO, B. V.; JESUÍNO, J. C.; NÓBREGA, S. M. (Orgs.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2005, pp. 25-60.

QUAINI, Massimo. *Per la storia del paesaggio agrario in Liguria: note di geografia storica sulle strutture agrarie della Liguria medievale e moderna*. Savona: Camera di Commercio, Industria, Artigianato e Agrimeria di Commercio Industria Artigianato e Agricoltura, 1973.

RAFFESTIAN, Claude. Immagini e identità territoriali. DEMATTEIS, Giuseppe; FERLAINO, F. (Orgs.). *Il mondo e i luoghi: geografie delle identità e del cambiamento*. Torino: IRES/SGI, 2003, p. 3-11.

RESOLUÇÃO SC 01/92. *Tombamento Estadual do Parque Ibirapuera*. Governo do Estado de São Paulo: CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo, 1992.

RESOLUÇÃO N. 06/97. *Tombamento Municipal do Parque do Ibirapuera*. Prefeitura do Município de São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do

Patrimônio Histórico. Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo, 1997.

RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. *Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes*. Goiânia: Editora da UCG, 2004.

RODRIGUES, Marli. *Parque Ibirapuera*. São Paulo: Metalivros, 2012.

RIBEIRO, Rafael Winter. *Paisagem Cultural e Patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

RMTC – Rede Metropolitana de Transporte Coletivo. *Linhas e Trajetos – Goiânia*. Disponível em: [www.rmtcgoiania.com.br](http://www.rmtcgoiania.com.br) Acesso em: 17/08/2013.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANSOT, Pierre. *Variations paysagères*. Paris: Klincksieck, 1983.

SANT'ANNA, Hugo Cristo. openEvoc: Um Programa De Apoio à Pesquisa em Representações Sociais. *Anais de Psicologia Social: Desafios Contemporâneos*. VII Encontro Regional da ABRAPSO - Regional Espírito Santo, 2012.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAQUET, Marcos Aurélio. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 [1925], p. 12-74.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHARLACH, Cecília. (2006). *Oscar Niemeyer: a marquise e o projeto original do parque ibirapuera*. São Paulo: Imprensa Oficial.

SERENI, Emilio. *Storia del paesaggio agrario italiano*. Bari: Laterza, 1961.

SILVA, Manuel Carlos. Espaço e Sociedade: alguns elementos de reflexão. Balsa, Casimiro (Org.). *Relações Sociais de Espaço: homenagem a Jean Remy*. Lisboa: Edições Colibri; CEOS – Investigações Sociológicas, 2006.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia*. São Paulo: EdUSP, 2000.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. A paisagem como fenômeno complexo, reflexões sobre um tema interdisciplinar. SILVA, Flávio Leonel Abreu da; CANCELA,

Cristina Donza (Orgs.). *Paisagem e Cultura: dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade*. Belém: EdUFPA, 2009, pp. 71-83.

SIMMEL, Georg. *Philosophie du paysage*. Paris: Rivages, 1988.

SODRÉ, Nelson Verneck. (1978). *Oscar Niemeyer: vida, obra e entrevistas com Darcy Ribeiro, Ferreira Gullar e Sabino Barroso*. Rio de Janeiro: Graal (Coleção “Eu”).

SPINK, Mary Jane P. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, jul./set., 1993.

STOCKING Jr. George W. (Org.). *Antologia – Franz Boas*. Rio de Janeiro: Contraponto ; Editora UFRJ, 2004.

TODOROV, João Cláudio; MARTONE, Ricardo Corrêa; MOREIRA, Márcio Borges. *Metacontingência: comportamento, cultura e sociedade*. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2005.

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. *Ibirapuera: história dos bairros de São Paulo*. São Paulo: Novos Horizontes; Secretaria Municipal de Cultural (Departamento de Patrimônio Histórico), 1977.

TUAN, Yi-Fu. Attitudes toward environment: themes and approaches. In: LOWENTHAL, David (Ed.). *Environmental perception and behavior*. Chicago: University of Chicago Press, 1967, p. 4-17.

\_\_\_\_\_. *Espaço & Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

TURRI, Eugenio. *Antropologia del paesaggio*. Milano: Edizioni di Comunità, 2008 [1974].

\_\_\_\_\_. *La conoscenza del territorio*. Metodologia per un’analisi storico-geografica. Venezia: Marsilio, 2002.

UEXKÜLL, Jacob von. *Monde animaux, monde humain*. Paris: Denoël, 1965.

VIEGAS FILHO, Mauro. Apresentação. In: RODRIGUES, Marli. *Parque Ibirapuera*. Sao Paulo: Metalivros, 2012.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: the place of the imagination in geography. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 37, n. 1, p. 1-15, 1947.

XAVIER, Roseane. Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis? *Psicologia & Sociedade*, v. 14, n. 2, p. 18-47, jul./dez., 2002

## **ANEXO 1**

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás

### **PROJETO DE PESQUISA**

Título: Paisagem e Representação Social: O Lago das Rosas/GO e o Parque do Ibirapuarã/SP como  
fenômenos de cultura.

Área Temática:

Pesquisador: Margarida do Amaral Silva

Versão: 1

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Goiás -

CAME: 02402012.7.0000.0007

PUC/Goiás

### **PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

Número do Parecer: 20941

Data de Realização: 16/05/2012

#### **Apresentação do Projeto:**

O projeto se refere a uma pesquisa de tese de doutorado em Psicologia pela PUC-Goiás.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Conhecer, analisar e monitorar, através da Teoria das Representações Sociais, os mecanismos de formação das imagens sociais (aquelas chamadas de „jargens“) existentes no Lago das Rosas/GO e no Parque do Ibirapuarã/SP, bem como descrever e interpretar a estrutura discursiva dessas imagens.

Objetivos Secundários:

- Apresentar parâmetros de parques urbanos como objetos de representação social;
- Conhecer e avaliar a evolução da imagem social do Lago das Rosas, em Goiânia, e do Parque do Ibirapuarã, na cidade de São Paulo, como instalações de um fenômeno de cultura, identificando assim o conteúdo, a estrutura da representação social e o nível figurativo em formação ou difusão;
- Fazer uma observação fina de comportamentos nas instalações („de parques“) que serão analisadas como mecanismos de mediação da atividade humana, pelo uso interpretativo e analítico das imagens obtidas pelo sujeito (um tipo de câmara de vídeo em miniatura);
- Conhecer a percepção do lugar pelo usuário, sua evolução durante o período de estudo e seu impacto na determinação de paisagens, ou seja, na experiência física, psicológica e social da imagem dos parques;
- Analisar as representações sociais presentes nos discursos dos sujeitos da pesquisa, os quais serão tomados a partir de entrevistas semi-estruturadas que discutam a natureza das experiências que foram vivenciadas pelos próprios pesquisados naqueles ambientes de cultura e/ou instalações.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os riscos e benefícios da pesquisa estão adequadamente descritos no corpo do projeto e no TDE.

#### **Considerações e Comentários sobre a Pesquisa:**

O projeto se utilizou de imagens gravadas pelo próprio sujeito da pesquisa e entrevistas, realizadas com cerca de 24 pessoas, 12 em Goiânia e 12 em São Paulo, durante os parques públicos, sobre sua percepção dessas pesquisas. Os sujeitos participaram de coleta e de análise dos dados.

#### **Considerações sobre os Termos de Apresentação obrigatória:**

Todos os termos obrigatórios foram apresentados da forma substancial.

#### **Recomendações:**

Que os proponentes revisem os critérios de inclusão, entendendo que esses se aplicam aos sujeitos que já fazem parte da pesquisa, estabelecendo condições pelos quais serão tomados de amostra.

#### **Conclusões ou Finalidades e Lista de Indicações:**

Não há pendências a serem solucionadas.

#### **Situação do Parecer:**

Aprovado

Necessária Apreciação do CONEP:

Não

Considerações Finais e critério do CEP:

Este CEP está de acordo com o parecer de aprovação emitido pelo colegiado e informa ao pesquisador que um relatório final deverá ser apresentado ao CONEP.

GOIÂNIA, 30 de Maio de 2012

Assinatura:

Dwren Philipo Santos

## **ANEXO 2**





São Paulo, 29 de Maio de 2013.

Carta n° 014/DEPAVE-6/13


**Ref.: Autorização para pesquisa no  
Parque Ibirapuera**

**Prezada Senhora**

Estamos autorizando a realizar Pesquisa de Campo no Parque Ibirapuera referente a tese de doutoramento conforme documentos encaminhados.

Informamos que não poderá ser instalado nenhum equipamento, conforme Decreto nº 27.680/1989.

Cordialmente,

  
\_\_\_\_\_  
**José Alonso Junior**  
**Divisão Técnica Do Parque Ibirapuera**  
**SVMA/DEPAVE-6**  
**Diretor**

Ilma. Senhora  
Dourado em Psicologia  
Margarida do Amaral Silva

## **ANEXO 3**



**PREFEITURA  
DE GOIÂNIA**

Agência Municipal do Meio Ambiente

Diretoria de Áreas Verdes e Unidades de Conservação - DIRUC  
Gerência de Unidades de Conservação - DIRUC-GEUNC

Autorização 087/2013

A Agência Municipal do Meio Ambiente - AMMA, através da Diretoria de Áreas Verdes e Unidades de Conservação - DIRUC, no que se refere ao uso de áreas verdes municipais, **AUTORIZA** a doutoranda em Psicologia **Margarida do Amaral Silva** a realizar "Pesquisa de Campo" nos **Parques: Lago das Rosas e Bosque dos Buritis** conforme a seguinte descrição:

**Local:** Parque Lago das Rosas e Bosque dos Buritis.

**Data:** 01 a 10 de junho de 2013;

**Horário:** 07:00 às 20:00 horas;

**Atividades desenvolvidas:** observação e abordagem de frequentadores dos parques e aplicação de questionário.

**Equipamentos:** não será instalado nenhum equipamento no parque.

**OBS. 1: Não é permitido perfurar o asfalto para instalação de qualquer tipo de equipamento.**

**OBS. 2: É proibido o uso de publicidade em faixas, banners e qualquer outro desta natureza; distribuição de panfletos/folhetos; a comercialização e exposição de qualquer produto no evento.**

**OBS. 3: Não é permitido a distribuição de alimentos e bebidas de qualquer natureza nas dependências do parque.**


Ressaltamos que o requerente deverá cumprir as seguintes recomendações:

- A permanência no local supracitado está restrita ao dia e horário do evento mencionado acima;
- **Não obstruir a pista de caminhada;**
- **É terminantemente proibida** a entrada de qualquer tipo de veículo no parque, salvo veículo de portadores de necessidades especiais e nos locais apropriados, como estacionamento;
- **É terminantemente proibida** a distribuição de folhetos e/ou panfletos;
- **É proibido o uso de publicidade em faixas, banners e qualquer outro desta natureza;**
- **A limpeza do local e áreas adjacentes, durante e após o evento, como o acondicionamento dos resíduos (lixo) em embalagens próprias, deverá ser colocadas em lugar adequado;**
- Não permitir que os espaços ajardinados e espécies arbóreas sejam degradados;
- Evitar o pisoteamento nas áreas ajardinadas, bem como a compactação do solo em locais gramados e/ou reflorestados;
- **Não é permitida atividade com fins lucrativos;**
- **Não é permitida a utilização de bebidas alcoólicas;**
- Comprometimento na conservação dos equipamentos instalados nos referidos locais (bancos, lixeiras, placas de comunicação visual, entre outros);

**Para o uso de qualquer tipo de sonorização, incluindo a sonorização ambiente, deverá ser solicitada a devida autorização junto à Divisão de Licenciamento de Atividade Visual e de Poluição Sonora - DVLAPVS da AMMA, informações pelo fone: 3524-1114.**

O não cumprimento destas determinações implicará em recusa de nova permissão para utilização de Parques e Praças de Goiânia e demais sanções fiscais pertinentes, incluindo notificação/autuação por danos ao parque.

Sala da Diretoria de Áreas Verdes e Unidades de Conservação, aos 28 dias do mês de Maio de 2013.

  
**Carlos Augusto Máximo**  
Gerente GEUNC/DIRUC

Rua 75, esquina com Rua 66, n.º 137,  
Edifício Monte Líbano, Centro - Goiânia - GO  
CEP: 74055-110 - Tel: 55 62 3524-1412  
[amma@amma.goiania.go.gov.br](mailto:amma@amma.goiania.go.gov.br)  
[ascomamma@gmail.com](mailto:ascomamma@gmail.com)

## **ANEXO 4**

**DVD COM GRAVAÇÕES DA SUBCAM –  
SUJEITOS 1 (Captadas em 10/05/13) e 2 (Captadas em 11/05/13)**

## **APÊNDICE 1**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLEI

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa de doutoramento intitulada *Passagem e Representação Social: o Lago das Rosas CGO, o Bosque dos Buritis e o Parque do Itaipavara-SP como fenômenos de cultura*. Meu nome é **Margarida do Amaral Silva**, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Antropologia Social e Psicologia Social.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assino ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, esclareço que você não será penalizado(a) de forma alguma. Se houver dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato, inclusive a cobrar, com a pesquisadora responsável nos telefones: (62)9635-4786 e (62)8224-1281. E na existência de dúvidas sobre os seus direitos como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás nos seguintes telefones: (62)3945-1431 ou (62)3945-1671.

#### Informações importantes sobre a Pesquisa

Minha pesquisa objetiva conhecer, analisar e monitorar a maneira como as pessoas enxergam o Lago das Rosas (LD), o Bosque dos Buritis e ao Parque do Itaipavara/SP enquanto ambientes urbanos de socialização. Ambos os parques pesquisados são entendidos neste estudo como "parques" que tem os mais diferentes significados para cada usuário. Assim, este estudo é uma tentativa de descobrir o que esses parques significam para as pessoas pelo modo como elas os utilizam e os entendem.

Por isso, gostaria que você me permitisse lhe acompanhar em uma das atividades que você realiza neste parque, a fim de que eu possa pesquisar a maneira segundo a qual o usuário compreende este ambiente. Informo que estas informações, além de contribuir para que eu escreva a minha tese, também podem ser uma oportunidade para a sua reflexão sobre as práticas que continuamente você realiza neste parque. Para tanto, eu necessito de sua participação para responder questões que possibilitarão a discussão sobre o modo como lidamos com o espaço dos parques urbanos. Assim, pela produção de um material inédito de visualização dos parques, "através do olhar do usuário", o(a) participante desta pesquisa me ajudará a realizar uma pesquisa sobre os motivos que levam as pessoas a realizarem determinadas ações quando estão em parques urbanos.

No entanto, se você sentir algum desconforto emocional ou algum tipo de constrangimento no decorrer das fases da pesquisa, basta que eu seja avisada para que suspendamos a aplicação do questionário. Você não precisa mostrar ou falar nada que não queira. Garanto-lhe total liberdade para se recusar a participar ou retirar o consentimento de sua participação em qualquer momento, sem que você sofra nenhum tipo de prejuízo. Esclareço,

entretanto, que sua participação não implicará em nenhum gasto adicional e também que você não receberá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela sua participação.

Informo-lhe que os resultados desta pesquisa serão divulgados na tese, bem como em publicação de revistas e eventos científicos. Contudo, asseguro-lhe sua privacidade já que a sua identificação não será mencionada em nenhum momento desta pesquisa e, ainda, destaco que as informações entendidas de sua parte como confidenciais, serão mantidas em sigilo. Isso minimizará a ocorrência de quaisquer riscos decorrentes e de constrangimentos futuros para os participantes desse estudo, uma vez que é garantido o seu direito de pleitear indenização em caso de danos decorrentes de sua participação na pesquisa.

Local/ Data \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Assinatura da Pesquisadora:

Margarida do Amaral Silva

#### Consentimento da Pessoa como Sujeito da Pesquisa

Eu, \_\_\_\_\_ e CPF nº \_\_\_\_\_

abato assinado, concordo em participar do estudo *Passagem e Representação Social: o Lago das Rosas CGO e o Parque do Itaipavara-SP como fenômenos de cultura*, como sujeito. Foi devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Margarida do Amaral Silva sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local/ Data \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Assinatura do Sujeito de Pesquisa:

## **APÊNDICE 2**



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCOLHIDO – TCLE E

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa de doutoramento intitulada *Psicogram e Representação Social: o Lago das Flores (L) e o Parque do Ipiraporã/SP como Jovens de cultura*. Meu nome é **Margarida do Amaral Silva**, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Antropologia Social e Psicologia Social.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assiste ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, esclareço que você não será penalizado(a) de forma alguma. Se houver dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato, inclusive a cobrar com a pesquisadora responsável nos telefones: (62)6635-4786 e (62)8234-1281. E na existência de dúvidas sobre os seus direitos como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás nos seguintes telefones: (62)3945-1431 ou (62)3945-1071.

#### Informações importantes sobre a Pesquisa

Minha pesquisa objetiva conhecer, analisar e monitorar a maneira como as pessoas enxergam o lago das Flores(L) e ao Parque do Ipiraporã/SP enquanto ambientes urbanos de socialização. Ambos os parques pesquisados são entendidos neste estudo como "paisagens" que tem os mais diferentes significados para cada usuário. Assim, este estudo é uma tentativa de descobrir o que esses parques significam para as pessoas pelo modo como elas os utilizam e os entendem.

Por isso, gostaria que você me permitisse lhe acompanhar em uma das atividades que você realiza neste parque, a fim de que eu possa pesquisar a maneira segundo a qual o usuário compreende este ambiente. Informo que estas informações, além de contribuir para que eu escreva a minha tese, também podem ser uma oportunidade para a sua reflexão sobre as práticas que constituem esse parque. Para tanto, em um primeiro momento, eu preciso insalivar uma microcâmera (chamada também de webcam em seu corpo, de forma não invasiva ou desconfortável, uma vez que a videogravação será feita através de uma pequena câmera acoplada a uma armação de óculos, o que contribui para que posteriormente possam enxergar as suas atividades pelo seu ponto de vista. Em um segundo momento, solicitar que me acompanhe em um passeio pelo parque, de modo que você capte fotografias sobre o ambiente e, ainda, realize um desenho escrito com lápis de cor e canetas em cores. Por fim, você será convidado a gravar uma entrevista em que será desenvolvida uma conversa para que possam compreender o material que foi coletado sobre o parque, de seu ponto de vista.

A importância desta pesquisa é principalmente possibilitar a discussão sobre o modo como lidamos com o espaço dos parques urbanos. Assim, pela produção de um material inicial de visualização dos parques, "através do olhar do usuário", é de fundamental importância ajudar a realizar uma pesquisa sobre os motivos que levam as pessoas a realizarem determinadas ações quando estão em parques urbanos.

No entanto, se você sentir algum desconforto emocional ou algum tipo de constrangimento ao decorrer das fases da pesquisa, basta que eu seja avisada para que paremos a filmagem ou suspendamos a conversa e a gravação sobre as imagens que foram videogravadas, fotografadas e desenhadas. Você não precisa mostrar ou falar nada que não queira. Garanto-lhe total liberdade para se recusar a participar ou retirar o consentimento de sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem que você sofra nenhum tipo de prejuízo. Esclareço, entretanto, que sua participação não implicará em nenhum gasto adicional e também que você não receberá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela sua participação. Contudo, deve ser esclarecido que, se existir necessidade de locomoção para realização das conversas sobre as imagens (videogravadas, fotografadas e desenhadas), o valor você gastou com transporte e alimentação lhe será ressarcido.

Informo-lhe que os resultados desta pesquisa serão divulgados na tese, bem como em publicação de revistas e eventos científicos. Contudo, asseguro-lhe sua privacidade já que a sua identificação não será mencionada em nenhum momento desta pesquisa e, ainda, destaco que as informações contidas de sua parte como entrevistada serão mantidas em sigilo. Isso minimizará a ocorrência de quaisquer riscos desconfortáveis e de constrangimentos futuros para os participantes deste estudo, uma vez que é garantido o seu direito de plicitar indenização em caso de danos decorrentes de sua participação na pesquisa.

Local/ data: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura da Pesquisadora:

Margarida do Amaral Silva

#### Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito da Pesquisa

Eu, \_\_\_\_\_, e CPF nº \_\_\_\_\_ abaixo assinado, concordo em participar do estudo *Psicogram e Representação Social: o Lago das Flores (L) e o Parque do Ipiraporã/SP como Jovens de cultura*, como sujeitos. Foi devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Margarida do Amaral Silva sobre a pesquisa, os procedimentos a serem adotados, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local/ Data: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do Sujeito da Pesquisa:

## **APÊNDICE 3**

**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS - TESE**  
**QUESTIONÁRIO**

**I. Dados Gerais:**

Sexo: Masculino  Feminino

Faixa Etária: 15 - 20 anos  21 - 30 anos  31 - 40 anos

41 - 50 anos  Mais de 50 anos

Perfil dos Usários: Atleta/Esportista  Visitante  Profissional Liberal

Frequência ao Parque: 02 ou mais vezes/semana  01 vez/semana

0 vezes/incl  De vez em quando  Raramente ou só 1 vez

**II. Relacione cinco (5) palavras que lhe vem à cabeça quando você escuta a expressão**  
**"Parque do Ibirapuera":**

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_
5. \_\_\_\_\_

**II. Das cinco (5) palavras acima relacionadas, em sua opinião, quais são as duas (2) mais importantes para caracterizar o que é o Parque do Ibirapuera:**

Resposta 1 \_\_\_\_\_  
Justifique: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Resposta 2 \_\_\_\_\_  
Justifique: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

*(Muito obrigada por colaborar com a pesquisa que sustenta minha tese!)*

*Margarida do Amaral Silva*

**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS - TESE  
QUESTIONÁRIO**

**I. Dados Gerais:**

Sexo: Masculino  Feminino

Faixa Etária: 15 – 20 anos  21 – 30 anos  31 – 40 anos

41 – 50 anos  Mais de 50 anos

Perfil dos Usuários: Atleta/Esportista  Visitante  Profissional Liberal

Frequência o Pratique: 02 ou mais vezes/semana  01 vez/semana   
01 vez/mês  De vez em quando  Raramente ou só 1 vez

**II. Relacione cinco (5) palavras que lhe vem à cabeça quando você escuta a expressão "Lago das Rosas".**

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_
5. \_\_\_\_\_

**III. Das cinco (5) palavras acima relacionadas, na sua opinião, quais são as duas (2) mais importantes para caracterizar o que é o Lago das Rosas:**

Resposta 1 \_\_\_\_\_  
Justifique: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Resposta 2 \_\_\_\_\_  
Justifique: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Muito obrigada por colaborar com a pesquisa que ambiciono realizar esse!

Margarida do Amaral Silva

**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS - TESE**  
**QUESTIONÁRIO**

**I. Dados Gerais:**

Sexo: Masculino  Feminino

Faixa Etária: 15 – 20 anos  21 – 30 anos  31 – 40 anos

41 – 50 anos  Mais de 50 anos

Perfil dos Usuários: Afeta Esportista  Visitante  Profissional Liberal

Frequência o Parque: 02 ou mais vezes/semana  01 vez/semana

01 vez/mês  De vez em quando  Raramente ou só 1 vez

II. Relacione cinco (5) palavras que lhe veio à cabeça quando você ouviu a expressão  
"Bosque dos Buritis":

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_
5. \_\_\_\_\_

II. Dos cinco (5) palavras acima relacionadas, em sua opinião, quais são as duas (2) mais importantes para caracterizar o que é o **Bosque dos Buritis**:

Resposta 1. \_\_\_\_\_  
Justifique. \_\_\_\_\_

Resposta 2. \_\_\_\_\_  
Justifique. \_\_\_\_\_

*Atum obrigada por colaborar com a pesquisa que subsidia minha tese!*

Margarida de Abreu Silva

## **APÊNDICE 4**

2º Banco de Dados - BOSQUE DOS BURITIS (Goiânia-GO)

NÚMERO DE ORDEM Número de Pesquisa	SEXO 1 - Feminino 2 - Masculino	USUÁRIOS 1 - Atleta Esportista 2 - Turista 3 - Profissional do trabalho	FAIXA ETÁRIA 1 - 12 a 20 anos 2 - 21 a 30 anos 3 - 31 a 40 anos 4 - 41 a 50 anos 5 - Mais de 50 anos	FREQÜÊNCIA AO PARQUE 1 - 02 ou mais vezes por semana 2 - 01 vez por semana 3 - 01 vez/mês 4 - De vez em quando 5 - Não vem há 01 vez	EVOCACÕES (em ordem de importância)				
					1	2	3	4	5
1	1	2	3	2	1	2	3	4	5
2	1	1	4	1	1	1	1	1	1
3	1	1	4	1	1	1	1	1	1
4	2	1	4	1	1	1	1	1	1
5	1	1	4	1	1	1	1	1	1
6	1	1	3	1	1	1	1	1	1
7	1	1	3	1	1	1	1	1	1
8	1	1	2	2	1	1	1	1	1
9	2	1	3	1	1	1	1	1	1
10	1	2	3	2	1	1	1	1	1
11	2	2	4	2	1	1	1	1	1
12	2	2	4	2	1	1	1	1	1
13	2	2	4	2	1	1	1	1	1
14	1	2	3	2	1	1	1	1	1
15	1	2	3	2	1	1	1	1	1
16	2	2	5	2	1	1	1	1	1
17	2	2	5	2	1	1	1	1	1
18	1	3	4	1	1	1	1	1	1
19	1	3	4	1	1	1	1	1	1
20	1	3	4	1	1	1	1	1	1
21	1	3	4	1	1	1	1	1	1
22	1	3	4	1	1	1	1	1	1
23	1	3	4	1	1	1	1	1	1
24	2	3	4	1	1	1	1	1	1
25	2	3	4	1	1	1	1	1	1
26	2	3	4	1	1	1	1	1	1
27	2	3	4	1	1	1	1	1	1
28	1	2	3	2	1	1	1	1	1
29	1	2	3	2	1	1	1	1	1
30	2	2	2	2	1	1	1	1	1
31	2	2	4	2	1	1	1	1	1
32	1	2	1	3	1	1	1	1	1
33	1	2	1	3	1	1	1	1	1
34	1	2	1	3	1	1	1	1	1
35	2	2	3	2	1	1	1	1	1
36	2	2	3	2	1	1	1	1	1
37	2	1	3	2	1	1	1	1	1
38	1	1	3	2	1	1	1	1	1
39	1	1	3	2	1	1	1	1	1
40	2	1	3	2	1	1	1	1	1
41	1	2	2	3	1	1	1	1	1
42	2	1	2	3	1	1	1	1	1
43	2	1	2	3	1	1	1	1	1
44	2	1	2	3	1	1	1	1	1
45	1	3	4	1	1	1	1	1	1
46	2	3	5	1	1	1	1	1	1
47	2	3	5	1	1	1	1	1	1
48	2	3	5	1	1	1	1	1	1
49	1	3	5	1	1	1	1	1	1
50	2	3	5	1	1	1	1	1	1

3º Banco de Dados - LAGODAS ROSAS (Goiania-GO)

NÚMERO DE ORDEM Seguindo a Pequena	SEXO 1 - Feminino 2 - Masculino	USUÁRIOS 1 - <i>Atena-Expositiva</i> 2 - <i>Parque</i> 3 - <i>Profissional do Parque</i>	FAIXA ETÁRIA 1 - 15 a 20 anos 2 - 21 a 30 anos 3 - 31 a 40 anos 4 - 41 a 50 anos 5 - Mais de 50 anos	FREQUÊNCIA AO PARQUE 1 - 01 vez/mês/semana 2 - 01 vez/semana 3 - 01 vez/mês 4 - De vez em quando 5 - Raramente ou 01 vez	EVOCAÇÕES (em ordem de importância)				
					1	2	3	4	5
1	1	1	1	5	animais	atradível	descanso	lago,do lago	animais,planta,roça
2	2	2	2	1	desafio	lago	arvores	na rua,na casa	
3	2	3	1	1	lazer	movimentação	infância		ruas
4	2	3	1	1	trabalho	desafio	solteiro	tranquilidade	
5	1	2	1	4	lazer	parque	descanso	lazer	momento agradável
6	2	2	2	1	momento confortável	família	parque	na cidade	descanso
7	2	3	5	1	lazer	família	parque	na cidade	descanso
8	2	3	2	5	lazer	parque	parque	na cidade	descanso
9	1	1	2	1	lazer	parque	parque	na cidade	descanso
10	1	2	2	1	parque	atradível	lago		descanso
11	1	1	2	1	tranquilidade	animais	lazer	lazer	parque
12	1	1	1	1	parque	movimentação	corpo,bonito	deixa	parque
13	1	1	3	1	lazer	parque	parque	abandonado	parque
14	2	1	2	2	tranquilidade	meio ambiente	tranquilidade	animais	tranquilidade
15	2	1	5	1	tranquilidade	parque	lazer	tranquilidade	tranquilidade
16	2	3	4	1	lazer	tranquilidade	parque	tranquilidade	parque
17	2	1	5	1	parque	parque	parque	lago,sem ruínas	parque
18	1	2	1	1	animais	parque	parque	animais	abandonado
19	1	2	1	1	animais	parque	parque	animais	abandonado
20	1	2	1	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
21	2	2	2	5	tranquilidade	parque	parque	animais	abandonado
22	1	2	2	4	tranquilidade	parque	parque	animais	abandonado
23	1	2	1	1	animais	parque	parque	animais	abandonado
24	2	2	1	1	animais	parque	parque	animais	abandonado
25	2	3	2	1	lazer	parque	parque	animais	abandonado
26	2	2	3	1	tranquilidade	parque	parque	animais	abandonado
27	2	2	3	2	parque	parque	parque	animais	abandonado
28	2	2	3	2	parque	parque	parque	animais	abandonado
29	1	2	2	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
30	2	3	3	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
31	1	3	1	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
32	2	1	3	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
33	1	1	1	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
34	2	3	4	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
35	2	3	5	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
36	2	1	2	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
37	1	1	3	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
38	1	1	4	2	parque	parque	parque	animais	abandonado
39	1	1	1	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
40	2	1	2	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
41	2	1	1	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
42	2	1	5	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
43	2	1	3	4	parque	parque	parque	animais	abandonado
44	1	1	3	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
45	2	3	5	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
46	2	3	3	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
47	2	3	2	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
48	1	3	4	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
49	2	3	4	1	parque	parque	parque	animais	abandonado
50	2	3	4	1	parque	parque	parque	animais	abandonado



1º Banco de Dados - PARQUE IBIRAPUERA (São Paulo/SP)

NÚMERO DE ORDEM Seguinte da Pesquisa	SEXO 1 - Feminino 2 - Masculino	USUÁRIOS 1 - Alisar Espinosa 2 - Flávia 3 - Profissionais do no parque	FAIXA ETÁRIA 1 - 17 a 20 anos 2 - 21 a 29 anos 3 - 30 a 49 anos 4 - 40 a 59 anos 5 - Mais de 60 anos	FREQUÊNCIA AO PARQUE 1 - 01 ou mais vezes/semana 2 - 01 vez/semana 3 - 01 vez/mês 4 - De vez em quando 5 - Eventualmente ou 20 01 vez	EVOCAÇÕES (com análise de importância)				
					1	2	3	4	5
1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
2	2	3	2	1	1	1	1	1	1
3	1	3	2	1	1	1	1	1	1
4	1	3	2	1	1	1	1	1	1
5	2	3	2	1	1	1	1	1	1
6	2	3	2	1	1	1	1	1	1
7	2	3	2	1	1	1	1	1	1
8	2	3	2	1	1	1	1	1	1
9	1	3	2	1	1	1	1	1	1
10	1	3	2	1	1	1	1	1	1
11	1	3	2	1	1	1	1	1	1
12	1	3	2	1	1	1	1	1	1
13	1	3	2	1	1	1	1	1	1
14	1	3	2	1	1	1	1	1	1
15	2	3	2	1	1	1	1	1	1
16	2	3	2	1	1	1	1	1	1
17	2	3	2	1	1	1	1	1	1
18	2	3	2	1	1	1	1	1	1
19	2	3	2	1	1	1	1	1	1
20	2	3	2	1	1	1	1	1	1
21	2	3	2	1	1	1	1	1	1
22	2	3	2	1	1	1	1	1	1
23	2	3	2	1	1	1	1	1	1
24	2	3	2	1	1	1	1	1	1
25	2	3	2	1	1	1	1	1	1
26	1	3	2	1	1	1	1	1	1
27	1	3	2	1	1	1	1	1	1
28	1	3	2	1	1	1	1	1	1
29	1	3	2	1	1	1	1	1	1
30	1	3	2	1	1	1	1	1	1
31	2	3	2	1	1	1	1	1	1
32	2	3	2	1	1	1	1	1	1
33	2	3	2	1	1	1	1	1	1
34	2	3	2	1	1	1	1	1	1
35	2	3	2	1	1	1	1	1	1
36	2	3	2	1	1	1	1	1	1
37	2	3	2	1	1	1	1	1	1
38	2	3	2	1	1	1	1	1	1
39	2	3	2	1	1	1	1	1	1
40	2	3	2	1	1	1	1	1	1
41	1	3	2	1	1	1	1	1	1
42	1	3	2	1	1	1	1	1	1
43	2	3	2	1	1	1	1	1	1
44	2	3	2	1	1	1	1	1	1
45	2	3	2	1	1	1	1	1	1
46	2	3	2	1	1	1	1	1	1
47	2	3	2	1	1	1	1	1	1
48	2	3	2	1	1	1	1	1	1
49	2	3	2	1	1	1	1	1	1
50	2	3	2	1	1	1	1	1	1

51	1	3	4	1	homossexualidade	violência	drogas	trabalho	trabalho	musus
52	1	3	2	1	liberdade	tranquilidade	lazer	lazer	paiz	amizade
53	1	3	3	1	lazer	família	homossexualidade	drogas	arte cultura	arte cultura
54	1	3	4	1	diversão	danças	comida	namoro	verde	verde
55	1	3	2	1	infância grega	drogas	musus	conhecimento	escapismo	escapismo
56	1	3	4	1	decano	natureza	festogunção no fim de semana	homossexualidade	droga	droga
57	1	3	5	1	tranquilidade	saís na cidade	carro dos pais	natureza	musus	musus
58	1	3	3	1	árvores	lazer	maquiagem	musus	skate	skate
59	1	3	2	1	arte cultura	hom estar	lazer	entusias	trabalho	trabalho
60	1	3	2	1	par	harmonia	liberdade	amizade	maratônio	maratônio
61	1	3	5	1	saís na cidade	acabador	natureza	centro social	prazer	prazer
62	1	3	2	1	maraca	liberdade	ar livre	esporte	peixes	peixes
63	1	3	1	1	flexibilidade	leveza	decano	desafios	comportamentos	comportamentos
64	1	3	4	1	infância grega	inssegurança	parque zhuista	diferença grávida	preços abusivos	preços abusivos
65	1	3	2	1	beleza	par	peixes	trabalho	ar puro	ar puro
66	1	3	5	1	Deus	trabalho	drogas			
67	1	3	5	1	trabalho	natureza	lazer	homossexualidade		
68	2	3	5	1	trabalho	arte cultura	diversão	natureza	arte cultura	arte cultura
69	2	3	4	1	meu	trabalho	arte cultura	alergia	peixes	peixes
70	2	3	3	1	família	saúde	lazer	esporte	família	família
71	2	3	3	1	saúde	saúde	arte cultura	correr	lazer	lazer
72	2	3	3	1	trabalho	aparelhos	arte cultura	natureza		
73	2	3	2	1	maraca	lazer	trabalho			
74	2	3	3	3	administração pública	inssegurança	homossexualidade	saís todos	atenção só para urubús	atenção só para urubús
75	2	3	5	1	par	felicidade	tranquilidade	harmonia	amizade	amizade
76	2	3	3	1	banda	inssegurança	drogas	postura	diversidade cultural	diversidade cultural
77	2	3	3	1	banda	alergia	diversidade cultural	arte cultura	lazer	lazer
78	2	3	5	1	infância grega	falta guarda-volumes	preços abusivos	falta coisas eletrônicas	segurança	segurança
79	2	3	4	1	lazer	trabalho	esporte	natureza		
80	2	3	5	1	verde	trabalho	trabalho	peixes	paiz	paiz
81	1	2	3	2	danças	bicicleta	skate	verde	plástico durante a semana	plástico durante a semana
82	1	2	1	5	árvores	escapismo	concreto	lazer	bicicleta	bicicleta
83	1	2	1	4	lazer	tempo livre	natureza	Neneyer	arte cultura	arte cultura
84	1	2	3	4	par	comunidade social	natureza	arte cultura	diversidade cultural	diversidade cultural
85	1	2	2	4	espaços	verde	arte cultura	São Paulo	história da cidade	história da cidade
86	1	2	3	4	contraste parque cidade	verde	atrasamento	arte cultura	esporte	esporte
87	1	2	5	3	parque cidade	Neneyer	diversidade cultural	centro social	musus	musus
88	1	2	1	1	par	natureza	saúde			
89	2	2	5	1	harmonia	esporte	arte cultura	saúde	lazer	lazer
90	2	2	1	2	maquiagem	skate	natureza	espaço	amizade	amizade
91	2	2	1	1	saúde	liberdade	conforto	natureza	centro social	centro social
92	2	2	1	3	ambiente agradável	conforto	par	tranquilidade		
93	2	2	5	3	São Paulo	eventos culturais	primo de casa	caminhado	judas	judas
94	2	2	2	4	árvores	bicicleta	skate	patins	danças	danças
95	2	2	3	5	Museu de Arte Moderna	esplanada	musus	arruas patos	árvores	árvores
96	2	2	5	5	maraca	argueira	Neneyer	urbano	embarate	embarate
97	2	2	2	1	par	esperança	infância			
98	2	2	2	1	tranquilidade	entertainment	verde			
99	2	2	3	1	par	hom estar	harmonia	fantasie	infância grega	infância grega
100	2	1	3	1	entertainment	saúde	esporte			

## **APÊNDICE 5**

## 1º Banco de Evocações e Enunciados Importantes - PARQUE IBIRAPUERA

NÚMERO DE ORDEM	EVOCAÇÕES E ENUNCIADOS <i>(em ordem de importância)</i>		
	Evocações	Quantidade de Sujeitos	Enunciados por Sujeito (S)
1	<i>Saúde_Esporte</i>	33	S29: "A bicicleta me ajuda a emagrecer." S32: "É uma maneira de relaxar." S41: "O esporte <i>outdoor</i> conduz à qualidade de vida." S62: "Faz bem à saúde!" S100: "Ando de bicicleta..." S17: "Eu já nasci com o skate no pé." S40: "Ando de skate desde criança, por paixão, amor pelo esporte." S47: "O skate é um estilo de vida que eu sigo." S49: "O Ibirapuera é o local em que aprendi a andar de skate." S50: "No parque, a ladeira cabe muitas manobras e nos liga à natureza dentro da cidade de São Paulo." S90: "A maioria das vezes eu venho é para dar voltinhas de skate na marquise." S08: "A caminhada ajuda na manutenção da saúde." S34: "Eu gosto de me manter ativo." S54: "A caminhada induz o encontro com o verde, com o ar puro." S93: "Caminho pela saúde." S18: "Meu esporte favorito é deslizar sobre meus patins." S30: "Os patins mantem meu corpo saudável." S39: "É preciso desestressar, e os patins são minha diversão." S09: "Aqui é possível se divertir com segurança." S44: "É tudo na minha vida!" S23: "O motivo que me traz aqui é a prática de yoga." S05: "A dinâmica do parque faz com que existam várias coisas acontecendo ao mesmo tempo." S20: "Pistas de corrida atravessam o Ibirapuera. Ele é grande e nele posso correr em todos os sentidos e esquecer do tempo." S01: "Caminhar é muito gostoso." S17: "A atividade física com skate me faz bem, e ainda me diverti fazendo."

			<p>S28: "Eu procuro sempre praticar esportes ou atividades físicas."</p> <p>S44: "O esporte me faz saudável."</p> <p>S46: "Eu quero viver mais..."</p> <p>S70: "O parque dá condições para o exercício físico."</p> <p>S71: "O ambiente é saudável."</p> <p>S88: "Para viver bem..."</p> <p>S89: "A primeira prescrição médica que recebi foi para fazer caminhadas uma hora por dia."</p> <p>S100: "É uma relação benéfica com o lugar."</p>
2	Natureza	31	<p>S08: "Gosto de me relacionar com a natureza."</p> <p>S22: "Aprecio o verde e minha família gostar de estar aqui, junto à natureza."</p> <p>S26: "Com o verde, experimento de bem estar."</p> <p>S28: "Em São Paulo só há estresse, e o parque traz paz."</p> <p>S36: "Eu gosto das árvores, da natureza."</p> <p>S43: "A cidade de São Paulo tem pouco verde, e o parque propicia o contato."</p> <p>S61: "São Paulo é contraposta quando se fala de dentro do parque."</p> <p>S62: "Aqui se respira ar puro."</p> <p>S67: "É criação de Deus."</p> <p>S73: "Porque se sente um prazer na relação com a natureza."</p> <p>S79: "É o lugar mais 'puro' de São Paulo."</p> <p>S82: "O ambiente possui uma aglomeração de verde."</p> <p>S84: "Porque se ele não se é nada."</p> <p>S86: "Em São Paulo há pouca concentração de verde."</p> <p>S91: "Não há muitos espaços com natureza viva em São Paulo."</p> <p>S94: "Penso nas árvores devido ao ar puro daqui"</p> <p>S04: "Estou retratando uma coisa real..."</p> <p>S07: "Olho e serve para eu despertar..."</p> <p>S41: "O parque é um diferencial da São Paulo poluída, sendo o ar mais puro e umido."</p> <p>S42: "É um lugar em que possivelmente o ar é mais puro."</p> <p>S31: "É difícil ter um ambiente de lazer e descanso em São Paulo. Inclusive, você sabe que este parque é chamado de 'o oásis na cidade'?"</p> <p>S57: "Este oásis de São Paulo é a visão de um outro ângulo da metrópole."</p> <p>S04: "É fantástico estar conectado à beleza deste local numa cidade que é só concreto. Inacreditável!"</p> <p>S06: "O lago me traz energias positivas."</p> <p>S12: "Com flora e fauna variadas, aqui é um local muito querido de São Paulo, pelo verde e pela vida."</p> <p>S14: "Ele é diferente da São Paulo cinza. Aqui é verde!"</p> <p>S01: "Os animais me motivam, pois eu os alimento aqui no parque."</p> <p>S09: "No Ibirapuera há animais raros, só encontrados aqui dentro."</p> <p>S21: "Amo animais."</p> <p>S57: "O canto dos pássaros é instrumento de tranquilidade, concentração, escapismo do barulho..."</p> <p>S95: "Os patos são a maior atração para mim."</p>

3	<i>Paz</i>	29	<p>S21: "Eu me distraio num espaço com muitas atrações e diversidade."</p> <p>S27: "É desestressante, porque ando muito estressada e aqui eu descanso um pouco."</p> <p>S31: "É um ambiente relaxante."</p> <p>S32: "Um lugar pra relaxar, em que se esquece o trabalho."</p> <p>S48: "Relaxar da tensão do trabalho."</p> <p>S60: "Eu reflito aqui e me distancio da loucura da cidade grande."</p> <p>S75: "Paz é um princípio que rege minha vida."</p> <p>S80: "O parque propicia tranquilidade."</p> <p>S88: "Uma relação positiva com o verde."</p> <p>S90: "Tem vários ambientes onde vou de skate."</p> <p>S97: "Paz de espírito é aquela pausa, um momento de retomar o vigor físico, emocional e espiritual."</p> <p>S99: "A sensação de paz e silêncio durante a semana."</p> <p>S06: "Eu preciso sair do estresse de São Paulo."</p> <p>S07: "Necessito de tranquilidade num dia-a-dia paulistano."</p> <p>S11: "Fugir de São Paulo, com movimento e muita poluição, é necessário."</p> <p>S37: "Aqui eu me sinto mais tranquilo que em outros lugares."</p> <p>S52: "Sinto um tremendo bem estar aqui."</p> <p>S92: "Ouvir o silêncio, escapismo."</p> <p>S97: "A ideia de refúgio, um 'pedacinho do céu' em São Paulo."</p> <p>S98: "Aqui me afasto do estresse."</p> <p>S12: "Eu preciso me evadir da cidade barulhenta."</p> <p>S25: "Aqui tem um processo de desligamento do mundo acontecendo."</p> <p>S19: "Venho meditar num lugar ligado ao verde e ao silêncio. Mas silêncio é durante a semana."</p> <p>S24: "Quando tenho um problema para resolver, correr para pensar nele aqui."</p> <p>S23: "Durante a semana, só durante a semana, o ambiente é intimista."</p> <p>S81: "O silêncio durante a semana é uma forma de paz e meditação."</p> <p>S13: "É um local menos barulhento."</p> <p>S19: "Leio os livros mais interessantes debaixo das árvores do Ibirapuera."</p> <p>S20: "Estar numa academia não me dá paz. Aqui sou livre!"</p> <p>S38: "É um ambiente cercado e com vigilância."</p> <p>S38: "É um parque bem estruturado fisicamente."</p>
4	<i>Lazer</i>	18	<p>S34: "Venho para espairecer."</p> <p>S35: "A vida corrida sempre requer uma pausa."</p> <p>S36: "O parque é muito grande e nele cabem muitas atividades."</p> <p>S54: "Este parque é pura alegria!"</p> <p>S55: "O parque é local de descanso e relaxamento."</p> <p>S58: "É um parque que disponibiliza lazer e divertimento."</p> <p>S65: "O parque é gratuito e o pobre, da periferia, pode vir aqui."</p> <p>S68: "As pessoas vem aqui pra se divertirem."</p>

			<p>S71: "É um ótimo espaço para jovens que fazem coisas mais positivas."</p> <p>S82: "É a função principal do parque."</p> <p>S83: "É um momento prazeroso e divertido estar em um parque tão grande e bonito."</p> <p>S89: "Ponto de encontro dos amigos juntamente a lazer, arte, esporte, apreciação de detalhes."</p> <p>S98: "Entretenimento e distração com as belezas naturais."</p> <p>S05: "Eu gosto de ver e fotografar gente!"</p> <p>S63: "São diferentes comportamentos, são diferentes perfis profissionais e de visitação nos espaços do MAM que devem ser entendidos."</p> <p>S43: "O sol é o princípio necessário da vida."</p> <p>S40: "A fotografia foi uma descoberta, e eu gosto de fotografar a vida que tem aqui."</p> <p>S24: "Há poucos espaços tão grandes para os cães relaxarem."</p> <p>S27: "Hidratar é gostoso. E, olhe em volta: a água de côco é a marca do Ibirapuera."</p>
5	<i>Arte_Cultura</i>	15	<p>S10: "No Ibirapuera existem múltiplos lugares de cultura."</p> <p>S33: "Por conta da arte africana, predominante no museu."</p> <p>S51: "O parque também tem cultura."</p> <p>S53: "Há muitos museus e possibilidade de visitação."</p> <p>S72: "Eu trabalho com arte em museus."</p> <p>S77: "Existem muitos museus que educam os cidadãos."</p> <p>S83: "Eu aprecio a cultura, e as exposições gratuitas e de qualidade são realizadas em grandes eventos culturais."</p> <p>S84: "É um outro jeito de olhar o mundo."</p> <p>S86: "A arte faz parte de minha profissão, pois sou designer."</p> <p>S93: "Venho pelos eventos e exposições."</p> <p>S85: "É um lugar extremamente importante usado para referenciar a cidade."</p> <p>S11: "O Ibirapuera abriga locais ricos para a expressão da arte e da cultura."</p> <p>S58: "Meu trabalho é dentro do Museu de Arte Moderna e sou formada em Artes."</p> <p>S69: "Tem a ver com meu trabalho no Museu."</p> <p>S95: "Venho em razão da bienal."</p>
6	<i>Trabalho</i>	12	<p>S30: "Eu me sustento com o meu trabalho daqui."</p> <p>S33: "Eu venho a trabalho para o Museu Afro Brasil."</p> <p>S59: "Sou feliz com meu trabalho no MAM (Museu de Arte Moderna)."</p> <p>S65: "Ele é meu trabalho, meu ganha-pão. Sobrevivo pelo parque."</p> <p>S66: "O Ibirapuera é meu ganha-pão."</p> <p>S67: "O parque me sustenta e é minha vida."</p> <p>S68: "Eu varro o parque todos os dias."</p> <p>S72: "Porque eu trabalho faz treze anos nos museus daqui."</p> <p>S73: "Sou educador de cultura e trabalho com arte contemporânea."</p> <p>S79: "É meu sustento."</p> <p>S80: "O parque me dá um emprego."</p> <p>S66: "Deus é que me fez voltar a trabalhar aqui quando recuperei meu carrinho..."</p>
7	<i>Familia</i>	9	<p>S13: "Podemos vir com as crianças e ainda relaxar."</p>

			<p>S22: "O Ibirapuera é ambiente familiar."</p> <p>S35: "O parque proporciona espaço e tempo para a família."</p> <p>S45: "Pelo divertimento com a família. Por estar no parque com meu filho."</p> <p>S48: "É um ambiente que agrega segurança e organização."</p> <p>S70: "a família é o alicerce de tudo aqui dentro."</p> <p>S15: "Um espaço onde é possível brincar com os filhos."</p> <p>S81: "Trago meus filhos ao parque."</p> <p>S94: "Lembro de crianças pela pureza do lugar."</p>
8	<i>Infraestrutura precária</i>	9	<p>S55: "Existem problemas de organização, pichação, vandalismo, drogas, promiscuidade, bebidas alcoólicas influenciando trabalhadores."</p> <p>S64: "O parque não é bem cuidado pela Prefeitura de São Paulo. Ele já esteve bem pior, mas ainda tem muito que melhorar."</p> <p>S74: "Péssima administração, que só dá ouvidos ao usuário e não resolve os problemas do parque."</p> <p>S78: "As pessoas vem aqui para lazer e se deparam com um ambiente caro e elitista."</p> <p>S99: "O parque não atende a necessidade de alimentação, sem quiosques suficientes, só barraquinhas com pouca oferta e produtos caros."</p> <p>S02: "A limpeza é precária e o parque é mal cuidado."</p> <p>S03: "Há lixo nos lagos e os patos se enroscam nele."</p> <p>S02: "Existe uma falta de cuidado com as plantas. É preciso tratamento e poda da vegetação."</p> <p>S64: "Um parque elitista, em que a alimentação é cara, e não tem preços acessíveis e lugares com valores populares para uma refeição."</p>
9	<i>Convívio social</i>	9	<p>S61: "É um lugar interativo, em que o esporte se junta à cultura."</p> <p>S91: "São Paulo é uma 'terra de ninguém', sem contato, e aqui há um espaço intimista e de convívio para trazer e encontrar amigos."</p> <p>S26: "Para praticar a corrida, o grande espaço disponível é ideal."</p> <p>S85: "Esta é uma cidade com poucos lugares abertos de convívio."</p> <p>S90: "Tem vários ambientes dentro do parque."</p> <p>S46: "É a percepção que temos das coisas."</p> <p>S50: "No parque há liberdade, sol, ar puro..."</p> <p>S49: "Eu ando de skate por influência dos amigos."</p> <p>S52: "Tenho amigos no parque que são clientes e colegas."</p>
10	<i>Insegurança</i>	7	<p>S03: "Tem muito assalto, invasão e até roubo de plantas aqui."</p> <p>S74: "A administração do parque não combate o vandalismo, e não tem pulso firme com roubos e o homossexualismo. É inseguro aqui."</p> <p>S76: "Falta segurança e há muitos furtos. O ambiente oferece exemplos negativos para a família porque tem muita homossexualidade."</p> <p>S78: "Há a sensação de medo, principalmente a noite."</p> <p>S51: "Principalmente nos fins de semana, que isso aqui lota, as famílias são afetadas pelos 'baderneiros'."</p> <p>S56: "O vandalismo (drogas, álcool, homossexualidade) tem impacto negativo num ambiente de lazer."</p>



			S76: "O uso de drogas aqui é grande e tem sido um exemplo ruim para as famílias."
11	<i>Felicidade</i>	7	S15: "Nos divertimos muito aqui no parque."
			S16: "Sinto-me bem com qualquer coisa que eu fizer aqui dentro."
			S25: "Aqui existe uma correlação do homem com tudo que há em volta."
			S45: "A alegria em estar aqui faz com que eu esqueça de tudo."
			S59: "Eu pratico exercícios físicos aqui."
			S69: "Eu me sinto feliz aqui!"
			S75: "Pelos momentos de paz que nós temos."
12	<i>Niemeyer</i>	6	S10: "Ele planejou um espaço único!"
			S18: "Aqui debaixo da marquise, planejada pelo Niemeyer, é o local eu onde mais ando de patins."
			S47: "O projeto arquitetônico do parque é dele."
			S87: "Eu gosto dele e admiro seu trabalho. Apesar de ser comunista, Niemeyer pensou na elite cultural. Ele era tão dual..."
			S96: "Quando eu era estudante de arquitetura, Niemeyer era a grande estrela."
			S96: "Eu sou arquiteto e me interesso por isso."
13	<i>Liberdade</i>	6	S16: "Neste lugar, ninguém me diz o que preciso fazer e onde devo ir."
			S29: "Eu vou para onde eu quero aqui dentro."
			S37: "Aqui tenho a sensação de mais liberdade."
			S39: "É o meu momento comigo mesma."
			S60: "Sinto que não tenho cobranças e que tenho autonomia."
			S92: "Escapismo do dia-a-dia, sair do cotidiano e me sentir bem."
14	<i>Diversidade_cultural</i>	6	S14: "Aqui vem pessoas de muitas origens, embora seja um parque elitista para o consumo de alimentos."
			S63: "Existe o desafio da diversidade cultural. Meu trabalho no MAM me leva ao espaço público em que existem muitos perfis diferentes."
			S77: "Sem preconceito, o parque está aberto para todos os tipos de pessoas e de classes sociais."
			S53: "Existe muita falta de respeito com a família pelos homossexuais, principalmente aos fins de semana..."
			S56: "A falta de respeito dos jovens com a família impede o lazer e o divertimento porque tem homossexualidade demais aqui no parque."
			S87: "São Paulo é contrastante. É um ambiente hostil ('a manada amigável') e o parque já se faz acolhedor. Assim, ele se torna um aglutinador."

## **APÊNDICE 6**

## 2º Banco de Evocações e Enunciados Importantes - BOSQUE DOS BURITIS

NÚMERO DE ORDEM	EVOCAÇÕES E ENUNCIADOS <i>(em ordem de importância)</i>		
	Evocações	Quantidade de Sujeitos	Enunciados por Sujeito (S)
1	<i>Natureza</i>	36	S01: "Os animais que existem no local." S05: "Gosto de muito verde." S10: "O Bosque dos Buritis tem bastante árvores e sombras." S12: "O parque representa a natureza dentro de um centro urbano." S14: "É a vida em estado natural." S16: "Venho aqui porque o meio ambiente está cada vez mais raro." S17: "É uma conhecida área verde de Goiânia." S22: "Um lugar de descanso..." S24: "Para mim, é o meio natural." S26: "Por ser calmo e com muita área verde, isso faz com que o bosque seja muito visitado." S27: "Sou estudante de fotografia e esta paisagem é uma inspiração." S29: "A vegetação é bem preservada e isso é bem importante." S30: "Nas cidades do interior a gente vê mais natureza, e na cidade grande, se não for o bosque, a gente não vê o verde." S31: "Sem a natureza não somos ninguém." S32: "É aqui que se encontra um pouco da natureza, dos animais." S35: "Sei que os espaços urbanos diminuem o contato com a natureza, e bosques como este são muito importantes." S37: "Não sei dizer... Talvez, qualidade de vida." S38: "Verde é vida!" S39: "Muitas árvores." S40: "A estrutura física do parque..." S41: "É uma área verde com animais." S46: "Nós somos parte do meio ambiente e precisamos deste local." S05: "Vejo muitas tartarugas aqui." S10: "Meus filhos adoram ver os peixes..."

		<p>S14: "Os animais representam a vida natural."  S25: "Existem muitas tartarugas nos lagos, e elas são diferentes dos animais comuns das cidades."  S15: "É uma área com bastantes árvores dentro de um centro urbano."  S44: "O bosque combina a natureza com a recreação."  S15: "Goiânia é uma cidade com poluição, e no parque é mais agradável."  S49: "É arejado aqui, fresco, verde e natural."  S18: "A natureza é sempre bonita."  S43: "É bonito porque é verde."  S25: "No Bosque existem dois grandes lagos, e a fonte de um deles é um atrativo muito bonito."  S32: "O Bosque é bom pra pensar na vida e relaxar."  S33: "Quase em nenhum outro lugar tem uma paisagem como esta."  S34: "Dia quente, bonito, acolhedor, bom pra sair de casa e passear."</p>
2	Lazer	23 <p>S02: "Cuido da saúde."  S03: "O Bosque é um lugar para a família e para apreciar a natureza."  S07: "Gosto de me descontraír para melhor a qualidade de vida."  S08: "Sinto um bem estar..."  S11: "Este parque é bem próximo de minha casa."  S13: "Este é um local para relaxar."  S16: "É sempre bom passear e estar com a família em um lugar bonito."  S20: "Venho para descansar a cabeça do trabalho."  S21: "O Bosque é a diversão da sociedade goiana."  S23: "O bom é saber que, apesar de estarmos no centro de Goiânia, existe o parque dos Buritis."  S33: "Eu passeio aqui com a família e amigos."  S36: "O ambiente propicia o lazer."  S37: "Não sei dizer..."  S41: "O bosque é uma boa opção de passeio para sair do ambiente urbano."  S42: "Este local é próprio para o lazer porque tem estrutura pra isso."  S43: "Aqui é um lugar em que as pessoas entram em contato com a natureza, apesar de estar um pouco poluído."  S50: "Nos finais de semana, as pessoas vem praticar exercícios e fazer piquenique."  S11: "Eu trabalho durante a semana toda e no final de semana venho aqui para descansar."  S18: "Eu fico bem a vontade aqui."  S20: "Muitas pessoas frequentam o lugar."  S24: "Porque nós dependemos dela..."  S38: "O espaço amplo e a natureza..."  S49: "Você conhece pessoas boas e diferentes aqui."</p>
3	Paz	14 <p>S06: "Tenho mais paz de espírito no dia-a-dia quando venho aqui."  S07: "Ajuda a relaxar e aliviar o cansaço."  S13: "Venho ao Bosque para me esquecer dos problemas."</p>

			<p>S27: "Goiânia se tornou uma cidade muito populosa e aqui é mais tranquilo."</p> <p>S28: "Ver muitos jovens e crianças brincando me transmite paz."</p> <p>S29: "Neste parque não tem muitas pessoas, lá fora tem um tumulto, trânsito..."</p> <p>S39: "Tem poucas pessoas e é bom pra caminhar."</p> <p>S40: "Contato com a natureza..."</p> <p>S50: "É um parque visitado pelas pessoas que querem tirar o estresse do dia-a-dia."</p> <p>S01: "No mundo há muita violência, e o parque traz paz."</p> <p>S17: "Penso em um ambiente urbano onde há uma área de lazer."</p> <p>S28: "É o único lugar onde se pode ver crianças livres, correndo."</p> <p>S31: "Vivemos em um mundo muito tumultuado, e este ambiente traz paz."</p> <p>S34: "É um lugar tranquilo para relaxar."</p>
4	<i>Saúde_Esporte</i>	13	<p>S02: "Cuido da mente e do corpo para não entrar em depressão."</p> <p>S03: "Este local induz à prática de esporte e ao cuidado com a saúde."</p> <p>S04: "É um incentivo público para a prática de esporte das pessoas de baixa renda."</p> <p>S08: "Além de ser um entretenimento, o esporte me motiva."</p> <p>S26: "Venho num local calmo para visitar e acabo praticando esportes também."</p> <p>S44: "As pessoas utilizam o bosque mais para caminhar e contemplar a natureza."</p> <p>S06: "Prático exercício físico para me manter saudável."</p> <p>S09: "Preciso fazer atividades físicas."</p> <p>S23: "A prática de exercícios físicos é essencial para mim."</p> <p>S35: "O ritmo de vida acelerado faz deste ambiente o lugar ideal para melhorarmos a saúde."</p> <p>S42: "Caminhar, fazer exercícios, respirar melhor, saúde, área verde..."</p> <p>S36: "Por conta das pistas de corrida, venho e faço caminhada."</p> <p>S09: "Vim me preparar para fazer a prova de aptidão física da polícia militar."</p>
5	<i>Infraestrutura_precária</i>	6	<p>S45: "O administrador do parque não faz nada pelo lugar, não há eventos culturais, nem nada."</p> <p>S46: "Falta divulgação do parque, áreas de lazer e investimentos em outros parques além deste..."</p> <p>S47: "Tudo no parque é antigo demais... Faltam banheiros e cuidados de maneira geral."</p> <p>S48: "Não é permitida a venda de água em lugares espalhados, e isso gera dificuldades."</p> <p>S45: "Os guardam não olham direito o parque..."</p> <p>S48: "Há falta de segurança, tem muito roubo e não tem policiamento."</p>
6	<i>Família</i>	5	<p>S04: "Neste espaço gratuito, temos um ambiente de lazer."</p> <p>S12: "Trago meus filhos aqui para brincarem."</p> <p>S19: "O parque é um ambiente familiar em que todos se divertem."</p>

		S30: "A família é a base de tudo, e aqui podemos confraternizar e ficarmos tranquilos, aproveitar..."
		S19: "Acho que as crianças que tem contato com a natureza se afastam mais das drogas."

## **APÊNDICE 7**

### 3º Banco de Evocações e Enunciados Importantes - LAGO DAS ROSAS

NÚMERO DE ORDEM	EVOCAÇÕES E ENUNCIADOS (em ordem de importância)		
	Evocações	Quantidade de Sujeitos	Enunciados por Sujeito (S)
1	Natureza	27	S17: "A vegetação do parque está abandonada." S18: "A natureza aqui está em degradação." S19: "O lugar está acabando." S27: "A natureza aqui é muito bonita e necessária para vivermos." S31: "As árvores geram ar puro." S35: "As árvores são muitas, porém houve muito desmatamento." S38: "É uma região de Goiânia em que se encontra mais verde." S39: "Com as árvores, temos mais oxigênio disponível." S46: "Neste lugar eu venho para me distrair, apesar de estar no meio da cidade." S47: "É muito bonito e feito por Deus." S02: "Os pássaros são muito bonitos, e é bom acordo cedo ouvindo seu canto." S11: "Os animais tornam a paisagem mais curiosa." S14: "Por ser uma área verde no meio urbano, os animais procuram refúgio em locais como este." S49: "Os pássaros mostram como está o ambiente e dão vida ao parque." S02: "Morei na roça, tive muito contato com a natureza, e admiro muito isso." S27: "O lago nos ajuda a respirar melhor, porque água é vida." S31: "O lago tem muitos animais." S35: "As águas são o que significa o Lago das Rosas." S47: "O lago é uma coisa bonita de Deus." S09: "A paisagem é boa olhar e sentir o ar puro." S18: "Venho aqui porque é agradável o meio ambiente." S19: "Um local agradável." S33: "Estou aqui porque o local é bonito." S40: "Muito natureza." S03: "Local agradável."



			S07: "Fico bem a vontade e confortável aqui." S28: "O ambiente proporciona conforto, distração, descanso e menos bagunça."
2	Lazer	22	S06: "Venho para passear aqui e me distrair." S01: "Quero admirar a paisagem, o verde, a água." S07: "Venho ao parque com minha família e amigos." S08: "É um lugar para descanso." S11: "Gosto de visitar aqui com a família e conversar com meus amigos." S16: "Vejo um lugar para descansar nos finais de semana." S24: "Neste espaço podem ser feitas várias atividades como esporte, ir ao zoológico e piqueniques." S25: "Ar agradável, natureza..." S30: "Em um passeio, eu posso visitar o parque e apreciar a paisagem por lazer." S36: "Há poucas opções de lazer em Goiânia..." S44: "Gosto de descansar aqui e ler um livro." S01: "Pelo próprio bem estar." S23: "O parque serve para eu descansar a cabeça do trabalho e do estudo." S24: "Um lugar calmo e bom para relaxar." S28: "Admiro a paisagem daqui, os animais..." S30: "É um lugar fresco, com muita calma e pouca agitação." S41: "Quero caminhar para refrescar a cabeça." S06: "O zoológico é uma atração que vem gente de fora de Goiânia para visitar." S46: "Venho por causa do zoológico." S36: "Existe a paisagem devido à grande área verde." S45: "É porque tem o verde, o lago, a esperança..." S03: "O local é seguro." S49: "Gosto de macacos, que são raros de se ver, por isso venho aqui."
3	Saúde_Esporte	13	S12: "O esporte serve para cuidarmos da saúde." S21: "Para melhorar a qualidade de vida utilizo a prática de exercícios físicos." S26: "Cuido da saúde de meu corpo no Lago." S38: "Goiânia é muito quente e este ambiente é próprio para praticar exercícios." S42: "Existe a prática de capoeira e outros esportes por aqui." S43: "Este é um ambiente para treinar 'parkour'. S44: "Para quem mora próximo, o espaço é bom para fazer caminhada." S32: "A saúde deve ser preservada." S33: "A prática de esporte faz bem para a saúde." S37: "É aqui que venho praticar esportes." S12: "Um lugar bem grande para andarmos, movimentarmos o corpo e ficarmos saudável." S15: "Ajuda na preservação da saúde." S39: "Uma boa caminhada é importante para a saúde."
4	Tranquilidade	10	S05: "O Lago das Rosas tem menos pessoas e menos agitação durante a semana." S09: "Descanso a cabeça dos problemas aqui."

			<p>S14: "De certa forma, é tranquilo, embora haja o barulho de máquinas e do trânsito."</p> <p>S21: "É lugar para descansar a cabeça."</p> <p>S22: "Aqui é calmo e não tem barulho."</p> <p>S26: "Sinto prazer em estar aqui com a família e amigos."</p> <p>S34: "É calmo, e o ambiente traz tranquilidade."</p> <p>S05: "É um lugar que gosto de vir quando estou feliz."</p> <p>S37: "O lugar me traz paz e tranquilidade, pois esqueço dos problemas."</p> <p>S45: "Um lugar para reflexão, onde se sente uma paz interior muito grande."</p>
5	<i>Infraestrutura precária</i>	8	<p>S13: "Nem tudo é agradável aqui, pois está abandonado o parque."</p> <p>S17: "Os políticos não se importam com o local e o abandonaram."</p> <p>S10: "O Lago das Rosas é muito sujo porque neste lugar aberto vem muita sujeira da rua."</p> <p>S29: "A limpeza deixa muito a desejar, e acaba sendo um lugar bonito, mas sujo."</p> <p>S41: "Falta cuidado do governo com a limpeza."</p> <p>S40: "Muito movimento de carros, muito tumultuado."</p> <p>S42: "O parque é muito cheio em fins de semana e, inclusive, é conhecido como 'prainha de Goiânia'."</p> <p>S48: "Poderia ser melhor, por ser uma região central e acabando sendo muito fraco."</p>
6	<i>Insegurança</i>	8	<p>S10: "Não tem segurança aqui."</p> <p>S13: "Não é um lugar seguro e tem pessoas indesejáveis."</p> <p>S20: "Houve muitos casos de roubo..."</p> <p>S25: "Era uma ambiente muito perigoso e agora ficou um pouco mais seguro."</p> <p>S29: "Não tem policiamento ou ajuda local, e aqui é inseguro com muitos usuários de droga."</p> <p>S48: "Já fomos assaltados muitas vezes aqui."</p> <p>S34: "Convivemos com vários tipos de pessoas e situações até de degradação."</p> <p>S50: "É um lugar meio violento, e é preciso viver uma vida sem violência."</p>
7	<i>Trabalho</i>	6	<p>S22: "Converso coisas do cotidiano com as pessoas..."</p> <p>S32: "Saio de casa para vir aqui trabalhar, e depois praticar esportes e fazer amizades."</p> <p>S50: "Trabalho com honestidade e conheço novos amigos..."</p> <p>S04: "É de onde tiro o meu sustento."</p> <p>S16: "O Lago das Rosas é lugar para eu tirar meu próprio sustento."</p> <p>S08: "Os funcionários do parque são trabalhadores que ajudam a cuidar do lugar e deixá-lo bonito."</p>
8	<i>Família</i>	5	<p>S15: "Existe aqui o parque de diversão para as crianças brincarem, e tem muitos brinquedos."</p> <p>S20: "As crianças tem diversão garantida no parquinho."</p> <p>S04: "Este lago é um lugar que minha mãe frequentava e que me trouxe na infância."</p> <p>S23: "Tem bastantes crianças brincando no parque."</p> <p>S43: "Ambiente familiar, onde vivi parte de minha infância quando vinha com minha família."</p>

## **APÊNDICE 8**

## **TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA NO PARQUE IBIRAPUERA – SUJEITO 1 (10/05/13)**

**Entrevistadora:** Vamos lá! Nós vamos bater um papo mesmo. A questão é a seguinte, nos estamos aqui com três mídias; um desenho, uma fotografia, uma fotografia não né, varias fotografias. Em média você que acha que fez umas quantas?

**Sujeito 1:** Fiz umas...deve ter tirado umas quinze né?

**Entrevistadora:** Mas do que é que você achou mais interessante dessas três que a gente fez? Dessas três mídias que a gente usou pra poder ver o parque?

**Sujeito 1:** Ah, o vídeo!

**Entrevistadora:** Por quê que você achou divertido?

**Sujeito 1:** ah, porque o vídeo...eu não imaginava aquilo ali, na minha mente eu mostrando pras pessoas o meu modo de ver, as atitudes. Embora também eu fiquei meio sem graça pelo fato de eu saber que aquilo é uma câmera.

**Entrevistadora:** Você ficou sem graça? [não, pode continuar...] Você ficou sem graça por saber que era uma câmera? Mas você sabe que isso é normal? Até você se acostumar, porque afinal de contas você tá mudando o seu jeito né, ali de trabalhar naquele dia. Eu interferi no seu jeito de trabalhar. Então, isso é supernormal. Mas você começou as e sentir a vontade a que horas? Em que momento, assim?

**Sujeito 1:** Depois que eu coloquei o meu patins!

**Entrevistadora:** Porque que você achou que seu patins te deixou mais a vontade?

**Sujeito 1:** Ah, porque acabou meu trabalho eu já fico mais a vontade, né.

**Entrevistadora:** Ah, ali você se policia mais? [Exatamente...] Você acha que você se comporta diferente lá no seu trabalho e depois com os patins você é outra pessoa?

**Sujeito 1:** Exatamente!

**Entrevistadora:** Mas como que você é no seu trabalho?

**Sujeito 1:** Ah, no meu trabalho, bom; entre trabalho e esporte eu sou a mesma coisa, só que assim, no trabalho eu trato os clientes bem, procuro ta sempre interativo com eles assim, ta sempre focado direto a eles. Ali eu sou...como é que eu posso falar [diz como que você se sente lá que aí você define bem...]. Eu me sinto bem pra caramba. No meu trabalho ali eu me sinto bem. Se tem alguma bronca de alguma coisa vai embora tudo. Porque ali os clientes me trazem mais harmonia, mas alegria.

**Entrevistadora:** Mas deixa eu te fazer uma pergunta? [ham...] Você acha que o fato de você trabalhar num parque influencia nesse comportamento amistoso das pessoas?

**Sujeito 1:**Ah, influencia sim!

**Entrevistadora:** Em que sentido? O que você observa? Vamos supor que a barraca de coco fosse ali na pista, lá na Brigadeiro. Você acha que seria diferente o tratamento das pessoas?

**Sujeito 1:** Ah, com certeza!

**Entrevistadora:** Por quê?

**Sujeito 1:** O pessoal vem pro parque pra tirar todo o estresse; do trabalho, do transito, de tudo. Então o comportamento deles aqui é outro. Se eu trabalhasse vendendo água de coco lá na Brigadeiro, acho que seria diferente, porque lá eles tão focados no trabalho, é outra , acho que...

**Entrevistadora:** Então você acha que é mais ou menos o que acontece contigo? Quando você tá vendendo água de coco você se comporta de uma maneira diferente de quando você coloca o patins? Seria mais ou menos essa lógica?

**Sujeito 1:** Mais ou menos!

**Entrevistadora:** Por exemplo, se você tivesse, como as pessoas que estão fora do parque se comportam diferente porque lá é um ambiente de trabalho. Porque que o ambiente de trabalho faz com que seu comportamento mude? O que é que seu trabalho requer pra você? O que é que ele exige?

**Sujeito 1:** Não, acho que é assim...é mais pelo fato de assim...patins, quando eu coloco o patins, eu fico mais contente, pelo término do trabalho. É obvio que também estando no trabalho eu fico contente também trabalhando com as pessoas, assim com o publico, né!

**Entrevistadora:** Você é realizado com o que você faz aqui no parque?

**Sujeito 1:** Não! Realizado não.

**Entrevistadora:** O que é que você deseja então?

**Sujeito 1:** Ah, eu desejo alguma coisa assim, melhor pra mim, assim um dia né? Eu não pretendo...[mas o que é que é melhor pra você? O que é que significa ser melhor? Porque você me diz que tá feliz aqui, que você é feliz, que você gosta dos seus clientes...]. É, eu gosto em parte, a gente tem que gostar do que a gente faz. Se a gente trabalha vendendo água de coco, a gente tem que gostar daquilo, que agente tá fazendo até o momento, né? Mas é claro que não é um trabalho pra você ficar pelo resto da vida, né?

**Entrevistadora:** E o que você pretende?

**Sujeito 1:** Ah, eu adoro, eu gosto de grafite, eu gosto de arte, entendeu? Não assim!

**Entrevistadora:** Você quer dizer não desenho? Esse desenho, você tá danado com esse desenho.

**Sujeito 1:** Não desenho! Mas grafite entendeu? Eu gosto de fazer arte, eu gosto de tirar fotos, fotografia.

**Entrevistadora:** Você acha que o parque te aproxima a isso? A esse desejo seu de estar em contato com a arte?

**Sujeito 1:** Sem dúvida!

**Entrevistadora:** E aí seria um modo também de te fazer feliz?

**Sujeito 1:** Também! Além disso, tem também tem assim, que a voz de cliente é a voz de Deus, né. Que falam né! Eles falam pra mim que eu tenho boa fisionomia pra sei lá, fazer alguma coisa numa agencia de modelo, alguma coisa do tipo. [ah, que legal...] Eu nunca, assim, tive coragem de enfrentar isso, entendeu? Acho que é meio medo, assim, meio que vergonha [ah, entendi...] alguma coisa assim.

**Entrevistadora:** Me conta então. Quantos anos você tem?

**Sujeito 1:** Eu tenho vinte e cinco.

**Entrevistadora:** E quantos anos você trabalha aqui no parque?

**Sujeito 1:** Seis anos.

**Entrevistadora:** Seis! Quer dizer que você veio pra cá com que idade? Era um rapazinho ainda, né?

**Sujeito 1:** Dezoito pra dezenove

**Entrevistadora:** E o que é que você buscava quando você veio pra cá? Naquela época quando você tinha dezoito?

**Sujeito 1:** Naquela época lá eu estava desempregado. Eu tava fazendo um estagio, aí não deu certo e eu saí e aí apareceu isso aí bateu na minha porta e [você pegou a oportunidade...] e eu fiquei [e aí ficou...] e aí eu comecei a ficar acomodado. [entendi...]

**Entrevistadora:** Mas você mora aqui na cidade de São Paulo mesmo?

**Sujeito 1:** Na cidade de São Paulo mesmo.

**Entrevistadora:** É distante aqui do parque?

**Sujeito 1:** Vinte e dois quilômetros!

**Entrevistadora:** Quanto tempo você demora pra chegar aqui?

**Sujeito 1:** Duas horas!

**Entrevistadora:** Duas horas?

**Sujeito 1:** É, uma hora e meia, duas horas.

**Entrevistadora:** E o bairro, por exemplo, que você mora tem parque como tem aqui? Como o Ibirapuera?

**Sujeito 1:** Não! Não tem

**Entrevistadora:** E como é que é a imagem que você vê do seu bairro lá?

**Sujeito 1:** Ah, o bairro meio que...é, agora, agora o bairro tá meio que mais pra cima, assim. Diria que tá mais evoluído.

**Entrevistadora:** Qual que é a zona?

**Sujeito 1:** É zona sul.

**Entrevistadora:** E você se sente bem na zona sul? Lá é seguro, tem segurança?

**Sujeito 1:** Sim!. Tem sim.

**Entrevistadora:** Como é que é nome do bairro

**Sujeito 1:** É Vila São José [ah, tá...], próximo a Cidade Dutra.

**Entrevistadora:** Você nasceu aqui em São Paulo mesmo?

**Sujeito 1:** Nasci em São Paulo.

**Entrevistadora:** Você é Paulistano? De nascença?

**Sujeito 1:** Paulistano!

**Entrevistadora:** E você gosta de São Paulo?

**Sujeito 1:** Gosto!

**Entrevistadora:** Se você pudesse escolher mudar de São Paulo, você mudaria?

**Sujeito 1:** Ah, eu mudaria!

**Entrevistadora:** Pra onde?

**Sujeito 1:** Ah, eu tenho vontade de conhecer a Bahia. Embora a minha mãe é Baiana, [entendi...] eu tenho vontade de conhecer lá!

**Entrevistadora:** Mas porque motivo você sairia daqui?

**Sujeito 1:** Ah, sei lá! Acho que o clima daqui. O clima daqui é muito...como é que fala? [você fala do clima, da temperatura?...] não, a temperatura nem tanto [do clima da cidade?...]...da cidade, exatamente. Da cidade. O clima da temperatura é [é pois é eu tô sem entender porque a Bahia é bem quente, né? Que clima é esse? É o clima de convívio mesmo social...]. É, de

convívio, exatamente. Eu tenho vontade de conhecer e até mesmo sei lá, de morar um dia. Um lugar que eu acho que é bacana!

**Entrevistadora:** E você acha que você moraria lá por quê? Porque tem relação mais direta com a natureza do que São Paulo?

**Sujeito 1:** Com a natureza? Não! [porque?...] Não interfere em nada não [não...].

**Entrevistadora:** Seria mesmo a forma de convívio das pessoas?

**Sujeito 1:** De convívio.

**Entrevistadora:** O que é que você acha de São Paulo assim, que não tem em São Paulo e que tem na Bahia?

**Sujeito 1:** Ah, o que tem, sei lá na Bahia, acho que a natureza é mais saudável, pode-se dizer assim!

**Entrevistadora:** Bom, mas acabou que você voltou pra questão da natureza. Quer dizer que quando você vem pro Ibirapuera você pode tá buscando esta ideia que você tem de felicidade?

**Sujeito 1:** É, acho que sim!

**Entrevistadora:** Agora que a gente falou nisso, o que é que significa pra você? Olha nessa conversa nossa não tem certo e errado não [aham...]. Cada ser humano tem uma visão do mundo e não existe um certo e um errado. É porque a sociedade está acostumada a fazer estes julgamentos. Da área de onde eu venho, os estudos que a gente faz, não tem certo e errado. Tem jeitos diferentes de enxergar o mundo. Aí eu gostaria de pensar com você a sua relação com este espaço, né. Aí neste caso, a gente vai pensando e fazendo essas conjecturas. Por exemplo, você percebeu que você falou de Bahia, depois você falou de natureza, mas no princípio pra você natureza não era interessante? Mas agora, a que conclusão você chega? É interessante pra sua vida, pra sua felicidade o contato com a natureza?

**Sujeito 1:** Ah, sem dúvida!

**Entrevistadora:** E o que é natureza pra você?

**Sujeito 1:** Ah, natureza é vida, é tudo, né! Natureza é tudo pra mim.

**Entrevistadora:** Entendi. Você conhece outro parque em São Paulo?

**Sujeito 1:** Não! Além desse?

**Entrevistadora:** Nenhum outro parque? Nem pela tevê ou pelo jornal?

**Sujeito 1:** Tem o Parque Vila Lobos, tem o parque...tem um parque lá próximo da minha casa, mas é recente. [aham...] Começou agora a reforma dele.

**Entrevistadora:** Qual que é a diferença do Ibirapuera pra esses parques? Os outros de São Paulo?

**Sujeito 1:** Ah, a diferença é que aqui tem mais obras. Tem museus, tem tudo. Te dá mais benefícios. É maior, né. Aqui é um ponto turístico de São Paulo. Então acho que parque nenhum equipara com esse daqui.

**Entrevistadora:** Hoje aqui no MAM, eu escutei de uma senhora que parece que o Ibirapuera foi eleito o ponto mais lembrado de São Paulo pelos Paulistanos. Você concorda com isso? Que ele seria o ponto mais lembrado pelos Paulistanos?

**Sujeito 1:** Concordo, sim!

**Entrevistadora:** Por quê? Porque que ele seria o ponto mais lembrado?

**Sujeito 1:** É pelo fato dessas obras dele que tem do Oscar Niemayer aqui, que tem o MAM, tem a OCA. É tudo pontos que é turístico. Assim...acho que é aqui.

**Entrevistadora:** O que eu ouço dizer, que você está aqui há mais tempo do que eu e de repente é bom você me dizer se você concorda ou não, é que o Ibirapuera tem o tripé. Ele tem a cultura com a arte né, ligada a estes monumentos do Oscar Niemayer, tem o lazer e tem esse espaço pra prática de esportes. Você concorda com tudo isso? Você acha que realmente ele tem essas três vertentes?

**Sujeito 1:** Tem! Tem, sim.

**Entrevistadora:** Me explica por exemplo, cultura? O que é que é cultura dentro do Ibirapuera, então. O que é que significa cultura pra esse parque?

**Sujeito 1:** Ah, cultura eu acho que...[fica a vontade. Se você não se sentir a vontade pra falar de cultura, porque você já acabou de falar. Você falou daqui oh, das obras do Niemayer...]. Exatamente!

**Entrevistadora:** Bom, tudo bem! E com relação ao lazer? Porque é que ele é um ponto de lazer? O que é que as pessoas fazem aqui?

**Sujeito 1:** Ah, as pessoas vem pra desestressar, né. As pessoas vem com foco de sair do trabalho, de se manter, de ficar de bem com a vida e manter o corpo e forma.

**Entrevistadora:** E você acha, embora eu escutei da administração do parque que aqui não é necessariamente um espaço para a prática esportiva. Você acha que tem espaços aqui que beneficiam a pratica de esporte?

**Sujeito 1:** Eu acho que sim!

**Entrevistadora:** Que espaços?

**Sujeito 1:** Ah, essa área aqui da Marquise mesmo, eu acho que é um dos melhores pontos pra pratica de esportes né. Embora eles não tenham aceitado muito essa ideia de esporte aqui dentro depois de tanto tempo.

**Entrevistadora:** Entendi. E lá fora? Tem algum ambiente fora daqui dessas estruturas do Oscar que são pra você, que você enxerga um espaço bom pra prática de esportes?

**Sujeito 1:** Eu acho que sim! Acho que essa via principal que tem aqui acho que é direito de todos, né? Tanto do pedestre, tanto do ciclista, tanto do patinador, entendeu? Então eu acho que é geral...é geral. A pista serve pra tudo isso daí!

**Entrevistadora:** Mas lá na pista tem desenhado bicicleta! Eu não vi desenhado patins e skate.

**Sujeito 1:** E só porque não tem quer dizer que você não possa tá usufruindo [entendi...] da ciclovia...da parte do...

**Entrevistadora:** Mas você acha que o patinador e o skatista são bem aceitos ali na ciclovia?

**Sujeito 1:** Não! O skate não. O patins até que sim, porque não tem...o movimento é praticamente o mesmo que um ciclista. Acho que não interfere em nada.

**Entrevistadora:** E desses seis anos que você tá aqui, com o passar do tempo, você acha que o skatista ganhou mais espaço e o patinador do que o ciclista ou perdeu?

**Sujeito 1:** Acho que ganhou.

**Entrevistadora:** Ganhou?

**Sujeito 1:** Acho que ganhou!

**Entrevistadora:** Como que você observa isso?

**Sujeito 1:** Contra a administração, né, porque a administração não permite isso, só que eles não conseguem controlar toda essa situação. Aumentou bastante a galerinha que anda de skate, a galerinha que anda de patins, por conta de uma nova reforma que eles fizeram há um tempo atrás aqui no parque né, eles asfaltaram, fizeram um asfalto novo. Isso eles incentivaram o pessoal vim usufruir do parque.



**Entrevistadora:** Entendi. Você acha que você veio parar aqui no parque pra trabalhar aqui por um acaso?

**Sujeito 1:** Foi por um acaso!

**Entrevistadora:** Mas é por um acaso que você continua trabalhando aqui?

**Sujeito 1:** Eu acho que continua sendo por um acaso sim! Porque assim, eu não queria continuar trabalhando aqui! Eu queria arrumar um emprego melhor pra mim. Um emprego que me dê outros benefícios, né., só que é aquilo... falei que me acomodei aqui neste trabalho né. Acabei ficando acomodado por conta de conhecer pessoas legais, por conta de o patrão não ser uma pessoa chata. De estar sempre colaborando com o meu salário, meu pagamento, e tal. Enfim, fez com que eu me acomodasse mais aqui.

**Entrevistadora:** Qual que é a importância daquela barraquinha de coco, de estar na barraquinha na sua vida hoje?

**Sujeito 1:** A única importância que tem é, vou falar...é mais é o que ele me dá, entendeu? A pessoa trás pra mim, entendeu. Dá meu salário direitinho. Eu acabei me acomodando por conta de ser...bastante...é...como é que eu posso falar? Pro cliente, eu sou bem ativo com eles, entendeu? [ah, entendi...] Me interajo bem com eles. E me dou super bem com eles. Isso fez com que eu me acomodasse mais ainda, entendeu. Pelo fato deles verem que eu sou uma pessoa que vai pra frente, que interage na conversa...quando quer...quando dá.

**Entrevistadora:** Entendi. Mas de certa forma, você não acha então que você é feliz aqui?

**Sujeito 1:** Sou é. De certa forma sim. Sou feliz sim!

**Entrevistadora:** Então, eu não te perguntei aquele dia sabe, sobre o Parque Ibirapuera em cinco palavras?

**Sujeito 1:** Aham!

**Entrevistadora:** Você vai me dizer cinco coisas que te fazem feliz. Eu te perguntei aquele dia sobre o parque. Agora eu to te perguntando como ser humano, como o Dinho, pessoa, patinador, né que trabalha numa barraca de coco. O que é que te faz feliz? Cinco coisas que te fariam feliz? Ou que te fazem? Na verdade é no presente. Cinco coisas que te fazem feliz?

**Sujeito 1:** Isso é meu?

**Entrevistadora:** Sim, da sua vida.

**Sujeito 1:** Ah, não. O que me faz feliz é eu conseguir ter o meu trabalho e conseguir as minhas coisas do dia-a-dia, eu conseguir reformar a minha casa e conseguir deixar ela do jeito que eu queria.

**Entrevistadora:** Você mora sozinho?

**Sujeito 1:** Moro sozinho! [aham...]. A casa é minha, meu pai me deu! [aham...]. Uma das coisas que me fez mais feliz até hoje acho que foi isso. [entendi...]. E, além disso, é o esporte que eu pratico que eu sempre gostei. Meu pai vive falando pra mim "Meu! para com isso! Isso daí não é vida não! Você vai ficar caindo vai se machucar, vai acontecer alguma coisa. Gosto de fazer isso, meu esporte é esse. Sempre foi esse! Vou ficar nele, o tempo todo!

**Entrevistadora:** Você falou três coisas. E agora? Que mais?

**Sujeito 1:** E o que me faz feliz é minha família que me deixa bastante feliz com...minha família entre aspas, é que mais é o meu pai que me dá gosto pra coisas, me apoia.

**Entrevistadora:** Ele tá aqui em São Paulo?

**Sujeito 1:** Tá aqui em São Paulo também.

**Entrevistadora:** Em outra casa?

**Sujeito 1:** Tá em outra casa. [aham...]

**Entrevistadora:** E sua mãe? Tá aonde?

**Sujeito 1:** Minha mãe tá em outra casa [entendi].

**Entrevistadora:** E você tem a sua?

**Sujeito 1:** Exatamente [ótimo...]. Ela separou do meu pai faz pouco tempo, agora só tem eu pra dá apoio pra ele lá em casa.

**Entrevistadora:** E a quinta coisa que te faz feliz além da família?

**Sujeito 1:** A quinta coisa que me faz bem feliz é as amizades que eu tenho, que tipo, eu tenho muitas amizades, onde eu vou todo mundo fala comigo, onde eu vou todo mundo me cumprimenta, eu tenho...onde eu vou eu sou bem...

**Entrevistadora:** Entendi. Então, isso tudo te faz feliz? Você é uma pessoa feliz?

**Sujeito 1:** Graças à Deus!

**Entrevistadora:** A gente não tem tudo que a gente deseja, mas dentro das coisas que a gente tem, a gente consegue obter felicidade! Agora, o que eu acho interessante...eu estou falando contigo e olhei de rabo de olho o seu desenho. [aham...]. Então vamos embora entender o seu desenho. Seu desenho é subjetivo, como qualquer desenho, então isso daqui é uma demonstração de como você vê o espaço. Só que a gente tem que lembrar que como a gente não tem a técnica de desenhar igual aos desenhistas que estudaram [aham...], a nossa percepção não vai ser aquela quadradinha do espaço. E nem precisa! Como eu te disse o conceito de belo, você lida com arte, você sabe que é subjetivo. Olha aqui, nós estamos em frente ao MAM, Museu de Arte Moderna. Tem alguma escultura ou alguma instalação aqui que é convencional?

**Sujeito 1:** Não, não tem.

**Entrevistadora:** Então vamos embora entender o seu desenho como um desenho modernista. Como aquele algo que você usou o seu jeito. Como aquela aranha que você fotografou lá. Que a pessoa foi lá e colocou a personalidade dela aqui dentro de uma maneira [aham...] muito particular. Menos convencional possível. Me diz então o que é que tem no desenho?

**Sujeito 1:** Ah, o que tem aqui no desenho aqui é a Oca [aham...], como pode ver perfeitamente que a Oca dá pra ver que é a Oca. Aqui eu quis fazer... eu quis desenhar aqui a pista do parque [aham...], a pista do parque no geral, né. Aqui a ciclovia. A ciclo faixa, né [sei...]. Aqui é lá no final do lago, aqui eu tentei fazer um lago aqui e tentei fazer tipo o chafariz aqui [entendi...] tentei fazer o chafariz aqui é onde, você tendo a visão assim, você vê a visão dos carros [quer dizer que do lado esquerdo, essa parte azul é a fonte, como é que as pessoas chamam? Multimídia, né?. Que o pessoal tem chamado fonte de multimídia por conta do jeito dela se comunicar, da dança das águas. [aham, isso...]

**Entrevistadora:** E aqui? Aqui aquele fundo é o do obelisco lá atrás?

**Sujeito 1:** Exatamente. Eu ia fazer aqui mas eu desisti de tentar desenhar ele [mas o leão lá, como é que se chama aquele monumento mesmo? Do leão lá no fundo. Lá onde você foi lá filmar? Dos leões? Dos leões?...] do “empurra-empurra”! [isso, do ‘empurra-empurra’...] dos monumentos...do Monumento da Bandeira [isso, aham...] né. Aí eu ia fazer ele, mas aí...

**Entrevistadora:** Tá bom! Em algum espaço aqui, além da Oca que o Niemayer fez, tem mais alguma outra coisa que o Niemayer fez?

**Sujeito 1:** Aqui tem a Bienal! Tem a Bienal ali.

**Entrevistadora:** Aham. Você pôs ela do lado da Oca de cá.

**Sujeito 1:** É, ficou ela do lado de cá. Que tava pra cá [a Bienal é sua...]. Eu lembrei...é a Bienal é minha! Não tem nada do Niemayer aí não! [aí você colocou ela do lado direito, né e ela é do lado esquerdo...]

**Entrevistadora:** Mas porque você acha que você fez isso?

**Sujeito 1:** Por que é o que veio na cabeça, de lembrar [entendi...] a lembrança que eu tenho da Bienal, o MAM...a Oca aqui do lado. Falei, eu vou fazer a Bienal próximo.

**Entrevistadora:** Entendi! E de certa forma tá, né?

**Sujeito 1:** É!

**Entrevistadora:** Só que o MAM divide as outras.

**Sujeito 1:** É!

**Entrevistadora:** E o que mais que tem do Niemayer?

**Sujeito 1:** Aqui tem a marquise, que não faria nem sentido aqui a marquise, que eu tentei ver como fazer uma marquise mas que pra uma marquise isso aqui tá muito diferente

**Entrevistadora:** E esse tanto de gente aí é o quê?

**Sujeito 1:** Ah, isso aqui é o pessoal que eu quis fazer de patins. É um de patins, um de skate, um caminhando, outras pessoas caminhando, aqui também.

**Entrevistadora:** Se você fosse me dizer o lugar aonde você tá sentado olhando pra essa imagem, que lugar que seria? Vamos imaginar que isso aqui é uma cena acontecendo, como a da filmagem que você fez.

**Sujeito 1:** Ah, eu estaria aqui!

**Entrevistadora:** Você estaria do lado...de frente ao MAC, ao de arte contemporânea.

**Sujeito 1:** Isso! Eu tô aqui, olhando pra lá...que eu to olhando pra lá e a Bienal tá aqui [aham...]

**Entrevistadora:** E agora me diz o seguinte, na hora que você desenhou, você tava com a prancheta desta posição ou com a pista de frente pra você assim. Como se você fosse entrar na pista?

**Sujeito 1:** Não! Não fiz como se eu tivesse entrando na pista, não!

**Entrevistadora:** Sim, mas que posição que tava essa prancheta na sua mão? Ela tava com a pista de frente pra você ou ela tava de pé?

**Sujeito 1:** Ela tava de frente! Tava de frente pra mim.

**Entrevistadora:** Tava de frente com a pista aqui, abrindo pra você?

**Sujeito 1:** Exato!

**Entrevistadora:** O que é que teria nesse lugar aqui que ficou em branco?

**Sujeito 1:** Aqui já teria mais, voltando...o lago, né. No caso, a continuação do lago e vem até chegar ao meu trabalho...aqui acabou a folha.

**Entrevistadora:** Entendi. Aham! Quer dizer, se voltar chega no seu trabalho?

**Sujeito 1:** Se eu voltar aqui, chega no meu trabalho!

**Entrevistadora:** Peraí, no começo da pista mais larga aqui, onde você começou o desenho, pra trás é o seu trabalho?

**Sujeito 1:** Isso!

**Entrevistadora:** Dinho, será que você tá olhando essa pista do seu trabalho e não aqui do lado do MAC como você pensava? Será que você tá lá no seu trabalho e inconscientemente pensou nessa pista? Porque assim, se você voltar e seu trabalho tá prá cá, de entrada pra pista, então como é que você fez esse ângulo? Caramba Dinho! Será que o que faltou nesse desenho foi o quê?

**Sujeito 1:** Faltou a minha barraca!

**Entrevistadora:** Porque será? Porque será que faltou a sua barraca aí? Você já parou pra pensar? Talvez tenha ficado em branco porque é importante se ficar em branco. Porque que lugar que teria aí, pelo jeito? Porque se você me diz que volta é o seu trabalho, o ângulo que você tá olhando é esse. Foi o ângulo que você desenhou!

**Sujeito 1:** Exatamente!

**Entrevistadora:** O que você tem pra me dizer sobre isso?

**Sujeito 1:** Ah, esquisito hein!

**Entrevistadora:** Não é esquisito! [é...] É a sua particularidade. É o seu jeito de olhar o mundo. Só que a gente tem que lembrar que você tá há seis anos ali, não é! Que dizer que você já tem um ângulo de visão que há seis anos você olha. E agora que eu te falei isso, você acha que de fato foi isso que aconteceu, aqui nesse desenho?

**Sujeito 1:** Não! Porque se fosse pra mim desenhar o meu ângulo de trabalho, o desenho não seria esse no caso!

**Entrevistadora:** Qual seria, por exemplo?

**Sujeito 1:** Seria eu chegando, entrando no portão que eu entro todos os dias, assim como eu falei.

**Entrevistadora:** É no nove que você entra?

**Sujeito 1:** É...entro no quatro! Eu entro é no portão quatro.

**Entrevistadora:** Mas o quatro é o começo da pista!

**Sujeito 1:** Já tá no começo aqui da pista. Exatamente!

**Entrevistadora:** Peraí, se o quatro é o começo da pista, que lugar que vai ser esse que seu ângulo tá de frente?

**Sujeito 1:** É, no começo da pista! Mas então meu trabalho....caracas! Minha entrada é pra cá. Isso mesmo!

**Entrevistadora:** Peraí! Então resumindo a ópera, o que é que você acha? Que ângulo que é o seu ângulo de visão do parque aqui nesse desenho?

**Sujeito 1:** Meu ângulo? Do trabalho pra frente. De onde que eu trabalho pra frente!

**Entrevistadora:** Foi?

**Sujeito 1:** Foi!

**Entrevistadora:** Mas você acha que é isso mesmo agora, depois que a gente discutiu?

**Sujeito 1:** É isso mesmo! Não, é isso mesmo!

**Entrevistadora:** Então o que é que falta no desenho? Nesse espaço que ficou em branco? Qualquer coisa que tenha um grande significado pra você também, né, pelo jeito! O fato de ele ficar em branco demonstra que tem algo que também é muito importa. Sabe o que é que é? O que é que é?

**Sujeito 1:** Vai, fala aí! Dá um chute aí pra mim.

**Entrevistadora:** O que é que é muito importante?

**Sujeito 1:** O que é que tá faltando aqui? [o que é que tá aqui?...] Ah, o meu trabalho! [então...] É que aqui é o meu trabalho!

**Entrevistadora:** E porque que o seu trabalho seria um espaço branco? Será hein?

**Sujeito 1:** É porque eu não consegui desenhar. Não tava tentando lembrar como é que desenhava o...a barraquinha, a entrada. Embora também não ia dá, né porque eu fiz o foco aqui começando da...da...você vê que aqui eu tentava desenhar tipo é esse...eu não sei se você tá entendendo [aham, eu tô vendo...] esse aqui é o banheiro

**Entrevistadora:** Ah, [da entrada...] aquele que eu fotografei?

**Sujeito 1:** Exato!

**Entrevistadora:** Ah, não, mas entendo. Ele é todo azul, lindo, né! Aquele grafite lá. Ah, então é o banheiro...Dinho, esse banheiro é o banheiro dez metros antes do seu trabalho!

**Sujeito 1:** Exatamente!

**Entrevistadora:** Puxa que legal! Tá vendo o tanto que é genial o seu desenho? Você não imaginava que seu desenho fosse brilhante assim, né? Genial!

**Sujeito 1:** Ainda continua ainda, boiando.

**Entrevistadora:** Não, eu acho que tá tudo muito claro. E outra, desenho ele é subjetivo! Tudo bem se o Dinho quer tá aqui do lado do MAC, olhando o parque, você pode estar, mas a questão é que parece que no momento que você desenhou, você tava enxergando uma paisagem. Que paisagem que você tava enxergando?

**Sujeito 1:** Exatamente! Eu tava enxergando, isso daqui eu tava enxergando depois da...depois da...aqui teria a lanchonete que é o final da marquise...[entendi...] aqui é final da marquise e ali tem....

**Entrevistadora:** Se você fosse dizer um sentimento que você sente quando você olha lá do seu trabalho pras pessoas e pra esses lugares que sentimento que você sentiria? Que sentimento que descreve essa sua relação?

**Sujeito 1:** Sentimento? [é...] Olha... Meu sentimento neste desenho?

**Entrevistadora:** No dia-a-dia, porque parece que teve incidência nesse desenho, a sensação que você sente. Qual é, será? O que é que você acha que seria quando você olha lá pra frente da barraquinha, além dos cocos que estão lá, além da máquina de filtrar o coco. Que é que você sente? Você pode dizer varias coisas que você sente! Pode ficar a vontade! Pensa em algo que você sente quando você olha pra lá. Quando você tá aqui nisso aqui que parece que ficou sendo o espaço em branco ou quando você chega do portão quatro e olha pra pista assim. Que sentimento que vem na sua cabeça?

**Sujeito 1:** Sentimento?

**Entrevistadora:** Se não der pela imagem que você vê todos os dias, pensa nesse desenho então. Que sentimento? Ou vamos mudar talvez o foco pras fotografias que você fez. Vai voltando. Deixa eu pegar aqui. Vamos lá naquela fotografia lá do banheiro que marca a divisão. Suas fotografias ficaram realmente brilhantes. Você pegou a luz muito bem Dinho, meu Deus [que show...]. Ficou...Não, ficou! Não sabia que minha câmera fazia essas coisas.

**Sujeito 1:** Essa sua câmera sua é...[é boa?...] é ótima...é ótima!

**Entrevistadora:** Não, mas eu acho que você tem uma mão boa! Pra você tá em cima do patins... Então tá, o banheiro foi o que eu fotografei.

**Sujeito 1:** E olha ele aqui, ó!

**Entrevistadora:** o Azul!

**Sujeito 1:** Olha essa coisinha em cima

**Entrevistadora:** É mesmo, é igualzinho! Tá bom, [é igualzinho!...] vamos olhar com calma as fotografias. [tá...] Você escolheu estas imagens né, assim como você escolheu esse ângulo.

Quais são as sensações que te vem na mente quando você olha pras fotografias assim? E pra essa imagem que você desenhou, coloriu?

**Sujeito 1:** Sentimento....Tava vendo o pessoal colocando a placa lá, os quadros. Achei bacana pra caramba!

**Entrevistadora:** Ah, isso é legal pra você ver essas montagens?

**Sujeito 1:** É, eu ver o pessoal montando. Ver eles montando assim....o carinho, a agilidade que eles têm assim, acho que....

**Entrevistadora:** Que parede que é essa daqui, mesmo, que você fotografou?

**Sujeito 1:** É a parede do Museu Afro.

**Entrevistadora:** Ah! E você fotografou mais paredes?

**Sujeito 1:** É tirei mais [de quais lugares...] todas elas foram em volta do Museu Afro.

**Entrevistadora:** Sim. Então quais lugares que você tirou fotografia?

**Sujeito 1:** Ah, eu tirei fotografia próximo ao Museu Afro, essas imagens que eu achei legais. Aqui eu olhei e eu vi o foco do Sol. Exatamente isso! Eu vi o Sol e vi que dava...saia uma imagem com a claridade da sombra dividindo o Sol e achei que ia ficar legal. E assim..

**Entrevistadora:** Mas em algum momento, por exemplo, o fato de ter árvores aqui no seu desenho e árvores nas suas fotografias, significa o que pra você?

**Sujeito 1:** Ah, natureza sensacional! Acho que, sei lá...parque maravilhoso! Sentimento assim, acho que [olha só...] um carinho que ele dá. [que imagem que você fez!...]. Realmente nem eu sabia que ia ficar assim!

**Entrevistadora:** Mas ficou muito bom! Olha só a claridade, a maneira como você pegou! Você fez do parque um sonho. Ele pra você é um sonho?

**Sujeito 1:** Sim!

**Entrevistadora:** Olha só?

**Sujeito 1:** Ficou muito bacana!

**Entrevistadora:** No seu desenho, olha só vamos lá. No seu desenho você se relacionou com a marquise do Niemayer, com a Oca e com o MAC, os três do Niemayer, né?

**Sujeito 1:** E eu não fiz o Museu Afro.

**Entrevistadora:** Não fez o Museu Afro, mas fez aquele banheiro que tem grafite. Aqui nas suas imagens, você capta arte, expressão artística e grafite também. Tá vendo que coincide?

**Sujeito 1:** Aham!

**Entrevistadora:** Então vamos lá. Você captou nas suas imagens o lago e captou árvores. Na fotografia particularmente, você parece que não fotografou o monumento lá, né fora do parque?

**Sujeito 1:** Não

**Entrevistadora:** Mas você chegou na fonte. Você chegou ate o limite [cheguei...] que é a fonte. Você acha que coincide as suas fotografias com o seu desenho?

**Sujeito 1:** Acho que sim!

**Entrevistadora:** Resumindo, foram quase as mesmas coisas que você fotografou e desenhou, não foi Dinho?

**Sujeito 1:** Quase!

**Entrevistadora:** Quer dizer que a paisagem do Ibirapuera pra você é o quê?

**Sujeito 1:** Só faltou eu desenhar do Museu Afro que eu não desenhei.

**Entrevistadora:** Mas ele tem um significado pra você?

**Sujeito 1:** Não, só eu acho que assim, pelo fato de eu ter tirado a foto e ter visto aquilo tudo acontecendo ainda, que tava acontecendo, que eles estavam montando né, [aham...] nem tinham aquelas obras ali, [entendi...] nem tinha visto [entendi...] elas ainda [entendi...] pela falta de tempo que eu trabalho aqui e daqui eu vou embora.

**Entrevistadora:** E nunca dá tempo de passar lá?

**Sujeito 1:** Não, só quando eu patino, eu só fico rodando no parque inteiro

**Entrevistadora:** Mas você tem algum carinho especial por algum museu aqui? Você pára pra pensar assim que alguém falar assim: - qual que é seu lugar preferido dessa estrutura que foi feita pra abrigar a cultura. O que você pensa primeiro?

**Sujeito 1:** Ah, eu só penso na arte do Museu Afro, né. O Museu Afro acho que...

**Entrevistadora:** Ele vem primeiro pra você à cabeça?

**Sujeito 1:** Acho que vem!

**Entrevistadora:** O que é que tem o Afro? O que é que tem nele que é diferente do MAM que é diferente do MAC?

**Sujeito 1:** Ah, a situação, né das imagens. Você vê aquele pessoal pobre, aquele pessoal humilde que fica ali. Esse pessoal, sei lá...

**Entrevistadora:** Legal! Você observa...você se identifica com essas pessoas que estão lá na parede? Por exemplo, você vê aqui...você fotografou...o que é isso que você fotografou? O que é que é isso?

**Sujeito 1:** Isso daqui, pra mim é...eu considero como arte, agora o que significa pra... [pra você o que significa?...] pra imagem? Dessa imagem?

**Entrevistadora:** Sim! Oh, essas imagens, o que elas significam pra você? Vou voltar. Essas estão na porta do Afro, né! Essa por exemplo.

**Sujeito 1:** Ah, isso daí é um...labirinto. Não consigo identificar o que é que é. O que eu [um labirinto?...] acho bonito, o que eu acho bacana disso tudo é os traçados das formas que eles fazem pra fazer você entender o que é que é aquilo, entendeu?

**Entrevistadora:** Ah, entendi!

**Sujeito 1:** As vezes eu fico olhando, olhando pra ver o que é que é aquilo que ele quer...

**Entrevistadora:** Qual que era a intenção que a pessoa tinha.

**Sujeito 1:** Exatamente!

**Entrevistadora:** Você quer entender as intenções? [eu queria entender...]

**Sujeito 1:** Exatamente!

**Entrevistadora:** Quer dizer que você não precisa chegar bem numa conclusão. Se você pensar sobre aquilo pra você já é divertido? Você se diverte?

**Sujeito 1:** Já, se divirto sim!

**Entrevistadora:** Então você seria um apreciador de arte?

**Sujeito 1:** Talvez!

**Entrevistadora:** Porque o apreciador de arte às vezes não precisa chegar numa conclusão! Ele vai lá, se sentiu bem e a obra fica inconclusa. Olha pra você ver, aqui tem a Merlin Monroe, um fotógrafo...é isso?

**Sujeito 1:** Exatamente!

**Entrevistadora:** O que é isso? É um fotógrafo [é um fotógrafo...] ou alguém com um espelho? E aqui do lado tá o quê?

**Sujeito 1:** Aqui tá aquelas máquinas antigas, né.

**Entrevistadora:** Pois é, que significado tem essa composição pra você, por exemplo?

**Sujeito 1:** Ah, o significado é que ele tá curioso pra ver o que ela tem embaixo! [ah, embaixo do quê?...] embaixo da roupa dela! [do vestido que tá...] do vestido dela que tá subindo [daquela cena clássica, né...] então ele quer tirar de baixo pra cima pra tentar ver melhor o que se passa ali e tudo!

**Entrevistadora:** Dinho, olha só, saímos imagens das composições dos painéis do Afro, voltam pras árvores, pro lago. Tá vendo? Então vamos lá. Eu vou te perguntar e você me responde. Nas fotografias tem lago?

**Sujeito 1:** Tem!

**Entrevistadora:** No desenho tem?

**Sujeito 1:** Tem!

**Entrevistadora:** Nas fotografias tem árvores?

**Sujeito 1:** Tem também!

**Entrevistadora:** E no desenho?

**Sujeito 1:** Também!

**Entrevistadora:** Nas fotografias tem pessoas em patins ou skate?

**Sujeito 1:** Tem!

**Entrevistadora:** Tem? [tem...] A hora que você tá aqui na pista?

**Sujeito 1:** Ah não, do pessoal patinando, ah não, eu não tirei.

**Entrevistadora:** Não?

**Sujeito 1:** Não!

**Entrevistadora:** Mas por exemplo, [mas aí eu foco no meu...] mas tem um detalhe! Antes de você fotografar você tava fazendo o quê? Antes de você começar a pegar a câmera fotográfica o que é que você tava fazendo?

**Sujeito 1:** Ah, eu tava patinando!

**Entrevistadora:** E fazendo o quê? Filmando!

**Sujeito 1:** Filmando!

**Entrevistadora:** E o que é que você mais filmou?

**Sujeito 1:** Arte!

**Entrevistadora:** Mais do que isso! Que a gente viu muitos minutos ali, onde, aonde que você tava?

**Sujeito 1:** Ah, mais na parte da natureza, do lago, [da pista...] da pista.

**Entrevistadora:** Você necessariamente tava patinando e vendo pessoas patinando e vendo pessoas de skate e vendo pessoas de bicicleta e correndo. Quer dizer que o que faltou na fotografia você já tinha pego lá na filmagem. Então vamos somar. Na filmagem, na fotografia e no desenho, tem pessoas de patins, de skate e correndo, fazendo atividade física?

**Sujeito 1:** Tem sim!



**Entrevistadora:** Resumindo, [no geral tem...] tem árvore, tem o lago [tem o lago...] e vai citando o que mais tem pra mim.

**Sujeito 1:** Tem o lago, tem as obras, tem a aranha, no vídeo tem, que eu fiz no vídeo e tirei uma foto da aranha.

**Entrevistadora:** A aranha tá dentro de onde?

**Sujeito 1:** Tá dentro do museu, dentro do Museu de Arte Moderna, né [sim...] isso. E também...

**Entrevistadora:** Quer dizer que você saiu da barraquinha de coco no momento que você filmou, que você tava no seu trabalho que você não tava se sentindo muito a vontade e você...eu poderia afirmar que você se apropriou da paisagem? Que você tomou conta da paisagem quando você pegou essa câmera?

**Sujeito 1:** Tomei!

**Entrevistadora:** A paisagem passou a ser sua? Você tava captando a paisagem?

**Sujeito 1:** Exatamente! Sim.

**Entrevistadora:** E com a câmera, e com a máquina e com o desenho você sentiu a mesma coisa? Que você fez a paisagem? Que a paisagem era sua?

**Sujeito 1:** Aham! Com o desenho, não, nem tanto, né? Mas...

**Entrevistadora:** Você não sentiu?...porque você não sente muito prazer em desenhar.

**Sujeito 1:** Exatamente.

**Entrevistadora:** Mas você sente mais prazer em fotografar e filmar, pelo jeito, né?!

**Sujeito 1:** Isso!

**Entrevistadora:** Ai nessa hora eu poderia dizer o Dinho foi dono dessa paisagem? Poderia escrever na minha tese: essa paisagem é do Dinho?

**Sujeito 1:** Pode sim. Claro que pode.

**Entrevistadora:** Porque é sua?

**Sujeito 1:** É minha! Eu que fiz.

**Entrevistadora:** Mas deixa eu te fazer uma outra pergunta mais engraçada [aham...]. Se você filmando, fotografando e desenhando, construiu essa paisagem, você acha que quando você olha pra ela você também tá construindo sua paisagem? Quando você olha todos os dias pra ela, que a sua paisagem é diferente da minha que cheguei aqui agora, no parque ou é diferente da moça que tá ali parada ou é diferente do seu colega ou é diferente de...[não, é diferente do...]. Porque que seria diferente a paisagem, do seu ponto de vista?

**Sujeito 1:** Ah, cada um tem um jeito de olhar diferente, né. Acho que o meu olhar mesmo é, sei lá, focar nas pessoas, e procurar saber, oh tá fazendo certo, tá fazendo errado.

**Entrevistadora:** Você tá falando do patins?

**Sujeito 1:** Do patins.

**Entrevistadora:** E com relação a água de coco? O que é que você observa? O que é que interfere na paisagem a barraquinha onde você trabalha?

**Sujeito 1:** O que interfere?

**Entrevistadora:** É! O que é que ela pra você, na sua vida, ali no parque?

**Sujeito 1:** O que ela é pra mim, ela é o meu dia-a-dia!

**Entrevistadora:** Entendo! Ela o seu dia-a-dia. Ela é muito! Ela ser o seu dia-a-dia já é muito.

**Sujeito 1:** É, eu trabalho todos os dias aqui, feriado, movimento.

**Entrevistadora:** Vamos supor que o Ibirapuera hoje, você vai embora agora, você chega aqui amanhã e ele deixou de existir. O que é que você ia sentir se você visse que tem um lugar que tinha outras coisas que não fosse esse parque?

**Sujeito 1:** Nem ia acreditar. Como é que acredita no...?

**Entrevistadora:** Sim, mas o que é que você ia sentir se você visse isso? Você durmiu...tipo um filme, chegou aqui no outro dia e o Ibirapuera desapareceu. Ou caiu um meteoro aqui em cima, ou pegou fogo em tudo ou a prefeitura mandou derrubar e construir um monte de shoppings, um monte de casa aqui. O que é que você sentiria?

**Sujeito 1:** Ah, ia ficar triste pra caramba!

**Entrevistadora:** Tristeza?

**Sujeito 1:** É, ia ficar triste pra caramba!

**Entrevistadora:** Porque que você sente tristeza?

**Sujeito 1:** Poxa, um parque bonito desses, com uma natureza bela dessas, ser destruído assim de um dia pro outro. Eu trabalho todos os dias nela, neste parque. Vejo todo o dia a natureza, vejo todo o dia as pessoas tudo focada ali, cada uma na sua atividade e, no outro dia e venho aqui e não tem mais nada disso. O pessoal sumiu foi todo mundo embora, não tem mais verde, não tem mais nada. Por isso eu acho que...

**Entrevistadora:** Sim! Então me diz uma coisa, você acha minha pesquisa interessante? Legal? Você gostou dela?

**Sujeito 1:** Gostei!

**Entrevistadora:** Porque que você participou dela?

**Sujeito 1:** Ah, porque eu quero tentar fazer o melhor pra você! Te ajudar.

**Entrevistadora:** Me ajudar porque? Qual que é a sua intenção?

**Sujeito 1:** Ah, eu acho que....

**Entrevistadora:** O que você sente quando você participou desta pesquisa? Em algum momento foi legal pra você?

**Sujeito 1:** Ah, foi legal, foi interessante.

**Entrevistadora:** O que é que foi interessante? Fala pra mim do vídeo, agora! O que é que foi interessante, por exemplo, com relação ao vídeo? Você quer que eu te mostre algum pedaço pra você lembrar?

**Sujeito 1:** Não, não!

**Entrevistadora:** Ou você se lembra bem?

**Sujeito 1:** Me lembro um pouco sim. Me lembro mais ou menos bem! É que é mais aquilo, né...a questão do vídeo é aquilo...você faz as coisas, mas você fica meio que, naquela...você sabendo que aquilo ali é uma câmera, você fica meio sem...

**Entrevistadora:** Mais depois que você viu, o que você acha que você fez com a câmera? Você viu ali né, a paisagem que você filmou, que você se apropriou, que você construiu, porque a medida que você vira a cabeça, você tá construindo a paisagem. Ela é daquele jeito pra você! Por exemplo, eu posso ter passado por aquele banheiro azul, ter usado o banheiro azul e não ter visto o banheiro azul. Às vezes eu passo por você e você não passou por mim. Eu não te vi! Então naquele momento que você passou por mim da primeira vez e eu não te vi, você não fez parte da minha paisagem, entendeu? Então paisagem são elementos que eu componho e você de repente pode não compor ou eu enxergo e você não vai enxergar. Então o que eu te pergunto é o

seguinte, lá naquelas filmagens, se você pudesse ver que a hora que você viu, faltou alguma coisa, o que é que faltou? Descreve desde a hora que você começou a filmar, pra mim até o final. A gente viu quantos vídeos mesmo, que deram? Pequenos vídeos?

**Sujeito 1:** Seis

**Entrevistadora:** Uns oito, [seis, sete...], uns sete, oito, né? [sete, foi sete...] Desses pequenos vídeos aí, quer dizer, no máximo que você filmou foi vinte minutos. O que é que você fazia em vinte minutos com essa câmera?

**Sujeito 1:** Ficava rodando só e apreciando as peças, as artes, as coisas.

**Entrevistadora:** Mas no seu dia-a-dia quando você põe o patins você faz isso também?

**Sujeito 1:** Ah, faço sim!

**Entrevistadora:** Essa é a sua rotina de certa forma?

**Sujeito 1:** É sim!

**Entrevistadora:** E você se diverte quando você põe o patins?

**Sujeito 1:** Muito!

**Entrevistadora:** Foi divertido filmar?

**Sujeito 1:** Foi. Foi bacana!

**Entrevistadora:** Se você me dissesse, se você pudesse me dar um conselho de algo que eu tenho que escrever sobre o Ibirapuera, que você acha que é importante eu lembrar, que eu não posso esquecer, o que é que eu não posso esquecer na minha tese de falar sobre o Ibirapuera? Que é importantíssimo, assim sobre esse lugar?

**Sujeito 1:** Ah, acho que o mais importante aqui desse parque aqui pra você falar, lembrar, acho que é sempre do espaço dele. Acho que o espaço dele assim, que trás você aqui acho que é tudo! Os ambientes que tem aqui, todas as...mas você quer um só, né?

**Entrevistadora:** Não. Pode ficar a vontade pra falar. Assim, que eu não posso esquecer seria o que então, resumindo?

**Sujeito 1:** Resumindo, acho que é, não pode esquecer de ver as artes que tem aqui no parque, todas as obras que tem aqui. Tem muitas obras aqui que eu acho que você não deve ter visto ainda.

**Entrevistadora:** Aham, não deu tempo de fazer tudo, né.

**Sujeito 1:** É, eu imagino. É muito grande, muita coisa.

**Entrevistadora:** Mas você acha que se ele fosse menor ele teria a mesma importância que ele tem?

**Sujeito 1:** Não! Acho que não.

**Entrevistadora:** Vamos supor que ele fosse menor, porque ele tem quase dois mil metros...dois milhões né, de metros quadrados...dois milhões de metros quadrados. É mais ou menos um milhão e meio a dois milhões que eu li ontem mais ou menos. Vamos supor que ele tivesse as mesmas obras do Niemayer, as mesmas estruturas pra esporte, pra prática esportiva, que também não são tão...mas que...o mesmo ambiente de laser. Se ele fosse menor seria menos importante pra São Paulo? Se ele fosse metade ou se ele fosse menor um pouquinho?

**Sujeito 1:** Não, Acho que não! Porque aqui, acho é o único ponto turístico que tem. Se ele fosse menor acho que...aqui é a praia de São Paulo! Então ele sendo grande, ou sendo médio ou sendo pequeno acho que o pessoal, as pessoas só iam vir frequentar ele mesmo, porque o povo já vem falando: - ah, eu vou pro parque fulano de tal, parque fulano de tal, mas o daqui, Ibirapuera é tudo. Então acho que o Parque do Ibirapuera ali se ele fosse menor ou maior ou...acho que não....

**Entrevistadora:** Muita gente me disse que aqui é um lugar da diversidade. Você concorda com isso? Que aqui é lugar da pluralidade, da diversidade?

**Sujeito 1:** É sim. Acho que sim, porque as pessoas...as pessoas só tem aqui pra vim. Não tem outro lugar assim pra tirar o seu lazer, pra tirar é...referente à natureza, né? Natureza é...que São Paulo não tem...[entendi...] não tem, só tem aqui mesmo, é o parque, então acho que o pessoal usa muito isso daqui como diversidade e...

**Entrevistadora:** Então você acha que vem todo o tipo de gente [vem todos...], pobre, rico, que mora na periferia que mora em bairros mais centrais, você acha que todo mundo vem aqui?

**Sujeito 1:** Todo mundo vem aqui!

**Entrevistadora:** Por conta de falta de opção?

**Sujeito 1:** Exatamente!

**Entrevistadora:** E porque é que aqui atende que tipo de necessidade desse público, por exemplo? Além do espaço, claro, né.

**Sujeito 1:** Além do espaço?

**Entrevistadora:** É, de ter o espaço, de ter um espaço. Ele é diferente do Vila Lobos no quê? O Ibirapuera?

**Sujeito 1:** Ah, no verde!

**Entrevistadora:** Mais verde?

**Sujeito 1:** É, o parque, o parque aqui tem mais verde do que qualquer outro parque, então acho que lá, o parque lá, ele mesmo, ele falta....tem o lago, tem as obras, tem museu...aqui tem museu, lá não tem museu, né.

**Entrevistadora:** Ah, entendi! Quer dizer que aqui tem estrutura voltada a essas questões da arte [da arte...] e lá não tem? Lá é o que? Lago... o que é que tem lá? Cita o que é que tem lá.

**Sujeito 1:** Pra falar a verdade, eu nunca fui lá, mas...

**Entrevistadora:** Sim, mas o que você ficou sabendo.

**Sujeito 1:** Que é só uma pista, volta, volta a volta no parque, lisa, só acomoda mais quem... pra quem patina e pra quem faz caminhada e essas coisas.

**Entrevistadora:** Você pode dizer que você ama o Ibirapuera? Você ama o Ibirapuera? Tá bom, se você não sabe responder essa, eu vou te dar uma parecida. Se o Ibirapuera fosse uma mulher [ai, ai, ai...] você namoraria com ela?

**Sujeito 1:** Namoraria!

**Entrevistadora:** Porque que você namoraria?

**Sujeito 1:** Ah, porque é bonita, é...

**Entrevistadora:** É bonita e o que mais? Pensa que ele é uma mulher. Ele virou uma mulher. O que é que ele tem então, que você namoraria com ele?

**Sujeito 1:** Ah, aqui é a riqueza total né, acho que namoraria pelo fato de ser bela, lindo. O parque é show!

**Entrevistadora:** OK. Eu quero te agradecer muito...

[.....]

**Entrevistadora:** Na hora de enxergar o parque, cada pessoa vai se atentar às coisas que são do interesse dela. Porque ela viveu aquela história, né. Quem trás a família aqui, você acha que enxerga o parque igual ao menino que tá em cima do skate?

**Sujeito 1:** Não!

**Entrevistadora:** Por quê?

**Sujeito 1:** Porque aquelas pessoas não sabem fazer o que ele faz.

**Entrevistadora:** E o mundo do skatista é um mundo diferente de quem vem com a família? Ele tá olhando de um jeito diferente?

**Sujeito 1:** Com certeza!

**Entrevistadora:** Aquela hora que você filmou pra mim e que você ia de frente pra pilastra, que foram umas imagens muito boas que ficaram, você acha que uma pessoa que vem com a família consegue ter aquilo ali, aquela ideia, aquela imagem?

**Sujeito 1:** Não!

**Entrevistadora:** Sua paisagem é diferente da minha?

**Sujeito 1:** Acho que sim! Acho que o seu modo de ver é diferente do meu, [entendi...] seu jeito de ver as coisas é totalmente diferente da minha! Eu é assim...é que eu sou um cara muito tímido, você tá vendo que eu sou tímido pra caramba.

**Entrevistadora:** Não, [não sei...] eu acho você uma pessoa muito tranquila [não sei...] pra falar! O negócio é que você fica pensando se você tá falando certo ou não. Não existe certo, Dinho! A gente tá discutindo sobre o espaço, sobre as suas experiências com esse espaço. Só que você tem que lembrar que antes de gravar, filmar, fotografar ou desenhar, você já tem uma experiência diária com o parque. Tem uma experiência tão forte que o ângulo que você usou pra...pra...você saiu a partir da barraquinha pra poder filmar, você começou a fotografar o caminho que você tava fazendo era a partir da barraca, você é, desenhou a partir da pista que tá de frente de onde? Da barraca! Ou seja, você já tem o seu ângulo de visão e como skatista, oh desculpe, como é...patinador, você também tem outras maneiras de ver o mundo. Em cima do patins o seu mundo...o seu mundo é mais colorido em cima do patins do que na barraquinha?

**Sujeito 1:** Mais colorido? Não!

**Entrevistadora:** Não?

**Sujeito 1:** Não, acho que na barraca eu sou mais colorido, mais...

**Entrevistadora:** É? Você enxerga o mundo mais...entendi!

**Sujeito 1:** É porque aqui...aqui...eu como eu trabalho lidando com público, então aqui a gente conhece de tudo um pouco, desde o menino pobre, desde o menino rico [entendi...], desde o doido até o super [entendi...], entendeu? Então você vai aprendendo coisas e coisas ali, né. Você vai vendo as coisas que são certas e coisas que são erradas. Olha, aquele ali tá fazendo as coisas certas, aquele ali tá fazendo as coisas erradas!

**Entrevistadora:** Você quer deixar alguma mensagem pra quem vai escutar essa gravação com relação a algum sentimento, alguma coisa com relação a esse espaço, que você quer falar e quer que as pessoas saibam?

**Sujeito 1:** Ah, eu acho que as pessoas tem que saber que isso aqui é um parque de lazer, de cultura né, e pra quem quer conhecer um parque bacana, que venha pra cá né, conhecer o Parque do Ibirapuera!

[.....]

**Entrevistadora:** Mas espera aí, só me explica uma coisa pra gente encerrar. [aham...] Você acha que é a classe média alta que vem mais aqui tomar água de coco? Porque alguém andou me dizendo que é muito caro o valor pra algumas pessoas. Dependendo do poder aquisitivo, não consegue vir aqui beber água de coco, comer aqui nos restaurantes daqui. Você acha que isso é verdade? O publico que você lida lá é mais classe média e classe média alta?

**Sujeito 1:** É

**Entrevistadora:** A maioria? Ou como é que é? Meio a meio?

**Sujeito 1:** A maioria. É, durante a semana é o publico assim, né é o publico de classe média. Durante a semana.

**Entrevistadora:** É o pessoal que mora no Ibirapuera, [exatamente...] nos bairros.

**Sujeito 1:** É o pessoal que já é vizinho do parque já, que considera o quintal do parque...da casa!

**Entrevistadora:** E aqui, a vizinhança é o quê? Se você classificar por classe é o quê? **Sujeito 1:** É classe média!

**Entrevistadora:** Classe média?

**Sujeito 1:** É! Os vizinhos aqui é classe média, classe média alta e por aí vai.

**Entrevistadora:** Então durante a semana, você acha que não vem...a grosso modo vamos falar a verdade, você acha que não vem pessoas pobres?

**Sujeito 1:** Não!

**Entrevistadora:** Mais é final de semana?

**Sujeito 1:** Somente o período...tem o período da manhã, e tem o período da tarde e tem o período da noite. O período da manhã e o período da noite são pessoas que convivem aqui, que moram aqui perto, que...[entendi...], entendeu?

**Entrevistadora:** Olha, eu acho que a gente pode conversar a noite inteira aqui sobre isso, mas eu vou te agradecer....

**Sujeito 1:**

[.....]

**Sujeito 1:** O publico que muda também, que tem essa do publico [entendi...]. Que chega fim de semana, sábado, domingo e feriado, o publico é totalmente outro!

**Entrevistadora:** Entendi.

**Sujeito 1:** Os classe média é só de até sete da manhã até oito, oito e meia, depois só vem os pessoal dos bairros mesmo, né.

**Entrevistadora:** E aí o que é que muda [a galerinha do bairro...] no perfil?

**Sujeito 1:** Ah, o estilo das pessoas. Vem família, vem criança, vem tudo no geral.

**Entrevistadora:** Então, mas você acha que foi mais legal agora...você acha que seria mais legal no final de semana?

**Sujeito 1:** É

**Entrevistadora:** O que é que seria legal então? Porque tem mais gente?

**Sujeito 1:** É, pelo fato de ter mais gente. Assim, acho que as imagens iam ficar mais, ah sei lá, acho que criativas, talvez. Pelo fato de eu tá agindo, olhando pras pessoas e vendo o que eles estão fazendo.

**Entrevistadora:** Você ia ver mais pessoas fazendo mais coisas.

**Sujeito 1:** Acho que eu ia ver mais arte!

**Entrevistadora:** Ah, mais arte? Você enxergou nessa imagem uma forma de arte?

**Sujeito 1:** É!

**Entrevistadora:** Legal, muito bem! Boa definição!

[.....]

## **APÊNDICE 9**



## **TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA NO PARQUE IBIRAPUERA – SUJEITO 2 (15/05/13)**

**Entrevistadora:** Boa noite Sr. Paulo!

**Sujeito 2:** Boa noite!

**Entrevistadora:** Tudo bem com o Sr.?

**Sujeito 2:** Tudo bem. Tudo ótimo!

**Entrevistadora:** Então tá bom. Bom, qual que é o seu nome completo?

**Sujeito 2:** Paulo Vantuir da Costa

**Entrevistadora:** Qual que é a sua idade?

**Sujeito 2:** Quarenta e um anos

**Entrevistadora:** E qual que é a sua profissão?

**Sujeito 2:** Eu sou Gerente de Exportação de uma indústria química no RS.

**Entrevistadora:** E me diz uma coisa, qual que foi seu interesse pra poder ir no Ibirapuera? Qual foi o motivo que te levou a São Paulo?

**Sujeito 2:** Bem, na verdade eu não conhecia o Pq. Ibirapuera e tinha interesse muito grande em conhecer, já que é o segundo maior parque do mundo, parque urbano do mundo e, numa passada, vindo do exterior, uma parada no fim de semana em São Paulo, resolvi dar uma passeada no parque para conhecê-lo, que até então não tinha tido oportunidade.

**Entrevistadora:** Entendi! E você acha que ele atendeu as suas expectativas?

**Sujeito 2:** Superou minhas expectativas! [...em que..] O parque tem uma infraestrutura muito interessante e é muito bonito e, percebe-se assim que o pessoal, que o povo realmente usufrui do que o parque oferece. Realmente tem uma infraestrutura muito interessante!

**Entrevistadora:** Sim. E você que foi uma pessoa que esteve pela primeira vez no parque, você acredita que ele oferece o que ele se propõe?

**Sujeito 2:** É... bem, na verdade, como é a primeira vez que eu estive no parque, eu não tive muito tempo pra ver toda a infraestrutura que o parque oferece, mas achei muito interessante o que tem dentro do parque, em termos de estrutura tanto para adulto quanto para crianças, para esportistas para pessoas idosas. Tem facilidade para cadeirantes.

**Entrevistadora:** Você mora em que [regi...] Em que região do país que você mora?

**Sujeito 2:** Na região sul

**Entrevistadora:** Qual que é a cidade?

**Sujeito 2:** É no RS, a cidade de Novo Hamburgo

**Entrevistadora:** E você consegue ver algum ambiente em Novo Hamburgo ou em Porto Alegre, ali no RS que seja semelhante ou parecido com o parque?

**Sujeito 2:** Não! Não, não tem. Em Porto Alegre a gente...nós temos o Parque da Redenção, que é um parque bastante conhecido dos gaúchos, mas não chega nem perto da estrutura que tem o Ibirapuera.

**Entrevistadora:** Sim. É...você participou da pesquisa né, da minha tese de Doutorado, e eu te propus que você fizesse três tipos de experiências diferentes com relação ao parque. A primeira, que foi na sua primeira visitação, você utilizar um óculos que filma, que faz uma gravação, pra

poder caminhar pelo ambiente, né e claro...é...fazer o que você foi fazer lá que é conhecer o parque. Junto neste mesmo momento você vez, você utilizou uma maquina fotográfica pra simultaneamente capturar imagens do seu passeio e depois você vez um desenho pra poder mostrar pra gente como que você...é...poderia...é...conceber por desenho essa experiência que você teve no parque. Nas imagens que você gravou, vamos começar por elas...é...houve cenas muito interessantes pra mim! Por exemplo, você utilizou algum recurso pra poder caminhar pelo parque?

**Sujeito 2:** Não, não.

**Entrevistadora:** Nenhum recurso?

**Sujeito 2:** Não, nenhum recurso.

**Entrevistadora:** Você saiu cami[nhando...]

**Sujeito 2:** Apesar de que eu tinha um mapa do parque. Eu usei um mapa pra me localizar.

**Entrevistadora:** E porque?

**Sujeito 2:** Mas não utilizei nenhum artifício, nenhuma bicicleta, nada!

**Entrevistadora:** Ah sim. E porque que você utilizou o mapa?

**Sujeito 2:** Bom, porque eu...era a primeira vez que eu estava visitando o parque. Não conhecia, não tinha noção, inclusive ele me surpreendeu pelo tamanho e eu...foi o método mais próprio que eu achei naquele momento, era o mapa.

**Entrevistadora:** E...

**Sujeito 2:** Mas uma coisa...[sim?].desculpa. Uma coisa que me chamou a atenção caminhando pelo parque, é...que sem um mapa, pra uma primeira visita eu estaria perdido, porque eu não vi muitas placas de sinalização nas trilhas, nas pistas indicando...hã...se você tomar esta direção você vai pra tal parte...se você tomar aquela direção você vai pra tal parte. Eu acho que o parque poderia melhor um pouco esta questão de sinalização. [sim...] Pra uma primeira visita, eu senti dificuldade.

**Entrevistadora:** E esse mapa, ele então foi um recurso que te ajudou bastante a se localizar no parque?

**Sujeito 2:** Ah, sem dúvida! Sem o mapa eu não conseguiria ter me localizado. Eu ia andar talvez em círculos dentro do parque, porque realmente ele é muito grande.

**Entrevistadora:** E em quais ambientes que você foi?

**Sujeito 2:** Bom, eu estive numa trilha de caminhada, pelo meio da floresta. Depois eu saí num parq...numa praça onde tinham “canchas”. O pessoal estava jogando futebol, estavam jogando basquete...

**Entrevistadora:** Tinha o quê?

**Sujeito 2:** Desculpa?

**Entrevistadora:** O que é que tinha?

**Sujeito 2:** Uma quadra, [ah tá...] quadras de esportes né...onde o pessoal estava jogando basquete, na outra quadra estavam jogando futebol. Eu cruzei essas quadras, atravessei uma pista e entrei num...numa outra parte onde tinha um gramado grande, onde tinham brinquedos pras crianças. Fui caminhando por ali, passei mais no meio duma floresta e cheguei até um lago, um dos lagos que tem no parque e aí então fiz um contorno pelo...por este lago que pelo que eu lembro do mapa, era um lago menor e voltei em direção à administração. Isso em torno de uma hora de caminh... quarenta e cinco minutos de caminhada, mais ou menos, no final do dia.

**Entrevistadora:** Pela sua narrativa e pelo que a gente pode observar nas onze... foram onze fotografias que você fez?

**Sujeito 2:** Isso!

**Entrevistadora:** Das onze fotografias que você fez, eu observo que você...é...fotografou, de princípio, você fotografa uma das imagens que você fotografa, a primeira, é essa quadra de esportes aí, onde as pessoas estão praticando, parece que futebol...né...[e basquete...]. Porque que você se interessou por fotografar este espaço?

**Sujeito 2:** Eu achei interessante porque estava bastante movimentado ali, ou seja, o pessoal tava usufruindo daquele benefício que o parque tá oferecendo. Isso é bem interessante! Estava em perfeita conservação esse...essa área de lazer estava em perfeita conservação e o pessoal estava usufruindo ali. Não vi pichação, não vi nada quebrado. O pessoal tava realmente usufruindo daquele benefício do parque.

**Entrevistadora:** Ah...outra imagem que você vez que é bem interessante...é...você fotografou brinquedos...é...quiosques que vendem bolas pras crianças...o seu interesse por esse...por essa imagem...né... necessariamente foi por que motivo?

**Sujeito 2:** Bom, na verdade, como eu falei no início...hã...é um parque que oferece opções pra todas as idades, tanto pras pessoas jovens (juvenil), quanto pras crianças, quanto pros idosos...né...então isso que me chamou a atenção.

**Entrevistadora:** Você tem filhos?

**Sujeito 2:** Tenho. Tenho dois filhos.

**Entrevistadora:** Qual que é a idade?

**Sujeito 2:** Eu tenho um filho com dezoito anos e tenho uma filha, uma menina, com três anos e meio.

**Entrevistadora:** De algum modo, o fato de você ter uma criança...né...de ter uma filha, você acha que influenciou no fato de você optar por capturar imagens deste lugar?

**Sujeito 2:** Sem dúvida! Sem dúvida eu traria minha filha ali pra conhecer, porque é um espaço muito interessante.

**Entrevistadora:** Entendo! É...houve uma imagem também bem interessante que é de um quiosque, de um senhor, num carrinho, né, que ele tava vendendo, se não me engano...você se lembra o que é que ele tava vendendo?

**Sujeito 2:** Hã...eu acho que era água de coco!

**Entrevistadora:** E esta imagem foi do seu interesse por quê?

**Sujeito 2:** É...deixa eu tentar lembrar aqui...qual é a imagem que você tá falando aqui...você lembra qual das imagens?

**Entrevistadora:** Eu vou te dizer já já qual é...que eu também me perdi com ela...é a imagem três.

**Sujeito 2:** Certo. Não, eu to vendo aqui a imagem e agora eu lembro. Na verdade é...foi uma foto em si, pra mostrar as opções que o pessoal tem ali, que permite que pessoas possam estar trabalhando ali, ganhando seu sustento de uma forma digna e... sem ter...me chamou a atenção que é muito limpo! Mesmo sendo um vendedor, que eu imagino que deva ser cadastrado, mas ele não deixa de ser um vendedor ambulante, mas nem por isso significa que estava sujo em volta do carrinho dele ali. Essa questão da limpeza e da conservação me chamou a atenção nesta foto.

**Entrevistadora:** Entendo! É...outros espaços que você passou, que você registrou, tanto na imagem quanto na...tanto na imagem filmada quanto na fotografada, foi um banco de madeira. Me explica, por gentileza, porque seu interesse pelo banco de madeira?

**Sujeito 2:** Bom, na verdade aquele banco é um banco de eucalipto, como você deve ter percebido na foto e na filmagem e isso me remete a minha infância e a minha adolescência,

porque meu pai trabalhou a vida inteira dele com eucalipto, com toras daquele porte ali e isso me chamou muita a atenção porque é uma coisa que quando eu convivi neste tempo aí, com essa atividade que meu pai tinha, eu tinha vontade de trabalhar a madeira. Não simplesmente derrubar a árvore e levar para uma serraria pra fazer tábuas de construção civil, mas trabalhar ela de uma forma artesanal, criar valor agregado naquela madeira. Só que por várias razões isso nunca aconteceu. Então, me chamou muito a atenção do artista, da pessoa que trabalhou, que talhou aquela madeira ali, aquela criatividade ali, de...observando a foto, você vê que tá a raiz ali, que tá a base da árvore e o próprio tronco que tombou, tá trabalhado e ficou, permaneceu no mesmo local. Muito interessante!

**Entrevistadora:** Entendo! Porque das onze...das dez, na verdade...fotos que você tirou, três são da tora de madeira [é...] que teve...né...um trabalho manual ali pra que fosse feito uns espaços dentro dela pras pessoas sentarem, né? [sim...]. então isso me chamou muito a atenção. Porque tanto do parque, do parquinho infantil, você tirou três fotografias, né, em média, do postinho ali, da barraquinha onde as pessoas vendiam brinquedos pras crianças. Deve dar umas quatro, somando com o parque que faz alusão à infância, à criança e mais três dessa tora...né...desse banco que foi esculpido. Então eu poderia dizer, eu poderia afirmar que essas sete imagens ao todo definem muito do que é que foi o seu interesse lá, pelo passeio no parque?

**Sujeito 2:** É, na verdade, a natureza que o parque oferece pra população, acho que é um dos maiores atrativos que ele tem. A floresta como um todo. E, se você observar, acho que na segunda foto que eu tiro, durante esta oportunidade que você me ofereceu, a segunda foto, você vê os prédios ao fundo. Então aquilo ali me chamou muita atenção e o meu desenho foi, se você observar também, foi linkado a isso. Que é o contraste entre a natureza...a selva selva e a selva de pedra, que é a cidade. Então isso foi o que mais me chamou a atenção, na verdade, além do que eu encontrei dentro do parque...da floresta, foi este contraste, a selva, natureza, contra a selva de pedra.

**Entrevistadora:** Entendo! Porque de fato, agora que você fala do desenho, eu observo que os dois prédios que estão na fotografia ao fundo, estão no desenho. O seu desenho tem mais alguns elementos. Você...é...como a gente está fazendo a entrevista pelo Skype, eu vou te mostrar novamente o seu desenho [certo...].né...pra que você possa observar e me dizer particularmente que elementos aqui que você agregou nesta imagem que na sua fotografia não apareceram.

**Sujeito 2:** Por exemplo, pássaros eu acho que eu coloquei ali, flores que eu coloquei ali e que não...eu...tem flores aqui, mas,...deixa eu ver aqui se eu consigo ampliar um pouco a foto aqui...não tem flores tão coloridas quanto eu coloquei ali, mas basicamente acho que é isso. São as flores e os pássaros.

**Entrevistadora:** Tem um carrinho de um ambulante aqui?

**Sujeito 2:** É, na verdade eu somei, porque lá no fundo da foto também você vê uns carrinhos, lá, uns guarda sois. Ali tem um monumento que eu não coloquei na minha...no meu desenho. Tem um monumento na foto e no desenho não tem. É...mas me chamou assim a atenção o espaço para o povo, pra população caminhar no meio do verde, as lixeiras, são bastante lixeiras, bem identificadas. Não sei se era essa a sua pergunta?

**Entrevistadora:** Sim! Essa praça, se não me engano, é porque a foto ficou um pouco escura, porque já era o fim da tarde, né... [isso...] se não me engano é uma praça que eles chamam Praça do Porquinho, onde o menino tá pegando um porquinho neste monumento aí. [Ah...] E ela, de fato ela é cercada por ambulantes porque ela tem bifurcações. Agora o que eu te pergunto é, porque que esta imagem aqui tem elementos que não apareceram nessa imagem como por exemplo flores. Porque que você põem flores nessas imagens? Nessa imagem desenhada?

**Sujeito 2:** Sim. Porque eu vejo o parque muito alegre! Eu vejo o parque como uma coisa alegre que atrai as pessoas, não só pelo verde mas pelo clima, pelo ambiente do parque como um todo. [é...] E flores fazem parte disso; de um ambiente alegre!

**Entrevistadora:** E o que é que essas pessoas, qual que é a idade dessas pessoas que tão caminhando aqui?

**Sujeito 2:** Bom, eu desenhei ali, umas pessoas...uns vultos na verdade. Você me desculpe a minha falta de habilidade pra desenhar. São duas pequenas, cor de rosa ali, que seriam duas crianças. Depois, uma outra pessoa que poderia ser o pai ou a mãe. Coloquei no fundo, lá perto dos prédios, pessoas correndo né, fazendo exercícios. Coloquei um ambulante num carrinho. Coloquei um ciclista andando na ciclovia.

**Entrevistadora:** OK. Esse local aqui debaixo da árvore, com essa pessoa passando na frente, o que é que significa esse desenho?

**Sujeito 2:** É uma lixeira.

**Entrevistadora:** Ah, é uma lixeira! E na sua fotografia você consegue ver se existia esse tipo de objeto, na fotografia?

**Sujeito 2:** Na fotografia? Não, não existe na fotografia!

**Entrevistadora:** Então o desenho foi uma união de vários elementos que você viu ou que o parque te remete, te lembra? Seria mais ou menos isso?

**Sujeito 2:** Exatamente! Essa é a ideia, né.

**Entrevistadora:** Você usou a segunda foto como base pro desenho?

**Sujeito 2:** Isso. Exatamente!

**Entrevistadora:** Porque?

**Sujeito 2:** Foi que me chamou muito a atenção. Me chamou muito a minha atenção aqueles prédios lá, sobressaindo do meio da floresta. Porque você caminha pelo parque, você só vê na maior do tempo, as árvores. Que é uma floresta bem antiga. Só que aquela praça ali, ela tem um espaço que te permite ver a cidade. E daí você se dá conta que você está no meio de uma selva de pedras, [Entendo...] que aquela floresta ali tá no meio duma outra floresta, só que de edifícios.

**Entrevistadora:** Que bom! [de concreto...] Que bom conversar com você sobre isso. Paulo, você trabalha com o quê especificamente?

**Sujeito 2:** Eu trabalho numa indústria que vende produtos químicos para o tratamento de couros, para o curtimento de couros e esse produto que nós vendemos, ele é extraído de uma árvore, coincidentemente. Da casca da árvore a gente faz um procedimento, um processo e saem desta casca, produtos químicos de base orgânica pra curtimento e recurtimento de couros [sim...]. Desta mesma casca você pode fazer produto que é um coagulante orgânico para tratamento de águas, tanto para água potável quanto para água residual. Tratamento de efluentes. Adesivos para madeira, dispersantes pra concreto, tudo isso da mesma matéria-prima, a casca desta árvore que se chama Acácia e a madeira desta árvore nos exportamos pro Japão pra fazer celulose. A gente tem uma unidade que pica a madeira em pedaços pequenos do tamanho de uma moeda mais ou menos de um Real e essa madeira toda ela é exportada a granel pro Japão [sim...] pra fazer celulose.

**Entrevistadora:** E esse seu trabalho, a implicação dele é você viajar, pelo que você já me disse, né?

**Sujeito 2:** Isso! Exatamente. Eu sou Gerente de Exportação.

**Entrevistadora:** E quantos países você já conheceu em média?

**Sujeito 2:** Olha, eu sou responsável por cinquenta países, dos setenta que a empresa exporta hoje. Eu devo ter viajado já para uns quarenta países. Eu não consegui visitar todos ainda, até porque tem alguns países que hoje a gente tem na carteira mas não estão ativos em função de situações políticas, por exemplo o Paquistão, a Síria, o Irã, o Iraque [é... desculpa...cortou e eu

não escutei. Você disse que viaja pra países como a Síria, o Paquistão. Não entendi. Repete por favor?]

Dos cinquenta países que eu sou responsável, eu já viajei pra quarenta. Alguns desses países, desses cinquenta, hoje estão inativos em função de situações políticas [ah entendo...] ou de guerras [ah, OK...], como Síria, como Irã, como Iraque. Então, por uma política da empresa, a gente não vai pra lá. A gente não se expõe.

**Entrevistadora:** Ah, muito obrigada por repetir! Cortou a chamada. E o fato de você caminhar por muitos países e ver muitas paisagens, muitas imagens diferentes. Por exemplo, você acha que o Ibirapuera ele é um tipo de parque urbano que caberia dentro de qualquer país que você já visitou?

**Sujeito 2:** Não creio. Não acredito.

**Entrevistadora:** Por quê?

**Sujeito 2:** Em função muito da...cada país

*(Há um corte na ligação via skype, e quando a entrevista é retomada, a resposta muda um pouco).*

**Entrevistadora:** Eu te perguntei se o Ibirapuera caberia no contexto desses países, de alguns dos países que você já visitou?

**Sujeito 2:** Ah, de alguns países sim, mas não de todos.

**Entrevistadora:** Mas quais seriam os países que caberiam e por quê?

**Sujeito 2:** Bom, eh...por exemplo um país que caberia é Nova Zelândia. Eles têm uma preocupação muito grande com a natureza. É um país que tem uma preservação muito boa da natureza, em si. A população é uma população que tem um nível cultural bastante elevado. Então eu acho que eles aproveitariam bastante um parque como este.

**Entrevistadora:** E qual país que não caberia e por quê?

**Sujeito 2:** Bom, por exemplo vamos pegar um país aqui mais próximos de nós, é...por exemplo, Bolívia. Primeiro que o clima, é...um parque como o Ibirapuera talvez na cidade de Santa Cruz de La Sierra, que é mais perto da fronteira com o Brasil, caberia, mas eu não creio que a população teria o mesmo cuidado, o mesmo usufruto que o Brasil tem, o mesmo entendimento da importância dum parque do peso do Ibirapuera pra população de um país como Bolívia. Então essa é a minha opinião pessoal.

**Entrevistadora:** Entendo, entendo! Embora a Bolívia tenha muitas áreas verdes. É um país de muitas áreas verdes. Você diz que na cultura local não caberia um contexto, um parque urbano com este porte?

**Sujeito 2:** Não. Na verdade muito mais em função muito mais do clima do país do que da população. Porque se você pegar Santa Cruz de La Sierra que a primeira cidade mais próxima do Brasil, de Leste para Oeste, o clima permitiria ter um parque deste tamanho. O clima que eles têm ali, com a diversidade de fauna, de flora perdão, que você tem no Ibirapuera, mas eu não sei se a população estaria preparada pra usufruir do tanto que, no mesmo nível que o brasileiro usufrui do parque. [entendo!...] Entendeu? [entendo!...] Com caminhadas, com gente correndo até tarde da noite. O parque é aberto das cinco da manhã até a meia noite. Eu acho que não teria público num país como a Bolívia pra um parque com a estrutura do Ibirapuera.

**Entrevistadora:** Entendo! Seria então porque no Brasil já existe um hábito, um padrão cultural ligado ao usufruto desses ambientes, desses parques urbanos e em alguns outros países não existe?

**Sujeito 2:** É o meu ponto de vista. É tipo assim, o pessoal usar pra correr, pra fazer seu exercício diário. Pessoal...observei também, na parte da marquise ali, o pessoal andando de skate, andando de patins. É...eu pelo pouco que eu conheço da Bolívia, eu viajei durante quatro

anos pra lá e faz muito tempo que eu não vou pra lá, fazem oito anos que eu não visito mais esse país, mas pelo que eu lembro ainda, eu não veria naquela época pelo menos que eu visitava, o pessoal aproveitando tanto o parque quanto um brasileiro. Não que eles não aproveitariam, não que eles não merecessem ter um parque como o Ibirapuera, qualquer país merece ter um parque como o Ibirapuera. Seria ótimo se houvessem mais Ibirapueras espalhados pelo mundo, mas na minha opinião, naquela época que eu viajava para este país, Bolívia, eu acho que a população não aproveitaria tanto o parque quanto o Brasil, o brasileiro aproveita.

**Entrevistadora:** OK.

**Sujeito 2:** Eu não sei se eu me fiz entender?

**Entrevistadora:** Sim, fez entender. Eu acho então que a gente pode já chegar ao final da entrevista, mas eu gostaria só de uma última informação.

**Sujeito 2:** Claro. Estou à disposição.

**Entrevistadora:** Se você pudesse dizer cinco palavras que te lembram, que te remetem ao Ibirapuera, que cinco palavras que seriam?

**Sujeito 2:** Seria paz, seria verde, seria ar puro, seria confraternização entre as pessoas e seria respeito.

**Entrevistadora:** Sim. E dessas palavras que você falou, quais são as duas mais importantes?

**Sujeito 2:** Eu acho que respeito como primeira e paz como segunda.

**Entrevistadora:** Por que respeito?

**Sujeito 2:** Respeito porque várias tribos se encontram lá. Skatistas, pessoas que vão correr, pais que vão com os filhos pra caminhar, pra passear, pra brincar no parquinho, idosos, pessoas com necessidades especiais. E não tem conflito entre eles. E paz, porque, nossa, aquele ambiente lá te dá muita paz. Se você caminhar por dentro lá, você vai ver as pessoas sentadas simplesmente apreciando um lago, simplesmente apreciando a vista. Isto é paz.

[...]